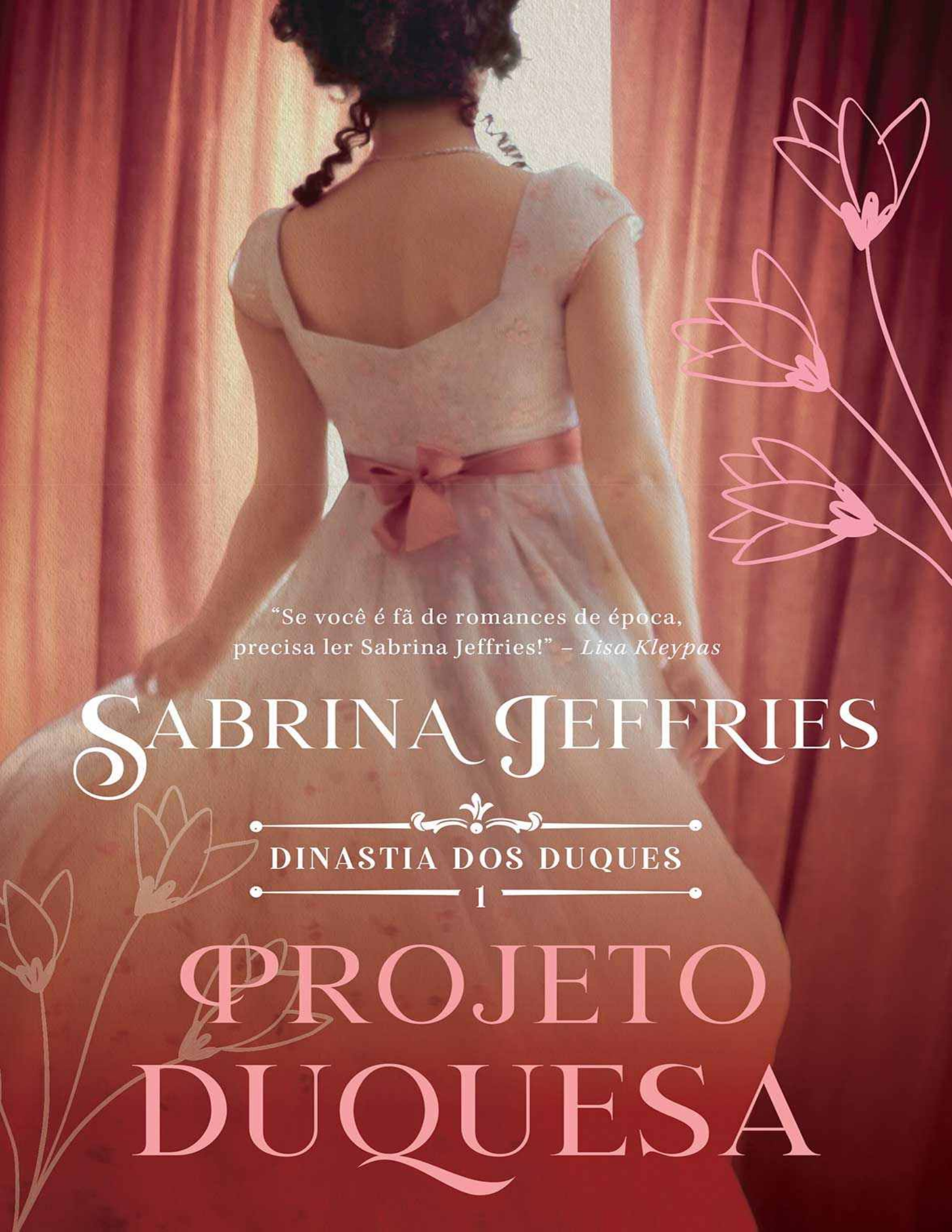


"Se você é fã de romances de época,
precisa ler Sabrina Jeffries!" – *Lisa Kleypas*

SABRINA JEFFRIES

DINASTIA DOS DUQUES
1

PROJETO DUQUESA



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

PROJETO
DUQUESA



O Arqueiro

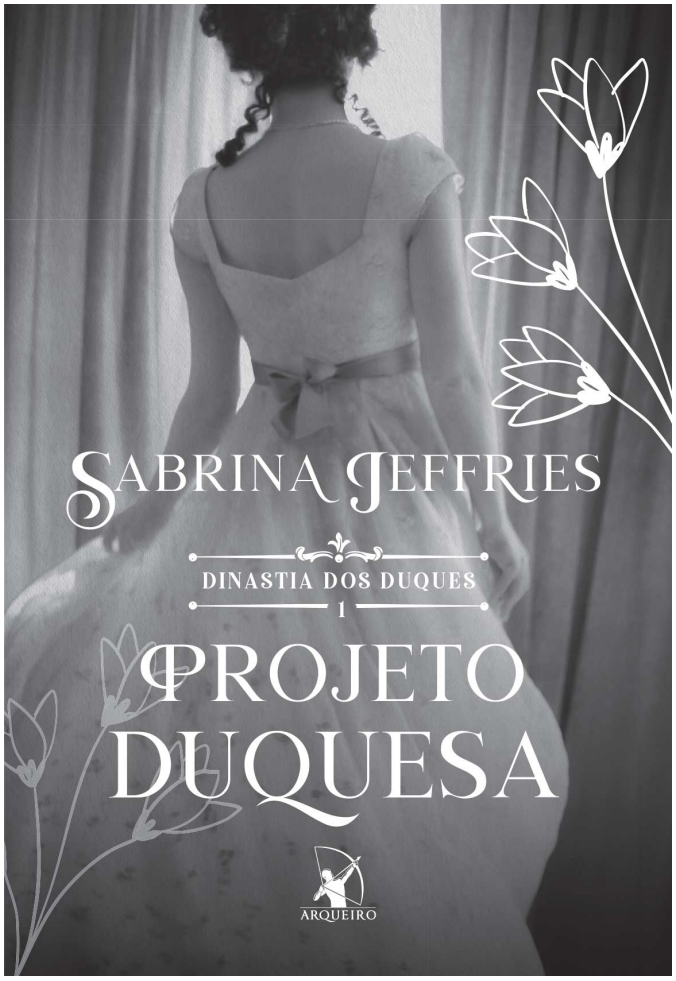
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


SABRINA JEFFRIES
DINASTIA DOS DUQUES
1
PROJETO DUQUESA
ARQUEIRO

Título original: *Project Duchess* Copyright © 2019 por Sabrina Jeffries

Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado mediante acordo com a Bookcase Literary Agency e Kensington Publishing.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.
Os direitos morais da autora estão assegurados.

tradução: Natalie Gerhardt *preparo de originais:* Marina Góes *revisão:* Camila Figueiredo e Suelen Lopes *diagramação:* Abreu's System *capa:* Miriam Lerner | Equatorium Design *imagem de capa:* © Ilina Simeonova / Trevillion Images *e-book:* Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J49p

Jeffries, Sabrina, 1958—
Projeto duquesa [recurso eletrônico] / Sabrina Jeffries; [tradução de Natalie Gerhardt]. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2021.
recurso digital (Dinastia dos duques; 1) Tradução de: Project duchess Continua com: O duque solteiro
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-5565-131-7 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Gerhardt, Natalie. II. Título. III. Série.

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

21-69619

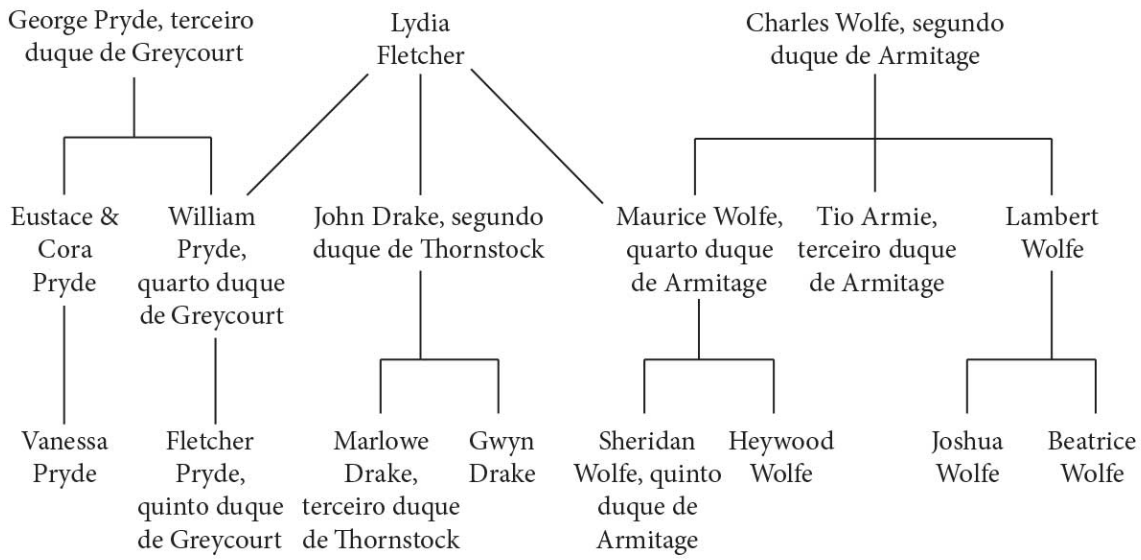
Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia 04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Joyce Ratley,
por seus muitos e muitos anos dedicados ao ensino e por cuidar dos nossos autistas, sejam eles crianças ou adultos. Vamos sentir falta da sua sabedoria e do seu estilo maravilhoso. Sei que você vai continuar fazendo coisas ainda mais incríveis.

E para minha agente,
Pam Ahearn, da Ahearn Agency,
que me apoia há 31 anos, nos tempos bons e ruins.
Espero que nossa parceria continue por muitos e muitos anos.

Maridos e filhos de Lydia



Sumário

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Epílogo

Diário da Sociedade Londrina

Duquesa viúva perde o terceiro marido

Como prometido, queridos leitores, nos apressamos para oferecer a vocês as últimas novidades e, para dizer a verdade, a que trazemos hoje é deveras surpreendente. Lydia Fletcher agora tem a duvidosa reputação de ter se casado e enviuvado de três duques: o quarto duque de Greycourt, o segundo duque de ornstock e o recém-falecido quarto duque de Armitage.

Lydia também conseguiu produzir um herdeiro para cada um de seus duques e, em um dos casos, até mais de um, por segurança – obtendo resultados diversificados, somos obrigados a acrescentar. O filho Fletcher Pryde, quinto duque de Greycourt, embora tenha multiplicado por dez a fortuna que herdou, supostamente gerencia uma rede secreta de solteiros libertinos. Considerando o comportamento reservado do cavalheiro, é difícil imaginar pessoa menos inclinada a esse tipo de conduta despropositada. Mas, como dizem: as aparências enganam.

É mais fácil acreditar nesses boatos tratando-se do segundo filho, Marlowe Drake, terceiro duque de ornstock, que, segundo dizem, adora dançar com uma meretriz. Sua irmã gêmea, lady Gwyn, recém-chegada a Londres, promete dificultar esse costume obrigando-o a lidar com os pretendentes dela. A primeira temporada da jovem deve ser bastante interessante, e quem vos escreve observará tudo com bastante atenção.

Por fim, chegamos a Sheridan Wolfe, quinto duque

de Armitage, que passou a maior parte da vida na Prússia, onde o pai era embaixador. Não se sabe muito sobre ele, um desconhecido para muitos na sociedade, embora o duque provavelmente não vá enfrentar nenhuma dificuldade para conseguir uma herdeira disposta a trocar seu dote pelo raro título de duquesa. Quando isso acontecer, é bom que a esposa produza logo um ou dois herdeiros, já que o irmão mais novo do duque, lorde coronel Heywood Wolfe, está na fila para conseguir o título.

Na verdade, todos os filhos da duquesa viúva Lydia devem providenciar herdeiros o quanto antes, considerando – e me arrepio só de falar isso – quão propensos são esses duques a morrer antes da hora.

O funeral acontecerá no Armitage Hall, em Lincolnshire.

CAPÍTULO UM

Londres, setembro de 1808

Em uma agradável tarde de outono, Fletcher Pryde, o quinto duque de Greycourt, subiu a escada de casa no elegante bairro londrino de Mayfair. Mergulhado como estava em pensamentos a respeito dos negócios, não notou que seu mordomo queria lhe falar algo antes que entrasse em casa.

– Vossa Graça, sinto que é meu dever informá-lo de que...

– Agora não, Johnson. Tenho um jantar às oito e espero conseguir encontrar o velho Brierly no clube antes disso. Ele está se desfazendo de uma propriedade perto da minha em Devon e preciso comprá-la se quiser continuar enriquecendo. E também preciso examinar alguns relatórios antes de conversar com ele.

– Mais, Grey? – perguntou uma voz feminina e jovem. – Às vezes acho que você é tão ávido por comprar terras quanto nós, mulheres, somos por comprar vestidos. Considerando sua reputação de ter perspicácia nos negócios, aposto que você também paga menos do que valem.

Grey se virou em direção ao som.

– Vanessa! – exclamou, e então fulminou Johnson com o olhar. – Por que não me avisou que ela estava aqui?

O mordomo ergueu ligeiramente os olhos, o mais próximo que já tinha chegado de revirá-los para o patrão.

– Eu tentei, senhor.

– Ah, sim. Suponho que sim.

Grey abriu um sorriso indulgente para Vanessa Pryde. Aos 24, Vanessa

era dez anos mais nova do que ele, e o duque a considerava mais como irmã caçula do que prima de primeiro grau.

Ele tirou o chapéu, as luvas de montaria e o sobretudo e os entregou para o criado. Não reconheceu o jovem que observava Vanessa boquiaberto como um pobre coitado olharia para uma princesa. O fascínio do criado era compreensível, considerando o rosto em formato de coração, as proporções perfeitas e os cachos negros e densos, mas o comportamento era muito inapropriado.

Grey fez uma careta para o rapaz.

O criado corou e se retirou rapidamente, ao que Johnson sussurrou: – Sinto muito, Vossa Graça. Ele é novo, vou me certificar de falar com ele.

– Pois faça isso.

O duque voltou a atenção para Vanessa, que parecia nem ter notado o que acabara de acontecer.

– Não estava esperando ver você por aqui.

– Pois deveria, primo – disse ela com uma reverência elaborada e um sorriso travesso. – Ou eu deveria dizer "futuro noivo"?

– Nem brinque com uma coisa dessas – resmungou ele.

Toda vez que tentava se imaginar casado com Vanessa, Grey se lembrava dela como uma bebezinha ainda de fraldas no colo do pai dela, tio Eustace Pryde, e sabia que não seria capaz. Ele a vira crescer, não conseguia imaginá-la como sua esposa.

Felizmente, a prima também não tinha o menor desejo de desposá-lo. E, por esse motivo, sempre que a tia ambiciosa enviava Vanessa até a casa dele, com instruções de provocar alguma situação comprometedora que os obrigasse a casar, eles passavam a maior parte do tempo planejando uma desculpa plausível para explicar por que Vanessa tinha "se desencontrado" dele.

Ela deu uma risadinha.

– Não se preocupe. Minha aia veio comigo. Como é de se esperar, ela vai assinar embaixo de qualquer coisa que eu conte para minha mãe. Vamos, há chá e bolinhos na sala de estar.

Vanessa sabia muito bem como assumir as ordens na casa dele.

Enquanto cruzavam o vestíbulo, Grey elogiou: – Você está bonita.

Empinando-se um pouco, Vanessa fez uma dancinha e se virou para olhar para ele, obrigando-o a parar enquanto suas saias se acomodavam ao redor das pernas.

– Gostou do meu vestido novo? Pode deixar que não vou contar para minha mãe. Mas ela escolheu justamente esse para atraí-lo. Eu falei que amarelo é sua cor favorita.

– Eu odeio amarelo.

Os olhos azuis de Vanessa brilharam.

– Exatamente.

Ele não conseguiu segurar o riso.

– Você, minha querida, é uma moça levada. Se dedicasse um décimo da energia que gasta provocando sua mãe para caçar um marido, haveria uns vinte homens implorando para se casar com você.

Vanessa pareceu desanimada.

– Eu já tenho pretendentes, mas você sabe como é a minha mãe. Até você estar fora de cogitação, ela não vai permitir que eu seja cortejada por ninguém mais – disse Vanessa, e apontou um dedo para ele: – Será que você pode se casar logo? Com *qualquer mulher* que não seja eu? Caso contrário, vou morrer solteirona.

– Isso nunca vai acontecer com você e nós dois sabemos disso – respondeu Grey, e então estreitou os olhos. – Espere um pouco... Você está interessada em algum pretendente em particular...

Vanessa corou e Grey ficou alerta; a prima tinha péssimo gosto para homens.

– Quem é ele? – exigiu saber.

Ela levantou o queixo.

– Não vou contar.

– Não vai porque sabe que não vou aprovar, o que significa que ele é totalmente inadequado para você.

– Não é, *não*. Ele é poeta.

Maldição. Vanessa precisava se casar com um poeta tanto quanto um duque precisava aprender a cozinhar. Mas talvez...

– Um poeta *famoso*? – perguntou Grey, esperançoso.

Se o rapaz tivesse dinheiro, talvez funcionasse. Qualquer sujeito que se casasse com Vanessa precisaria ter barris de dinheiro só para pagar os vestidos.

Ela se virou e seguiu para a sala de visitas.

– Ele será. Com meu apoio.

Grey quase sentiu pena do tal poeta, fosse lá quem fosse.

– Que Deus tenha piedade de nós... Imagino que sua mãe desaprove.

– Como se eu tivesse contado para ela... – rebateu a prima assim que chegaram à sala de visitas.

A aia de Vanessa estava sentada ereta no banco, com uma expressão neutra. Sem dúvida estava acostumada ao forte contraste entre sua personalidade e a de sua patroa temperamental.

– Então as coisas não progrediram para um interesse sério – concluiu Grey, aliviado por não ter de lidar com isso também.

Ele ainda tinha esperança de conseguir encontrar Brierly no clube antes que o homem fosse embora.

– E *como* as coisas poderiam progredir? – perguntou Vanessa, comendo um bolinho com seu prazer usual. – Minha mãe está com a cabeça tão fixa na ideia de me casar com você que não consigo convencê-la a me levar aos eventos em que meu... amigo possa estar.

Vanessa fulminou o primo com o olhar antes de prosseguir: – E graças à última fofoca a seu respeito, ela está em polvorosa de novo. Na verdade, está acreditando neste último boato de que você administra uma rede secreta de solteiros libertinos.

Ele bufou.

– Eu jamais teria tempo para cuidar de algo tão tedioso e previsível. Também não sou inclinado a esse tipo de coisa e, além do mais, é uma atividade que exige muito esforço para se manter. Espero que você tenha dito a ela que prefiro dedicar minha energia às minhas propriedades.

– Claro que eu disse, mas ela não acreditou. Ela nunca acredita.

– Ainda assim ela mandou você aqui para ficar noiva do gerente dessa rede secreta de devassidão. Não faz o menor sentido.

– A fofoca só a deixou mais ansiosa para que eu me case com você.

– Talvez ela esteja com medo que eu gaste toda minha fortuna com a vida "libertina" antes que você consiga colocar as mãos em mim e no meu ducado.

– Ou então ela acha que um homem com desejos tão incontroláveis pode ser facilmente manipulado. Ela deveria saber que não é bem assim. Não existe nada de incontrolável em você – disse Vanessa, batendo com o dedo no queixo. – Mas há outra possibilidade. Que minha mãe tenha, ela mesma, inventado o boato.

– Com qual objetivo?

– Torná-lo tão indesejável a ponto de eliminar a concorrência.

– Detesto ter que dizer isso, querida, mas boatos de libertinagem sobre um homem raramente eliminam a concorrência. Se esse é o plano da sua mãe, é bastante ingênuo e só prova minha opinião sobre fofocas: não são nada além de entretenimento para gente entediada. Se as pessoas colocassem um décimo da energia que gastam em...

– Eu sei, eu sei... Somos todos uns fúteis e completamente inúteis – declarou ela sagazmente. – Você é o único que tem um pouco de bom senso.

Quando a aia parecia prestes a explodir por segurar o riso, ele fulminou a prima com o olhar.

– Você realmente me acha arrogante assim? Cheio de pompa?

– Acho até pior – disse Vanessa, suavizando a acusação com um sorriso. – E com esse comentário, devo me retirar.

A aia pigarreou.

– Ah! Eu já ia me esquecendo! Trouxe isso para você.

Vanessa pegou um envelope lacrado da bolsinha.

– Foi enviado para nossa casa em vez de para cá. O que é curioso. Talvez sua mãe tenha ouvido dizer que você estava viajando. Embora eu não entenda por que ela achou que *nós* conseguiríamos encontrá-lo.

Ele ignorou o aperto repentino no peito.

– Você sabe muito bem o motivo.

Com um suspiro, Vanessa deu um passo na direção dele para falar em

um tom que apenas Grey pudesse ouvir: – Você precisa continuar punindo sua mãe?

– Não fale besteira – respondeu ele com leveza para esconder a culpa que sentia. – Não estou punindo minha mãe. Além disso, ela tem outros filhos para lhe fazer companhia, não precisa da minha bajulação.

Vanessa fungou.

– Como se um dia você fosse bajular alguém. E, sim, você a está punindo, admita ou não.

O brilho de pena no olhar de Vanessa fez com que ele se arrependesse de ter dito qualquer coisa sobre a mãe.

Estendeu a mão para pegar a carta, mas a prima não a soltou.

– Ela ama você, sabia?

– Eu sei.

Que outra resposta poderia dar? A seu modo, ele também a amava.

Grey começou a enfiar a carta no bolso, mas parou. O envelope parecia fino demais para uma carta da mãe. Apreensivo, decidiu abri-lo e logo deparou com uma breve mensagem: *Meu querido Grey,*

Lamento informar que seu padrasto faleceu. O funeral acontecerá no Armitage Hall, na terça-feira.

Com amor,

Mãe

P.S.: Venha, por favor. Não vou conseguir fazer isso sem você.

Grey ficou olhando para as palavras. Maurice, o único pai que realmente conhecera, estava morto.

"Venha, por favor. Não vou conseguir fazer isso sem você."

Maldição. Minha mãe deve estar arrasada.

Aparentemente, o sofrimento transpareceu, pois Vanessa pegou a carta e, logo em seguida, ergueu o olhar, horrorizada.

– Ah, Grey. Que coisa *horrível*. Meus sentimentos.

– Obrigado.

Grey sentiu-se uma fraude. Mal tinha visto Maurice desde que a família retornara da Prússia meses antes. Permitira que a própria amargura o mantivesse longe e agora era tarde demais.

Vanessa relia a carta com a testa franzida.

– Maurice... É o pai de Sheridan, não é? Acho que agora ele vai se tornar duque.

O tom estranho na voz dela chamou sua atenção.

– *Sheridan*? Desde quando você é íntima do meu meio-irmão? Vocês só se encontraram uma vez.

– Duas, na verdade – corrigiu ela com um sussurro. – Nós dançamos duas vezes.

Hum. Era melhor Sheridan tomar cuidado com Vanessa. Quando ela cismava com um homem, não costumava desistir.

– Não me diga que ele é o poeta no qual está de olho.

O tom incisivo fez com que ela o encarasse.

– Não seja ridículo. Sheridan não tem um pingo de poesia na cabeça.

Vanessa estava certa, mas como ela sabia disso?

– Melhor chamá-lo de Armitage, agora que será o duque.

– Mais um motivo para eu não me interessar por ele. Eu *nunca* vou me casar com um duque, não importa o que minha mãe diga. Vocês todos são muito... muito...

– Arrogantes e cheios de pompa?

Como se percebesse que não deveria insultar um homem com quem tinha uma relação tão próxima, ela fez uma careta.

– Algo do tipo... Certamente há muitos duques na *sua* família.

– Isso é o que acontece quando sua mãe faz três bons casamentos.

– Ela vai deixar uma dinastia e tanto. Alguns diriam que ela traçou um plano excepcional.

– Ela não planejou enviuvar três vezes. Posso garantir – retrucou ele, com rispidez.

Vanessa pareceu arrependida.

– É claro que não. Sinto muito, Grey, não pensei antes de falar.

Ele levou a mão até a base do nariz.

– Tudo bem, eu só... Só estou abalado com essa notícia.

– Claro. Se houver algo que eu possa fazer...

Grey nem respondeu, já concentrado no fato de que Sheridan tinha se tornado o duque de Armitage. Maurice só fora duque por alguns meses e agora Sheridan seria obrigado a assumir o posto. A mente dele devia estar a mil. Grey precisava ir para Armitage Hall, mesmo que fosse apenas para ajudar Sheridan e a mãe com os preparativos para o funeral na terça-feira.

Espere um pouco, hoje é domingo... Mas qual *domingo?* Droga, será que já tinha perdido o funeral do padrasto?

– Quando essa carta chegou? – perguntou ele.

Foi a dama de companhia que respondeu:

– Creio que foi na sexta-feira, Vossa Graça.

– Isso – confirmou Vanessa. – Foi na sexta.

Armitage Hall ficava perto da cidade de Sanforth. Se Grey encontrasse o criado antes que ele desfizesse seu baú de viagem, poderia vestir o traje de luto e voltar à estrada em uma hora. Chegaria facilmente a Lincolnshire no dia seguinte.

– Preciso ir – disse ele, virando-se para a porta.

– Eu vou com você – decidiu Vanessa.

– Não seja tola – disse Grey, irritado, antes que a aia pudesse intervir. – Você vai voltar para casa como sempre e dizer para sua mãe que não me encontrou. Existe, aliás, uma desculpa perfeita para não ter me encontrado. Diga que eu já tinha sido avisado da morte do meu padrasto e já havia partido para Lincolnshire. Entendeu?

– Mas... mas como você já teria sido avisado se fui eu que entreguei a carta?

– Diga que os criados informaram que eu já tinha recebido uma carta aqui.

O bom senso de Grey finalmente retornava.

– Na verdade, eu devo ter recebido, já que ainda não olhei a correspondência. Minha mãe não deixa nada ao acaso. Ela deve ter mandado várias cartas.

De fato não deixava. Mesmo que estivesse sofrendo.

Vanessa colocou a mão no braço dele.

– Grey, você precisa de alguém ao seu lado. Está claramente triste.

– Eu vou ficar bem – respondeu ele, porque é claro que ficaria bem. – É melhor você ir agora, Vanessa. Preciso tomar algumas providências antes de partir.

Ela fez um gesto com a cabeça para a aia, que se juntou a ela.

– Está bem. Contaremos para a minha mãe sobre sua perda. Talvez seja o suficiente para conter os planos dela por um tempo.

– Duvido muito – disse ele, chegando perto do ouvido dela. – Cuidado com esse poeta, querida. Você merece coisa melhor.

Ela fez uma careta.

– Agora que você está de luto, eu não tenho a menor chance com ele. Minha mãe vai me obrigar a adiar encontros com *qualquer um* até você estar disponível novamente.

– Que bom. Eu não gostaria de ver você se casando com alguém de classe inferior enquanto não estou por perto para evitar.

Erguendo o queixo, Vanessa foi andando em direção à porta.

– Existe valor em um casamento por amor, sabe? Juro que às vezes acho suas opiniões sobre o assunto bem parecidas com as da minha mãe.

Com essa despedida arrebatada, ela saiu, com a dama de companhia logo atrás.

Que ridículo. Ele não era nem um pouco parecido com a tia, aquela megera ambiciosa. Era apenas sensato. O amor não cabia em seus planos simplesmente por não ter qualquer valor monetário. *Quando* ele se casasse, seria com uma mulher sensata que se satisfizesse com um ducado à disposição, sem nenhum sonho de castelo nas nuvens e sem esperança de que ele nutrisse por ela sentimentos de amor nem qualquer uma dessas bobagens românticas.

Da maneira mais difícil, o duque aprendera a proteger seu coração.

CAPÍTULO DOIS

Lincolnshire, Inglaterra

A nobre senhorita Beatrice Wolfe estava do lado de fora de Armitage Hall analisando a entrada com olhos críticos. O brasão funeral estava pendurado na porta – sem estar torto dessa vez –, a colunata e as janelas estavam cobertas com faixas pretas de luto. Parecia adequado, digno de um duque.

Não tivera tanta consideração com seu tio Armie, como ela e seu irmão Joshua sempre chamaram o antigo duque de Armitage. Só de pensar nos últimos anos de tio Armie – com seu hábito de sempre tentar passar a mão nela ou dar um tapa em seu traseiro quando Beatrice vinha visitá-lo –, o sangue gelava nas veias.

Em compensação, tio Maurice, que herdara o ducado depois da morte de tio Armie, a tratara com respeito e bondade. Ele e tia Lydia trouxeram luz, sorrisos e os bons tempos de volta ao lugar.

Mas a morte pairava sobre a mansão mais uma vez. Beatrice sentiu os olhos marejados. Mal tinham acabado de remover todos os símbolos que indicavam a morte de tio Armie! Dois duques mortos em questão de meses. Aquilo era uma verdadeira desgraça. Desgraça mesmo.

Sheridan apareceu na porta, pálido como um fantasma depois daqueles últimos dias. O primo fora muito próximo do pai e era quem mais estava sofrendo com a morte dele, sendo superado apenas por tia Lydia. Sem dúvida, Heywood, irmão de Sheridan, também sofreria, mas como estava no Exército e provavelmente ainda sequer havia recebido a notícia do falecimento do pai, não havia como ter certeza.

Sheridan abriu um sorriso sem vida.

– Queira me desculpar, Bea, mas minha mãe pediu para eu verificar novamente se Grey já chegou – disse ele, olhando para a entrada de carruagens atrás dela. – Acho que ainda não. Se tivesse chegado haveria uma carruagem monstruosamente grandiosa aqui fora.

Beatrice riu. Gostava do primo. Aos 28 anos, era apenas dois anos mais velho do que ela e a fazia se sentir à vontade perto dele. Ninguém da família era muito cerimonioso, mas Sheridan, em particular, não era nem um pouco, embora isso, sem dúvida, fosse ter de mudar.

– Você mesmo terá uma carruagem monstruosamente grandiosa agora que é o duque de Armitage.

– É muito provável que não – disse ele, aparentando enorme tristeza. – Temo que o ducado esteja em péssimo estado. Não temos dinheiro para carruagens grandiosas. Com sorte eu talvez consiga resolver isso, mas vai levar tempo. Eu não esperava herdá-lo tão rápido.

– Eu sei, sinto muito por isso. Como está tia Lydia?

Sheridan suspirou e então, observando o bosque além dos jardins luxuosos, ficou tenso.

– Nada bem. Tudo foi muito repentino. Hum... seu irmão... ele está pensando em vir ao funeral?

Beatrice engoliu em seco. Joshua era uma pessoa difícil, para dizer o mínimo.

– Tenho certeza que sim.

Era mentira. Ela não tinha como ter certeza de nada em relação a ele, mas as palavras pareceram tranquilizar o primo.

– Que bom. Nós não o vemos tanto quanto gostaríamos.

– *Eu* não o veria se não morássemos na mesma casa. Joshua não gosta muito de gente.

Bem, isso era um eufemismo. Não que ela o culpasse, considerando as circunstâncias, mas Beatrice faria das tripas coração para convencê-lo de que ir ao funeral era o mínimo que devia aos novos moradores de Armitage Hall.

Principalmente a Sheridan, o novo senhorio, que poderia muito bem tirar deles, quando bem entendesse, a antiga casa de contradote, destinada às

viúvas dos duques. Principalmente porque agora a mãe de Sheridan era uma duquesa viúva e talvez preferisse morar na casa que era dela por direito.

Beatrice não queria pensar nisso.

– Existe algo mais que eu possa fazer para ajudar tia Lydia?

– Conjurar meu meio-irmão em um passe de mágica? – perguntou ele, passando a mão pelos cachos castanho-claros. – Desculpe.

– Tenho certeza que ele logo estará aqui.

Sheridan deu uma risada amarga.

– Eu não tenho tanta certeza assim. Nem sei ao certo se ele recebeu as cartas que nossa mãe mandou. Às vezes, acho que meu irmão se esqueceu de que *tem* uma família, sempre muito ocupado em ser o tão importante duque de Greycourt.

Ela não sabia o que dizer. Embora ainda não tivesse conhecido o "tão importante duque de Greycourt", lera notícias escandalosas o suficiente para saber que não gostaria nem um pouco dele. Por exemplo, diziam que ele tivera vários encontros ilícitos com mulheres, cada uma mais linda do que a outra, e isso já era suficiente para deixá-la de sobreaviso, pois parecia muito com o finado tio Armie.

– É verdade o que estão dizendo nos jornais? – perguntou ela. – Que seu irmão administra uma rede secreta de solteiros libertinos?

– Para ser sincero, não faço a mínima ideia. Grey não conta nada do que faz. Até onde eu sei, ele poderia muito bem estar administrando pensões de caridade enquanto dorme.

– Duvido muito – resmungou Beatrice, mas, percebendo que tinha acabado de insultar o irmão de Sheridan, apressou-se em acrescentar: – Mas essa história sobre a rede de libertinos parece mesmo inventada. Por que manter o negócio em segredo, por exemplo? Um duque pode fazer o que lhe der na telha com a certeza da impunidade. Por que não ter uma rede de devassidão *regular*? Além disso, o que querem dizer com uma rede? Parece algo como um clube... Seria um clube? Imagino...

Ela logo percebeu que, como sempre, estava tagarelando. Sheridan certamente parecia achar graça.

Era melhor parar.

– De qualquer forma, duques são bons com essa história de clubes. Creio que provavelmente seja apenas um clube.

Um clube que mantém a ralé bem longe. Porque os duques também são muito bons nisso.

Principalmente Greycourt, pelo que Beatrice ouvira. Ele era incrivelmente rico, podia comprar o clube que quisesse. Essa fortuna supostamente foi toda adquirida graças a seu temperamento implacável nas negociações. O duque poderia muito bem destruir quem quisesse. Talvez fosse por isso que a sociedade sempre lhe dava ouvidos. Ou, talvez, porque ele só falasse quando tinha algo importante a dizer.

Apesar da preocupação com a tia, Beatrice preferia que ele não viesse. Homens assim a deixavam exasperada. Não que ela tivesse conhecido muitos, mas os poucos que conhecera por intermédio de tio Armie não deixaram uma boa impressão.

Sheridan soltou um suspiro profundo.

– Seja como for, acho que contagiei você com a irritação que sinto em relação a ele, não é? Juro que não foi minha intenção. Você já nos ajudou tanto...

Sheridan fez um gesto vago para as janelas e então acrescentou:

– Tudo isso. Lidar com a organização e os detalhes do funeral. Manter os livros contábeis da casa. O que teria sido de nós sem você?

O elogio aqueceu o coração de Beatrice. Talvez Sheridan não estivesse com pressa de expulsar os dois, Joshua e ela, da propriedade.

– Obrigada. Eu gosto de ser útil.

Principalmente para a tia. Lydia era diferente de todas as mulheres que Beatrice conhecera – cheia de disposição e vigor, com um coração bom e uma mente afiada. Exatamente como Sheridan.

Ele fez um gesto para a porta.

– Melhor eu entrar agora. Minha mãe quer que eu escolha a roupa com que ele será enterrado – disse, engolindo em seco. – Disse que não suportará essa tarefa.

Pobre homem.

– Eu entendo. Você é um bom filho.

– Tento ser.

Sheridan olhou para o portão novamente, endurecendo o olhar, e então acrescentou:

– Falando em filhos, avise-me no instante em que Grey chegar, por favor.

– Claro.

Ele deu alguns passos para entrar e parou.

– Ah, mais uma coisa. Minha mãe me pediu para dizer que vai continuar ajudando a preparar seu debute, está bem? Talvez só um pouco mais devagar.

Beatrice tinha se esquecido completamente daquilo.

– Ah! Diga para ela não se preocupar com esse tipo de coisa agora, pelo amor de Deus. Eu vou ficar bem.

– Na verdade, minha mãe lida melhor com as coisas quando está envolvida em um projeto. Ela ficou chocada quando soube que você nunca foi apresentada adequadamente à sociedade, está decidida a resolver essa questão.

– É muito gentil da parte dela.

Embora também fosse intimidador. Beatrice se sentia muito mais à vontade caminhando pelos bosques com os cães de caça do que em salões de festa. Odiava saber que os homens a avaliariam pelos vestidos fora de moda, seios pequenos e um rosto muito longe de ser perfeito para decidir que ela não valia a atenção.

– Minha mãe só está fazendo o que é certo – disse Sheridan, observando a expressão no rosto da prima com preocupação. – Sabemos muito bem como tio Armie foi negligente nas obrigações que tinha com você.

– Obrigada.

Ela ficou aliviada ao perceber que eles achavam que o tio tinha sido apenas "negligente". Sinal de que não faziam ideia de como realmente fora a vida de Beatrice quando ele estava vivo.

Prendeu a respiração, torcendo para que Sheridan não falasse mais nada sobre tio Armie. Quando ele entrou em casa, ela relaxou. Manter todos sob controle nas próximas semanas seria mais complicado do que imaginara, então torcia para que a morte de tio Maurice os mantivesse ocupados

demais para bisbilhotar a vida dela. E a de Joshua. Principalmente a de Joshua, que nem ela tivera coragem de examinar de verdade.

Tentando esquecer o assunto, Beatrice analisou uma vez mais a parte externa da casa e entrou. Havia pedido que um criado cobrisse todos os espelhos, algo que já deveria ter sido feito, mas Armitage Hall dispunha de poucos empregados e as coisas demoravam a ser feitas em uma casa tão grande.

Em seguida, voltou a atenção para as caixas de biscoitos que haviam sido entregues pelo confeiteiro naquela manhã. Precisavam ser arrumados na mesa do vestíbulo para que os convidados se servissem tão logo saíssem para o cortejo fúnebre. A própria Beatrice abriu as caixas e começou a arrumar os biscoitos, cada qual embrulhado em um papel branco com símbolos relacionados à morte e lacrados com cera preta.

A imagem de tantas caveirinhas, caixões, ampulhetas e ossos cruzados sobre a mesa a fez estremecer... e se lembrar. Mergulhada nas memórias de quando tinha dez anos, desolada no funeral do pai, Beatrice não percebeu o som de passos até que estivessem bem próximos dela.

– O que são essas coisas horrendas? – perguntou um homem com a voz marcante e máscula.

Ao se virar, Beatrice deparou com um estranho parado ali, ainda de sobretudo e casaco, o olhar afiado fixado na mesa atrás dela. Devia ser o duque de Greycourt, uma vez que os trajes de luto eram muito elegantes. Também notou a semelhança entre ele e Sheridan no nariz aquilino, na cor dos olhos – verde como uma esmeralda – e nas sobrancelhas altas.

Isso sem mencionar a altura. Embora Beatrice fosse considerada alta, Greycourt tinha vários centímetros a mais que ela. A altura e a expressão séria eram imponentes e, sem dúvida, intimidadoras para a maioria das mulheres.

Mas não para ela, acostumada a lidar com a arrogância dos lordes.

O duque a encarou com frieza.

– Então? – insistiu ele. – O que é isso?

– São biscoitos para o funeral – respondeu ela, irritada com o jeito dele. – É costume da região servi-los com um cálice de vinho do Porto.

– É mesmo? – perguntou ele, tirando o chapéu caro. – Ou seria apenas artimanha de algum comerciante local para arrancar dinheiro de pessoas como a minha mãe? Eu nunca ouvi falar de um costume como este.

– Ah, se *o senhor* nunca ouviu falar do costume, então ele não deve existir – retrucou ela, incapaz de controlar o temperamento. – Qualquer coisa que não aconteça em Londres é insignificante para pessoas da sua laia, não é mesmo?

O comentário pareceu surpreendê-lo, exatamente como deveria, considerando que ela jamais deveria ter dito uma coisa daquelas para um homem de luto. Ah, por que, por que Beatrice tinha que falar tudo que lhe passava pela cabeça? Em geral ela tentava controlar esse impulso, mas era difícil quando o duque estava sendo um patife.

Não use a palavra "patife", nem em pensamento. Graças ao irmão, esse era outro problema dela: a tendência a usar um linguajar chulo. Pelo menos não dissera a palavra em voz alta.

Para sua surpresa, um brilho de diversão transpareceu no olhar do duque. Os olhos que a fitavam não estavam mais verdes, mas sim de um tom de azul-celeste, como se a natureza tivesse misturado o azul dos olhos da mãe com o verde do meio-irmão para produzir uma cor etérea.

A percepção a deixou insegura. E também o sorriso irresistível de Greycourt, que suavizava os traços marcantes de seu rosto.

– Imagino que você não seja a filha do comerciante local, como desconfiei no princípio.

Dessa vez ela *realmente* resistiu à vontade de agredi-lo. Tenha santa paciência, filha de um comerciante? Que homem nojento!

– Não, não sou – respondeu ela com toda a frieza.

Ele abriu ainda mais o sorriso, embora os olhos continuassem sérios.

– E você não vai me dizer quem é?

– O senhor claramente prefere tirar as próprias conclusões.

Ah, meu Deus, lá ia ela de novo com sua língua enorme.

Greycourt riu.

– Então teremos um jogo de adivinhação, é?

Grey avaliou as vestes dela objetivamente, sem fazer com que Beatrice

sentisse que ele estava olhando seus atributos.

– Bem, você claramente não é uma criada, pois criadas não se vestem tão bem.

– Quanta gentileza, senhor – retrucou ela com sarcasmo.

O tom dela o fez rir.

–Vamos lá, me diga quem é. Juro que não faço ideia, e estou começando a achar que eu gostaria de saber a resposta.

Ah, não.

Beatrice foi salva naquele momento pela aproximação de ninguém menos que Sheridan.

– Grey! – exclamou ele. – Você *veio*! Nossa mãe vai ficar muito aliviada.

Greycourt bateu no ombro do irmão com afeto óbvio.

– Como ela está?

Sheridan suspirou.

– Vai ficar melhor agora que você chegou.

Aquilo na expressão de Greycourt era culpa? A visão melhorou um pouco a impressão que Beatrice tivera em relação a ele. Mas só um pouco.

– Eu teria vindo antes – disse ele. – Mas estava viajando e só recebi a carta ontem.

Sheridan se virou para incluir Beatrice na conversa.

– Viu só, Bea? Eu disse que ele devia ter demorado para receber a notícia.

– Disse mesmo.

Não fora bem isso que Sheridan lhe dissera, mas Beatrice não achou prudente corrigi-lo, mesmo que não tivesse gostado muito de Greycourt.

– Imagino que já tenham se conhecido – comentou Sheridan.

– Não formalmente – respondeu Greycourt, com um olhar irônico que a desconcertou.

– Bem, então vamos às apresentações – disse Sheridan. – Bea, você já deve ter deduzido que este é meu irmão, Grey.

– Meio-irmão – corrigiu Greycourt.

Sheridan fez uma expressão de desagrado.

– Você sempre precisa deixar isso claro?

– Bem, se eu não deixasse, a moça ficaria confusa. Como você é o herdeiro do ducado de Armitage, ela seria obrigada a se perguntar se eu simplesmente sou muito mais jovem do que aparento ou se sou ilegítimo. Como não sou nem uma coisa nem outra, achei melhor esclarecer.

– Não se preocupe, senhor – disse Beatrice com falsa doçura. – Nem todos aqui fazemos suposições sem saber de todos os fatos.

– É mesmo? – perguntou Greycourt com a voz arrastada. – Isso é bem raro.

– Se você tivesse me dado tempo de fazer as apresentações, *irmão* – disse Sheridan, azedo –, eu teria esclarecido sua posição para minha prima.

Para grande satisfação de Beatrice, aquilo fez Greycourt empalidecer.

– Prima? Ela é filha de Armie?

– Não, do irmão mais novo dele, Lambert. Ele faleceu há anos.

– Entendo. – Greycourt olhou para Beatrice. – Peço perdão pela minha rudeza anterior, Srta. Wolfe. Eu não fazia ideia de que Sheridan e Heywood tinham uma prima.

– Temos dois, na verdade. Bea tem um irmão, Joshua – explicou Sheridan, e então piscou. – Espere um pouco. Você ofendeu Beatrice?

Ela forçou um sorriso.

– Não foi nada. Sua Graça apenas fez objeções aos biscoitos para o funeral. Só isso.

Os olhos de Greycourt brilharam, aparentemente notando que ela não aceitara o pedido de desculpas.

– Ah – respondeu Sheridan. – São assustadores, não é? Mas o vendedor garantiu que são indispensáveis em qualquer funeral em Sanforth.

– É mesmo? – perguntou Greycourt, lançando um olhar significativo para Beatrice e mais uma vez atiçando seu temperamento.

– Confie em mim – retrucou ela em tom gélido. – Se não servíssemos biscoitos de funeral e vinho do Porto antes do cortejo, haveria muitas fofocas na região.

– Sim, todos os criados disseram isso – confirmou Sheridan. – A cozinheira ficou mortificada com a mera possibilidade de não oferecermos os biscoitos. Mesmo assim, continuo achando horrendos. Sinto muito, Bea.

– Mas eles *são* horrendos – concordou ela, dividida entre a vontade de agradar o primo e mostrar a língua para Greycourt, o que seria infantil, mas muito satisfatório. – Sobraram tantos depois do funeral do meu pai que nós e os criados passamos meses comendo. Até hoje não suporto o gosto.

Um brilho de pena apareceu nos olhos de Greycourt, fazendo-a se arrepender por ter falado demais. No fundo, *bem no fundo,* ele devia ter um mínimo de decência, mas ela não gostou de ser alvo da compaixão dele.

– Falando nisso – comentou Sheridan, olhando em volta do vestíbulo –, onde está o lacaio? O pobre Grey ainda está segurando o chapéu.

Beatrice ficou imediatamente irritada consigo mesma por não ter chamado ninguém. Não era de se espantar que Greycourt achasse que ela era uma caipira.

– Deus, é mesmo. Pode deixar que eu guardo o chapéu e o casaco.

Sheridan segurou o braço dela antes que ela os pegasse.

– Não há necessidade, eu mesmo faço isso – disse ele e então olhou de esguelha para o irmão. – Bea tem trabalhado sem parar para nos ajudar a preparar o funeral. Temo que nosso quadro de criados seja insuficiente, e ela sabe mais sobre essas coisas do que ninguém.

– É muita bondade sua, Srta. Wolfe – disse Greycourt, parecendo sincero.

Talvez ela tivesse sido muito apressada em seu julgamento. Quando não estava fazendo suposições, o duque não era *tão* mau.

Um lacaio chegou correndo e se apressou para pegar o casaco e o chapéu de Greycourt.

– Sinto muito, Vossa Graça, estávamos nos fundos da casa e não ouvimos a carruagem – disse, e, baixando a cabeça para Sheridan, acrescentou: – Não vai acontecer novamente.

– Não se preocupe com isso – falou Sheridan com cordialidade. – Sei que todos estão bastante ocupados.

Quando o lacaio se afastou, Greycourt falou baixo com o irmão:

– Cuidado, Sheridan. Você está no comando aqui. Não vai querer que os criados fiquem folgados. É importante estabelecer limites desde o início.

E isso foi o suficiente para que Beatrice se lembrasse do motivo de não

ter gostado dele. Sim, ele até era *um pouco* atraente, com seus dentes brancos e retos, aqueles traços marcantes, o cabelo negro e os olhos lindos, mas também era um grande metido a besta que se achava dono do mundo. Ela jamais iria gostar dele.

Jamais.

CAPÍTULO TRÊS

Sheridan disse alguma coisa sobre irem ver a mãe, e Grey decidiu segui-lo especialmente porque a Srta. Wolfe os acompanhou.

Várias pessoas na sociedade desaprovariam a aparência dela, uma vez que a jovem claramente nunca tinha deixado de apreciar um belo raio de sol, comportamento evidente na pele dourada e nas sardas no rosto sedoso. As fofoqueiras de plantão cochichariam sobre os passos firmes e criticariam os lábios sensuais e carnudos e os olhos cor de café, isso sem mencionar as mechas de cabelo castanho liso que escapavam do coque. Cabelo liso e olhos escuros não estavam na moda.

Mas ele nunca se deixara levar pelas tendências. A ideia de tentar soltar aquele cabelo para ver até onde ia espalhou um calor absurdo pelo corpo dele. Mesmo a contragosto, o temperamento dela provocava o mesmo; ele se perguntava se ela usaria toda essa energia na cama. E enquanto ela caminhava à frente deles em direção à escada, Grey adorou olhar para as nádegas que encheriam muito bem as mãos de um homem.

O nariz empinado lhe dava vontade de rir. A Srta. Wolfe obviamente não gostara dele, o que não era surpresa nenhuma, considerando a reputação não completamente infundada. Ele *de fato* se deitara com muitas mulheres quando era mais jovem, assim que se libertara do controle férreo dos tios.

Mas aquela fase não havia durado tanto tempo para que sua reputação continuasse manchada, como sugeria a reação da Srta. Wolfe. Ainda assim, eram geralmente as mães casamenteiras que se livravam dele e não as filhas.

Aquilo o fez se perguntar: onde estava a mãe daquela garota? E por que ele não conhecia aquele lado da família Wolfe? Bem, não era de surpreender,

considerando como ele tinha visto pouco a família nos últimos vinte e tantos anos. Antes disso, ele prestava menos atenção nos parentes do padrasto Maurice e mais nos passeios pelas ruas de Paris com seus meios-irmãos, os gêmeos Gwyn e o duque de ornstock, chamado de orn desde o nascimento.

O que o lembrou...

– Onde está a Gwyn? orn já chegou?

– Ontem à noite – respondeu Sheridan. – Felizmente, orn estava na casa de Londres quando aconteceu o acidente e ele conseguiu chegar bem rápido.

– Acidente? – perguntou Grey, franzindo a testa. – Nossa mãe só disse que Maurice tinha falecido. Imaginei que tivesse sido alguma doença.

Para sua surpresa, Sheridan lançou um olhar velado à Srta. Wolfe.

– Na verdade, ele se afogou, o que nos obrigou a contratar um embalsamador de Londres e arcar com mais esse custo. Mas falaremos sobre isso mais tarde.

Sheridan subiu atrás da Srta. Wolfe.

Os comentários de Sheridan sobre a falta de empregados e sobre os custos do embalsamador fizeram Grey se deter. Ciente da presença da Srta. Wolfe subindo a escada à frente deles, ele baixou o tom de voz e perguntou:

– Você está com problemas financeiros no momento?

Com uma risada amarga, o irmão abriu uma porta e esperou que a Srta. Wolfe e ele passassem e entrassem na sala de visitas.

– No momento? Bem, esse é outro assunto que precisamos discutir mais tarde também.

Dessa vez, Sheridan fez um gesto significativo para o outro lado da sala.

Grey seguiu o olhar dele e viu a mãe em suas vestes de luto, Gwyn sentada ao seu lado com um vestido semelhante, de seda e lã. As duas estavam envolvidas na tarefa de amarrar fitas negras em galhos de alecrim. O cômodo inteiro recendia a arranjos de alecrim e lavanda, que enchiam os vasos.

Quando Sheridan avançou mais, Grey avistou o caixão. Sentiu as mãos

tremerem e as enfiou no bolso do paletó. Maurice. Não conseguiu se obrigar a chegar perto do corpo. Ainda não.

Voltou a atenção para a mãe e a meia-irmã, ainda tão absortas na tarefa que não o tinham notado. Os olhos da mãe pareciam fundos, a bochecha, seca, e o sorriso brilhante tinha desaparecido. Maurice sempre conseguira fazê-la sorrir, mesmo quando ela estava irritada com ele.

Isso não seria mais possível. Grey sentiu um nó na garganta. Nunca mais.

Ainda assim, quando a Srta. Wolfe se aproximou das duas e perguntou se precisavam de ajuda, a mãe sorriu, embora fosse uma imitação sem graça do sorriso de outrora.

– Já estamos acabando – disse ela. – Mas muito obrigada, Bea. Não sei o que teríamos feito sem você, minha querida.

Foi então que Lydia avistou Grey. Com um soluço abafado, ela se levantou e correu para abraçá-lo. Grey sentiu um nó na garganta quando inalou o cheiro familiar da mãe, uma fragrância cítrica. No entanto, era uma emoção que não se atrevia a analisar muito de perto, porque por trás dela havia a dor da perda da infância ameaçando soterrá-lo.

– Estou tão feliz por você ter vindo – sussurrou ela. – Eu estava com medo de...

– Eu estou aqui agora, não precisava ter se preocupado.

Ele deu um leve beijo nos cabelos ruivos da mãe antes de se afastar.

Cabelos ruivos *grisalhos*. Aquele lembrete de idade lhe atingiu em cheio. Realmente, Lydia tinha apenas cinquenta e poucos anos, mas quanto tempo mais até que todos estivessem ali reunidos para enterrá-la? A ideia causou um aperto no peito. Ele só a tivera por tão pouco tempo.

Então, notou as lágrimas rolando pelo rosto pálido da mãe e a visão foi como um soco no estômago. Vira Lydia chorar muitas vezes – ela era uma mulher emotiva, sem o menor pudor em relação às próprias emoções, especialmente quando uma peça de teatro ou um romance a tocavam. E também ria, xingava e era efusiva ao falar dos filhos. Ela era assim.

Mas *aquelas* lágrimas não tinham surgido pela beleza de um poema. Por

isso haviam provocado tanto sofrimento no filho, que logo entregou um lenço para ela.

– Mãe, meus pêsames por Maurice.

Ela balançou a cabeça, tomada pelo sofrimento e incapaz de responder, enquanto enxugava o rosto.

– Se houver qualquer coisa que eu possa fazer...

Lydia fixou os olhos azuis anuviados em Grey.

– Você poderia chamá-lo de "pai", só para variar. Ele sempre sofreu muito por você ter parado de chamá-lo assim quando veio para a Inglaterra.

Quando eu fui banido *para a Inglaterra, é o que você quer dizer*. Não, aquele não era o momento para esse tipo de lembrança. E que mal faria atender ao pedido dela? Mas esse gesto pequeno parecia tão enorme...

– Claro. Como queira.

Ela suspirou.

– Desculpe se estou sendo impaciente com você. Eu estou...

Grey pegou a mão da mãe.

– De luto. Eu sei. Você pode ser impaciente o quanto quiser.

Ela ergueu uma das sobrancelhas.

– E eu vou usar essas palavras contra você daqui a uma semana, quando estiver se preparando para ir embora por causa da minha impertinência.

Ele forçou um sorriso, gemendo por dentro diante da expectativa de ficar ali por uma semana.

– Já vi você ser muitas coisas, mãe, mas nunca impertinente.

Tendo terminado de conversar com a Srta. Wolfe do outro lado da sala, Gwyn se aproximou dos dois.

– Já Gwyn é um caso completamente diferente.

Como ele queria, a própria Gwyn escutou a frase.

– É melhor não estar falando mal de mim – interveio ela. – Ou vou fazer você escutar poucas e boas por ter demorado tanto. Eu estava prestes a mandar orn atrás de você, mas fiquei com medo de que vocês dois desaparecessem nos confins de Londres e que nunca mais voltássemos a vê-los.

Ignorando a alfinetada, Grey deu um beijo no rosto dela e observou a

extensão da sala.

– E *onde* está orn?

– Impossível saber. Você sabe que ele... Que aonde quer que vá, ele acaba encontrando vinho e um rabo de saia. Sem dúvida, você foi um ótimo professor nesse quesito.

O comentário demonstrava como Grey e Gwyn haviam passado pouco tempo juntos. Ela ainda não sabia como ele era de verdade.

– Eu não ensinei nada disso.

Gwyn o analisou com o ceticismo que lhe era peculiar.

– Então por que nosso pai tinha medo de que você fosse tirar orn dos eixos aqui na Inglaterra?

– Não faço a menor ideia. orn é perfeitamente capaz de fazer isso sozinho, o que Maur... *nosso pai* devia saber muito bem. E apesar dessas bobagens que você talvez leia no jornal, eu não sou como orn. Não passo meu tempo em prostíbulos.

– Hum. Parece-me que o cavalheiro faz protestos demasiados.

– Não cite Shakespeare para ele – disse a mãe, melancólica. – Ou ele vai começar a debochar de mim citando Fletcher.

– Eu não debocho de você, mãe – respondeu Grey, aliviado por pararem de falar de sua suposta natureza selvagem. – Só acho que você é um pouco tendenciosa em relação ao nosso ancestral. Shakespeare é um escritor muito melhor, e você sabe bem disso.

– Eu não sei nada disso! Fletcher escreveu as peças mais envolventes e inteligentes em inglês.

– Viu o que você fez, Grey? – Gwyn sorriu. – Daqui a pouco ela vai começar a representar os papéis.

– Sinto muito ter de discordar, irmãzinha – disse Grey. – Mas foi *você* que começou. Eu só me defendi.

Sheridan se aproximou.

– O que foi que Grey fez dessa vez?

A expressão irada da mãe se suavizou.

– Nada. Hoje ele pode fazer o que quiser.

Grey sentiu um nó na garganta.

– Que bom ouvir isso – disse Sheridan com suavidade. – Porque eu preciso roubá-lo por um tempo.

A mãe segurou a mão de Grey com mais força.

– É mesmo necessário? Ele acabou de chegar.

– Temo que sim – respondeu Sheridan. – Mas a senhora terá bastante tempo com ele mais tarde. Grey está planejando passar um tempo em Armitage Hall, não é mesmo? – perguntou ele, fixando um olhar duro no irmão.

Droga.

Grey estreitou os olhos.

– Bem, *agora* eu estou. Mas me diga, Sheridan, por quanto tempo exatamente eu ficarei?

– Discutiremos isso mais tarde – respondeu Sheridan, e fez um gesto para a porta. – Podemos?

– Eu já volto, mãe. Guarde um lugar para mim, por favor.

Grey deu um aperto carinhoso na mão da mãe e seguiu o irmão pelo corredor até a sala que fora o escritório de Maurice.

Depois que Grey se acomodou, Sheridan serviu conhaque e entregou o copo para ele. Ficou parado olhando para o líquido cor de âmbar, ao que Grey perguntou:

– É uma questão de finanças familiares? Porque eu posso pagar pelo funeral e oferecer um empréstimo com as condições que forem melhores pa...

Sheridan tomou um gole de conhaque e olhou para o irmão.

– Não quero falar sobre dinheiro. Pelo menos não ainda. Agora quero falar sobre a forma como nosso pai morreu.

– Afogado?

– Sim. Mas não foi acidental. Pelo menos é o que eu acho.

– O que quer dizer com isso?

– Acho que ele foi assassinado.

Grey tomou um grande gole do conhaque e mais outro.

– E o que exatamente o fez chegar a *essa* conclusão?

– Algumas coisas. Em primeiro lugar, os detalhes do acidente. Parece

que ele se afogou caindo no rio perto da casa de contradote...

– Existe uma casa de contradote?

– É onde Bea e Joshua moram desde a morte do meu avô.

Grey, que presumira que a Srta. Wolfe estava na propriedade apenas para o funeral, ficou surpreso. Estranho não tê-la conhecido nas duas visitas anteriores...

– E onde exatamente fica a casa de contradote? – perguntou.

– A alguns quilômetros daqui, na outra extremidade do terreno. Minha avó morou lá com Bea pela maior parte do tempo em que Joshua estava servindo na Marinha do Reino Unido. Ele é major, sabia? Mas depois que foi ferido e dispensado, tio Armie propôs que ele ficasse como guarda-caça da propriedade e é isso que ele faz há alguns anos, desde a morte da nossa avó.

Grey franziu a testa.

– Guarda-caça? O neto de um duque? Pelo amor de Deus, essa não é uma profissão adequada a um cavalheiro.

– Concordo, mas, pelo que entendi, ele não teve muita escolha quando voltou. Joshua demorou um tempo até se recuperar do acidente que o deixou manco. Ele usa bengala e não lida muito bem com multidões. Tememos que o trauma tenha... afetado a mente dele, vide o temperamento péssimo. Ele tende a explosões violentas de raiva.

– A guerra pode fazer isso com um homem – disse Grey, mas logo entendeu o que Sheridan estava querendo dizer. – Você está sugerindo que desconfia que *Joshua Wolfe*...

– Sim, é exatamente o que estou sugerindo. Temo que meu primo tenha assassinado meu pai.

CAPÍTULO QUATRO

As palavras pairaram no ar, como se o espírito do próprio Maurice estivesse ali. Grey estremeceu, mas logo retomou o controle: fantasmas não existem. Colocou o copo de conhaque na mesa.

– O seu primo *manco*?

Com expressão séria, Sheridan se sentou ao lado do irmão.

– Preste atenção no que vou dizer. Nosso pai só estava na ponte na noite em que morreu porque Joshua o havia chamado até a casa de contradote. E nosso pai não caiu simplesmente da ponte, ele caiu pela grade. E sabemos disso porque uma grande parte dela se rompeu – contou Sheridan, e então se inclinou para Grey: – Agora, me diga você, o que pode ter feito nosso pai cair? Ele não era desastrado, sabe?

– Verdade, mas ele estava envelhecendo e se estava escuro...

– Ele estava com um lampião e era noite de lua cheia. Não havia motivo para ele cair. Além disso, a ponte é firme. Mesmo que ele tenha tropeçado, a grade não teria cedido com o peso dele. Acredito que alguém tenha armado o afogamento... alguém danificou a ponte antes de nosso pai passar e o empurrou pela grade para parecer um acidente. Manco ou não, Joshua tem braços fortes de quem trabalha no campo, robustos o suficiente para empurrar um velho da ponte, principalmente se o pegasse desprevenido. Pode acreditar.

Grey suspirou. A tristeza de Sheridan estava afetando seu bom senso.

– E por que diabos você acha que Wolfe fez isso?

– Você não está prestando atenção! Eu já disse, tio Armie o tratava muito mal...

– E por que, então, Wolfe não matou tio Armie? – argumentou Grey.

Com uma careta, Sheridan colocou o copo na mesa.

– Essa é a questão. Eu acho que ele o matou também.

– Pelo amor de Deus...

– Grey, me deixe terminar!

Sheridan foi para trás da mesa. O tampo danificado de mogno fez Grey se lembrar de que o meio-irmão tinha herdado uma grande propriedade atolada em dívidas. Era *isso* que deviam estar discutindo, e não essa ideia maluca de que Maurice fora assassinado.

Mas Sheridan parecia obcecado com a ideia.

– Tio Armie também morreu em um acidente tarde da noite. Ele foi encontrado de manhã, com o pescoço quebrado, próximo às suas preciosas "ruínas". As pessoas que estavam na taverna na cidade disseram que ele tinha passado a noite bebendo antes de voltar para casa tarde da noite. Ele pegou o caminho de sempre, e o cavalo dele ficou pastando ali por perto. Diante disso, todos nós presumimos que ele tivesse caído do cavalo. Isso foi há alguns meses. Você não acha que esses dois "acidentes" aconteceram perto demais um do outro?

Grey tinha de admitir que aquilo *realmente* era estranho. Ainda assim...

Depois de terminar o conhaque, ele se levantou para se servir outra vez.

– Coincidências acontecem, Sheridan. Corrija-me se eu estiver errado, mas você não me disse uma vez que sempre que seu tio ia para a cidade, ele bebia até quase cair?

Exatamente o que Grey estava tentando fazer para suportar as teorias malucas. Tomou um pouco mais de conhaque.

Sheridan o olhou de cara feia.

– Sim, tio Armie costumava encher a cara. Mas ele bebia e voltava para casa a cavalo, pelo mesmo caminho, à noite e sozinho, durante vinte anos ou mais. Ele nunca caiu do cavalo. E, admita, seria preciso muito mais do que uma queda de cavalo para quebrar o pescoço de um bêbado.

– Então, aonde você quer chegar? – perguntou Grey, começando a andar pelo aposento. – Pelo que está me dizendo, Wolfe matou seu tio por se ressentir da forma como a família o tratava. Maurice o tratava mal?

– É claro que não.

– Sendo assim, suas desconfianças não fazem o menor sentido. Por que agora? Seu tio Armie tratou Wolfe muito mal por anos, então por que ele teria esperado tanto?

– Talvez Joshua tenha se cansado de servir à família como um mero criado. Talvez já estivesse farto dos excessos de tio Armie, que estavam destruindo os bens da família. Talvez pense que possa ficar com o ducado para si.

Meu Deus, Sheridan tinha enlouquecido.

– Para isso, ele teria que matar você e Heywood.

– Exatamente – disse Sheridan, cruzando os braços. – É isso que me preocupa.

Grey apontou para o irmão com o copo de conhaque.

– O que me preocupa é que você esteja perdendo a cabeça.

Sheridan contornou a mesa.

– Você não conhece Joshua, não sabe como ele está agindo. Ele não veio aqui dar os pêsames para nossa mãe. E também não expressou pesar para nosso pai quando tio Armie morreu.

– Talvez ele não goste da companhia de outras pessoas – resmungou Grey. – Principalmente em situações como essas.

Lembrou-se da morte de tio Eustace e de como não quisera se envolver nos preparativos. Grey ficara muito feliz de ver o tio morto e enterrado, onde não poderia infernizar mais ninguém, não poderia mais trancar um garoto no quarto sem ter o que comer durante dias para obrigá-lo a assinar...

Lembranças tenebrosas. Grey preferiu deixá-las de lado.

– As pessoas vivenciam o luto de formas diferentes – disse ele, pensando: *principalmente quando odeiam e desprezam o morto.* – Você já conversou com Wolfe a respeito disso?

– Não – respondeu Sheridan, um pouco envergonhado. – Eu preciso de provas. Não posso... fazer acusações sem ter provas.

Grey olhou firme para o irmão.

– Exatamente.

– Vamos lá, Grey. Duas mortes tão próximas? Você não acha esquisito?

Quando Sheridan se empertigou, do jeito que fazia quando era criança e estava sendo teimoso, Grey teve vontade de socá-lo para ver se ele parava com aqueles absurdos.

– E o que a irmã de Wolfe pensa de tudo isso? Bea é cúmplice do esquema?

Sheridan praguejou.

– Não fale uma besteira dessas. É claro que ela não é cúmplice de nada. Bea jamais permitiria um assassinato. Ela é a mulher mais gentil e compassiva que eu conheço.

– Será que estamos falando da *mesma* mulher? Porque a Srta. Wolfe que eu conheci não foi nem um pouco gentil.

Sheridan fez cara feia.

– O que exatamente aconteceu entre você e Bea quando estavam sozinhos?

– Ela me colocou no meu devido lugar depois que eu agi... hum... como um idiota cheio de pompa.

Sheridan deu um meio sorriso.

– Que estranho... você agir assim...

– Pelo menos não estou vendo assassinos à espreita por aí. E se você está tão convencido de que Maurice foi assassinado, por que não chamou a polícia para investigar a morte?

– Eu já disse. Não tenho provas, só suspeitas.

Grey olhou para o teto.

– Me desculpe, Sheridan, mas suas suspeitas são bem malucas.

Sheridan colocou as mãos no bolso.

– Talvez você mude de ideia quando conhecer Joshua. O homem é difícil. Zangado. Voltou completamente transformado depois da guerra. Acho que ele pode ser capaz de tudo, até de matar quatro pessoas para herdar o ducado.

– Bem, vou ter que confiar na sua palavra em relação a isso – respondeu Grey, seco. – Até hoje eu sequer sabia da existência dele e da irmã.

Sheridan coçou o pescoço.

– Eu devia ter feito as apresentações quando você veio nos visitar. Mas

passamos tão pouco tempo com você que quisemos aproveitar o momento a sós. E, para ser sincero, essa visita foi antes de nossa mãe decidir adotar Bea como um de seus projetos.

– Meu Deus.

A mãe era famosa por seus projetos. Ela gostava de "ajudar" os jovens. Mesmo quando era garoto, Grey se lembrava de jovens estranhos entrando e saindo de casa enquanto a mãe tentava ajudá-los a descobrir como melhorar de vida.

Como se ela já não tivesse trabalho demais com os próprios filhos. Bem, exceto com o que ela mandara embora.

– Então, o que exatamente ela está tentando fazer pela Srta. Wolfe?

Sheridan deu de ombros.

– Bea nunca chegou a debutar. A avó estava doente demais para cuidar dessas coisas e tio Armie, relaxado demais. Acho que a ideia era que Bea acabasse se tornando dama de companhia da mulher de tio Armie, mas quando Bea chegou à idade, ela já tinha morrido. Tio Armie não podia ter acompanhado uma debutante pessoalmente; precisava pedir a alguma parente para fazer isso.

– E por que ele não fez isso?

– Só Deus sabe. Até onde sei, ele não era um homem bom. E não tinha muito dinheiro...

– Então, a Srta. Wolfe e seus prospectos foram deixados de lado.

Sheridan fitou o copo.

– Exatamente. Mais um motivo para Joshua nos odiar.

– Por que você se refere a "nós"? *Você* obviamente não tinha nenhum motivo para impedir que ela debutasse.

Um sorriso fraco surgiu nos lábios do irmão.

– Verdade.

Algo naquele sorriso o irritou.

– Você não está interessado nela, não é? Romanticamente?

– O quê? Não! Não seja idiota. Ela é minha prima!

– Existem casamentos entre primos na nossa classe o tempo todo.

O irmão ficou na defensiva.

– E você? Tem algum interesse romântico em Vanessa?

Vanessa? Grey fulminou o irmão com o olhar.

– Srta. Pryde para você, e não, não tenho nenhum interesse nela. Vanessa é como uma irmã para mim.

– É exatamente assim que me sinto em relação a Bea. Ela é parte da família. E é por isso que nossa mãe está tão determinada a fazer o debute dela. Mesmo que Bea seja um pouco... Como podemos dizer... mais velha do que o esperado.

– Quantos anos ela tem?

– Vinte e seis.

– Parece mais nova.

Grey achou bom saber que ela estava mais próxima da idade dele do que esperava, um sentimento que não estava disposto a examinar com atenção.

– Mesmo assim... – continuou Sheridan. – Parece que ninguém vai querê-la.

– Que ideia ridícula. Como se uma mulher fosse uma mercadoria para ser deixada de lado...

Sheridan ficou boquiaberto.

– Estou surpreso por você pensar assim.

– Você discorda?

– Claro que não, mas... eu só pensei... que...

– Você acredita nas fofocas que publicam a meu respeito naquele lixo – disse Grey, sem querer demonstrar a mágoa em suas palavras, e não conseguindo. – Você deveria me conhecer melhor agora. Afinal, é meu irmão.

– Um fato que você costuma esquecer frequentemente.

– Eu não me esqueço. Eu só...

Grey respirou fundo. Não, ele não ia fazer isso. Sheridan não tinha culpa da ganância daquele desgraçado do tio Eustace. – Então, nossa mãe quer apresentar a Srta. Wolfe à sociedade. Você sabe muito bem que ela não pode fazer isso enquanto estiverem de luto.

– É claro que não. Mas esse é um dos motivos pelos quais ela quer começar a prepará-la agora. As duas passarão muito tempo aqui sem poder

se engajar em nenhuma atividade social – disse Sheridan, e um toque de sofrimento surgiu em seu rosto. – E nossa mãe precisa de alguma coisa para não ficar pensando na perda do nosso pai.

– Ela precisa de um tempo sozinha para viver o luto.

Sheridan fez uma careta.

– Eu disse isso a ela. Mas você conhece nossa mãe. Ela lida melhor com as coisas quando tem algo com que se ocupar. E talvez seja *de fato* necessário um ano inteiro para preparar a Bea, que não faz a menor ideia de como agir em situações sociais. Ela é uma moça um pouco levada. Costuma andar pela propriedade com os cães de caça e ajuda Joshua com o trabalho, mas raramente participa das reuniões locais. Não que isso seja culpa dela. Ela até é convidada, mas nunca há ninguém para levá-la e é claro que ela não pode ir sozinha.

– E por que o maldito irmão não a leva?

– Isso você vai ter que perguntar a ela. Mas a questão é que Bea mal sabe dançar, não faz ideia de quais são as inúmeras regras da alta sociedade e prefere treinar um cachorro a bordar um lenço. Nossa mãe arrumou um projeto perfeito.

– A Srta. Wolfe parece ter lidado muito bem com os preparativos do funeral.

Sheridan bufou.

– Só porque ela já foi a outros cinco e, desses cinco, três foram organizados por ela. Nossa Bea sabe tudo sobre funerais.

Pobre mulher. Que coisa horrível.

– Não é de se estranhar que ela se dê tão bem com a nossa mãe – comentou Grey. – E presumo que ela queira que Beatrice seja apresentada à corte também.

– Provavelmente. Você sabe melhor do que eu o que envolve a apresentação de uma mulher à sociedade. Imagino que Bea tenha que participar de um monte de eventos sociais. E como Gwyn também não foi apresentada, nossa mãe está planejando que as duas debutem juntas.

Grey inclinou a cabeça.

– Faz sentido. E como Gwyn se sente com a perspectiva de dividir a

apresentação dela com alguém que não é parente?

– Ela está aliviada por ter companhia, acredite você ou não. Ela nunca vai admitir isso para ninguém, mas está nervosa com o debute. As coisas aqui não são como na Prússia.

– Imagino. E digo isso literalmente, já que eu não tinha idade suficiente para ser apresentado à sociedade em Berlim.

Quando Sheridan lhe lançou um olhar estranho, Grey continuou: – E o que Joshua pensa em relação a tudo isso?

– Eu não sei. Ele é escorregadio. Nunca está em casa quando vou visitá-lo. Bea vive dizendo que vai trazê-lo aqui, mas a visita nunca acontece por algum motivo ou outro.

Sheridan terminou de beber e colocou o copo na mesa.

– É por isso que preciso da sua ajuda.

Grey ficou tenso.

– Para?

Sheridan empinou o queixo.

– Descobrir o que Joshua anda aprontando, onde ele passa o tempo dele. Conseguir evidências que provem se ele está ou não envolvido nas duas mortes. Talvez você consiga descobrir a verdade.

Deus me ajude, pensou Grey.

– Você está me pedindo para espionar o major?

– Exatamente.

– Por que eu?

Sheridan deu de ombros.

– Ele não conhece você.

– Mas ele não vai demorar muito para descobrir quem eu sou. No instante que eu começar a investigar e perguntar por aí, ele vai ficar sabendo e vai tentar descobrir minha identidade. Se você está tentando manter segredo, não é assim que vai conseguir.

– E o que diabos você sugere que eu faça? Entre ajudar nossa mãe com o "projeto" dela e tentar colocar os assuntos do ducado em ordem, eu mal tenho tempo para respirar, quanto mais para espionar Joshua.

– Ah, mas você seria melhor espião do que eu – argumentou Grey. –

Afinal, poderia disfarçar seu interesse com a administração da propriedade. O dono da propriedade fazer perguntas sobre os criados não parecerá tão estranho quanto algum parente fazer isso.

Grey colocou o copo vazio na mesa.

– Posso ajudá-lo com a propriedade e posso ajudar nossa mãe a preparar a Srta. Wolfe e Gwyn para a apresentação delas. Como você mesmo disse, serei melhor nisso. Conheço todos os trâmites, já estive em alguns bailes de debutante. No de Vanessa, por exemplo.

– Ah, então, você é o responsável pelos modos imprudentes e pela língua afiada da sua prima? – perguntou Sheridan.

– E você é responsável por Gwyn ser do jeito que é?

Sheridan o fulminou com o olhar.

– Foi o que pensei – respondeu Grey com calma. – A questão é que eu não me importo de analisar as finanças e a administração dos seus bens com você, e não me importo de ajudar essas jovens com suas expectativas sociais. Não vou nem me importar de tentar descobrir algumas coisas com a Srta. Wolfe para você enquanto a ajudo a se transformar em uma debutante. Mas não vou espionar o irmão dela. Isso você vai ter de fazer sozinho.

Sheridan endireitou os ombros.

– Não acho uma boa ideia. Sua reputação é péssima com as damas e Bea está em uma situação vulnerável.

– A minha reputação é exatamente o motivo pelo qual devo ajudá-las. Eu sei o que os homens na sociedade esperam. E de que forma eles devem ser impedidos. Ao passo que você...

Exasperado, Sheridan bufou.

– Eu sei que quase não fui a bailes. Você tem razão.

– Seja como for, não estou lhe dando escolha. Se você quer minha ajuda, terá de ser na minha área de expertise.

Sendo honesto, Grey achou que se envolver com esses projetos talvez ajudasse a tornar a visita à família tolerável. A mãe não era a única que precisava distrair a mente da morte de Maurice.

– Então, estamos de acordo com a divisão do trabalho? – perguntou Grey.

Sheridan contraiu o maxilar, mas, depois de uma hesitação momentânea, assentiu e serviu mais conhaque. Ele se virou e entregou um dos copos para o irmão.

– Vamos selar nosso trato com um brinde. Sabe, começo a me sentir feliz por você me ajudar com as questões dos bens. Você claramente é um bom negociador.

– Tripliquei a renda do meu ducado nos últimos treze anos.

– Bem, se você conseguir me ajudar a fazer isso também, serei muito grato – disse Sheridan, e então parou e olhou para a luz do pôr do sol banhando a propriedade. – Mas temo que talvez o legado Armitage tenha se esgotado para isso.

– Você ficaria surpreso com o que alguns investimentos inteligentes e uma gestão prudente podem fazer pelos bens de uma pessoa.

– Veremos – disse o irmão, e com um sorriso forçado, ergueu o copo. – À espionagem!

– E às debutantes – acrescentou Grey.

Antes de conseguirem tomar um gole, orn entrou no recinto.

Com cabelo castanho e olhos azuis, ele se parecia mais com a mãe do que Grey ou Sheridan. Mas a semelhança acabava aí. Ele era bem mais rebelde do que Lydia já tinha sido.

– A que estamos brindando? – perguntou ele.

Grey olhou para Sheridan e respondeu:

– Aos irmãos.

– Ora, pois me junto a esse brinde... Se bem que acabo de lembrar que devo levá-los para o jantar.

– Bem, certamente o jantar pode esperar você beber um gole, não? – indagou Sheridan.

– Verdade. E bem que preciso de um drinque depois de hoje.

orn se juntou a eles em um novo brinde e virou a bebida em um gole só.

– Pelo amor de Deus, orn. Contenha-se – repreendeu Sheridan.

Grey riu.

– Você talvez não saiba disso, mas provavelmente ele consegue beber

mais do que qualquer um de nós, não é, orn?

O irmão apenas deu uma piscadinha.

– Eu me esforço. Agora, vamos logo. Se nos atrasarmos para o jantar, nossa mãe vai me culpar e eu me recuso a perder o lugar de filho favorito.

O comentário logo virou a usual discussão amigável sobre quem era o filho favorito de Lydia, uma brincadeira da qual Grey raramente gostava, porque ele com certeza *não* era. Ainda assim, juntou-se aos irmãos para terminarem o conhaque e seguiram para a sala de jantar.

– Espere – disse Grey para orn. – Quem vai velar o corpo enquanto jantamos?

– Um dos criados – respondeu orn, ficando sério. – Mas tenho certeza de que ele não ficará lá por muito tempo. Nossa mãe resistiu muito a sair do lado do nosso pai. Está determinada a permanecer naquele maldito cômodo até o cortejo fúnebre.

Embora orn sempre se referisse a Maurice como "nosso pai", o comentário abalou Grey. O pai de Gwyn e orn falecera pouco depois do nascimento deles, então Maurice fora o único pai que os gêmeos conheceram também.

– Mas já que está aqui, Grey – continuou orn –, você talvez consiga convencer nossa mãe a dormir um pouco.

– Considerando que você é o favorito – brincou Grey em tom de deboche –, é mais provável que ela dê ouvidos a você.

 orn deu uma gargalhada.

– E como você acha que consegui me transformar no filho favorito? Sempre cedendo às vontades dela. Ao passo que ela vê *você* como a personificação do primeiro marido, que, até onde sei, vivia mandando nela. Então, ela há de ouvir quando *você* der uma ordem.

Grey sentiu vontade de gritar. Ele não queria ser aquele homem. Mas já era tarde demais para mudar a forma como as pessoas o viam, então, representou o papel de sempre. Afinal de contas, se *alguém* precisava assumir as rédeas daquela família incontrolável, melhor que fosse ele.

CAPÍTULO CINCO

O jantar em Armitage Hall era mais informal do que costumava ser na época de tio Armie. Não que Beatrice tivesse jantado muito ali quando ele era o duque. Mesmo quando ela e o irmão eram convidados, Joshua se recusava a ir, e ela evitava ficar sozinha com o tio.

Mas jantar com a família de tia Lydia despertava-lhe lembranças de anos antes, quando seus avós ainda eram vivos e moravam na casa, depois da morte do pai. Aos dez anos, ela era jovem demais para morar sozinha, principalmente com Joshua servindo à Marinha no exterior. Beatrice então fora viver ali, com os avós.

Para uma criança, a sala de jantar tinha sido um lugar mágico, com candelabros e prataria reluzentes e toalhas brancas como a neve. Sempre que a avó lhe chamava para treinar a etiqueta à mesa, ela se sentia como uma princesa.

Infelizmente, ensinar-lhe o básico da etiqueta à mesa fora tudo que a avó conseguira antes de perder o marido e adoecer. Beatrice ao menos sabia qual garfo usar para a salada de pepinos e como usar a colher de sopa de forma apropriada. Graças a Deus. Porque, pelo modo como o arrogante Greycourt a encarava, era como se esperasse vê-la cometer alguma gafe.

Erguendo o queixo, Beatrice olhou nos olhos dele e mergulhou a colher na sopa com perfeição.

Como se adivinhasse o que ela estava fazendo, ele abriu um sorriso de compreensão.

Maldição. Por essa ela não havia esperado... Decidiu que era melhor não olhar para ele, porque sempre que o fazia experimentava uma sensação

estranha na barriga, exatamente como quando corria pela encosta com os cães – uma mistura de terror e felicidade.

De todas as pessoas no mundo, não poderia ser aquele homem a causar tal reação. Com sorte, ele iria embora logo depois do funeral e ela nunca mais precisaria vê-lo.

Beatrice resolveu prestar atenção em uma história engraçada que o duque de ornstock estava contando. Parecia um pouco inadequada para as damas, mas como tia Lydia pareceu não se incomodar, Beatrice também não se importou.

Embora não fosse tão alto quanto Greycourt, ornstock tinha uma beleza mais dentro do padrão. Suas feições eram mais simétricas, o sorriso, mais polido, e o nariz, mais bem acabado. O cabelo liso era de um tom castanho-avermelhado em vez do negro das mechas onduladas de Greycourt, e os olhos eram de um tom cristalino de azul.

Para piorar, ele era muito charmoso. Depois de tio Armie, homens assim sempre a deixavam alerta.

– Então, Srta. Wolfe – começou ornstock em tom amável. – Suponho que a veremos no funeral amanhã.

– Claro que não, isso não é permitido.

Tanto ornstock quanto Gwyn ficaram surpresos.

– Como assim? – perguntou Gwyn. – É o funeral do seu tio!

Lydia pousou a colher na mesa e lançou um olhar firme para a filha.

– As mulheres aqui não participam de funerais nem seguem o cortejo, minha querida.

– Desde quando? – quis saber ornstock.

Beatrice pigarreou.

– Desde sempre. As pessoas não acham de bom tom.

– Que absurdo! E muito injusto! – disse Gwyn, olhando para a mãe. – Mas a senhora vai, não é?

Lydia suspirou.

– Não vejo motivo para alimentar fofocas. A Inglaterra é nosso lar agora e precisamos nos adaptar aos costumes.

– Pois *eu* vou – anunciou Gwyn. – Eles não podem me impedir.

– Que bom para você – rebateu ornstock. – Parece um costume idiota para mim.

– Você acha todos os costumes ingleses idiotas, orn – disse Greycourt, olhando para Gwyn. – Promete não chorar durante o funeral?

Ela piscou.

– Como é?

– É por isso que não permitem a presença de mulheres. Porque acreditam que vocês demonstram muita emoção em público e o esperado é uma postura estoica.

Sheridan, que tinha ficado em silêncio até aquele momento, resmungou antes de tomar uma colher de sopa: – Então, nossa mãe com certeza não deve ir...

– Sheridan! – exclamou Lydia.

– Não estou mentindo. A senhora nunca foi estoica na vida. Na verdade, tem uma tendência a ser bastante... dramática às vezes.

A mãe o fulminou com o olhar.

– Eu não consigo evitar. Tenho um ancestral dramaturgo.

– Algo do qual nunca nos deixou esquecer – comentou ornstock, com carinho inequívoco.

Ele abriu um sorriso maroto para Beatrice e disse:

– Você talvez tenha notado, Srta. Wolfe, que todos nós recebemos nomes de dramaturgos.

Na verdade, Beatrice não notara, então repassou mentalmente o nome de batismo de cada um: ornstock se chamava Marlowe, Greycourt, Fletcher, e havia Sheridan e Heywood. Todos nomes de dramaturgos. Muito estranho.

– Mas não lady Gwyn, certo? – ocorreu a ela perguntar.

– Meu nome é em homenagem a uma atriz – explicou Gwyn em tom baixo. – Não existem muitas dramaturgas, e como minha mãe não poderia me batizar InchBald ou Behn, resolveu fazer uma homenagem a Nell Gwyn. Felizmente todo mundo acha que Gwyn veio de uma de nossas ancestrais galesas.

– Nell Gwyn foi uma das atrizes mais famosas de seu tempo – disse a

mãe dela com um suspiro. – Não há do que se envergonhar.

– A pobre Nelly também foi uma "famosa" amante de Carlos II, mãe – interveio Greycourt com frieza. – O Príncipe de Gales tinha até uma pintura na qual ela é retratada totalmente nua.

A mãe olhou desconfiada para o filho.

– E como *você* sabe disso?

Ele deu de ombros.

– Eu já vi a pintura.

Quando Lydia arfou, ele acrescentou:

– Em um evento na corte. E a questão aqui é que não culpo nossa Gwyn por querer esconder a origem do seu nome.

Beatrice também não a culpava. Não conseguia imaginar como seria ter todos sabendo da origem do nome. Ela mesma sempre achara uma loucura do pai ter lhe dado o nome do único amor verdadeiro de Dante, embora essa ao menos fosse uma origem virtuosa. Ficou imaginando as piadas nojentas que tio Armie faria se ela tivesse recebido o nome de uma atriz de vida fácil.

Greycourt se virou para a irmã.

– Se nossa mãe não vai ao funeral, Gwyn, então você certamente não vai. Ela precisa de alguém ao lado dela.

Gwyn franziu a testa.

– Bea estará ao lado dela.

– Não é a mesma coisa e você sabe muito bem disso.

– Não insulte a Bea – protestou Gwyn.

– Não estou insultando ninguém – retrucou Greycourt. – Mas a Srta. Wolfe não passou anos da vida convivendo com nossa mãe como você. Vai ser bom para ela ter a companhia de vocês duas.

– Ouça seu irmão – disse Lydia, estendendo a mão para pegar a da filha. – Gostaria de ter você ao meu lado. – Ela olhou para Beatrice com um olhar carinhoso. – E você também, Bea, é claro.

Gwyn suspirou.

– Já que estou sendo obrigada... Mas ainda acho que é errado eu não ir só porque sou mulher. Afinal de contas, ele era *meu pai*. Tenho tanto direito de demonstrar meu luto quanto orn, Grey ou Sheridan.

– Concordo – respondeu Greycourt, para surpresa de Beatrice. – Existem várias regras da sociedade que considero erradas. Mas se você quer ser uma debutante bem-sucedida, precisa seguir algumas delas. Ao menos até conseguir um marido – afirmou ele, sorrindo para Beatrice antes de acrescentar: – Assim como você, Srta. Wolfe.

Enquanto refletia sobre esse estranho comentário, Sheridan acrescentou: – Aproveito para anunciar que Grey ficará conosco por algumas semanas para ajudar nossa mãe a preparar Gwyn e Bea para o debute.

– Não mesmo! – exclamou Gwyn, tirando as palavras da boca de Beatrice.

Só de imaginar o duque de Greycourt orientando-a sobre tais questões, sentia seu coração parar.

– O que foi, Gwyn? Você não me quer por perto? – perguntou Greycourt em tom estranho.

– E por que eu ia querer? – retrucou ela. – Você é muito mandão. Nossa mãe nos dirá tudo que precisamos saber.

– Minha querida – interveio Lydia –, estive afastada da sociedade inglesa por quase trinta anos. As coisas mudam. Eu mesma nunca debutei. – Seu rosto se anuviou. – O pai de Grey e eu nos conhecemos por intermédio da família.

Bea olhou para Greycourt, cuja expressão ficou sombria de repente.

– Seja como for – continuou a duquesa –, os homens sabem coisas que podem ser convenientes para uma mulher. Eu me recuso a introduzir minha filha e minha sobrinha na sociedade sem que estejam totalmente cientes de como as coisas funcionam. E não é nada mau ter por perto um cavalheiro que saiba dançar.

Beatrice engoliu em seco quando se imaginou tropeçando nos próprios pés durante uma dança com Greycourt.

– E por que Sheridan não pode fazer isso? – perguntou Gwyn.

Com um olhar para Greycourt, Sheridan respondeu:

– Em primeiro lugar, minha irmã, eu preciso me concentrar em aprender a administrar os bens que herdei. Em segundo, eu mesmo não sei o suficiente sobre debutes para ensinar a alguém, ao passo que Grey

participa de eventos sociais há anos e ajudou na apresentação da prima dele, Vanessa. Com a ajuda dele e de nossa mãe, você e Bea certamente causarão furor na sociedade.

– Pois eu não quero causar furor algum – deixou escapar Beatrice.

Ela corou quando todos os olhares pousaram nela, mas, ainda assim, continuou: – Tudo que quero é encontrar um marido adequado.

Para que pudesse assegurar o próprio futuro e, no processo, talvez o de Joshua também. Porque *ele* certamente não estava fazendo nada nesse sentido.

– Temo que hoje em dia uma coisa dependa da outra, Srta. Wolfe – retrucou Greycourt com suavidade.

– Até para uma mulher sem dote cujo pai morreu em um duelo? – irritou-se ela. – Atrevo-me a dizer que seria melhor eu agir de acordo com as regras e torcer para que algum pastor ou algum médico precisando de uma mulher discreta possa me notar. Pelo menos *esse* tipo de marido não vai morrer de forma escandalosa e me deixar desguarnecida como meu pai fez.

Todos ficaram boquiabertos, olhando para ela. Então, eles se viraram para ver como Greycourt reagiria. Maldição. Por que aquele homem despertava o que havia de pior nela? Ela passara anos treinando para *não* falar o que lhe passava pela cabeça. Ainda assim, perto dele as coisas simplesmente saíam da sua boca.

Ela baixou o olhar.

– Perdão, Vossa Graça. Eu não tive intenção...

– Primeira regra – disse Grey com um tom de diversão na voz. – Nunca se desculpe. Por *nada*. Você é neta de um duque. Deve entrar em qualquer aposento como se aquele duelo fosse o único passo em falso em uma trajetória virtuosa. E por que a senhorita julga o episódio escandaloso? Se foi uma questão de honra...

– Acho que foi mais uma questão de *desonra* – retrucou ela com secura. – Embora minha avó nunca tenha confirmado.

Beatrice sempre ouvira que ele tinha lutado por uma amante, mas não revelaria *isso* para Greycourt.

– Ninguém nunca gostou de falar sobre o assunto – concluiu Bea.

– Isso aconteceu há muitos anos, certo?

– Dezesseis – respondeu Beatrice.

– Mas que diabo! Faz tanto tempo que nem eu sabia. Ninguém vai se lembrar.

– Fletcher Pryde! – exclamou a mãe. – Você não vai ser de muita ajuda para Gwyn ou Bea se ficar praguejando na frente delas.

Em vez de se desculpar, como Bea faria, Greycourt riu.

– Mãe, a senhora não passou muito tempo na sociedade, não é? Estamos em guerra. Existem poucos cavalheiros e os soldados nem sempre têm cuidado com o que dizem.

Lydia virou-se para ornstock.

– Isso é verdade?

ornstock riu.

– Não tenho como saber. Para ser sincero, eu evito a nata da sociedade como se minha vida dependesse disso. O que geralmente é o caso.

Uma expressão de medo cruzou o rosto da mãe.

– O que você quer dizer com isso?

– A senhora não vai querer saber. Pode confiar em mim – disse Greycourt, lançando um olhar para o irmão.

Mas Beatrice queria. Tudo que tinha a ver com tia Lydia e seus filhos a fascinava. Eles eram todos tão... tão *diretos*, tão tranquilos em agir justamente assim. Ela nunca conhecera ninguém como eles.

Bem, a não ser Joshua. Mas ele não falava o que passava pela sua cabeça do jeito divertido como todos ali faziam. Na verdade, ela também não.

– Vai ficar tudo bem, mãe – continuou Greycourt. – A senhora vai ver. E Sheridan está muito ocupado agora. Quanto a orn...

– Não contem comigo para ensinar a ninguém como diabos funciona a maldita sociedade – rebateu ele. – E sim, mãe, "diabos" e "maldita" definitivamente não são palavras aceitáveis na sociedade.

– Nem em lugar nenhum – interveio Gwyn. – Até eu sei disso.

ornstock deu de ombros.

– Mais um motivo para Grey ser responsável por essa bobagem.

Lydia suspirou.

– Deixarei vocês, meninos, decidirem quem vai fazer o quê. Tenho certeza de que sabem o que estão fazendo – afirmou, então olhou para Beatrice. – Isso me faz lembrar, querida... Você já pediu aprovação ao seu irmão para seguirmos com o plano, não é?

Isso a pegou desprevenida. Beatrice respondeu:

– Claro.

Mentirosa. Ela precisava fazer isso logo, embora a aterrorizasse não saber como ele reagiria. Bem, se ele se recusasse, ouviria dela poucas e boas. Beatrice podia até se esforçar para não falar o que lhe vinha à mente perto de outras pessoas, mas jamais controlou esses impulsos perto do irmão. Se havia um homem que gostava de sinceridade, esse alguém era Joshua.

Lydia sorriu.

– Eu não gostaria de fazer nada sem a aprovação dele. Ainda somos estranhos para ele, não quero que ele ache que estamos passando dos limites.

– Eu entendo – respondeu Beatrice.

Ah, e como ela entendia. As mulheres nunca podiam tomar decisões sozinhas, estavam sempre à mercê de irmãos, pais e maridos.

O que era *muito* injusto. Ela e lady Gwyn certamente concordavam nisso.

A tia se levantou.

– Agora, se não se importam, vou voltar para a sala de visitas.

Os homens também se levantaram. Sheridan contornou a mesa e foi para o lado da mãe.

– Vou acompanhá-la.

Mas antes que pudessem sair, Greycourt pediu à mãe:

– Prometa que vai ter uma boa noite de sono. Mesmo que não vá ao funeral, amanhã será um dia difícil e a senhora precisa descansar.

– Se é o que deseja, Grey – disse Lydia, abrindo um sorriso caloroso. – Obrigada por estar aqui, meu filho.

Uma emoção indecifrável brilhou no olhar dele.

– Claro. Onde mais eu estaria?

O sorriso de Lydia ficou mais largo.

– Logo vou até lá ficar com a senhora – acrescentou ele. – Assim que eu terminar a sobremesa.

– Eu gostaria muito disso – respondeu ela.

No instante que Lydia e Sheridan saíram, Greycourt se sentou e fixou o olhar em Beatrice.

– Preciso pedir um favor. Sei que seu irmão não veio ao funeral do seu tio, então, por favor, se certifique de que ele venha ao do meu padrasto amanhã.

A urgência no tom dele a surpreendeu. Assim como o uso da expressão "por favor".

– É cl-claro que ele estará aqui.

– Ótimo. A presença dele é importante.

Mas havia algo implícito naquele pedido que Beatrice desejava desesperadamente saber o que era. Os gêmeos, porém, estavam trocando olhares surpresos, e a expressão enigmática do duque não dava qualquer sinal do que poderia ser.

– Eu me esforçarei para que Joshua apareça aqui a tempo para acompanhar o cortejo – reforçou Beatrice.

– Excelente – disse Grey, terminando de beber o vinho. – Obrigado.

Aquilo alimentou ainda mais as suspeitas dela.

– Posso perguntar *por que* isso é tão importante?

Ele passou o dedo na borda da taça.

– Minha mãe vai ficar magoada se ele não aparecer. E não quero que nada cause ainda mais sofrimento a ela nas atuais circunstâncias.

Beatrice sentiu um nó no peito.

– É claro que não – apressou-se a responder. – Nem eu.

Meu Deus. Beatrice torcia para que essa fosse mesmo a única motivação de Grey. A última coisa de que Joshua precisava era um duque metendo o bedelho em seus assuntos para descobrir todos os segredos deles. Ainda mais um duque que parecia saber muito bem distinguir verdades de mentiras.

Beatrice só poderia esperar que estivesse vendo coisas demais nas

reações dele. Caso contrário, ela e o irmão seriam, na melhor das hipóteses, jogados na rua, sem ninguém para ajudá-los.

E ela faria qualquer coisa para evitar isso.

CAPÍTULO SEIS

No dia seguinte ao funeral, Beatrice subiu a colina correndo até o canil onde esperava encontrar Joshua. Infelizmente, não tinha mais como adiar a conversa sobre o debute iminente.

Ainda bem que o funeral acontecera de acordo com os planos. Considerando os elogios que Beatrice recebera dos criados presentes, tudo saíra de acordo com os desejos da família. Isso sem mencionar as pessoas da cidade. O vinho do Porto liberado para os convidados não passou despercebido. A generosidade da família Wolfe impressionou os moradores locais, que não gostavam muito de tio Armie por ele ter sido mesquinho, sem nunca ajudar a cidade.

Aquilo talvez ajudasse também a mudar a forma como as pessoas em Sanforth tratavam Beatrice e o irmão, considerados pessoas esquisitas – ela pelos modos que não condiziam com os de uma dama, Joshua pelo comportamento imprevisível e a perna manca. Se a cidade aceitasse os parentes deles e esses parentes aceitassem a ela e ao irmão, talvez as pessoas também mudassem de opinião em relação a eles.

Ao menos era para isso que torcia. Beatrice temia que, apesar dos esforços da tia, acabasse se tornando uma solteirona. Principalmente se Joshua não permitisse que a tia a apresentasse à sociedade.

Ah, mas ele ia ver só se não permitisse. Ah, se ia.

Encorajada por esse pensamento, entrou no pátio de calcário que ficava adjacente ao canil. O pátio também era cercado por um muro alto para manter os cães lá dentro, quando estavam soltos.

Ela logo viu o irmão apoiado na bengala, conversando com o adestrador

dos cães, Sr. MacTilly. Entrou e fechou o portão para que nenhum cachorro fugisse.

Quando o Sr. MacTilly a viu, parou de falar para tirar o chapéu e cumprimentá-la.

– Bom dia, senhorita. Veio pegar as ferinhas para passear?

– Isso também. Mas preciso falar com meu irmão.

Joshua se virou, e ela viu o rosto envelhecido e a testa franzida dele.

– Sobre?

– Ora, um excelente dia para você também – retrucou ela com rispidez. – Você deve ter acordado bem cedo. *Se é* que voltou para casa ontem à noite.

Quando Joshua franziu ainda mais a testa, ela lançou um olhar significativo para o Sr. MacTilly.

– Vou pegar os cães que precisam de mais exercício – disse ele, apressando-se para sair do pátio.

– O que você quer, Beatrice? – perguntou Joshua.

– Além de saber onde você esteve ontem à noite que o fez chegar tão tarde que eu nem vi?

Ele ficou sério.

– Estava resolvendo alguns assuntos em Leicester.

Leicester ficava a três horas de distância. Ele vinha fazendo viagens frequentes para lá nos últimos meses sem nenhum motivo compreensível para ela.

– E que assuntos são esses?

– Não é da sua conta.

– Joshua...

– Eu não tenho tempo para suas perguntas!

Quando Beatrice se empertigou, ele passou a mão no rosto.

– Só me diga do que precisa, está bem? Para que eu possa voltar ao trabalho.

O que ela precisava era saber por que ele tinha ido tantas vezes a Leicester no último ano, mas Joshua sempre respondia a isso com "não é da sua conta" ou alguma coisa parecida. Beatrice temia que ele estivesse bebendo em uma das tavernas de lá, mas nunca sentira cheiro de bebida

nele. Além disso, havia tavernas em Sanforth às quais ele poderia ir com muito mais facilidade. O que Joshua estaria tramando que exigia tamanho segredo?

Deixou isso de lado porque não era esse o motivo de estar ali. Ele podia ter os próprios segredos, desde que não a envolvesse.

– Preciso conversar com você sobre nossa tia e nossos primos.

Ele praguejou.

– Eu fui ao funeral como você exigiu, mesmo sabendo que eu preferia arrancar minha própria língua a estar ali. Então, pela minha estimativa, eu já fiz mais do que o suficiente para cumprir minhas obrigações com nossos parentes.

O irmão às vezes era tão difícil que a enlouquecia.

– Longe disso, já que você nem voltou à casa depois do funeral para falar com nossa tia e as outras damas – disse e, vendo a irritação dele, correu para acrescentar: – Mas não se irrite. Não vou pedir para você fazer nada *para eles*.

Bea colocou as mãos atrás do corpo para esconder os punhos cerrados.

– Só preciso informá-lo sobre algo que eles estão planejando fazer por *mim*. A não ser que algum dos cavalheiros já tenha conversado com você sobre o assunto.

A expressão dele relaxou.

– Não, ninguém falou nada comigo. Graças a Deus eles falam pouquíssimo comigo.

– Não consigo nem imaginar o motivo – disse ela secamente. – Você é sempre tão amistoso.

Para surpresa de Bea, Joshua riu, algo tão raro que alegrou o coração dela. Talvez aquilo fosse ser mais fácil do que imaginara.

– Bem – continuou ela, obrigando-se a falar de forma suave. – Tia Lydia deseja que eu me torne uma debutante junto com lady Gwyn.

A expressão de diversão desapareceu completamente, sendo substituída por inúmeras outras reações, nenhuma das quais ela conseguiu interpretar.

– Uma debutante – disse ele com voz neutra. – Para ser apresentada à sociedade londrina.

– Claro que para "a sociedade londrina". Para quem mais haveria de ser? Não seria um debute se eu aparecesse em algum evento aqui em Sanforth. E isso nem seria possível, já que você se recusa a me acompanhar.

– Sua querida tia Lydia poderia muito bem acompanhá-la – disse ele com sarcasmo. – Ou quem sabe a tal lady Gwyn, agora que ambas moram em Armitage Hall.

Ela se aproximou mais para sibilar:

– Daqui a um tempo, elas talvez se mudem para a *nossa* casa, e nós podemos muito bem ser jogados na rua. Quando Sheridan se casar, talvez faça tia Lydia se mudar para a casa de contradote. E aí o que será de nós?

Afastando o olhar, ele coçou a barba por fazer.

– Pelo menos *eu* estou tentando fazer com que gostem de mim – continuou ela. – Não que isso seja difícil. Eles são pessoas da melhor qualidade. Me tratam como se eu fosse da família. E não saem para Deus sabe onde no meio da noite sem dizer nada a ninguém. Nem esperam que as irmãs fiquem cuidando deles por anos, na fútil esperança... de algum futuro, além...

– Basta, Beatrice – repreendeu Joshua, contraindo o maxilar. – Se você quer debutar, faça isso. Vou ver se consigo... algum dinheiro.

– Isso não será necessário. Tia Lydia disse que pode arcar com os gastos, já que ornstock vai arcar com os da irmã gêmea. Sinceramente, tia Lydia e lady Gwyn estão dispostas a me ajudar a conseguir um marido.

– Que é tudo que você deseja, não é? – perguntou ele com amargura. – Ficar bem longe de mim.

É *claro* que ele veria as coisas desse modo.

– Eu quero ter uma *vida*, inferno! Sim, eu quero um marido e filhos para amar e minha própria casa para não viver com medo de que ela seja tirada de mim! Será que isso é tão absurdo assim?

Joshua a encarava, boquiaberto, claramente sem saber o que fazer diante da veemência com que ela expressara seus verdadeiros desejos, algo que sempre tentava esconder quando estava perto do irmão porque nunca sabia o que poderia irritá-lo.

– Não é nada absurdo – disse ele por fim, segurando a bengala com mais

força. – Eu só gostaria que você encontrasse um marido *aqui* na cidade.

– Sim, porque há muitos jovens disponíveis mesmo durante a guerra, não é mesmo?

Quando ele se contraiu, ela se arrependeu de ter mencionado a guerra.

– Certo – irritou-se ele. – Todos esses homens estão servindo ao país enquanto eu fico por aqui me arrastando... – Joshua se interrompeu. – Me desculpe. Só estou... irritado por não poder ajudar você a conseguir o que quer. Por não poder garantir que você tenha um debute adequado.

Aquilo foi como um balde de água fria sobre a raiva dela.

– Ah, Joshua. Eu sei que você tem um bom coração.

Não conseguiu resistir à vontade de acariciar o rosto amado do irmão. Quando ele se afastou do toque, ela controlou o suspiro e baixou a mão.

– E você não poderia preparar meu debute sozinho. Deve haver uma mulher que me acompanhe e foi muita bondade da nossa tia de se oferecer.

– Realmente, muita bondade – desdenhou ele. – Esse pessoal é todo muito "bondoso".

O jeito que ele disse aquilo a fez parar.

– O que você quer dizer com isso? Você não passou tempo nenhum com nossa tia, você ignora Sheridan e ainda nem conheceu lady Gwyn.

– Nenhum deles nunca... se importou com você até agora. E aí, de repente, se oferecem para pagar pelo seu debute na sociedade? Guarde bem minhas palavras: há alguma motivação oculta nisso.

– Estou disposta a arriscar.

Fosse como fosse, ela precisava arrumar um jeito de tirá-los dali e encontrar um lugar mais seguro, onde Joshua poderia melhorar de vida... e *ela* também. Porque a vida que levavam era uma morte lenta e miserável sob os escombros das ações escandalosas do pai e as feridas profundas em Joshua.

Ela estava farta daquilo.

– Você está dizendo que não vai dar sua autorização?

A raiva cega que viu nos olhos castanhos do irmão a fez sentir vontade de chorar. Para sua surpresa, ele respondeu: – É claro que vou dar minha autorização.

Ela se atirou nos braços do irmão, sem conter a vontade de abraçá-lo.

– Ah, obrigada! Obrigada! Você é o melhor irmão do mundo.

Embora Joshua tenha se contraído um pouco, não a empurrou como costumava fazer, embora tenha retrucado em tom de reclamação: – Você não me deu muita escolha.

Ela o abraçou mais apertado.

– Eu sempre te dou escolha, meu irmão, desde que você escolha certo.

Quando ela se afastou, ele estava com um sorriso no rosto.

– Juro, patinha, que você está crescendo rápido demais.

Ele não a chamava de "patinha" havia anos.

– Se você ainda não notou, eu não só já sou adulta, como estou quase me transformando em uma solteirona.

– Não diga bobagens. Qualquer homem de bom senso verá que você é um diamante.

– Um diamante bruto, talvez – disse ela. – E, aparentemente, nenhum homem de bom senso mora por aqui.

– A não ser pelos seus primos, não é?

Antes que ela tivesse a chance de responder, Joshua acrescentou:

– Muito bem, vá desbravar esse mundão enorme. Não vou impedi-la.

– Você poderia nos acompanhar na viagem para Londres – disse ela, rapidamente. – Tenho certeza de que nossa tia não se importaria. E você também merece conhecer a sociedade.

Ele desdenhou.

– Eu não vou nem amarrado para aquele antro. Pode acreditar no que eu digo, ninguém vai me querer por lá, cutucando seus narizes empinados – disse Joshua, e então enfiou a mão no bolso. – Vá e aproveite. Você vai se divertir muito mais sem a minha presença. Eu só... Bem, só espero que você volte aqui de vez em quando depois que tiver encontrado um bom marido.

– Vou fazer tantas visitas que você ficará farto de mim – respondeu ela.

Ainda assim, tinha muita esperança de que seu "bom marido" a ajudasse a descobrir um lugar melhor para o irmão. Uma posição na qual ele usasse sua boa educação e experiência e que tirasse aquela tristeza do olhar dele.

Porque ele merecia algo melhor. E, por Deus, ela também.

Grey estava do lado de fora do portão que levava ao canil, ouvindo o latido dos cachorros enquanto a Srta. Wolfe chamava cada um pelo nome. Não fora sua intenção ouvir a conversa dela com o irmão. Tinha ido procurá-la em parte por estar inquieto e em parte por querer começar logo a maldita tarefa que Sheridan lhe passara.

No entanto, quando ouviu os dois discutindo, achou que seria bom descobrir o que se passava, mesmo que fosse apenas para aplacar as desconfianças de Sheridan. Grey conhecera Wolfe no funeral, quando tivera a chance de notar algumas coisas. A aparência e o comportamento dele eram melhores do que Grey tinha esperado, considerando sua profissão. Sheridan não estava errado sobre os braços do outro, no entanto. O major parecia um lutador. Precisava, sim, de uma bengala, mas aquilo não o impedia de usar as mãos. E ele também era alto, embora Grey tivesse imaginado, uma vez que Beatrice não era exatamente baixa.

Mesmo assim, além das características físicas de Wolfe, Grey não conseguira discernir muita coisa, uma vez que o major mal lhe dirigira duas palavras.

A conversa entreouvida fornecera um pouco mais de informações. Grey não escutara tudo, mas ao menos o suficiente para descobrir que a Srta. Wolfe estava preocupada com o próprio futuro. E com razão, já que Wolfe parecia estar saindo à noite para ir a lugares sobre os quais não falava com a irmã.

Apesar da rabugice, Wolfe não parecia ser o tipo que lutaria por um ducado. Também não parecia ser o homem imprudente e enlouquecido que Sheridan descrevera. Certamente não parecia interessado em assassinar quatro homens para receber uma herança.

Ouviu a Srta. Wolfe falando com os cães:

– Muito bem, meninos, hora do nosso passeio.

Inferno, Beatrice estava prestes a sair. Grey não queria que ela o visse à espreita, como um criado ouvindo atrás das portas.

Sentindo-se um completo idiota, desceu um pouco a colina e esperou até

que a porta do canil se abrisse antes de subir ao encontro dela.

Ela surgiu com três cães de caça na coleira e fechou a porta ao passar. Então, ela se abaixou e disse com uma voz infantil: – Agora, não contem nada ao Sr. MacTilly, mas nós vamos dar uma boa corrida sem essas guias, não é?

Surpreso com o tom dela, Grey parou para observar enquanto Beatrice falava palavras doces para os cachorros e soltava a primeira guia.

Ele a vira sendo rabugenta e a vira sendo subserviente, mas não a vira sendo doce. O frio que sentiu na barriga o deixou inquieto.

Quando foi até o outro cachorro, Beatrice se virou de costas para ele e se inclinou para a frente, empinando o traseiro. Maldição! O vestido simples de lã preta se ajustava provocantemente à forma arredondada. Ele adoraria colocar as mãos naquelas nádegas deliciosas e fartas.

Para o último cachorro, ela disse:

– Nada de se comportar como da última vez, ouviu bem, Hércules? Você vai ser um bom garoto para Beatrice, não vai? Eu sei que vai, seu diabinho adorável.

Grey sentiu a virilha latejar e teve um pensamento súbito: *Ah, sim, Srta. Wolfe, eu vou ser um bom garoto para você. Me provoque e verá.*

Ficou imaginando como ela seria na cama, as mãos macias e os lábios carnudos o acariciando. Ou talvez ela fosse uma mulher ardente, como no dia em que se conheceram, e se mostraria à altura dele, reproduzindo cada movimento e envolvendo o quadril dele com as pernas enquanto eles...

Que Deus tivesse piedade dele, no que estava pensando?

Felizmente, naquele momento, os cães saíram correndo pela colina e ela se virou e o viu se aproximar.

Beatrice corou profundamente. Nervosa, ela olhou para a porta fechada e baixou a voz.

– Vossa Graça. O que está fazendo aqui?

– Procurando você – respondeu ele enquanto a alcançava. – Sheridan me disse que era provável que estivesse com os cães de caça e alguém me indicou o caminho até aqui.

Até a senhorita e suas lindas nádegas.

Meu Deus, ele tinha que tirar a imagem das nádegas dela da cabeça. Sentia-se tão agitado quanto os cães que desciam a colina correndo e voltavam, tentando chamá-la para ir com eles.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou ela.

Um dos cães cutucou a mão dela com o focinho, e ela fez um carinho distraído na cabeça dele.

– Tia Lydia precisa de mim? – indagou ela.

A menção à mãe foi o suficiente para amortecer o desejo.

– Não. Ela tirou o dia para descansar. Graças a Deus.

Uma expressão de cautela que o chapéu de abas curtas não conseguiu ocultar apareceu no rosto dela.

– Então, por que está aqui?

– Antes de começar a orientar você e Gwyn sobre as regras da sociedade, achei que nós dois deveríamos nos conhecer um pouco melhor. Isso talvez facilite as coisas.

– E por que lady Gwyn não está conosco? – perguntou ela, claramente na defensiva.

– Porque eu já conheço minha irmã muito bem, Srta. Wolfe – brincou ele.

Ela não deu nem um sorriso.

– Eu... Eu quis dizer...

– Eu entendi o que quis dizer – interrompeu ele, com pena dela.

Gostaria de fazê-la se sentir tão relaxada perto dele quanto ela se sentia perto de Sheridan.

– Além disso, Gwyn está fazendo companhia à minha mãe.

– Ah. Certo. É claro.

Recusando-se a olhar para ele, ela alisou a saia.

– Tenho que passear com os cachorros. *Pointers* precisam se exercitar bastante ou...

– ... ficam inquietos e incontroláveis. Sim, eu sei. Por que não passeamos juntos? Juro que não mordo, Srta. Wolfe.

Os lábios dela se contraíram como se estivesse tentando não sorrir.

– Na minha experiência, qualquer homem pode morder quando

provocado.

– Basta não me provocar e não mostrarei meus dentes.

Quando ela se agitou, ele abriu um sorriso apaziguador.

– Talvez tenha notado que não é fácil me provocar, Srta. Wolfe. Sou como seus *pointers*, pronto para parar ao seu comando.

Ela bufou.

– Duvido muito disso, Vossa Graça.

O tratamento formal o irritou.

– Peço que me chame de Grey, por favor, como chama meus irmãos. Ou mesmo Greycourt, se preferir. Não sou seu senhor.

– Está bem. Mas, então, por favor me chame de Beatrice como o resto da família.

– Não Bea? – perguntou ele.

Ela deixou escapar um suspiro.

– Não conte a eles, mas eu não suporto ser chamada de "Bea". O apelido me lembra mulheres mais velhas.

– Pois agradeço por ter me falado isso, embora ache que você deva dizer isso para os outros também.

– Não posso. São todos tão bondosos comigo.

– Ah. E ninguém jamais poderia *me* acusar de uma coisa dessas.

Ela ficou vermelha.

– Não foi isso que eu quis...

– Só estou brincando com você – disse ele, rindo. – Eu lhe disse que não é fácil me provocar. Embora não pareça.

– Se é o que diz... Grey.

Mas o tom dela ainda mostrava cautela.

Sem esperar que ele mostrasse o caminho, ela começou a descer a colina com os cães correndo na frente. Grey a seguiu, notando como ela parecia controlá-los com uma guia invisível. Eles nunca seguiam muito na frente, nem disparavam para dentro da floresta. E, quando um deles parecia prestes a fazer isso, ela simplesmente sussurrava uma palavra e o cão retornava.

– Seus cães são muito bem treinados – elogiou ele.

– Se notou, é porque deve ser um bom caçador.

– Na verdade, a caça não está entre meus passatempos favoritos, mas conheço cães. Eu tive dois perdigueiros de estimação. Que *não* eram bem treinados e não sabiam se comportar, na verdade. Você tinha que ver como eram levados e barulhentos. Ninguém conseguia controlá-los, nem eu – contou ele, e lançou a ela um olhar de esguelha. – Mas atrevo-me a dizer que *você* teria conseguido.

– Provavelmente, sim. Cães perdigueiros não são difíceis de treinar – disse Beatrice com o olhar fixo nos cães correndo à frente deles. – Você disse que "teve" dois cachorros. O que aconteceu com eles?

Depois de um instante, ele respondeu:

– Tive de deixá-los na Prússia quando voltei à Inglaterra para estudar em Eton.

A compaixão tomou o rosto dela.

– Que coisa *horrível*. Você deve ter sentido muita saudade.

Não tanto quanto senti da minha família.

– Eram cachorros, Srta. Wolfe. Não crianças.

A intenção era interrompê-la. Em vez disso, ela o olhou com atenção.

– Isso não impede de sentir saudade.

– Eu não tinha tempo para isso – retrucou ele, antes de mudar de assunto: – Então, sei que você e seu irmão moram na casa de contradote da propriedade.

Por algum motivo, aquilo a irritou novamente.

– Sim, moramos. Pelo menos enquanto sua mãe preferir morar na mansão.

– Acredite em mim, minha mãe sempre vai morar o mais próximo possível dos filhos, então, a não ser que Sheridan a expulse...

– Ou a futura esposa dele – disse ela, ácida, e então percebeu o que tinha dito. – Perdoe-me, Vossa Graça, por ter sido direta demais.

– Será que você poderia *parar* com isso?

– Sinto muito – resmungou ela. – Grey.

– Não é a isso que me refiro. Pare de se desculpar por dizer o que pensa. Eu digo o que penso todos os dias da minha vida.

Isso a fez se endireitar.

– Porque você pode. Você é um duque, e um duque rico ainda por cima. Ninguém vai enfrentá-lo e, se eu tivesse um pingo de juízo, também não enfrentaria.

A resposta franca o fez rir.

– Foi isso que eu quis dizer.

Ao ouvir isso, Beatrice empalideceu e abriu a boca, mas ele a interrompeu: – Não se *atreva* a pedir desculpas por isso.

Os olhos dela cintilaram.

– Eu não ia me desculpar.

– É claro que ia.

Quando ela olhou para a mão que ainda segurava o braço dela, Grey a soltou.

– Parece que é minha vez de me desculpar. Me desculpe por ter segurado seu braço, embora eu tenha a impressão que *tudo* que eu faço a irrita.

Certificando-se de ainda ter os cães na linha de visão, ela disse:

– Não é verdade. Você foi muito bondoso por não contar para meu primo sobre a discussão... acalorada que tivemos em nosso primeiro encontro.

– Foi acalorada? – perguntou ele. – Não notei.

Ela abriu um sorriso discreto.

– Mentiroso.

– Tive uma ideia. Que tal fingirmos que eu não sou um duque e você não é o pro... – Ele parou de falar antes de dizer "projeto". – Você não é a protegida da minha mãe. Vamos fingir por um momento que somos simplesmente duas pessoas sem segundas intenções. Eu digo o que penso, você diz o que pensa, sem nenhum dos dois precisar se desculpar.

– Por quê?

– Porque cada pausa que você faz para se desculpar toma demais do meu valioso tempo – disse ele com um sorriso. – Viu só? É fácil. Eu vou continuar sendo arrogante e você vai continuar sendo direta e passaremos por isso juntos sem fazer tempestade em copo d'água.

E talvez ela pudesse revelar algum segredo útil sobre o irmão. Isso sem mencionar que Grey poderia vê-la com mais frequência.

Beatrice lhe lançou um olhar desconfiado.

– Achei que você deveria me preparar para entrar para a sociedade. Nesse caso, duvido que eu deveria dizer o que passa pela minha cabeça.

– Concordo... Não é algo que deva fazer, apenas quando estivermos a sós. Desde que ninguém ouça e que seja algo entre nós, isso é perfeitamente aceitável. Talvez até a ajude a se controlar para não dizer a coisa errada na hora errada.

Ela ficou vermelha. Estava linda. Em seguida disse:

– Então você notou minha tendência de... de... hum...

– Falar sem pensar? Como não notaria? É seu aspecto mais revigorante.

– Você acha mesmo?

– Juro que sim – diz Grey, estendendo a mão. – Então, o que acha? Temos um trato?

Ela hesitou antes de devolver o aperto de mão.

– Acho que sim. Desde que o que falemos entre nós fique apenas entre nós.

– Isso eu não posso prometer.

As palavras saíram antes que ele conseguisse se controlar, ao que Beatrice afastou a mão e fez uma cara séria. Grey se recuperou rapidamente: – Minha mãe vai querer saber de tudo que falamos e eu tenho que contar alguma coisa para ela.

Beatrice relaxou. Tocou o queixo com a mão enluvada e lançou um olhar sapeca para ele.

– É, de fato. Pois bem, você pode dizer para ela que minhas aulas de debutante estão progredindo maravilhosamente bem.

Ele riu.

– Aulas de debutante?

– É como penso a respeito – explicou, levantando uma das sobrancelhas. – É melhor do que pensar em mim como o projeto da vez da sua mãe.

Grey fez uma careta.

– Você percebeu o que eu ia dizer...

– Tudo bem – disse ela com leveza. – Sheridan me chamou de "projeto" primeiro.

– Eu pediria perdão agora, mas isso seria contra nossas novas regras.

Ela riu.

– Verdade. Seria mesmo... Grey.

Agora sim. Quando ela agia daquela forma, provocando-o, com os olhos brilhando, ele conseguia facilmente imaginá-la em um vestido de baile, flertando com alguém. Preferivelmente ele.

Inferno. Ele *não*.

Beatrice se virou para olhar os cachorros e seu sorriso desapareceu.

– Ah, não, os cachorros entraram nos arbustos de novo. Eu não posso me distrair. Se eu não fico de olho, eles ficam entediados. Maldição!

Ora, Beatrice praguejava também? Sheridan não tinha exagerado quando a chamara de moça levada. Mas, quando ela puxou as saias e desceu correndo pela colina, foram pernas de mulher que ele viu sob as meias brancas acima das botas.

E pernas bem bonitas, na verdade, distraindo-o momentaneamente da interessante visão de Beatrice tentando atrair os cães para fora dos arbustos. Talvez ele devesse ajudar.

Desceu a colina.

– Vou tirá-los daí.

– Não se atreva a entrar aí! – exclamou ela com olhar sério. – Eles vão acabar saindo mais cedo ou mais tarde. Da última vez que entraram no meio dos arbustos, o Sr. MacTilly entrou atrás e ficou preso bem rápido. Entrando aí você só vai conseguir destruir suas roupas elegantes.

– E é justamente por isso que não vou entrar atrás deles.

Ele pegou um biscoito do funeral do bolso do casaco, abriu a embalagem e quebrou um pedaço. Atirou para o cachorro mais próximo e ficou observando enquanto ele comia, antes de latir pedindo mais.

Quando quebrou outro pedaço, o cachorro veio correndo até ele. E isso foi o suficiente para que os outros fizessem o mesmo, sendo recompensados com um pedaço de biscoito cada um.

Agachando, ele acariciou o cachorro cujo nome lembrava.

– Bom garoto, Hércules.

Ele olhou para a Srta. Wolfe, que o encarava boquiaberta.

– O que foi?

– Como você... Por que diabos você estava com os biscoitos do funeral no bolso?

Porque nunca mais quero ficar preso sem ter o que comer.

Não, isso seria revelar demais. Em vez disso, ele deu de ombros.

– Fiquei sabendo que você estava no canil e como isso significava estar com cachorros, achei melhor trazer um petisco.

Em outras palavras, ele viera preparado para conquistar a confiança dela por meio dos cachorros. Estaria funcionando?

Talvez. Porque ela deu uma risada.

– Você é um diabinho tanto quanto eles.

Grey sorriu.

– Provavelmente. Como se chamam os outros dois?

Meneando a cabeça, ela se aproximou e puxou um pela coleira.

– Este aqui é o Herói. E o malhado é o Heitor.

– A pessoa que escolheu os nomes é um grande fã de mitologia grega.

– Não fui eu – disse ela. – Eu prefiro um bom romance.

– Eu prefiro o *Diário* – disse Grey, fazendo carinho atrás da orelha de Heitor. – E você, garoto? Gosta desse nome elegante? Heitor?

A resposta de Heitor foi uma lambida no rosto dele. Embora Grey tenha rido, Beatrice franziu a testa.

– Pare já com isso, Heitor! – ordenou ela, e o cachorro parou de lamber o rosto de Grey e passou para a mão enluvada. Ela suspirou. – Vamos ter que colocar vocês na guia para que não babem o duque inteiro.

– Não faça isso por *minha* causa – pediu Grey, enquanto se levantava e batia na calça para tirar a poeira. – Um pouco de baba de cachorro nunca matou ninguém.

– Hum – respondeu ela, cética. – Mesmo assim, não quero arriscar que entrem nos arbustos de novo. Seus biscoitos vão acabar em algum momento.

– Verdade.

Ela os prendeu novamente com a guia, embora Grey tenha notado que ajoelhou para fazer isso. Uma pena.

– Vamos lá, garotos, vamos para o bosque.

Mas eles queriam mais biscoitos e pularam em Grey, farejando seu casaco. Ao que parecia, a presença dele estava afetando o bom comportamento deles.

Ela ralhou com os cães.

– Vamos logo. Vocês sabem que gostam de passear pela floresta, seus safados.

– Estou lisonjeado por ter notado, Beatrice – brincou Grey.

Claramente tentando não sorrir, ela retrucou:

– Cuidado, ou será *você* a levá-los para passear.

– Eu não me importaria nem um pouco se você mostrasse o caminho – respondeu ele, estendendo a mão para pegar as guias. – Nós, os safados, seguiríamos você para qualquer lugar.

Ela engoliu em seco, e o movimento no pescoço fez com que ele desejasse beijá-la bem ali e... Deus. De onde vinha aquele pensamento?

Beatrice pareceu se controlar, pois se empertigou e estendeu as guias para ele.

– Tudo bem. Então *você* pode levá-los para passear se acha que é capaz de acompanhá-los.

Quando Grey aceitou as guias, os dedos dela roçaram acidentalmente nos dele, e ele sentiu uma faísca perigosa ali.

Ela, no entanto, não deu sinais de ter sentido o mesmo. Quando Beatrice se virou e seguiu ao longo do arbusto e em direção ao que parecia ser um bosque de olmos, ele se apressou em ir atrás junto com os cachorros.

– Prestem atenção, rapazes – disse ele. – O jeito de cair nas graças de uma dama é concordar com tudo que ela quiser. Assim você consegue exatamente o que *você* quer.

Ela bufou, deixando bem claro que ouvira. Assim como o modo feminino com que ela inclinou a cabeça e balançou sutilmente o quadril, como se estivesse ciente de que ele observava.

Grey se sentiu muito satisfeito. Com certeza um dia com Beatrice seria muito mais interessante do que passar o dia preso no escritório com Sheridan analisando documentos das terras, como fizeram na noite anterior depois do funeral.

E quem sabe talvez ele tivesse até uma chance de conhecer a famosa ponte na qual Maurice morrera. E talvez pudesse ajudar Sheridan com isso também. Tudo que tinha de fazer era convencê-la a lhe mostrar a casa de contradote.

Grey começava a achar que não seria tão difícil quanto imaginara.

CAPÍTULO SETE

Beatrice desceu pela trilha muito consciente do duque a seguindo. Provavelmente ele estava rindo dos próprios comentários espirituosos, certo de que havia ganhado a discussão. Isso sem mencionar a capacidade dele de conquistar os cachorros.

Aqueles traidores. *É claro* que iam gostar dele; Grey era tão ruim quanto eles. "Cair nas graças de uma dama", pois sim! Ele achava que poderia conquistá-la só porque tinha acabado de conquistar seus cachorros? Bem, não ia funcionar.

Mas foi obrigada a admitir, ainda que de má vontade, que pouquíssimos duques aceitariam uma lambida de um cachorro de bom grado. Bem, a não ser Sheridan, que ainda não estava familiarizado com a etiqueta de ser um duque.

Ora, duvidava até mesmo que ornstock carregaria petiscos para os cães no bolso do sobretudo. Na verdade, duvidava também que ele fosse capaz de dedicar algum tempo para ajudar a mãe com seu "projeto da vez", mesmo que *estivesse* inclinado a fazê-lo, o que não estava, como deixara bem claro na noite anterior.

O interesse de Grey nela como um "projeto" não fazia o menor sentido, embora Beatrice aos poucos começasse a entender por que havia tantas fofocas sobre ele em Londres. Os olhares sedutores eram suficientes para dar início a boatos.

De repente, notou que estava silencioso demais atrás dela. Ao se virar, viu o duque um pouco afastado, aguardando pacientemente enquanto Herói fazia as necessidades nas folhas próximas.

Falando em cair nas graças de uma dama, agora Beatrice tinha a proposta de Greycourt para tentá-la. Ficava animada só de pensar que sempre poderia falar o que se passava em sua cabeça sem precisar se desculpar. Nada de regras quando estivesse com ele. Nada de olhares reprovadores. Sentiu um frio na barriga só de imaginar. Ser... ser ela mesma com um homem como ele. Ela não era ela mesma nem com a mãe dele nem com Sheridan.

Grey percebeu que Beatrice estava olhando para ele e sorriu. Meu Deus, ele era tão bonito com o sobretudo aberto casualmente, revelando o forro do casaco e um terno de luto preto, camisa branca e gravata preta. Isso sem mencionar o chapéu adornado com fita de gorgorão e as botas pretas engraxadas, declarando que ele estava na última moda, principalmente para os padrões de Sanforth. Por que ele tinha de ser tão atraente? Não era justo.

– Para onde esse bosque leva? – perguntou ele.

– Até o rio, na fronteira da propriedade.

– Ah, sim – disse Grey, olhando para os cachorros. – O rio no qual Maurice se afogou.

Lá estava novamente: o modo estranho como ele se referia ao padrasto pelo nome de batismo.

– Por que você não chama tio Maurice de "pai", como seus irmãos?

Ele contraiu o maxilar.

– Porque ele não era meu pai.

– Também não era dos gêmeos, mas *eles* os chamavam de "pai".

– Maurice não os mandou embora quando tinham dez anos, aquele... – praguejou Grey, mas logo se recompôs: – Perdão, não foi minha intenção macular a lembrança de...

– Achei que não íamos mais pedir desculpas por dizer o que pensamos.

Ele forçou um sorriso.

– Certo. Eu me esqueci.

– E a sua regra é que não vamos comentar com ninguém mais o que for dito nas nossas conversas. Então, sinta-se à vontade para macular a lembrança do meu tio se isso fizer com que se sinta melhor.

Principalmente se isso a ajudasse a entender melhor a tensão subjacente

na relação dele com os meios-irmãos.

– Isso jamais faria com que eu me sentisse melhor. Eu admirava meu padrasto – disse Grey, voltando a olhar para os cachorros. – Mas só tive contato com ele por pouco tempo. Eu tinha apenas cinco anos quando ele se casou com minha mãe, e dez quando saí de casa.

– Achei que os garotos só iam para Eton aos treze.

– Eu... hum... eu não fui direto para Eton. Fui morar com meus tios.

– Por quê?

Ele deu de ombros como se não se importasse, mas o modo como apertou a guia dizia outra coisa.

– Então será um jogo de adivinhação, não é? – provocou ela, lembrando-se de quando se conheceram.

Ele a fulminou com o olhar.

– É uma história chata.

– Por que não deixa que eu mesma decida se acho chata ou não? Foi você quem disse que queria que nos conhecêssemos melhor.

Os olhos dele brilharam.

– Tudo bem, eu conto, mas só se você me mostrar a ponte de onde meu padrasto caiu.

Ela abriu um sorriso brando.

– Eu entendo. Túmulos não significam nada para mim também. Eu quis muito ver o último lugar em que meu pai esteve quando vivo. É claro que ninguém permitiu porque não queriam me dizer onde o duelo tinha ocorrido. Mas eu costumava imaginar como seria se eu fosse até lá. Se encontraria o espírito dele vagando pela região, esperando para mandar uma mensagem derradeira e cheia de significado – disse Beatrice, olhando para as mãos. – Sei que é tolice minha.

– Não tem nada de tolice.

Grey começou a se aproximar, depois que os cachorros finalmente terminaram de fazer as necessidades.

– "Há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia."

Ela começou a andar ao lado dele.

– Fã de Shakespeare?

– Estou mais para um conhecedor. Gosto das principais peças e conheço as melhores falas de cada uma – disse Grey, sorrindo. – Não que eu tenha tido escolha. Toda aquela coisa dos dramaturgos, lembra? Minha mãe ama peças de teatro. Nós costumávamos encenar algumas passagens quando eu era mais novo – contou ele, e, com um olhar avaliador, perguntou: – Falando em mães, você nunca menciona a sua. Posso perguntar o motivo?

– Sinto dizer que minha mãe morreu ao me dar à luz.

Um lampejo de pena brilhou no olhar dele.

– Sinto muito.

– Tudo bem. Como não a conheci, nunca soube o que estava perdendo. E eu tive minha avó que tomou conta de mim até Joshua voltar da guerra.

– Quando, então, você começou a tomar conta *dele*.

– Sim, eu...

De repente, Beatrice notou o que ele estava fazendo. Ela olhou bem nos olhos dele.

– Você é muito bom em tentar mudar o rumo da conversa. Nós íamos falar sobre *você* e o motivo da sua volta para a Inglaterra aos dez anos de idade, lembra?

Ele lançou um olhar triste para ela.

– Ah, então você notou a minha manobra?

– Meu irmão era mestre nessa jogada. Agora ele nem se dá mais o trabalho de tentá-la. Apenas resmunga e reclama quando quer que eu o deixe em paz. Você é mais educado, mas, no fundo, está fazendo a mesma coisa. Então, vamos voltar ao assunto de como você acabou de volta à Inglaterra ainda tão jovem.

Segurando Heitor com firmeza antes que o cão corresse atrás de uma lebre, Grey soltou um longo suspiro.

– Meu pai morreu quando eu era bebê. Ele deu minha guarda em testamento para seu único irmão, Eustace. Felizmente para mim, meu tio preferiu me deixar com minha mãe. Por um tempo, pelo menos.

– Ah, sim? E o que o fez mudar de ideia?

O humor dele ficou sombrio tão repentinamente que até os cachorros

notaram e vieram acariciar sua mão com o focinho. Grey retribuiu com um afago para assegurar que estava bem antes de continuar.

– Depois que minha prima Vanessa nasceu, minha tia recebeu a notícia de que não poderia ter mais filhos. O que significava que meu tio não teria um herdeiro para os bens dele nem para os meus, se algo acontecesse comigo. Então, ele resolveu exercer seu direito tutelar, foi até Berlim para me pegar e me trouxe de volta para a Inglaterra, para me ensinar como administrar o ducado.

O tom duro da voz dele quando mencionava o tio mostrou a Beatrice que havia muito mais coisa na história. Resolveu testar essa teoria.

– Que altruísta do seu tio, já que ele não teria qualquer benefício com isso.

– Altruísta – disse ele com acidez. – Pois sim.

– Você não acha?

Ele lançou um olhar frio para ela.

– Já respondi à sua pergunta, Beatrice. Isso deve ser o suficiente.

Longe disso. Mas ela deixou passar. Em vez de insistir, voltou a atenção para outro ponto da história.

– E você voltou a Berlim para visitar a família?

– Não. No início eu era muito novo, depois a Revolução impediu minha viagem até lá passando pela França. Depois ou eu estava na escola ou... Sempre havia um motivo para que eu não pudesse ir, algum motivo que os impedia de vir.

Ah, pobre garoto.

– Então você basicamente ficou órfão aos dez anos, como se eles realmente tivessem morrido.

Ele olhou diretamente para ela.

– Você é a primeira pessoa a interpretar dessa maneira. Todo mundo fora da minha família me considera uma pessoa de sorte por ter voltado para a Inglaterra antes que Bonaparte assumisse o poder.

Beatrice sentiu um aperto no coração por ele. Não conseguia imaginar ser arrancada de casa e forçada a morar com pessoas que mal conhecia.

– Quando você voltou para cá, tinha lembranças dos seus tios para

ajudar? Ou de ter morado na Inglaterra?

Ele parou para pensar.

– Na verdade, não. Eu mal me lembro do segundo marido da minha mãe, o pai de orn. Eu me recordo de me recusar a tirar a soneca no dia do casamento da minha mãe com Maurice. E me lembro um pouco da minha avó, já que ela ficou responsável por tomar conta de mim durante a festa de casamento. Tenho algumas lembranças vagas de brincar no jardim do Castelo de ornstock. De cair e abrir o queixo em uma das pedras da entrada – disse Grey, e então ergueu a cabeça para mostrar a cicatriz. – Fiquei com essa marquinha. É fraca demais para ver, mas dá para sentir. Aqui, me empreste sua mão.

Ele parou, segurou as guias embaixo do braço e pegou a mão de Beatrice para tirar a luva. Então, pressionou os dedos dela no queixo dele em um gesto tão íntimo que a fez perder o fôlego.

Mas não tinha sido um subterfúgio para olhar para o decote dela ou apertar seu seio. Grey era um cavalheiro, não tinha nada a ver com o tio.

E isso Beatrice percebeu porque o tempo todo Grey manteve os olhos, agora verdes sob a luz do bosque, fixos no rosto dela.

– Estou sentindo... uma cicatriz bem discreta.

Também sentiu a aspereza da barba feita e o movimento do maxilar sob seu toque e... Ela percebeu o quanto aquilo era imprudente.

Apressou-se, então, para recolocar a luva. Voltou a caminhar, sentindo o pulso loucamente acelerado.

Quando ele a seguiu e recomeçou a falar, a voz dele soou rouca:

– De qualquer forma, acho que minha babá estava distraída naquele dia.

– Devia estar mesmo! Imagine permitir que um pequeno duque se machuque.

Ele continuou caminhando ao lado dela em um silêncio quebrado apenas pelo estalar das folhas sob seus passos e o farejar dos cães examinando cada centímetro da trilha.

– É estranho, mas eu não me lembro daquela babá – disse ele, o tom ficando mais leve. – Mas me lembro perfeitamente da nossa babá em Berlim.

Era uma viúva alemã parruda que adorava doces... e que sempre dividia esses doces com a gente. Nós a adorávamos.

Ela também usou um tom suave.

– E quem não adoraria uma constante fornecedora de doces?

Ele riu.

– Quando nossa mãe descobriu, ficou furiosa e obrigou nosso pai a chamar a atenção da babá.

Beatrice parou ao ouvir isso.

– Então você chama tio Maurice de "pai" às vezes.

– Acho que sim – respondeu ele com tristeza. – Era como eu o chamava quando era criança. Eu só... Depois que ele me mandou embora, eu...

– Você ficou magoado por ele ter feito isso. Consigo imaginar. Berlim era seu lar.

Ele abriu um sorriso suave.

– Exatamente.

– E, pelo que percebi, você não gostava muito dos seus tios.

O sorriso dele desapareceu.

– Não.

Quando Grey não elaborou, Beatrice se compadeceu e assumiu a conversa.

– Entendo. Naquela outra noite eu tenho certeza que você deduziu que eu tinha a mesma idade que você quando meu pai morreu. É uma idade muito difícil para se perder os pais. Os dois pais, no seu caso.

Ainda assim, Grey não disse nada. Ao que tudo indicava, as histórias da sua infância em Berlim tinham acabado.

– Mas eu tinha meus avós – continuou ela. – E, meu Deus, como eu adorava os dois, acho que tanto quanto você gostava da sua babá. Embora, infelizmente, eles não fossem tão generosos com os doces.

O comentário pareceu quebrar um pouco o gelo.

– Por certo, uma falha grave em qualquer tutor. E quanto ao seu irmão? Como *ele* se sentia em relação aos seus avós?

Beatrice deu de ombros.

– Ele gostava deles, eu acho. Mas não chegou a morar aqui. Joshua é

cinco anos mais velho que eu. Então, quando ele fez dezesseis anos, nosso avô comprou para ele uma concessão na Marinha do Reino Unido e o mandou para o continente.

– Você perdeu seu pai e seu irmão de uma só vez? – perguntou ele com empatia.

– Praticamente – respondeu ela, observando a expressão dele. – Assim como você perdeu toda sua família em um só golpe, sendo substituída por estranhos.

Ele apenas assentiu e apressou o passo.

– Falta muito para chegar à ponte?

Aquele homem sabia mudar de assunto. Talvez fosse uma característica dos duques. Tio Armie nunca falava nada com ela, a não ser para dizer que tinha gostado do vestido dela, que fazia seus seios parecerem maiores e o traseiro menor... comentários íntimos que a deixavam constrangida.

De alguma forma, ela não conseguia imaginar Greycourt fazendo esse tipo de comentário grosseiro. Mesmo que ele soubesse *sim* ser impertinente, seu tipo de rudeza era outro, não era vulgar.

Eles caminharam mais um pouco em silêncio quando ela sentiu algo ceder na bota. Um dos cadarços havia arrebentado.

– Que droga! – exclamou ela.

Beatrice tinha notado que o cadarço estava ficando desgastado e precisava ser trocado, mas não o fizera a tempo.

E, então, se deu conta de que tinha acabado de praguejar. Em voz alta. Na frente de um duque.

Mas, em vez de ralhar com ela, ele caiu na gargalhada.

– Você certamente tem um vocabulário muito rico, mocinha.

Ela corou até a raiz dos cabelos.

– É isso que acontece quando se passa muito tempo perto de homens que não controlam o linguajar.

– Espero que não esteja se referindo ao meu padrasto.

– Não. A Joshua e ao tio Armie – disse Beatrice com um suspiro. – Quando eu era criança e falava palavras feias, vovó franzia a testa e dizia que

eu era terrível como meu pai. Então hoje em dia eu *tento* controlar a língua. Nem sempre consigo.

– E o que a fez perder o controle dessa vez? – perguntou ele, rindo.

Ela apontou para a bota.

– O cadarço arrebentou.

– Ah, é verdade.

– O senhor não teria cadarços extras ou uma corda ou barbante em um desses bolsos?

– Infelizmente, não. Mas tenho uma gravata.

– E do que ela vai adiantar?

– Vou mostrar.

Ele a conduziu até um tronco de carvalho caído, levando os cachorros junto. Então entregou as guias para ela, tirou o sobretudo e cobriu o chão, com a parte externa virada para cima. Grey começou a desatar o nó da gravata.

– Sente-se aqui e tire o sapato.

– Eu consigo andar com o sapato assim. Só vou ter que ir mais devagar.

– Bobagem. Você pode torcer seu tornozelo andando com a bota frouxa. Principalmente nesta trilha esburacada.

Beatrice estava acostumada a lidar sozinha com as próprias necessidades e circunstâncias difíceis. Era estranho estar diante de um cavalheiro tão solícito.

– Realmente, não é necessário que você estrague sua...

– Sente-se – disse ele com firmeza.

Os três cachorros se sentaram imediatamente. A expressão surpresa no rosto do duque foi tão engraçada que Beatrice caiu na gargalhada. Depois de um segundo, Grey começou a rir também. Os cachorros, por sua vez, esperavam pacientemente o próximo comando.

– Como eu disse – comentou Grey assim que parou de rir –, esses rapazes são muito bem treinados.

– Não poderia ser diferente, uma vez que fui eu quem os treinou.

Grey piscou com espanto, ao que ela acrescentou enquanto acariciava a cabeça de Heitor:

– Não fique tão surpreso assim. Não temos recursos para contratar um homem para fazer isso. No momento, MacTilly se ocupa da alimentação e da criação, e Joshua tem que administrar o resto das obrigações de guarda-caça. Então eu ajudo da forma que posso. Fui eu mesma que treinei esses três rapazes.

– Entendo – disse ele, fazendo um gesto para o chão forrado. – Você poderia se sentar...

– Ué? Desistiu de me dar ordens como se eu fosse um dos cachorros? – provocou ela.

– Beatrice, estou pedindo para que se sente.

O tom um pouco impaciente despertou nela o desejo de provocá-lo ainda mais, embora Beatrice ao menos tenha se sentado no casaco dele antes de dizer:

– Como queira, Vossa Graça.

– Cuidado com o atrevimento ou pode se arrepender um dia desses. E, considerando sua natureza rebelde, isso não vai acabar nada bem.

– Rebelde? Eu não sou mais rebelde do que você.

– Verdade.

Ele se apoiou sobre o joelho esquerdo, tirou a bota dela e pegou o pé protegido apenas por uma meia, colocando-o sobre o outro joelho.

Quando segurou o tornozelo dela, um toque que não durou muito mais do que um segundo, o calor de seus dedos praticamente queimou o tecido das meias. Grey agora estava com a atenção voltada para a bota que segurava, enquanto tirava o cadarço.

Tudo aquilo era apenas Grey agindo como um cavalheiro que não desejava que ela estragasse a meia ao pisar no chão coberto de folhas. Beatrice tinha certeza *disso*. Ainda assim, havia algo de muito íntimo em apoiar o calcanhar na coxa dele. Uma coxa muito musculosa.

Mas ele pareceu alheio à situação inadequada, mesmo quando os cães começaram a choramingar em reprovação. Simplesmente ficou ajoelhado diante dela, enquanto se concentrava na bota, sem parecer nem um pouco preocupado com a gravata frouxa que expunha toda a pele do pescoço.

Aquilo a fascinou. Gostaria de poder tocar o pomo de Adão

proeminente. Ou talvez a cavidade logo abaixo, um local que parecia perfeito para pousar os lábios.

Ela afastou o olhar. Deus, como estava quente naquele bosque. Ela se obrigou a se concentrar em como ele estava resolvendo a questão do cadarço da bota.

– Não vai funcionar – disse ela. – O cadarço arrebentou muito embaixo.

– Eu sei.

Ele tirou a gravata do pescoço, chamando a atenção de Beatrice de volta para aquela região adorável de pele nua. Então, calçou a bota nela de volta e começou a enrolar a gravata com firmeza em volta do tornozelo dela, desde a base do pé até a boca de couro, onde a amarrou.

Meu Deus. Beatrice ergueu o olhar e enrubesceu ao notar que ele estava olhando para ela.

– Gosta do que vê? – perguntou ele com voz rouca.

Como sempre acontecia quando a pegavam desprevenida, ela acabou dizendo a primeira coisa que lhe passou pela cabeça:

– Por quê? *Você* gosta do que vê?

Sua intenção era que a pergunta soasse fria e sarcástica, mas pareceu mais um convite sedutor, até mesmo aos ouvidos *dela*.

Ficou claro quando os olhos dele escureceram e o olhar desceu para os lábios dela.

– Sim. Sem sombra de dúvida.

Inferno, ela jamais deveria ter dito aquilo. O que ele devia estar pensando dela agora? O que ele...

Mas os pensamentos de Beatrice foram interrompidos quando ele se aproximou e pousou os lábios nos dela.

Que Deus a ajudasse, ele a estava beijando. O maldito duque de Greycourt a estava *beijando*! E não era nem um pouco como ela havia imaginado. O beijo era leve, hesitante. Ele parecia esperar que ela o empurrasse.

Mas Beatrice não conseguiu. Ah, céus! A sensação dos lábios dele, provando e testando para descobrir se os dela eram macios, era diferente de tudo que Beatrice já tinha experimentado na vida.

E quem diria que um beijo desejado poderia ser tão... inebriante? Que o cheiro da colônia masculina faria seu coração disparar? Que sentir a mão dele deslizar pela sua nuca para segurá-la não a assustaria, mas despertaria um desejo selvagem em seu corpo, fazendo-o implorar por mais.

Absorta, Beatrice deixou a guia dos cachorros escorregar por entre os dedos, para que pudesse colocar uma das mãos no ombro de Grey, derrubando acidentalmente o chapéu dele. Ele pareceu nem notar. Com um gemido, a puxou mais para perto, fazendo o pé dela escorregar do joelho dele. Então, fez Beatrice entreabrir os lábios para receber a língua dele.

Essa união de lábios, bocas e línguas era *incrível* – uma sensação que não lhe era familiar e um pouco estranha, mas muito agradável. A mão dela escorregou para o peito dele. Sentir o coração de Grey batendo através do tecido a fez criar coragem e girar a língua em comunhão com a dele, mergulhando no mar de sensações que ele despertara no corpo dela.

Então *isso* era um beijo de verdade.

De repente, Beatrice sentiu algo puxar seu braço. Primeiro, achou que era Grey, depois, percebeu que a coisa cheirando sua mão era outra.

Os cachorros. Eles estavam com ciúmes, entediados ou querendo atenção.

Fosse como fosse, foi o sinal de que aquele delicioso intervalo tinha terminado. E, pelo modo como o duque se afastou e praguejou baixinho, tinha acabado mesmo.

Ele se levantou e deu um passo para trás, enquanto passava os dedos pelo cabelo.

– Peço que me desculpe, Srta. Wolfe. Isso foi muito rude da minha parte e juro que jamais voltará a acontecer.

O modo como ele se agigantava diante dela constrangeu Beatrice. Isso e o fato de ele tê-la chamado de Srta. Wolfe novamente e ter agido como se o beijo tivesse sido um erro. Ela não sentira que fora um erro. Se pensasse no beijo como um prelúdio para outra coisa, talvez tivesse percebido até que ponto tinha sido imprudente, mas tudo que sentira foi que tinha sido a experiência mais maravilhosa da sua vida. Uma que ela não se importaria de repetir.

Mas que aparentemente nunca mais voltaria a acontecer.

Com uma palavra, fez os cachorros pararem o queixume. Pegou a guia e se levantou alisando a saia, enquanto se esforçava para não demonstrar o que se passava por sua cabeça.

– Achei que você e eu tínhamos um acordo de nunca nos desculparmos um com o outro, Vossa Graça.

– Pelo que dizemos, não pelo que fazemos – retrucou ele. – Eu não sou o tipo de homem que beija uma mulher que só conhece há dois dias.

– Entendo – respondeu ela, tentando desesperadamente impedir que as palavras que ele dizia tão casualmente a ferissem ainda mais e atingissem seu coração.

– Não, não acho que você entenda. Eu *jamais* me aproveitaria intencionalmente de...

– Foi tão horrível assim? – explodiu ela, sem conseguir se conter. – Eu sou *tão* incapaz assim de agradar um homem como você?

Ele piscou para ela e, então, praguejou.

– Não foi nem remotamente horrível. Na verdade, você excedeu em muito minhas expectativas, pode acreditar.

Bem, *esse* comentário tirou a pressão que ela sentia no peito. Um pouco, pelo menos.

– Então por que está pedindo desculpas? – insistiu ela, embora não tivesse certeza de querer saber. – Eu não me arrependo. Por que você deveria?

Ele suspirou.

– Porque eu não tinha o direito.

Um pensamento horrível surgiu de repente na cabeça de Beatrice. E, obviamente, ela logo o disparou:

– Você é noivo de alguém?

– Não! Não sou comprometido.

Ela ficou olhando para ele, tentando entender o motivo daquele comportamento. Então, forçou um sorriso.

– Foi apenas um beijo, não uma declaração de amor eterna. Fique tranquilo, pois eu jamais esperaria que um homem com sua riqueza e título

considerasse se casar com a órfã de um homem escandaloso, a pobre irmã de um guarda-caça, simplesmente porque temos parentes em comum.

– Nós não temos qualquer elo de parentesco – resmungou ele.

É claro que ele diria isso só para atormentá-la um pouco mais.

– Não, não somos parentes de sangue. Mas temos parentes em comum que talvez queiram... que talvez prefiram... – Meu Deus, ela estava tagarelando. – A questão é que eu sou *muito* tola. Como eu disse no jantar há duas noites: não quero causar furor na sociedade. Tudo que espero é encontrar um pastor ou um médico que precisem de uma esposa prudente e reservada.

A expressão no rosto dele ficou sombria.

– Sendo que você é qualquer coisa, menos prudente e reservada – respondeu ele, ácido.

Beatrice sentiu o sangue ferver. Como ele se atrevia a ficar zangado com *ela*? Era *ele* quem estava tropeçando nas palavras tentando explicar que o beijo não significara nada.

Beatrice estava se preparando para dizer tudo que sentia quando, felizmente, os cachorros começaram a puxar as guias.

– Pense o que quiser – falou ela, tentando soar despreocupada. – Mas faça isso enquanto caminhamos. Os cachorros estão ficando agitados e presumo que ainda queira ver a ponte. A não ser que prefira que o Sr. MacTilly fique imaginando o que diabos aconteceu comigo, é melhor seguirmos em frente.

Ele a pegou pelo braço antes que ela pudesse seguir.

– Beatrice, eu não tive a intenção de insultar você.

Ai, Deus do Céu, se ele continuasse falando por mais um minuto, Beatrice ia começar a chorar, e ela *nunca* chorava.

– Não houve qualquer insulto, Grey. Sinceramente, você está dando mais importância ao assunto do que ele merece.

Ele analisou o rosto dela como se quisesse se certificar de que os sentimentos eram sinceros. E aquilo não ia dar certo. Beatrice abriu um sorriso falso e soltou o braço que ele segurava fazendo um gesto para a trilha.

– Vamos?

Depois de pegar o chapéu no chão e bater para tirar a poeira, ele respondeu:

– Primeiro as damas... e os cachorros.

Ótimo. *Agora* ele queria bancar o cavalheiro.

Erguendo o queixo, ela se pôs a andar na frente. Da próxima vez que ele lançasse um olhar sedutor como aquele e tentasse beijá-la, Beatrice não seria tão complacente. Ele obviamente não era um cavalheiro, só uma outra versão do tio dela e, na verdade, dos cachorros. Grey poderia ser mais educado, mais sutil e sedutor, mas, no fim das contas, ela era apenas o objeto dos seus desejos ilícitos e nada mais.

Beatrice, porém, já tinha se sujeitado àquilo por tempo *suficiente*, por toda uma vida.

CAPÍTULO OITO

Grey seguiu Beatrice com o sangue fervendo nas veias. Que inferno! Ele tinha acabado de complicar as coisas. O que se passava na cabeça dele para beijar uma mulher como ela? Ele havia permitido que seus piores impulsos o dominassem.

Agora, em vez de deixá-la à vontade o suficiente para que o ajudasse a averiguar as suspeitas de Sheridan e comprovar que não passavam de loucura, Grey a deixara na defensiva. O problema é que não planejara gostar tanto da companhia dela. Beatrice era divertida, desejável... Maldição. Todas as boas intenções dele viraram poeira no instante em que seus lábios se tocaram.

Foi só um beijo.

Mas que Deus tivesse piedade dele, porque não tinha sido só um beijo. O que tinham experimentado era fluido, eram fogos de artifício e fantasia. No instante em que tocou a boca de Beatrice, sentiu uma dor perversa correndo pelas veias: sabia muito bem que ela não era para ele.

Grey ouviu quando ela dissera para o irmão que queria um casamento por amor, algo que ele jamais poderia oferecer. Não tinha enfrentado à toa a pressão do tio, ano após ano, para salvar o que era seu por direito. Anos de treinamento para demonstrar indiferença incutiram em Grey uma incapacidade de se importar.

Mas uma mulher como Beatrice jamais permitiria que ele mantivesse seus sentimentos guardados. Ela investigaria até conhecer todos os segredos e emoções dentro dele, até deixá-lo sem escolha a não ser se abrir e deixá-la entrar.

Grey não permitiria.

Era muito bom que ela presumisse que ele não se casaria com ela porque ela era pobre e inferior a ele. Melhor isso do que descobrir a verdade – que o coração dele tinha atrofiado. Se conseguisse fazer com que Beatrice continuasse achando que ele era um idiota pomposo e arrogante, poderia se proteger das perguntas dela.

Infelizmente, seu maldito membro ignorou todos os argumentos sólidos que a mente apresentou e seguiu desejando correr atrás dela como aqueles cães idiotas. A simples visão do quadril balançando na trilha diante dele era o suficiente para fazê-lo enrijecer dentro da calça.

Claramente já se passara tempo demais desde que tivera uma mulher em sua cama.

Ela parou na trilha e olhou para ele.

– Estamos quase chegando – disse ela apontando para um lugar mais à frente no bosque que se abria em um campo. – Não falta muito.

Grey ouviu o som de água. Estava prestes a ver o lugar onde Maurice morrera. O pensamento fez seu sangue gelar nas veias do mesmo modo que a visão do corpo sem vida do padrasto, no dia anterior.

Mas quando se aproximaram do leito do rio e Grey viu o lugar infame, não sentiu nada. Nenhuma presença espectral, nem a essência de Maurice. Uma parte dele quase desejou sentir, mas só o que havia ali era uma velha ponte de madeira com uma parte da grade quebrada.

Sim, uma ponte *velha*. Isso o fez parar. Quando Sheridan dissera que a ponte era forte, tinha exagerado. De onde Grey estava, as tábuas pareciam toscas e gastas e a grade, frágil.

E havia outra característica interessante.

– Para onde vai esse caminho?

Ele apontou para uma trilha que cruzava aquela pela qual chegaram, vinda de algum lugar além do bosque.

– É a estrada de carruagens para Armitage Hall. É mais tortuosa do que o atalho pelo bosque, mas desemboca no caminho para a estrada principal.

– Então uma carruagem poderia passar pela ponte sem ser vista.

– Sim, mas não conseguiria atravessá-la.

– Porque a ponte não é firme o suficiente para isso, suponho.

Beatrice respondeu:

– Na verdade, ela é bem forte, a largura é que não é suficiente para um comboio passar confortavelmente. Mas ainda dá para passar, é só um pedaço da grade que está faltando.

Felizmente, Beatrice estava achando que o interesse dele se devia à preocupação com a firmeza da ponte e prosseguiu:

– E, seja como for, preciso passar por ela para chegar em casa e trocar o cadarço da bota. Assim posso devolver sua gravata. Se você preferir esperar aqui...

– Eu prefiro, obrigado.

– Vou levar os cachorros comigo.

Sem dúvida Beatrice pensara em dar privacidade e silêncio para que Grey se comunicasse com o falecido padrasto, algo que ele achara bom, pois assim poderia examinar o lugar longe do olhar curioso dela.

O comportamento de Beatrice lhe dizia uma coisa de antemão: Sheridan estava certo ao dizer que ela não era cúmplice de nada. Se fizesse parte de algum esquema, ela não teria levado Grey até ali e, certamente, não sugeriria que ficasse sozinho.

Ele a seguiu até a ponte e depois esperou que ela e os cães desaparecessem na margem oposta antes de começar a observar tudo. De fato a ponte parecia perfeitamente capaz de sustentar o peso de um homem, apesar da aparência antiga. A grade, porém, era questionável. Quando a puxou, sentiu que cedia um pouco. Então, era *possível* que Maurice tivesse caído no rio.

Teria sido mais produtivo examinar as partes quebradas, é claro, mas elas haviam se perdido na correnteza do rio junto com o padrasto, deixando apenas o buraco aberto. No que restava da estrutura, nenhuma evidência de cortes: as grades tinham se soltado pela parte inferior e superior. Maurice era um homem robusto, mas era estranho que uma parte tão grande tivesse caído no rio.

Em seguida, Grey desceu até a água. Parecia ter profundidade o suficiente para alguém se afogar, principalmente à noite e com a correnteza.

Os rios estavam cheios por causa das chuvas recentes e, infelizmente, Maurice nunca aprendera a nadar.

Grey observou a estrutura de baixo para cima, mas não viu nenhum problema estrutural óbvio – nenhum buraco, nenhuma tábua faltando. O que teria feito Maurice cair durante a caminhada ao longo de uma ponte perfeitamente alinhada e iluminada pelo lampião que ele trazia consigo?

Talvez algo o tivesse assustado. Javalis eram comuns na região. Se um deles tivesse corrido para a ponte, Maurice talvez tivesse se apoiado na grade ou até mesmo caído contra ela. Improvável, mas possível.

Grey pensou em fazer uma caminhada para ver se conseguiria encontrar as grades quebradas.

– Vossa Graça? – chamou uma voz lá de cima.

Inferno! Beatrice já estava de volta.

– Aqui embaixo! – exclamou ele.

Como duvidou que ela tivesse ouvido por causa do barulho da água, Grey se apressou para subir pela margem lamacenta.

Lá em cima, ouviu Beatrice resmungando com os cachorros. Grey foi se aproximando por trás dela.

– E o diabo do duque faz o que dá na telha sem dizer nada para ninguém... Só espero que ele não tenha tentado ir ao meu encontro. Será que passei por ele? O que eu vou fazer com essa coisa?

Ela tirou a gravata do bolso e ficou olhando para ela.

– Não posso voltar até a casa e devolver para ele, as pessoas vão começar a pensar besteiras sobre nós. O diabo do duque ficaria chocado. Bem, mas se queria ser discreto, por que não ficou onde eu o deixei e...

– Beatrice – chamou ele, detestando interromper o fluxo de pensamentos dela.

Ela levou um susto e se virou.

– Vossa Graça! Quero dizer, Grey. Ou melhor... Mas de onde você veio?

Ele fez um gesto em direção à grade quebrada.

– Eu desci até o rio.

– Ah, certo. Porque foi lá que tio Maurice... – Ela se interrompeu e um

lindo rubor surgiu em seu rosto. – Hum... você não... ouviu o que eu estava dizendo, ouviu?

Por mais que quisesse dizer a verdade, não havia motivo para constrangê-la ainda mais.

– Achei que tivesse ouvido você me chamar, mas foi difícil ter certeza por causa do barulho da água. É bem alto.

A expressão dela relaxou.

– Ah, sim. Geralmente é assim. Muito alto, quero dizer. – Ela se interrompeu outra vez, como se estivesse ciente de estar tagarelando. – Então, quer ficar mais um pouco ou está pronto para voltarmos?

– Podemos voltar. Sei que deve ser uma caminhada bem longa, até mesmo para seus *pointers*.

– Na verdade, não. Aqui caminhamos muito, não há muito mais o que fazer. E eu gosto de andar.

– Eu também – disse ele, e fez um gesto para a beirada da ponte. – Vamos?

Assentindo, Beatrice foi na direção dele, então pareceu se dar conta de algo.

– Ah, isto é seu.

Ela entregou a gravata a Grey, que a pegou com cuidado para não encostar na mão dela. Seguiram caminhando e, com o tempo, o silêncio foi ficando cada vez mais pesado.

– Você e seu padrasto eram próximos? – perguntou ela de repente, pigarreando. – Eu sei que você não o via muito, mas com certeza escrevia para ele, certo?

Porcaria. O silêncio era bem melhor do que as perguntas dela.

– Escrevia, mas cartas não chegam aos pés de estar com a pessoa, como você bem deve saber.

– Eu sei. Eu gostava do seu padrasto. Ele sempre me tratou com bondade e nunca agiu como se fosse melhor do que eu.

– Diferentemente de muitos na sociedade, Maurice era o tipo de homem que tratava as pessoas como iguais.

– Exatamente. Sheridan é como ele.

– Mas eu não.

Ela baixou o olhar para a trilha.

– Você não... Você não se parece com ninguém que eu conheço.

– Imagino que você ache que pareço mais com seu tio Armie.

Ele olhou a tempo de vê-la empalidecer.

– Mas por que você diria uma coisa dessas? – perguntou ela, assustada.

– Eu não sei. Imagino que ele mandava em você e no seu irmão.

– Ah, sim – disse ela, deixando escapar um suspiro. – Sim, ele era um pouco...

– Cheio de si?

– Pode-se dizer que sim.

Beatrice parecia tensa, afetada pela menção ao tio.

Curioso, porque Sheridan tinha certeza de que Armie também fora assassinado, mas algo estava deixando Beatrice relutante em falar sobre ele. Grey resolveu insistir:

– Felizmente, morando na casa de contradote você não precisava vê-lo com tanta frequência, imagino.

– Nós o víamos mais do que o suficiente.

– Então você não gostava dele.

– Como você disse, ele mandava em mim e no meu irmão.

Grey tinha certeza de que havia mais ali.

– Soube que ele morreu aqui na propriedade...

Se não a estivesse observando atentamente, não teria visto a expressão de mais absoluto pânico no rosto de Beatrice.

– Sim – confirmou ela, sem olhar para ele. – Uma tragédia.

A relutância de Beatrice fez o sangue de Grey gelar. E se Sheridan estivesse errado sobre a morte do pai, mas certo sobre a de tio Armie? Beatrice saberia de alguma coisa? Ele não conseguia ver *aquela* mulher diante de si cavalgando à noite para assassinar o tio. Mas o irmão? Talvez.

– Peço desculpas – disse ela, parando de repente a caminhada. – Esqueci que preciso fazer uma coisa em casa antes de voltar. Mas não precisa esperar por mim. Tenho certeza de que não terá dificuldade de encontrar o caminho para Armitage Hall.

– Eu ficaria muito feliz de acompanhá-la, Beatrice. Posso segurar os cachorros para você.

– Não precisa. Eu não sei bem quanto tempo vou demorar e tenho certeza de que sua mãe já deve estar sentindo sua falta.

O tom não deixou espaço para discussão. O interlúdio com a Srta. Wolfe tinha chegado ao fim.

– Pois bem. Vejo você esta noite, então. No jantar.

Ela assentiu e saiu andando às pressas com os cachorros.

Grey esperou até que desaparecesse de vista antes de entrar no bosque, procurando algum ponto da trilha de onde pudesse observá-la. Em poucos minutos ela passou por ele.

Como suspeitara, a história de que precisava voltar em casa tinha sido um estratagema para evitar mais perguntas. E se Sheridan estivesse *certo* em relação a *algumas* desconfianças?

Se fosse esse o caso, Beatrice sabia de alguma coisa. Grey precisava descobrir exatamente o que ela estava escondendo.

CAPÍTULO NOVE

Beatrice conseguira escapar do jantar na noite anterior, mas não poderia se ausentar de Armitage Hall por mais uma noite, por causa das aulas de debutante. O que significava que veria Grey.

Conteve um suspiro. Uma parte dela – uma bem pequena – não se importaria de ser amante de Grey. Se existia uma pessoa que ela gostaria que a iniciasse nos prazeres da cama, essa pessoa era ele. Porque todas as vezes que Grey a tocara, ou mesmo quando a beijara, tinha sido algo prazeroso para ambos, totalmente diferente dos tapinhas que por anos seu tio lhe dera no traseiro, dos abraços que espremiam seus seios e das tentativas de tocar seus lábios "sem querer" na hora de algum cumprimento.

O beijo de Grey no dia anterior a fizera pensar que era possível apreciar o beijo de um homem. Infelizmente, ela sabia o destino de mulheres que se tornavam amantes e se recusava a permitir que isso acontecesse com ela. Mesmo considerando a emoção que seria ter Grey em sua cama.

Ela corou. *Na cama dela?* Que loucura! Como uma coisa dessas sequer poderia passar por sua cabeça? Ela sabia pelas colunas de fofoca que tipo de mulheres Grey gostava de ter e ela não fazia o tipo – linda, imoral e disposta a arriscar tudo para ser amante de um duque.

À medida que se aproximava da mansão, foi preparando o emocional. Precisava manter distância dele independentemente do quão curiosa o passado dele a deixasse. Porque com certeza acontecera algo que o tornara tão relutante em falar sobre o assunto ou permitir que alguém ficasse íntimo demais. Não que isso tivesse importância – não para ela. Não era da sua conta.

Deixaria Grey em paz com seus segredos. Assim, quem sabe ele a deixasse em paz com os dela e parasse de fazer perguntas sobre tio Armie, cujas circunstâncias da morte claramente lhe causavam desconfiança. Ela não podia permitir que isso continuasse, não podia permitir que o duque descobrisse o que ela temia: que a morte do tio não fora nenhum acidente.

Arrumou o xale rendado, ocultando o decote ousado do vestido reformado que usava, e entrou na mansão. Parou ao ver lady Gwyn conversando com o mordomo, gesticulando agitadamente.

Beatrice deixou escapar um suspiro ao ver o vestido de luto de lady Gwyn, feito sob medida em crepe com um lindíssimo acabamento preto e uma gola de renda recortada. Como Beatrice poderia se tornar parte desse mundo? É claro que quando estivesse pronta para o debute, não precisaria mais vestir luto, mas mesmo se ela *tivesse* um vestido tão bonito quanto os de lady Gwyn, jamais conseguiria usá-los com o mesmo ar elegante. Ela se sentiria como um cão de caça de anágua – ou seja, totalmente deslocada.

As palavras maldosas do tio surgiram na sua mente: *Fique muito feliz por eu sequer desejá-la, garota. A maioria dos homens não daria um segundo de atenção para uma criatura tão masculina. Você não é nenhuma beldade.*

O homem era um nojento. Agora, Beatrice tinha novos parentes que eram bondosos com ela. Era nisso que tinha de pensar.

Lady Gwyn a tratava como igual e, como sempre, ficou feliz ao vê-la.

– Aí está você. Minha mãe estava mesmo perguntando por você, Bea. Ela está ansiosa para começar nosso treinamento para o debute em Londres.

Beatrice entregou o chapéu e as luvas para o mordomo e conseguiu sorrir enquanto entrava no papel que costumava desempenhar.

– É muita gentileza dela.

– Já chega disso – disse lady Gwyn, levando as mãos à cintura. – Nós não vemos isso como uma obrigação, sabia? É o mínimo que podemos fazer para compensar a negligência do tio Armie.

As palavras eram tão doces que Beatrice sentiu um nó na garganta.

– É muito amável de sua parte dizer isso, lady Gwyn.

– E imploro que me chame apenas de Gwyn. Nós duas somos alunas e temos que aprender sobre esse estranho mundo novo – disse lady Gwyn, ou

melhor, Gwyn, sorrindo. – E preciso de uma aliada para impedir que minha mãe cometa algum exagero.

Gwyn passou o braço pelo de Beatrice antes de soltar um longo suspiro.

– Ela tem essa tendência de passar dos limites, sabe? E confesso que estou tão cansada de confrontá-la que acabo me submetendo.

Beatrice deu uma risada.

– Eu entendo. Tia Lydia sabe ser bem persuasiva.

– Exatamente – respondeu Gwyn, melancólica. – Entre ela e meus irmãos, não sei como nós duas conseguiremos sobreviver.

Rindo, Beatrice falou:

– Vai dar tudo certo.

Embora a ideia de Grey fazer parte das aulas de debutante ainda lhe causasse certa agitação. Como ficaria na presença dele sem se lembrar daquele beijo ardente? Isso sem mencionar as perguntas alarmantes que ele fizera sobre tio Armie.

– De qualquer modo – continuou Gwyn –, hoje nós teremos aula de dança.

Deus do céu. Dançar com Grey! *Como* ela conseguiria fazer isso?

– Com certeza você já sabe dançar – disse Beatrice.

– Não as danças típicas inglesas. Em Berlim os passos são outros. A valsa, que são apenas duas pessoas, eu consigo dançar. Mas todo o resto...

– Nunca ouvi falar de valsa. Mas uma boa contradança escocesa ou um gingado irlandês eu consigo acompanhar com maestria.

– Então eu te ensino a valsa e você me ensina a contradança. Tenho certeza de que vamos impressionar todo mundo nos bailes.

Beatrice riu, sem conseguir resistir ao tom amigável de Gwyn. Quase se convenceu de que a presença dela tornaria a dança com Grey uma atividade tolerável, mas, ao entrarem no salão de baile, logo notaram que ele não estava lá. Era ornstock quem conversava com a mãe sobre dança.

A decepção a atingiu em cheio antes que tivesse a chance de se controlar. Recusava-se a sentir uma emoção tão tola por não poder dançar com Grey. Sem dúvida, ele pedira para ser dispensado daquelas tarefas depois do que

acontecera no dia anterior. Mais um sinal de que ele não sentira nem metade do que ela sentira quando se beijaram.

– Ah, elas chegaram, mãe. Vamos terminar logo com isso.

Bem nesse momento, Sheridan entrou no salão, obviamente cortando caminho do jardim para o corredor que levava ao escritório de tio Arm...

Não, não de tio Armie, o escritório de *Sheridan* agora. Sentiu uma onda de satisfação ao pensar em ver o primo no comando em vez do tio desprezível.

– Graças a Deus você está aqui – declarou ornstock para Sheridan. – Vamos precisar de toda ajuda possível para as aulas de dança.

– Eu não posso – informou Sheridan, parecendo levemente irritado. – Tenho muitas coisas para resolver agora. Pergunte ao Grey e ele vai confirmar. Aliás, por que não pede a ajuda dele? – perguntou, olhando para um ponto atrás de ornstock.

Beatrice viu o duque encostado na parede de um recuo feito sob medida para abrigar uma pequena orquestra, onde, no momento, havia apenas um piano de cauda.

Grey fixou o olhar nela.

– Ficarei feliz de ser o par da Srta. Wolfe, se ela precisar.

Ele estava disposto a dançar com ela por causa do beijo? Ou faria isso só para questioná-la mais sobre a morte do tio Armie? Qualquer uma das opções era preocupante.

Embora Grey estivesse usando outro terno de luto, tinha trocado as botas elegantes por sapatos mais adequados para um salão de baile. Mas, ainda assim, ele era incrivelmente atraente – e intimidador.

Quando ele se desencostou da parede e endireitou a postura, Beatrice precisou se controlar muito para não suspirar, se por admiração ou por medo não saberia dizer. Só o fato de jamais ter suspirado por um homem na vida a impediu de fazer isso.

 ornstock continuava tentando passar a responsabilidade daquela missão para Sheridan.

– Grey já está ajudando. Se você ficar, elas não vão precisar de mim. Eu queria sair para cavalgar.

– Sinto muito que tenha que adiar seus planos – disse Sheridan, e seguiu caminhando pelo aposento. – Tenho assuntos importantes para resolver.

– Eu também! Eu quero cavalgar! – exclamou ornstock atrás dele.

Mas já era tarde. Sheridan já tinha desaparecido pelo corredor.

Gwyn lançou um olhar de deboche para o irmão.

– Ah, pobre orn... Ser obrigado a dançar com damas respeitáveis para variar. Isso, por certo, é muito difícil para você.

– Não comece – resmungou ornstock. – Ou vou lhe dar uns cascudos.

– Quero ver você tentar! – instigou Gwyn, levando as mãos à cintura. – Porque eu ainda posso lhe dar um bom tabefe nas orelhas. Me dê só uma chance e...

– Basta, vocês dois.

Tia Lydia seguiu para o piano com passos determinados. Sua pele, geralmente corada, estava acinzentada, e ela parecia prestes a desmaiar.

– Imaginei que depois de tantos anos separados, vocês teriam aprendido a apreciar a presença um do outro.

Grey ficou ao lado da mãe.

– Com certeza não está falando sério, mamãe. Gwyn sempre precisou de alguém com quem discutir e orn é sua escolha favorita.

Gwyn levantou uma das sobrancelhas para ele.

– Melhor se cuidar ou vou dar um tabefe na sua orelha também.

Enquanto Beatrice abafava o riso, Lydia exclamou:

– Podem parar, todos vocês!

Lydia contornou o piano e se acomodou na banqueta antes de começar a passar pelas partituras com expressão séria.

– Às vezes eu me pergunto por que fui me casar e ter filhos.

Aquela declaração fez todos pararem. ornstock foi o primeiro a falar.

– Eu entendo você não ter querido parar no Grey, seu desagradável primogênito. Mas, por certo, o lindíssimo filho que teve depois compensou.

Grey deu uma risada.

– Você não é o segundo filho, seu idiota. Gwyn é quinze minutos mais velha que você. Você não foi *desejado*.

– Exatamente – concordou Gwyn com um suspiro. – E orn não quer

ajudar com a dança porque nasceu com dois pés esquerdos.

– Como é? – orn a fulminou como o olhar. – Pois saiba que eu consigo saltitar pelo salão tão bem quanto qualquer homem.

Gwyn ficou olhando para as próprias unhas como se estivesse analisando seu formato.

– Não tenho dúvidas de que você saltita muito bem, irmãozinho. A questão é: você sabe dançar? Para ser bem sincera, acho que não. Afinal, *nunca* o vi dançar.

ornstock se aproximou da irmã.

– Mãe, toque alguma coisa. Vamos ver se eu sei dançar, droga!

Beatrice se controlou para não sorrir. Era incrível como Gwyn conseguia manipular ornstock a fazer o que ela queria, sem que ele nem percebesse.

Gwyn ergueu uma das sobrancelhas ao olhar para o irmão.

– Mãe, por que não toca um minueto?

Lydia lançou um olhar questionador para os gêmeos.

– Vocês realmente acham que é uma boa ideia começar com algo tão complexo?

– Melhor ainda para eu provar minhas habilidades – retrucou ornstock.

– Eu não estou pensando nas *suas* habilidades, filho. Nem das de Gwyn. Ela sabe dançar o minueto – disse Lydia, olhando para Beatrice. – Você conhece os passos dessa dança, Bea?

Beatrice ficou tensa só de pensar em ter que tentar aprender uma dança nova.

– Temo que não, tia.

– Nós vamos observar apenas, mãe – disse Grey, saindo do recanto e se aproximando de Beatrice. – Eu e Beatrice vamos assistir para que ela possa sentir a dança. Mais tarde, quando formos ensiná-la, estará mais preparada.

– Pois muito bem.

Tia Lydia começou a passar pelas partituras, procurando uma música adequada para um minueto, antes de continuar:

– Mas hei de escolher algo mais apropriado para o momento. Algo um pouco mais sóbrio e triste. Afinal seu pai *acabou* de ser enterrado, sabe?

Gwyn ficou arrasada.

– Mãe, talvez seja melhor esperarmos...

– Não – negou a mãe com veemência, enxugando as lágrimas. – Eu quero tocar. Dancem vocês dois.

Quando ela deu início aos acordes de uma canção bastante digna, os gêmeos começaram os passos do minueto.

Beatrice olhou para a tia tocando com determinação, os olhos ainda marejados.

– Será que isso é prudente? – murmurou Beatrice para Grey.

– Minha mãe lida melhor com as coisas quando se sente necessária e útil – respondeu ele com suavidade.

Esperando recuperar o tom confortável do dia anterior, ela perguntou:

– Faz parte da dança ficar com os braços levantados dessa forma? Eles parecem marionetes com o fio preso.

– Infelizmente isso é considerado gracioso – respondeu ele.

– Qualquer pessoa que ache uma marionete graciosa é porque nunca viu uma pessoalmente – disse Beatrice, mas logo se concentrou em outros aspectos da dança. – É com um gingado mais lento, não é?

– Não muito. O passo é totalmente diferente.

Grey fez um gesto para um banco na parede oposta de onde os gêmeos estavam dançando. E, então, falou com um tom que não deixava espaço para negativa.

– Vamos nos sentar, Srta. Wolfe. Assim você verá melhor os passos deles.

Isso a fez lembrar do dia anterior, quando ele ordenara que ela – e os cachorros – se sentasse. Tentou perceber pela expressão dele se também se lembrava, mas Grey não deu qualquer indicação. Em vez disso, demonstrava um desinteresse educado.

Ela o acompanhou até o banco e se sentou bem na beirada. Grey se acomodou ao lado dela, tamborilando distraidamente os dedos na coxa a poucos centímetros dela.

Preste atenção na dança!, Beatrice repreendeu a si mesma. *Todos esperam que você se lembre de como executar os passos.*

A tia estava certa: os passos eram *mesmo* complexos.

– Eu *nunca* vou conseguir fazer isso – murmurou para si mesma.

– É claro que vai – retrucou ele, mais alto para que ela escutasse. – Você só precisa treinar. Eu não gosto muito do minueto, para dizer a verdade. Acho uma bobagem toda essa afetação, mesmo se a pessoa considerar os braços de "marionete" graciosos. Mas todo baile da sociedade tem um ou dois minuetos, então é preciso aprender.

– Claramente exige uma leveza que eu decerto não tenho.

Grey lançou um olhar cético.

– Pois eu não consigo acreditar nisso. Qualquer mulher capaz de descer correndo uma colina de saia sem cair, como você fez ontem atrás dos cachorros, possui toda a leveza necessária para dançar um minueto.

Beatrice não queria se lembrar do dia anterior.

– Bem, seus irmãos claramente possuem essa leveza. Estão fazendo os passos sem nem tropeçarem, e tudo isso enquanto discutem.

– Perdoe a falta de educação dos gêmeos. Eles não se suportam na maior parte do tempo.

– Confesso que isso me surpreende. Sempre acreditei que gêmeos fossem mais companheiros, que tivessem uma conexão especial, sabe?

– Eles já foram assim.

Notando uma ligeira irritação na voz de Grey, Beatrice perguntou:

– E o que mudou entre eles?

O duque encolheu os ombros.

– Pelo que minha mãe disse, imagino que as coisas tenham mudado quando orn teve de voltar para a Inglaterra. Ele queria que Gwyn viesse com ele, mas ela se recusou.

– Por quê?

Grey se virou e analisou a expressão dela como se estivesse decidindo o que diria.

– Gwyn tinha um pretendente. Algum funcionário público com quem ela achou que se casaria um dia. Mas aí alguma coisa aconteceu entre eles. No fim das contas, ela dispensou o sujeito, aparentemente por causa de alguma coisa que orn contou para ela – disse ele, observando-a com atenção um pouco excessiva. – Você sabe como é entre irmãos.

O comentário provavelmente era uma forma discreta de Grey para fazê-la falar de Joshua.

– Sim, eu sei.

Quando ela não disse mais nada, Grey franziu a testa antes de continuar:

– Gwyn não conseguiu perdoar orn por se meter nos assuntos dela. Ela não me contou exatamente o que aconteceu, nem orn admite ter tido alguma a coisa a ver com isso. Minha mãe não sabe de nada, e hoje as coisas entre os dois são assim, sempre tensas.

– Sei bem como é – disse ela, pensando em Joshua.

– Como assim? Você e seu irmão não se dão bem?

– Desde que Joshua voltou da guerra, não – admitiu ela, relutante. – Nós... não sabemos mais como nos comportar na presença um do outro.

– Ah, eu entendo isso também. É exatamente como me sinto em relação aos *meus* irmãos. Quando ficamos muito tempo longe, nós... – ele se interrompeu, dando um sorriso triste – ... descobrimos interesses diferentes, formamos opiniões próprias, nos tornamos praticamente estranhos para os nossos irmãos.

Ela abriu um sorriso de puro alívio. Grey entendia exatamente como ela se sentia. Era maravilhoso encontrar alguém assim.

– Eu sequer posso dizer que ele ainda é a mesma pessoa. O Joshua que eu conhecia antes da guerra era tranquilo e pensativo. Gostava muito de um bom livro e de uma taça de vinho... ou de um longo passeio pelo bosque. Quando nosso avô comprou a concessão para ele, ele sofreu o acidente e...

– E mudou.

Ela assentiu.

– Drasticamente. Virou uma pessoa temperamental... melancólica em um momento, zangado no seguinte. É difícil explicar. Eu queria tanto que ele voltasse a ser como antes...

Grey soltou uma risada amarga.

– A guerra muda as pessoas. São mudanças que costumam ser permanentes.

– Como *você* sabe? – perguntou Beatrice, olhando séria para ele. – Você nunca foi para a guerra.

Ele olhou fixamente para a frente.

– Existem outros tipos de batalha além da guerra.

Ela abriu a boca para perguntar o que isso queria dizer, mas, no mesmo instante, a música parou.

A tia começou a aplaudir, obrigando Beatrice e Grey a fazerem o mesmo.

– E então, Srta. Wolfe? – perguntou ornstock, parando diante de Beatrice. – Quem dança melhor? Gwyn ou eu?

– Os dois dançam muito bem. Eu não poderia... Quer dizer...

– Ignore meu irmão idiota. Ele só está sendo inconveniente. orn nunca se preocupou com a opinião de ninguém a respeito dele. Arrisco dizer que nenhum de nós se preocupa, é uma característica da família – afirmou Grey, arqueando uma das sobrancelhas enquanto olhava para o meio-irmão. – E orn é o pior.

Como se quisesse comprovar a afirmação, ornstock caiu na gargalhada.

– Grey está certo... Eu não preciso que julguem minhas capacidades para saber que Gwyn está errada.

orn lançou um olhar implicante para Gwyn, que estava revirando os olhos. Ele estendeu a mão para Beatrice e disse:

– E vou provar novamente. Venha dançar comigo.

– Queira me desculpar, Vossa Graça – respondeu Beatrice. – Eu não sei os passos. Nunca nem tinha visto um minueto antes.

– Então está na hora aprender – retrucou ornstock.

Grey contraiu o maxilar.

– Pode deixar que eu vou ensinar para ela.

– Não vai, não – declarou ornstock. – Eu já dancei com Gwyn uma vez. Ela é problema seu agora.

ornstock fez um gesto com os dedos, chamando Beatrice.

– Venha, Srta. Wolfe. Vou começar mostrando os passos e, então, minha mãe vai tocar o minueto em um ritmo bem lento para que você possa aprender.

Grey cruzou os braços.

– Achei que você não queria participar disso, orn. Vá fazer sua

cavalgada. Vou cuidar das aulas de Beatr... da Srta. Wolfe.

Um ar de travessura passou pelos olhos de ornstock assim que percebeu o deslize do irmão.

– Mudei de ideia. Vai ser um prazer ensinar para a Srta. Wolfe... todo tipo de coisa.

Grey parecia prestes a estrangular o irmão quando Gwyn interveio, pegando o braço de Beatrice.

– Meu Deus, *eu* vou ensinar os passos para ela, muito obrigada. Por que vocês dois não vão pedir que nos sirvam o chá? Me atrevo a dizer que precisaremos disso se vocês pretendem continuar discutindo.

– A única coisa da qual eu preciso, irmãzinha – resmungou ornstock –, é de um bom conhaque.

Gwyn puxou Beatrice para mais perto do piano.

– Se você quer ficar bêbado antes do meio-dia, vá em frente. *Eu* gostaria de um pouco de chá. E creio que mamãe e Bea também – disse Gwyn, fazendo um gesto para enxotá-los. – Vão logo, vocês dois. Nenhuma mulher quer aprender os passos de uma dança nova diante de uma plateia masculina.

Grey olhou para Beatrice, pegou o braço do irmão com força e o puxou pela porta. Beatrice soltou um suspiro de alívio.

Com um sorriso triste, Gwyn deu tapinhas na mão dela.

– Como se sente vendo dois duques brigando por sua atenção, querida?

– Se eles não estivessem só tentando provocar um ao outro, talvez eu até gostasse.

Gwyn lançou um olhar especulativo.

– Não estou bem certa se essa foi a motivação de *ambos* – disse ela com uma expressão enigmática. – Mas vamos ver.

Gwyn se virou para a mãe e pediu:

– Mãe, pode tocar os primeiros acordes dessa música bem devagar?

Assentindo, Lydia deu início à canção e assim começou a primeira aula de minueto de Beatrice.

CAPÍTULO DEZ

Assim que Grey saiu do salão de baile, soltou o braço do idiota do irmão e deu instruções para um criado levar chá para as damas. Depois, seguiu para o escritório para ver o que Sheridan estava fazendo. orn o seguiu.

– Sheridan mencionou que talvez você estivesse interessado na Srta. Wolfe e eu não acreditei nele. Parece que eu estava errado.

– Os dois estão errados – corrigiu Grey, obrigando-se a controlar o temperamento. – Meu interesse na Srta. Wolfe é o mesmo que tenho em relação a qualquer parente de Maurice.

Grey só queria ter certeza de que Beatrice não estava escondendo nada em relação à morte do tio e queria descobrir se o irmão dela era o assassino que Sheridan acreditava ser. Era apenas uma questão de atender a um pedido que o irmão lhe fizera, nada mais.

– Então por que estava tão ansioso para dançar com ela? E por que não deixou que *eu* o fizesse?

Grey ergueu uma das sobrancelhas.

– Eu só estava garantindo que você não a fizesse de boba. A Srta. Wolfe não é uma presa com a qual você pode brincar antes de partir para o ataque.

 orn inclinou a cabeça.

– Já passou por sua cabeça que eu talvez esteja procurando uma esposa?

Grey encarou o irmão.

– Não, isso nunca passou pela minha cabeça. Você enxerga as mulheres como simples conquistas para acrescentar à sua lista. Você deveria respeitar o fato de que Beatrice é prima de Sheridan e ficar longe dela, pelo menos por respeito a ele.

– Por respeito a *Sheridan*? – repetiu orn, rindo. – Não é por isso que você quer que eu fique longe dela. Na verdade, vejo a Srta. Wolfe como uma boa diversão para irritá-lo, meu irmão. Admita que você gosta dela.

– Não seja ridículo.

 orn era a última pessoa para quem Grey admitiria seu fascínio por Beatrice. O irmão certamente tentaria seduzi-la só para fazer com que Grey admitisse que a desejava. E embora estivesse bem óbvio que Beatrice estava escondendo alguma coisa, ela estava fazendo isso tão mal que Grey tinha certeza de que ela não saberia se defender dos avanços de um sedutor determinado como orn.

Apelando ao bom senso, achou melhor ignorar o comentário do irmão.

– Entenda, orn... a Srta. Wolfe não tem experiência de vida e táticas como as suas são desconhecidas para quem tem tão pouca experiência com homens. Eu só estou fazendo o que qualquer cavalheiro faria: protegendo uma mulher inocente e respeitável de um safado como você.

Todo o ar de diversão sumiu do rosto de orn.

– Um "safado" como eu – repetiu ele, dando um passo em direção a Grey. – "Quem dentre vós não tiver pecado, que atire a primeira pedra." Não é *minha* a reputação de liderar um grupo de devassos.

– Você não pode estar falando sério – disse Grey, dando uma risada seca. – Grupo de devassos... Você sabe muito bem que os fofoqueiros só inventam essas coisas para me provocar!

– E você acha que não fazem o mesmo comigo? – retrucou orn. – Juro que você às vezes é de uma arrogância sem igual. Você realmente acha que é o único homem decente desta família, não é?

– Isso não é verdade. Acho Sheridan bem decente – disse Grey, provocando orn por um desejo perverso de castigá-lo por se atrever a brincar com Beatrice.

 orn cerrou os punhos, mas se controlou.

– Você quase me pegou, irmão, mas eu não vou entrar neste cabo de guerra com você, principalmente quando isso é uma mera tentativa de me distrair do fato de que você quer a Srta. Wolfe e não admite.

 orn começou a se afastar, mas parou e disse:

– Aliás, eu *jamais* arruinaria uma mulher, independentemente de quem sejam seus parentes.

Tarde demais, Grey notou que tinha ultrapassado um limite invisível com orn.

– Fico feliz em saber.

orn manteve o olhar firme.

– Mais uma coisa. Suspeito que a Srta. Wolfe tenha muito mais experiência do que você imagina.

Grey imediatamente sentiu dificuldade de respirar. Tinha passado tempo suficiente com mulheres "experientes" para saber que tendiam a ser ardilosas, principalmente perto de um duque. E ele odiava pessoas assim mais do que tudo na vida. Embora jamais fosse admitir isso para o irmão. Forçando um tom neutro, disse: – Melhor não fazer especulações sobre a personalidade da Srta. Wolfe perto da nossa mãe, ela parece achar que a jovem é perfeita.

orn soltou um suspiro exasperado.

– Não estou lançando suspeitas sobre a personalidade da Srta. Wolfe. Só estou dizendo que ela não é a boba deslumbrada que você parece achar. Ela é inteligente o suficiente para reconhecer a diferença entre um homem que está simplesmente flertando com ela e um que realmente quer tirar sua virtude, por exemplo.

Um homem como eu? Meu Deus, ele *não* queria tirar a virtude dela.

– Jamais achei que ela fosse boba. Ela é inocente.

Se Grey continuasse repetindo isso para si, talvez conseguisse se concentrar na missão que Sheridan lhe dera em vez de ficar pensando em tocá-la, provar o gosto dos seus lábios, tomá-la... Maldição!

Grey olhou para o irmão.

– Boba e inocente não são a mesma coisa.

– Você mal a conhece, Grey. Está muito cedo para tentar conquistar a moça.

– Conquistar?! Eu não estou fazendo isso.

– É claro – disse orn, revirando os olhos. – Mas enquanto está

ocupado em *não* conquistá-la, você deveria tentar saber mais a respeito dela. Ouvindo de alguém que não seja nossa mãe, nossa irmã ou nosso irmão.

Grey ficou olhando para ele.

– E com quem mais posso falar?

– Com os criados, por exemplo – disse orn, com sarcasmo. – Você poderia descer desse pedestal e conversar com eles, para variar. Veja o que *eles* têm a dizer sobre ela.

Sendo ele mesmo alvo constante de rumores, Grey achava as fofocas dos empregados tão horríveis quanto as que circulavam na sociedade. Não gostava de encorajar esse tipo de coisa e orn sabia muito bem disso.

– Por que está me encorajando a falar com os criados a respeito dela? O que você sabe?

– Só o que algumas das criadas... – orn passou os dedos pelo cabelo. – Não importa. Talvez seja só fofoca mesmo. Mas a questão é que você parece desejar a Srta. Wolfe. Ela não faz o meu tipo, prefiro as louras, mas ela é claramente o seu. O que significa que deveria tomar cuidado com seus modos na presença dela.

Grey se irritou.

– Eu não vejo *você* tomando cuidado com os seus.

– Porque a Srta. Wolfe sabe que eu não estou falando sério. E você obviamente está.

– Eu não estou tentando conquistá-la.

– Você é um mentiroso – retrucou orn. – Embora eu não saiba dizer se está mentindo só para mim ou também para si mesmo. Agora, se me der licença, vou tomar uma boa dose de conhaque antes de voltar ao minueto. Sugiro que faça o mesmo.

– Não bebo tão cedo assim.

– Como queira.

Grey esperou até que orn desaparecesse pela porta e retornou ao salão, mas não entrou. Ficou parado na porta, observando Gwyn ensinar os passos do minueto enquanto pensava, com raiva, nas coisas que orn dissera. Aquele idiota, insinuando coisas sobre a experiência de Beatrice

com homens. Até onde Grey sabia, era pouca, mas orn parecia acreditar que floresciam nela os atributos de uma sedutora.

Olhando para Beatrice agora, Grey teve que se lembrar de como ela parecera ingênua nos momentos que passaram juntos.

Bufou. Com certeza ela *era* ingênua. orn só devia estar provocando, como sempre. Era um comportamento típico do irmão. Na verdade, decerto ele só estava expressando o próprio cinismo em relação às mulheres, porque voltara atrás muito rápido em suas insinuações sobre a experiência de Beatrice.

Uma criada se aproximava pelo corredor, carregando uma bandeja de chá. Grey se afastou para deixá-la entrar. Talvez ele *devesse* mesmo conversar com os criados, ainda que fosse apenas para confirmar que orn estava falando besteira. Afinal de contas, que tipo de informação os criados poderiam ter sobre Beatrice? Sim, ela ficara evasiva quando Grey mencionara a morte de Armie, mas poderia haver centenas de motivos inocentes para isso.

Enquanto a criada arrumava o chá, Beatrice se aproximou para se servir e quase derrubou um pouco no lencinho branco preso à roupa de luto, com o qual as mulheres podiam enxugar as lágrimas. O modelo – de musselina, com um xale branco que ela usara para cobrir o decote – era claramente um vestido antigo que ela tinha tingido de preto. Sinal de como ela e o irmão eram pobres.

Que tio Armie queimasse no inferno, aquele egoísta. E o irmão dela também, na verdade. Será que nenhum dos dois tinha algum senso de responsabilidade para com ela? De suas obrigações enquanto parentes? Beatrice deveria ter debutado muito tempo antes.

Quando a criada voltou para o corredor, Grey a acompanhou.

– Com licença, eu gostaria de fazer algumas perguntas, se me permite.

A mulher assentiu e cruzou os braços como se estivesse se preparando para qualquer coisa.

Você poderia descer desse pedestal e conversar com eles, para variar.

Contraiu-se ao lembrar das palavras do irmão. Grey estava ciente de que

seus modos reservados poderiam ser intimidadores para os criados. Talvez precisasse de uma abordagem mais evasiva.

– É sobre a Srta. Wolfe. Eu queria saber o que posso fazer para ajudá-la, já que minha mãe parece gostar muito dela.

A criada relaxou na hora.

– Ah, milorde, qualquer coisa que puder fazer por ela será muito gentil. Nós todos gostaríamos que cuidassem melhor da Srta. Wolfe. Ela é uma mulher tão boa, sempre preocupada com as necessidades dos outros, sem esperar nada em troca. Ela se preocupa até com os criados.

– Eu já percebi. Parece que a Srta. Wolfe sabe tudo que acontece na casa.

– Realmente, Vossa Graça. Ela ajudava seu tio Armitage a administrar a casa e chegou a fazer as vezes de anfitriã quando a duquesa morreu.

– Entendo... Bem, pelo que eu soube, a duquesa estava prestes a contratar a Srta. Wolfe como acompanhante, antes de morrer.

– Exatamente. Ela morreu bem antes de eu vir trabalhar aqui, e olha que isso já faz dez anos. Embora eu tenha ouvido que o duque e a duquesa viviam brigando por causa...

Como se tivesse percebido que estava falando demais, ela pressionou os lábios.

– De quê?

– Melhor não falarmos mal dos mortos.

Ele sorriu.

– Pode acreditar quando eu digo que já percebi que Armie não era um homem muito bom.

A criada soltou um suspiro.

– Bem, então Vossa Graça deve ter ouvido sobre as indiscrições do duque.

– É claro – mentiu ele.

– E ele nem disfarçava. Ouvi dizer que ele praticamente fez a duquesa enlouquecer.

– Tenho certeza que sim.

– Embora digam que não dava para perceber olhando para ela. A

duquesa era como uma rocha. Ou ao menos foi o que me disseram. Ela permitia que ele fosse ao prostíbulo sem dizer nada.

– Imagino que ela não tenha tido muita escolha. Mas por certo ele escondeu esse lado da Srta. Wolfe, não? Afinal, ela era sobrinha dele e uma moça solteira.

A criada fungou.

– Esse tipo de homem não esconde sua verdadeira personalidade de ninguém, Vossa Graça – disse ela, e então pareceu perceber alguma coisa e baixou o olhar. – Não que eu esteja insinuando qualquer coisa sobre *Vossa Graça*. Eu não quis...

A criada lançou um olhar de pânico em direção à cozinha e murmurou:

– Se Vossa Graça estiver satisfeito, a cozinheira deve estar precisando de mim.

Grey olhou para ela e tentou entender o que ela estava prestes a dizer antes e por que ficara estranha de repente.

Até que a epifania lhe veio. *Ah, pelo amor de Deus.* Se a criada ouvira o boato sobre ele e seu "grupo de devassos", aos olhos dela ele seria tão ruim quanto o antigo patrão. Certamente não conseguiria mais tirar nada dela. Por sorte, ouvira o suficiente no momento.

– Entendo – disse ele, forçando o sorriso. – Não quero atrapalhar seus afazeres.

O alívio da criada ficou evidente.

– Eu agradeço, Vossa Graça. E eu não quis...

– Fique certa de que não me ofendi. Pode ir agora.

Ela assentiu e praticamente saiu correndo para a cozinha.

Suspirando, Grey voltou ao salão de baile. O que a criada lhe contara foi muito esclarecedor. Aquilo explicava por que orn dissera que Beatrice tinha mais experiência do que Grey imaginava. Certamente precisava ter, para lidar com as indiscrições do tio.

E aquilo talvez explicasse por que ficava tão reticente quando ele falava sobre tio Armie.

Beatrice estaria protegendo o irmão? Refletindo um pouco a respeito, ela ficara nervosa novamente quando falaram sobre Joshua mais cedo. Aquilo

tudo podia estar relacionado a ele e Beatrice talvez soubesse que Sheridan tinha suspeitas de que... de que o irmão dela matara o tio. Talvez ela fosse até cúmplice.

A possibilidade arrepiou Grey. Beatrice seria tão falsa assim? Será que ele tinha errado tanto em relação ao caráter dela?

Fato é que ela *conseguira* conquistar toda a família em questão de semanas. Bastava ver como Gwyn a aceitara facilmente. E a mãe também. E até mesmo Sheridan. Beatrice teria alguma motivação para se integrar tão bem à família?

A *ele*?

Grey ficou sério. Se Beatrice tivesse esse último objetivo em mente, ficaria muito decepcionada. Não era a mulher certa para ele, por vários motivos. Enquanto o coração dela era de ouro, ele sequer tinha um. Beatrice falava o que lhe passava pela cabeça, ao passo que ele escondia qualquer pensamento. Ela estava sempre disposta a ajudar a todos, ao passo que ele queria evitar a todos.

Ainda assim, Grey não conseguiu afastar o olhar de Beatrice durante sua aula, os movimentos graciosos e o rosto corado de alegria enquanto dançava com habilidade...

Ora... Ela aprendera os passos do minueto com extrema facilidade para uma mulher que havia dito que jamais aprenderia. Beatrice era um mistério que ele queria desvendar.

Mas precisaria ser cauteloso, porque orn estava certo sobre uma coisa: a não ser que Grey tivesse a intenção de conquistá-la, seu comportamento em relação a ela deveria ser acima de qualquer reprovação.

Grey não tinha a menor intenção de voltar a ser aquele garoto de dez anos que desejava amor e atenção, mas acabara descobrindo que as pessoas que deveriam oferecê-los – os tios – eram incapazes de qualquer coisa a não ser usá-lo para melhorar a própria situação. Ele jamais daria a alguém o poder de feri-lo novamente.

De repente, ouviu uma porta abrir e fechar e percebeu que devia ser orn voltando para se juntar às damas. Grey entrou suavemente no salão. Não permitiria que o irmão dançasse com ela.

Disse para si mesmo que era só porque precisava de mais uma chance para descobrir o que a deixara tão agitada em relação à morte do tio. Precisava se certificar de que Beatrice não estava alimentando qualquer esperança de se tornar esposa dele.

Mas a verdade era que ele simplesmente queria dançar com ela.

Então, era isso que faria. Só teria que manter o autocontrole ao fazê-lo.



Beatrice estava tão concentrada no minueto que nem sequer notou que Grey tinha voltado até ele declarar com sua voz sedutora: – Se estiver pronta para dançar com um cavalheiro, Srta. Wolfe, estou ao seu dispor.

Gwyn reagiu batendo palminhas.

– Que maravilha! Beatrice realmente precisa de um homem com quem treinar, porque sempre me esqueço de que estou conduzindo e acabo fazendo os passos da mulher. Se continuarmos assim, ela nunca vai pegar o jeito da coreografia.

Beatrice passou as mãos suadas na saia. E se fizesse papel de tola na frente dele?

– Sou *eu* a culpada por não ter pegado o jeito da dança.

– Que besteira – disse Gwyn, sorrindo. – Você é melhor do que imagina. E Grey vai ajudá-la a melhorar, tenho certeza.

Gwyn olhou para a porta.

– Ou orn, se for ele a dançar com você. Onde ele está, aliás?

Quando olhou para Grey, o irmão deu de ombros.

– A última vez que o vi ele tinha ido atrás de conhaque.

– Que Deus me ajude – resmungou Gwyn. – Vocês dois podem começar enquanto eu vou procurá-lo. Não vou permitir que ele dance se estiver bêbado. Isso não ajudaria ninguém.

– Por certo que não ajudaria Bea – comentou a mãe deles do piano, embora Gwyn já tivesse saído.

Lydia lançou um olhar cansado para Grey e perguntou:

– Será que você não poderia tentar fazer com que orn não bebesse

tanto, querido?

Grey foi até o recanto, contornou o piano de cauda e pousou a mão no ombro da mãe.

– Cada um vive o luto à sua maneira, mãe. Você tenta manter a cabeça ocupada para não pensar em Maur... em nosso pai. orn bebe. Dê um tempo para que ele viva o luto dele.

A mãe deu tapinhas na mão do filho.

– E como *você* está vivendo o luto, Grey?

Ele se inclinou e deu um beijo na cabeça dela.

– Ensinando a Srta. Wolfe a dançar o minueto, é claro. Toque uma música para tentarmos esquecer o que perdemos. Quando Gwyn voltar com orn, eles se juntam a nós.

O olhar da mãe se anuviou.

– Será um minueto lento e sóbrio. Não vou aguentar ouvir uma canção alegre agora.

– Acho ainda melhor para ajudar no aprendizado da Srta. Wolfe – retrucou ele, com a voz bem mais suave.

Ele deu um leve aperto no ombro da mãe e voltou para Beatrice, estendendo a mão.

– Vamos?

Sendo conduzida por ele até a pista, Beatrice estava bastante ciente de que o duque segurava sua mão. E nenhum dos dois estava de luvas, como seria se estivessem em um baile de verdade. Ele não a segurou por muito tempo, já que a dança não envolvia mãos dadas, mas, mesmo assim, toda vez que os dedos dele roçavam nos dela era como se ela não conseguisse respirar.

Depois de alguns passos, que Beatrice acreditou ter executado muito bem, ele pegou a mão dela para um giro, olhando bem em seus olhos.

– Você dança melhor do que me levou a crer.

– Sua irmã é uma excelente professora.

– E você é uma aluna que aprende rápido.

– Graças a Deus! – exclamou ela, sem pensar. – Q-quero dizer, que bom.

Eu tinha certeza de que não conseguiria executar os passos quando estivesse dançando com um homem de verdade.

Um brilho de diversão apareceu nos olhos dele.

– Um homem *de verdade*? E se não fosse um de verdade seria o quê? Uma pintura? Uma efígie? Uma estátua, talvez?

Apesar de saber que não devia, Beatrice riu.

– Gwyn, por exemplo. Mas não consegui entender a versão francesa dos passos, só a inglesa.

– Poucas pessoas dançam a versão francesa em Londres. Mas se realmente deseja aprender, não é tão difícil. É só imitar o que eu fizer.

– Eu farei tudo que desejar, Vossa Graça.

Um brilho sedutor e perigoso apareceu no olhar dele.

– Toda vez que você se oferece para fazer tudo que eu desejo, você me tenta, Beatrice – murmurou ele. – Então, não faça isso, a não ser que esteja falando sério.

Maldição, ela estava correndo sério perigo. Se ele continuasse dizendo coisas como aquela, Beatrice derreteria. O duque era capaz de seduzir uma santa, e ela não era nem um pouco santa. Era uma mulher envolta em circunstâncias fora do seu controle com um homem que fazia suas pernas ficarem bambas.

Grey estava olhando para ela do mesmo modo como olhara no dia anterior, no bosque, transparecendo desejo. Enquanto seguiam a música, ela se esqueceu de contar as batidas e também não se sentiu desajeitada. Simplesmente foi acompanhando os movimentos dele, saboreando o modo magistral como ele a guiava, as mãos segurando as dela enquanto eles giravam. Os olhos de Grey brilhavam, às vezes verdes, às vezes azuis, dependendo da incidência da luz. O efeito era hipnótico.

Dançar com ele era hipnótico. Cada vez que as mãos se encontravam era uma agonia de prazer, cada sorriso sombrio, um convite para a sensualidade. Ela mal conseguia respirar sentindo o coração disparado. Por certo que ele conseguia ouvir as batidas e achava que ela era a moça mais simplória do universo se ficava tão aturdida por causa de uma simples dança.

De repente, Gwyn entrou no salão.

– Mãe, orn está de partida para Londres!

A música parou de forma abrupta e Lydia se levantou.

– O quê? Mas por quê?

Grey e Beatrice se afastaram de forma respeitosa, enquanto Gwyn ia até o piano.

– Aquele idiota está dizendo que tem negócios importantes a tratar na cidade. Que não pode perder mais tempo aqui. Está arrumando as coisas dele neste exato momento.

– Ele não vai de jeito nenhum! Esse menino ainda vai me matar! – disse a duquesa, e então pegou Gwyn pelo braço. – Venha comigo. Ele está indo embora por *sua* causa, Gwyn. E eu já estou farta dessa briga de vocês. Vamos resolver isso agora mesmo.

Quando estavam quase saindo, Lydia parou e disse para Beatrice e Grey:

– Continuem treinando! Nós três já estaremos de volta.

– De alguma forma, eu duvido muito – resmungou Grey e ofereceu um sorriso amargo para Beatrice. – Nem ela seria capaz de resolver uma briga de anos tão rápido assim. E não sei como ela espera que dancemos sem música – disse, e um brilho de argúcia apareceu em seu olhar. – Vamos conversar enquanto isso, sim?

Mais perguntas sobre Joshua e Armie para fazê-la confessar seus temores tolos? Não, muito obrigada.

– Se eu cantarolar no ritmo da música, podemos continuar treinando os passos.

Ele olhou para Beatrice com desconfiança, como se tentasse decifrar o jogo dela.

– Acho que você não precisa de mais treino. Parece ter dominado o minueto bem o suficiente para estar no padrão aceitável.

– Então, talvez você pudesse me ensinar outra dança.

– O que tem em mente?

Beatrice pensou em todas as danças sobre as quais já tinha ouvido falar até escolher uma.

– Hum... Que tal "Jenny's Market"?

Uma expressão estranha cruzou o rosto dele.

– “Jenny’s Market”? Tem certeza de que quer aprender essa?

– Ouvi dizer que é bem popular na alta sociedade. Você conhece?

– Conheço, sim. E muito bem.

Graças a Deus. Agora não precisariam falar sobre tio Armie.

Embora o tom daquelas palavras, com um toque de desconfiança, a tenha feito parar. Por que Grey a observava com olhos ardentes? Por que ela estava sentindo aquele frio na barriga?

Talvez ela tivesse simplesmente trocado um problema por outro. E não sabia bem como isso tinha acontecido.

CAPÍTULO ONZE

Grey tinha começado a achar que Beatrice era tão ingênua como parecia, até ela mencionar que queria aprender "Jenny's Market".

– Como você conhece "Jenny's Market"? Você já viu alguém dançando?

– Infelizmente não – disse ela, com um suspiro.

Aquilo explicava muita coisa. Ele foi até a porta que dava para o corredor para fechá-la. Quando viu a expressão boquiaberta de Beatrice, apressou-se em explicar: – Se alguém nos vir dançando "Jenny's Market" sem música, podemos ser mal interpretados. Melhor evitar a fofoca dos empregados e também acho melhor praticarmos mais perto do piano, assim iremos ouvir se alguém entrar antes que tenham tempo de nos ver.

– Minha nossa. – Ela ficou séria. – Essa dança deve ser muito escandalosa.

– Sem música, sim, pode parecer que estamos fazendo algo escandaloso. Em um salão de dança com outros casais, é perfeitamente aceitável.

– Posso contar uma coisa? – perguntou ela.

É claro.

– É claro, temos um trato sobre dizer o que pensamos.

– Bem, então... Saber que essa dança é escandalosa faz com que... – Beatrice se inclinou um pouco mais e baixou o tom de voz a um sussurro: – eu queira aprendê-la ainda mais. Embora ache que seja muito errado eu pensar assim, e pior ainda dizer isso em voz alta.

A pulsação dele acelerou.

– Errado? Não. Digamos apenas que sua avó estava certa. Você é *terrível*. Mas gosto disso em você.

– Só porque você quer tirar vantagem disso.

– Eu sou homem – disse Grey, dando de ombros. – Sempre tiramos vantagem quando temos chance. Lembre-se disso quando estiver na sociedade e algum cavalheiro tentar conversar com você a sós. Mas, escandalosa ou não, "Jenny's Market" nada mais é do que uma simples dança. Se você quer aprender, fico feliz em ensinar.

Beatrice pareceu pensar um pouco, depois endireitou os ombros e olhou diretamente nos olhos de Grey com certo atrevimento.

– Tudo bem. Por que não?

O coração dele disparou.

Calma, rapaz. Tudo que ela quer é se familiarizar com algumas coisas escandalosas. Deixe-a fazer isso. Deus sabe que isso seria bom.

Ele a levou ao recuo da orquestra.

– Para começar, ficamos um de frente para o outro a mais ou menos um braço de distância.

Assentindo, Beatrice se posicionou. Então praguejou baixinho, como uma dama jamais faria.

– Acabo de perceber que não faço ideia de qual ritmo devo cantarolar.

– Você conhece a música "Lucy May"?

Ela demonstrou animação.

– Conheço!

– Ela serve. Cantarole em um ritmo um pouco mais lento do que de costume. Vou ensinando devagar e você vai me acompanhando.

– Está bem.

Ela começou a cantarolar com uma voz rouca e grave, tão atraente que ele sentiu o fogo se acender outra vez e foi obrigado a se conter.

– Primeiro nós nos curvamos em uma saudação. Depois damos um passo para a frente, na direção do outro, e um passo para trás. Isso, assim mesmo.

Grey então estendeu as mãos.

– Agora, nós nos damos as mãos, formando um arco e giramos até voltar para onde começamos.

Ela parou de cantarolar para dizer:

– Não estou entendendo muito bem por que essa dança é tão escandalosa.

– Já estamos chegando nessa parte.

Grey a puxou para si e Beatrice, pega desprevenida, ficou imediatamente vermelha. Ele continuou: – Agora você levanta a mão direita por cima da cabeça, toca a ponta dos dedos da minha mão esquerda e alinha seu ombro direito com meu ombro direito. Ao mesmo tempo, você coloca a mão direita no lado esquerdo da minha cintura e eu faço o mesmo.

Quando se entrelaçaram na posição correta – com o antebraço direito de cada um encostado na barriga do outro e o esquerdo erguido de forma que os dedos se tocassem –, foram obrigados a se olhar diretamente nos olhos e Beatrice parou de cantarolar.

– Minha nossa! – exclamou ela, ofegante.

Grey não se moveu, apesar do deleite da sensação da barriga dela contra seu braço e os olhos arregalados enquanto os lábios formavam uma interjeição de surpresa.

– Agora você está entendendo por que os criados poderiam interpretar errado a nossa... aula.

– Sim.

Com o rosto muito vermelho, Beatrice baixou o olhar.

Santo Deus, isso tornava tudo ainda mais difícil para ele, especialmente controlar certas partes do corpo. Ele precisaria de um banho frio depois daquilo.

– O que fazemos agora?

– Nós giramos duas vezes nesta posição.

Mas Grey não se moveu. Beatrice viu que ele estava com os olhos fixos nela.

– Você vai cantarolar? Ou é melhor eu fazer uma contagem? – perguntou ele.

– É claro que vou cantarolar. Me desculpe por ter parado.

– Nenhum homem reclamaria de ficar nesta posição com você – devolveu ele, rindo.

Ela logo começou a cantarolar.

Aquilo era um tipo diferente de tortura, uma vez que agora era Grey quem tinha que se mexer. Ele a conduziu em um giro, olhando fixamente naqueles belos olhos, desejando que não o estivessem encarando com tanto desejo. Se é que ela sequer estava ciente disso.

Mas *ele* estava bastante ciente e não conseguia parar de pensar nisso. Nem na sensualidade da dança. O giro lento que fizeram tornou tudo ainda mais erótico porque os dedos dela afundaram na cintura dele, por certo em busca de equilíbrio. Grey se deixou levar por uma fantasia louca na qual aqueles dedos curiosos escorregavam por dentro do casaco... do colete... da *camisa*, e ele enfim a sentisse explorar cada parte do seu peito.

E mais abaixo.

Inferno! Grey precisou se controlar para manter o toque no lugar adequado, mas tudo que queria era deixar a mão subir um pouco pelo corpete do vestido para cobrir o...

– Continue o giro – disse ele com voz grave quando terminaram o primeiro, embora sua respiração parecesse presa na garganta e ele mal tenha conseguido pronunciar as palavras.

Como se percebendo a dificuldade dele, Beatrice cantarolou um pouco mais alto e Grey quis calar a música com a boca.

– Agora descemos a mão esquerda – orientou ele. – Vamos uni-las enquanto nos viramos para a frente e estendemos a direita até que elas se encontrem entre nós, e também as unimos. Em outras palavras: cruzamos os braços entre nós.

Foi engraçado ver a expressão dela enquanto tentava seguir as instruções. Depois de misturar tudo, ela parou no meio do passo.

– Me desculpe, mas você vai ter de me explicar isso novamente.

– Claro, vamos voltar para a posição anterior.

Aquela que eu acaricio sua cintura e olho para seu rosto adorável.

– Deus me ajude... – murmurou ela.

Ele concordava, embora duvidasse muito que houvesse qualquer coisa no mundo capaz de salvá-los do fogo que aquela dança despertava.

Quando colocou o braço diante da cintura de Beatrice, a respiração dela falhou e ele sentiu um leve tremor na barriga dela. Grey sentia o corpo pegar

fogo e... mais ainda nas partes que desejavam o toque dela. Que eram, basicamente, todas.

Era melhor terminar logo aquela aula. Assim que eles assumiram a posição, ele os guiou para o próximo passo, forçando as mãos dela para a posição correta, enquanto explicava: – Nós nos viramos para a frente, enquanto deslizamos as mãos...

– Ah, sim! – exclamou ela, com alívio. – Agora entendi.

– Muito bem. Vamos começar novamente de onde estávamos, mas com a música.

Ela assentiu enquanto voltavam para a posição sensual. Beatrice recomeçou a cantarolar. Com dificuldade, ele a instruiu sobre os próximos passos.

– Damos um passo para a frente e outro para trás antes de nos separarmos e fazer um círculo por trás dos outros casais, indo para o fim da fila.

Por mais idiota que parecesse, ele sentiu uma profunda sensação de perda quando se separaram, embora ainda estivessem perto. Estavam, afinal, no recuo dos músicos e não havia ninguém entre eles, como seria o caso se se estivessem em um salão de baile verdadeiro.

Como se puxado por um fio invisível, ele se aproximou dela novamente.

– Quando chegamos ao fim da fila, nos viramos um para o outro novamente e recomeçamos do início no novo lugar. Nos curvamos em uma saudação, unimos as mãos, repetimos tudo e pronto, é isso.

Ela parou de cantarolar, parecendo relutante por terem chegado ao fim.

– Entendi.

– Vamos voltar ao início. Dessa vez, podemos dançar sem interrupções na música, para ter certeza de que você entendeu tudo. O que acha, meu bem?

Quando o olhar dela encontrou o dele, Grey se amaldiçoou por ter deixado o tratamento carinhoso escapar.

– Por que não?

A pulsação dele disparou. Os dois sabiam que isso não tinha nada a ver com a dança, mas com o desejo de desfrutar mais momentos imprudentes a

sós. Mesmo que nada pudesse acontecer entre eles. Mesmo que Grey soubesse que aquilo era loucura.

Ele bem que tinha tentado se controlar, mas era difícil sendo Beatrice tão sincera. Verdadeira.

Inebriante...

Ainda assim, ele reassumiu a posição, determinado a aproveitar a oportunidade. Grey fez a contagem e os dois se saudaram antes de darem as mãos. Os passos seguintes seguiram bem. Ela o acompanhava com perfeição, sem que ele precisasse dar instruções.

Quando chegaram ao momento em que se entrelaçavam, Grey ficou alheio a tudo, a não ser ao som suave do cantarolar de Beatrice e a sensação de sua cintura se contraindo sob seus braços. Enquanto giravam devagar, com as mãos esquerdas se tocando acima da cabeça e os braços direitos acariciando a cintura um do outro, tudo que Grey via era o rosto dela e a sensualidade concentrada nos grandes olhos castanhos. O conjunto ameaçava estragar todas as resoluções que ele tomara.

Depois de um momento, ela murmurou:

– Perdi a conta de quantas voltas demos.

As palavras não quebraram totalmente o feitiço lançado por ela e os dois continuaram girando.

– Eu também.

– Ainda estamos dançando "Jenny's Market"? – perguntou ela com a voz ofegante, os olhos brilhando de desejo.

Tal qual os dele.

Grey aproximou os lábios dos dela e disse:

– Não exatamente. Acho que os músicos diriam que esta é uma variação da dança.

E, então, ele ficou parado por um instante, dando a ela a chance de protestar contra o que ambos sabiam que ele faria. Quando ela não se manifestou, o duque cobriu a boca de Beatrice, inundado de prazer ao sentir que ela levantava o rosto com a ansiedade de uma mulher que acaba de descobrir o poder que tem sobre um homem. O que era obviamente

considerável, uma vez que ele parecia incapaz de parar de beijá-la, apesar de todos os avisos que sua consciência lhe lançava.

Quando, porém, Beatrice entreabriu os lábios para permitir a língua dele, até a consciência se calou. Grey foi tomado por uma onda de desejo enquanto baixava a mão esquerda e subia a direita para segurar a cabeça dela e intensificar ainda mais o beijo. Beatrice tinha sabor de laranja e cheiro de água de rosas, uma mistura inebriante e surpreendentemente feminina para uma mulher que se via como uma moça levada. Ele mergulhou, de bom grado, naquelas águas profundas e perigosas.

E toda vez que ele emergia para respirar, era obrigado a mergulhar de novo e de novo, até achar que explodiria se não a tocasse de forma mais íntima. Protelou essa ânsia ao beijar as pálpebras fechadas, o topo da bochecha, a curva da orelha.

Mas só os beijos não bastavam. Ele queria acariciá-la, enfeitiçá-la como ela fizera com ele. Mesmo enquanto pressionava os lábios contra a testa dela, enquanto descia as mãos até seus ombros para acariciá-la por cima do tecido fino do vestido, tentava resistir ao desejo de fazer uma coisa que não deveria: traçar o caminho até os seios dela e acariciar as partes proibidas.

– Eu gostei... gostei muito dessa variação da dança – declarou ela.

Grey também. Antes que pudesse se impedir de fazê-lo, ele resmungou: – Podemos melhorar?

– Não imagino como isso seja possível.

– Eu vou fazer tudo que desejar – retrucou ele com voz rouca, ecoado as palavras que ela dissera mais cedo.

Para a surpresa dele, Beatrice ergueu um pouco a cabeça para sussurrar no ouvido dele: – Então, fique à vontade, Grey. Melhore essa variação... se for capaz.

Cedendo ao desejo, ele tomou a boca de Beatrice novamente, correndo a mão pelo seio dela.

CAPÍTULO DOZE

Beatrice congelou. Grey estava com a *mão* no seio dela. Precisava afastá-la. Na verdade, precisava afastar a boca da dele e dizer umas boas verdades. Algo que ela aprendera por ter sido obrigada a lidar com os avanços de tio Armie. Não que algum dia tenha funcionado. A única coisa que funcionara com o falecido duque era se retirar do recinto ou ameaçar contar tudo para o irmão.

Mas Grey não era tio Armie. Os beijos dele eram um deleite e a carícia descarada e sensual, um convite para uma aventura que ela queria muito aceitar.

Ela interrompeu o beijo para sussurrar:

– Esta é uma variação muito interessante.

Ele olhou nos olhos dela com um brilho ardente. Quando Beatrice sustentou o olhar, ele soltou um gemido baixo antes de apoiá-la contra a parede atrás do piano de cauda e voltar a beijá-la.

Diferentemente dos beijos anteriores, aquele era mais exigente, ardente, selvagem. Isso deveria tê-la assustado, tê-la feito sentir vontade de empurrá-lo. Mas não foi o que aconteceu. Como poderia, quando cada movimento da língua dele, cada carícia em seu seio fazia com que se sentisse viva?

Beatrice o segurou pela nunca, movimento que deu a ele a chance de acariciar o outro seio. Os mamilos latejavam sob o vestido, principalmente quando ele afastou os lábios para dizer com a voz rouca de desejo: – Você está me deixando louco. Sabe disso, não é?

Ela se esforçou para perguntar, embora a respiração parecesse presa na garganta: – Eu deveria me desculpar?

– Espero que não. Porque eu não estou nem um pouco arrependido, meu bem.

Meu bem. Aquelas palavras adoráveis novamente, perfurando-a como se fossem uma estaca. Mas eram palavras sinceras? Isso importava?

Beatrice não teve tempo para pensar, porque logo ele voltou a beijá-la e acariciar os seios dela com tanta suavidade e doçura que ela desejou poder ficar encostada naquela parede para sempre.

Deus do céu! Estava... no *paraíso*. Beatrice parecia derreter, tal qual a deliciosa torrada com queijo e manteiga que a cozinheira preparava. Jamais imaginara que um homem seria capaz de despertar sensações tão turbulentas dentro dela. E quando passou os dedos pelo cabelo dele, deixando Grey ainda mais despenteado, ele se sentou no banco do piano e a puxou para o colo.

– Grey! – exclamou ela. – Alguém pode nos ver!

– Ninguém vai nos ver.

Ele apoiou as costas dela com um dos braços para aconchegá-la melhor no colo.

– Qualquer pessoa que entrar teria que se virar para olhar para esse canto. Nós ouviríamos.

– E se alguém entrar pela porta do jardim?

– Não tem ninguém no jardim. Você quer que eu pare? Eu prefiro não parar. Eu quero fazer isso.

Ele puxou o xale e escorregou a mão por dentro do vestido dela, passando pelas camadas do corpete e da chemise até pegar um dos seios e acariciar o mamilo com o polegar, parecendo saborear a sensação de tê-los deixado rígidos.

– Mas eu posso parar – continuou ele –, se for isso que você quer.

A carícia dele era tão deliciosa que ela mal conseguia pensar.

– Eu quero... Eu quero...

Que você continue fazendo isso.

Com os olhos brilhando, ele a afastou um pouco para puxar o decote dela o suficiente para desnudar um dos seios.

– O que você está fazendo? – perguntou ela.

– Estou tentando outra variação, para saborear você.

A expressão de desejo dele a fez pegar fogo.

Saboreá-la? Ele já não estava fazendo isso? Ela soltou uma risada trêmula.

– Existem quantas variações dessa dança?

– Você não faz ideia... – murmurou ele, enquanto baixava a cabeça para beijar o seio dela.

Grey lambeu o mamilo desnudo com ousadia, sem afastar o olhar do dela. O gesto a enlouqueceu. Quando Beatrice gemeu e empinou o seio na direção dele, Grey o abocanhou, usando os dentes e a língua para sugá-lo e atormentá-la de um jeito tão maravilhoso que ela só conseguia pensar em querer mais.

Aquela paixão ardente era diferente de tudo que ela já havia sentido. Queria saborear, se deleitar por ter seduzido um homem como ele. Considerando a reação dele ao último beijo, não tinha certeza se conseguiria.

Mas nesse exato momento, Grey fechou os olhos, suas mãos subiram por dentro da saia dela e Beatrice teve certeza absoluta: ele a desejava. E ela o desejava.

Ah, era nesse ponto que os problemas costumavam começar. Ela deveria acabar logo com aquilo antes que se deixassem levar. Não importava o quão delicioso fosse.

Beatrice levantou a cabeça dele, ainda sem saber se deveria empurrá-lo ou puxá-lo para mais perto.

– E você? E quanto ao seu prazer?

Ele sugou o mamilo dela, só o suficiente para provocá-la.

– Eu só quero continuar sentindo você. Isso é prazer suficiente para mim.

Com o coração disparado, ela puxou a cabeça dele para que pudesse olhar diretamente em seus olhos.

– Mentira. Como você disse, você é homem. Homens tiram vantagem quando tem a chance.

Ele contraiu o rosto.

– Seja lá o que você ouviu sobre mim, eu não sou como orn. Eu não... me comporto assim com todas as mulheres.

– Só com as que você quer levar para a cama – disse ela, lutando para esconder a mágoa.

Os olhos dele brilharam.

– Eu não tento levar todas as mulheres para a cama.

– E o que estamos fazendo exatamente? Lembra que juramos ser sempre honestos?

A pergunta pareceu aturdi-lo. Aquela era a resposta dela. Beatrice saiu do colo dele, enquanto tentava arrumar o vestido antes que alguém a visse daquele jeito.

Ele continuou sentado na banqueta do piano, pressionando os dedos no joelho e respirando com dificuldade.

– Beatrice – disse ele finalmente. – Eu sinceramente não sei o que estamos fazendo. Mas juro que não costumo agir de forma tão... imprudente. E eu certamente não tenho a menor intenção de tirar vantagem de você.

Sem saber se deveria se sentir feliz ou preocupada por ele afirmar que agia diferente com ela, ela o pressionou: – Então você pretende se casar comigo?

Ele abriu e fechou a boca várias vezes, como se estivesse em busca de palavras que pudessem acalmá-la. Aparentemente, não conseguiu encontrá-las.

– Foi o que pensei.

Ela escondeu sua decepção, Grey jamais deveria vê-la.

– Com uma mulher como eu, os duques só se divertem. Não se casam.

Grey se levantou com uma expressão de raiva.

– Eu *não* estava me divertindo com você, inferno! Nós dois... nos deixamos levar pelo momento e as coisas fugiram do controle.

– Com certeza – disse ela, tentando em vão recolocar o xale.

– Eu gostaria que você parasse de falar de si mesma como se fosse uma pária. Seu avô era um duque, pelo amor de Deus. Você certamente merece a atenção de qualquer duque.

– Menos a sua.

Beatrice pediu ajuda divina ao detectar aquele tom de carência na própria voz. Não queria que ele sentisse pena dela.

– Não foi isso que eu disse.

– Mas foi o que quis dizer.

Ela estava se esforçando muito para não permitir que ele visse o quanto a tinha magoado.

– Minha relutância em me casar não tem nada a ver com você. Você é uma mulher adorável e se não fosse...

– Eu não pedi você em casamento – disse Beatrice, tentando soar despreocupada, enquanto lutava contra o xale. – Meu Deus, para um homem com sua reputação, você certamente leva essas coisas muito a sério.

– Assim como você. Ou não estaríamos tendo esta conversa. Eu não forcei você a nada e você sabe muito bem disso.

Ela tirou o xale para que pudesse enfim colocá-lo direito.

– Você está certo – concordou ela, controlando o temperamento. – Tivemos um agradável interlúdio particular, o qual aceitei de bom grado. Mas, se não se importa, Vossa Graça, prefiro que deixemos esses interlúdios particulares de lado no futuro.

Porque o preço que eles cobram do meu coração é muito caro.

Não, dizer isso não seria muito inteligente. Beatrice precisava se esforçar para demonstrar desinteresse.

Grey tocou o braço dela.

– Não quero que as coisas fiquem assim entre nós. Queria que pudéssemos ao menos ser amigos.

Eu não consigo! Era isso que ela queria gritar, mas não se atreveu. A questão é que, como inimigo, Grey era bem mais poderoso, já que claramente tinha alguma suspeita em relação ao irmão dela.

Ela forçou um sorriso.

– Mas é claro. Não lhe desejo mal, milorde. Só acho que seria sábio não dançarmos mais quando estivermos sozinhos, se é que me entende.

Por um momento, achou que Grey protestaria. O olhar dele desceu para

os lábios dela e Beatrice temeu – ou no fundo torceu para – que ele a beijasse novamente.

Grey pareceu recuperar o autocontrole, pois se empertigou, assumindo a postura do todo-poderoso duque que ela conhecera no vestíbulo.

– É melhor assim – concordou ele.

Os olhares deles se encontraram. Sem conseguir suportar a frieza repentina que viu nele, Beatrice estava prestes a sair correndo, mas uma voz masculina invadiu o momento íntimo, quase matando-a de susto.

– O que diabos está acontecendo aqui?

Era Sheridan. De todas as pessoas, por que logo o primo era quem os encontrava?

Grey pareceu sentir o mesmo, pois praguejou antes de soltar o braço dela.

– A Srta. Wolfe e eu estávamos praticando algumas danças.

Fazendo um enorme esforço para aparentar calma, ela se virou para Sheridan.

– Seu irmão e eu... Digo, ele estava me mostrando alguns... algumas variações de danças, já que não estou nem um pouco preparada para os bailes. Para *dançar* em bailes, digo.

Ela *estava* parecendo uma tola. Sheridan contraiu os lábios e pareceu avaliar a agitação dela.

– E é por isso que estão dançando aqui atrás, escondidos?

Grey deu de ombros.

– Toquei alguns acordes no piano para encontrarmos o ritmo certo.

– Depois continuei cantarolando a música – informou Beatrice. – Para podermos dançar. Foi por isso que Grey precisou começar os acordes no piano.

Sheridan franziu a testa.

– E é por isso que seu xale está pendurado no vestido?

Beatrice sentiu as mãos suadas. Por que, em nome de Deus, tinha se esquecido de continuar ajeitando o xale?

– Eu fiquei com calor.

Que outra desculpa poderia dar?

– Tenho certeza de que meu irmão tem alguma coisa a ver com isso.

– Sheridan, preste a... – começou Grey.

Beatrice se esforçou para se recompor.

– Eu tirei o xale enquanto estávamos dançando. Eu estava prestes a colocá-lo de novo quando você chegou.

Ela respirou fundo algumas vezes para se acalmar. Depois, deixando o xale propositalmente solto, aproximou-se de Sheridan.

– Se quer me acusar de alguma coisa, primo, sugiro que faça logo.

Sheridan lançou um olhar cheio de remorso para ela.

– Eu não quero acusar você de nada.

Ele fulminou Grey com o olhar.

– Não seja bobo – interveio ela.

A última coisa da qual ela precisava era ter Sheridan tentando obrigar Grey a se casar com ela quando ele claramente odiava a ideia.

– Grey estava apenas fazendo o que você pediu e com muita habilidade.

Pelo canto dos olhos, recebeu um olhar de sarcasmo de Grey, sinal de que ela estava sendo enfática demais, mas, mesmo assim, decidiu seguir: – Não estou entendendo por que devemos ser alvo desse seu questionamento – disse ela, cruzando os braços por cima dos seios e... e sentindo que os mamilos ainda estavam rijos. – Eu já sou uma mulher feita há algum tempo. Sei cuidar de mim mesma e agora, com sua licença, cavalheiros, vou me retirar para ajeitar o meu xale.

– Talvez seja melhor sair pelo jardim – sugeriu Sheridan com delicadeza. – Minha mãe e Gwyn estão voltando e vou dançar com uma de vocês, já que orn vai voltar para Londres. Mas se as duas virem você nesse estado, farão as mesmas suposições que eu fiz.

Beatrice engoliu a vergonha.

– É verdade. Obrigada pelo aviso.

Ela saiu pela porta do jardim, rezando para não parecer tão culpada quanto se sentia.

CAPÍTULO TREZE

Ainda ardendo de desejo de levá-la para cama, Grey observou enquanto Beatrice se afastava.

– O que acabou de acontecer aqui? – perguntou Sheridan.

– Como eu vou saber?

O sangue de Grey ainda fervia nas veias e em outras partes de sua anatomia.

– Ainda estou tentando entender sua prima. Às vezes ela é amistosa, às vezes fria.

E isso era culpa dele. Ao passo que o corpo a queria na cama, a mente o avisava para agir como um cavalheiro. Não poderia culpar Beatrice por não saber quais eram as verdadeiras intenções dele. Metade do tempo nem *ele mesmo* sabia.

– Você não deveria ter criado uma situação em que ficaria a sós com ela – disse Sheridan. – Não é certo.

Grey resolveu usar a desculpa que orn usara.

– Já lhe passou pela cabeça que eu talvez esteja procurando uma esposa?

Para irritação de Grey, Sheridan caiu na gargalhada e mal conseguia falar de tanto rir.

– Que piada. *Você*... procurando uma mulher nos confins de Lincolnshire... Nem tente me convencer de um... de um disparate desses.

– Pois saiba que eu pretendo me casar um dia – resmungou Grey.

Sheridan ficou sério.

– Quando você estiver pronto, você se casará com uma dama tão

elegante, soberba e ciente do próprio papel quanto você. Não com uma pessoa autoconsciente e esquisita como minha prima.

Grey controlou o impulso de dizer a Sheridan que Beatrice não era estranha nem autoconsciente quando estava à vontade... ou nos braços dele. Mas isso só pioraria as coisas. O que foi confirmado quando Sheridan o fulminou com o olhar e declarou:

– Por isso não quero que você fique a sós com ela.

Tardiamente, Grey se lembrou de como findara naquela situação. Maldição! Ele tiraria aquele ar de superioridade da cara do irmão, nem que fosse a última coisa que fizesse.

– E como diabos você espera que eu descubra alguma coisa sobre o envolvimento de Wolfe nas mortes se eu não puder falar com Beatrice a sós? Ela obviamente não vai confessar coisa alguma na frente de toda a família.

O irmão enfiou as mãos no bolso.

– Eu já disse que ela não sabe de nada.

– Ela sabe mais do que você imagina, pelo menos a respeito do falecimento do tio Armie – disse Grey, tamborilando os dedos no piano. – Toda vez que toco no assunto ela fica nervosa. Ela nem quis me mostrar o lugar do acidente quando eu pedi. E o que *você* fez para investigar o irmão dela?

Exatamente como esperava, Sheridan assumiu uma postura defensiva.

– Eu mal tive tempo para respirar, quanto mais investigar Joshua. Você não faz ideia de como tio Armie deixou as coisas mal. Ele estava atolado em dívidas até o pescoço.

– Você está ciente de que ele era um mulherengo?

– Todo mundo sabe disso, Grey. Pelo menos por aqui. Mas como *você* sabe?

– Como você disse, todo mundo por aqui sabe.

Felizmente, a mãe e a irmã entraram bem naquele momento, mas Grey nem deu ouvidos às reclamações que faziam sobre orn. Ainda estava abalado pelo que ele e Beatrice tinham acabado de fazer.

Por que, quando estava com ela, ele se comportava de forma tão diferente e até mesmo irresponsável? Beatrice parecia acabar com sua

postura reservada, fazendo-o agir mais como ele mesmo em vez do sujeito arrogante que ele mostrava para a sociedade.

E Grey gostava disso. Poder dizer o que realmente sentia causava uma emoção impetuosa que ele desejava desesperadamente, tal qual um bêbado deseja um gole de bebida.

Estava bem claro que Beatrice não estava tentando se casar com um duque a qualquer custo como orn dera a entender. Caso contrário, quando Sheridan os pegou no flagra, ela não teria se esforçado tanto para esconder o que tinham feito.

Maldita fosse por aquilo. Essa postura fazia Grey se sentir ainda pior do que o sedutor que todo mundo acreditava que ele fosse. E que ele quase desejava ser, assim não teria o menor escrúpulo em seduzi-la. Assim, ele finalmente satisfaria o abismo de desejo que sentia quando estava perto dela.

Mas não, o Duque de Greycourt era um cavalheiro e não acreditava em deflorar damas inocentes com quem não tinha a menor intenção de se casar, mesmo as que se sentiam igualmente atraídas por ele. De alguma forma, ele teria de suportar os próximos dias, talvez semanas, e tentar desvendar a verdade sobre Joshua sem ceder aos próprios desejos.

Sem demonstrar a ela todas as formas com que poderiam atingir o êxtase juntos.

O simples pensamento fez o sangue dele voltar a ferver, com tanto vigor que Grey foi obrigado a cerrar os dentes. Precisava recuperar o autocontrole de uma vez por todas! Caso contrário, se veria preso aos caprichos de uma mulher que não conseguia sequer conter a própria opinião.

E isso jamais daria certo.

Beatrice se encostou na parede, sentindo o coração disparado. Precisava voltar para o salão, mas não sem antes se recompor. O que não era nada fácil, considerando o que tinha ouvido da discussão de Sheridan e Grey.

Eles não apenas acreditavam que Joshua talvez tivesse assassinado tio Armie, como Sheridan também dera a Grey a missão de tentar descobrir a

verdade sobre o comportamento de Joshua! Beatrice lutou contra a náusea. Grey provavelmente só tinha se aproximado dela para descobrir mais sobre o envolvimento de Joshua na morte do tio Armie. Que tipo de sujeito usava uma mulher daquela forma?

Só um canalha sem coração, isso sim. Aquilo fez com que os olhares ardentes, os beijos proibidos e as carícias desejosas parecessem uma traição pior do que os avanços de tio Armie. Ela era uma boba por ter acreditado que Grey a desejava. Provavelmente tinha imaginado aquele desejo, perdida nas emoções que sentia.

No que estivera pensando? Um homem bonito e muito experiente com as mulheres – um diabo de um duque tão rico quanto o próprio Creso – jamais desejaria estar com uma... com uma caipira sem nenhum traquejo social e sem a menor ideia de como seduzir um homem como ele. Grey provavelmente *tinha* um grupo de devassos mentirosos como ele em algum lugar de Londres. Sem dúvida tinha sido assim que aprendera a fazer o sangue de uma mulher ferver.

Bem, ele não faria mais isso com *ela*, se Beatrice pudesse evitar.

As palavras vis de tio Armie voltaram à sua mente: *a maioria dos homens não daria um segundo de atenção para uma criatura tão masculina. Você não é nenhuma beldade.*

A vontade de chorar lhe deu um nó na garganta. Beatrice achara que os insultos de tio Armie eram apenas sua forma de reagir às recusas dela de ceder aos desejos dele. Mas e se ele estivesse certo?

As vozes no salão ficaram mais altas. Era melhor entrar, mesmo que fosse apenas para evitar que Sheridan e Grey desconfiassem que ela entreouvira a conversa. Depois de se certificar que o xale estava amarrado corretamente, ela abriu um sorriso e entrou.

Felizmente, Gwyn nem parou de falar. Infelizmente, Sheridan logo veio até ela.

– Você está bem? – sussurrou ele. – Você parece um pouco pálida.

– Estou bem – mentiu ela. – Só um pouco cansada.

Ele fez uma careta.

– Sinto muito. Quer adiar a aula para amanhã? Eu não me importo de

acompanhá-la até em casa.

Beatrice ficou enjoada só de pensar em ter de fingir durante todo o trajeto a sós com Sheridan.

– Não precisa. Eu ando sozinha pela propriedade há anos – disse ela, arrependendo-se por ter sido tão dura ao ver que o primo franziu a testa.

– Claro – disse ele, educadamente. – Me desculpe por ter feito suposições.

Agora estava se sentindo péssima. Na verdade, Sheridan não dissera nada para assustá-la. Tinha sido *Grey* quem insinuara que ela sabia mais do que dizia.

Ela não sabia de nada, mas não por falta de vontade de tentar descobrir. Beatrice fizera buscas no lugar da morte do rio, mas não encontrara nada que pudesse incriminar Joshua. Ela avaliava todas as palavras que o irmão dizia, mas não podia afirmar que ele sabia dos avanços insolentes do tio.

Já cogitara até perguntar diretamente para Joshua se ele tivera alguma coisa a ver com a morte, mas mesmo que ele *estivesse* envolvido de alguma forma, jamais contaria para ela. E se ele *não* tivesse matado tio Armie, perguntar só iria feri-lo ao fazê-lo pensar que ela o julgava tão mal.

E por isso Beatrice se mantinha em silêncio. Joshua já tinha sofrido tanto que ela se odiava apenas por considerar que ele pudesse ter alguma culpa.

De qualquer forma, nada disso era culpa de Sheridan.

– Eu peço desculpas, Sheridan. Estou um pouco sem paciência, é só isso.

Tentando encontrar um motivo plausível, ela acrescentou:

– Acho que nunca serei uma debutante perfeita como sua mãe e sua irmã desejam.

– Que besteira, Bea. Isso só exige um pouco de prática. Ainda faltam alguns meses até que você possa ser apresentada à sociedade, então há tempo.

– É o que vivo dizendo para ela – disse Grey, aproximando-se dela. – Mas ainda assim ela se preocupa.

Tendo acabado de descobrir que não poderia mais confiar em nenhum dos dois, Beatrice se viu presa entre os irmãos.

– Só não quero mais decepcionar nenhum dos meus benfeitores, Vossa Graça – disse ela com voz fria, tentando esconder o quanto a presença de Grey a afetava.

Ele a olhou com expressão exasperada, mas Beatrice o ignorou.

As horas seguintes foram dedicadas a aprender a dançar o cotilhão e a quadrilha... e engolir a raiva que estava sentindo de Grey. Ainda bem que as aulas de dança daquele dia foram encerradas pelo anúncio do jantar. Embora tia Lydia a tenha convidado a se juntar a eles, Beatrice conseguiu recusar ao dizer que não queria deixar o irmão fazer a refeição sozinho. A desculpa permitiu que ela escapasse antes que escurecesse e nenhum dos homens se sentiu na obrigação de acompanhá-la.

Ao chegar em casa, viu que Joshua tinha saído e se sentiu aliviada, assim não precisaria passar mais nenhum minuto fingindo. No entanto, precisaria ser capaz de enfrentar as próximas semanas – ou o tempo que Grey permanecesse ali – sem revelar seus segredos. Se conseguisse seguir sem levantar as suspeitas dele, tudo acabaria bem.

Então bastaria rezar para nunca mais ver a cara dele.

CAPÍTULO CATORZE

Para total alívio de Beatrice, os dois dias seguintes transcorreram em um padrão confortável – dançar no salão durante o dia e jantar na casa de contradote com o irmão. Como Sheridan estava ocupado demais para ajudar nas aulas, não dançavam mais cotilhão nem quadrilha. Em vez disso, Grey e Gwyn se alternavam como par enquanto Lydia tocava uma sucessão de músicas para que dançassem contradança escocesa ou um gingado irlandês. Como Beatrice conhecia essas, coube a ela ensinar a Gwyn.

Ficou claro que Grey, embora fosse capaz de dançar qualquer estilo, não gostava muito da atividade. Aquilo exigia participar de eventos sociais, como ele repetiu diversas vezes, e ele preferia "viver seus dias como um eremita do que ter de aguentar uma hora com aqueles idiotas da aristocracia, que se achavam muito importantes". Às vezes, ele falava exatamente como Joshua, o que era muito estranho.

Pelo menos, estava conseguindo se esquivar das perguntas. Beatrice se certificava de nunca ficarem a sós, mesmo quando ele tentava uma manobra para conseguir isso. Por ter lidado com tio Armie por tanto tempo, era muito boa nisso. E, quando dançavam, ela mantinha um fluxo constante de perguntas sobre a sociedade londrina e o comportamento esperado de uma dama.

Foi assim que descobriu como Grey detestava os eventos sociais. Ele demonstrava isso com comentários depreciativos sobre as regras e as pessoas. Beatrice talvez não confiasse nele para contar os próprios segredos, mas Grey sempre parecia dizer a verdade sobre esse tema. Então, no final do terceiro dia de aulas, ela começou a se perguntar se a multidão reluzente de

lordes e ladies bem-sucedidos que ela temia conhecer em Londres não seria exatamente um grupo mais amplo feito das mesmas pessoas com as quais já tinha de lidar em Sanforth, com as mesmas vaidades, os mesmos preconceitos mesquinhos e tendência para fofocas. Se esse fosse o caso, então ela talvez conseguisse passar por aquela bobagem de debute muito bem.

No domingo, o quarto dia, não houve aula, uma vez que foram à missa. Quando a cerimônia acabou, ela se permitiu o prazer de olhar para Grey enquanto todos conversavam.

Por que ele tinha que estar tão *delicioso* naquele dia? Ele sempre usava roupas casuais em casa, mas, para ir à igreja, vestira um terno preto de lã fina, que combinava com o cabelo negro de forma muito atraente, e um colete forrado de seda branca que a fez pensar nas águas espumantes do rio que cruzava o terreno da casa de contradote. Até a gravata evocava as nuvens passeando pelo céu ao sabor do vento.

Infelizmente, ele percebeu o olhar dela e se afastou dos outros para vir até ela. Beatrice deveria ir para outro lugar, mas foi pega desprevenida. Por que outro motivo teria ficado parada, como uma idiota, enquanto observava a aproximação dele?

– Por que seu irmão não está aqui? – perguntou ele.

Beatrice sentiu um aperto no peito.

– Por que não pergunta para ele? Eu não sou babá dele.

Imediatamente se arrependeu da resposta direta, pois ele observou o rosto dela antes de retrucar:

– É exatamente o que eu faria se tivesse a chance. Mas ele evita a minha presença quase tanto quanto você.

– Eu não evito sua presença. Eu dancei com você quase todos os dias.

O olhar dele ficou caloroso.

– Não estou me referindo a isso e você sabe muito bem.

Ela quase mordeu a língua para controlar a vontade de jogar na cara dele a deslealdade que descobrira. Em vez disso, manteve o foco na pergunta, que, por mais estranho que fosse, parecia um assunto mais seguro naquele momento.

– Joshua não vem mais à missa. Diz que não suporta mais. Suponho que seja por causa da guerra e dos homens que viu morrer quando estava lutando por Deus e pelo país.

– Talvez. Ou quem sabe o motivo seja outro. A igreja costuma ser o espelho das ações de uma pessoa.

Meu Deus... Grey estava dizendo o que ela não se atrevia. Que talvez Joshua se sentisse culpado demais para ir à missa. Ela quase retrucou que o irmão não frequentava a missa desde muito antes da morte de tio Armie, mas se esforçou para se controlar antes que acabasse revelando que sabia quais eram as intenções de Grey.

Mesmo sentindo um aperto no peito e um tremor nas mãos, tentou parecer relaxada e disse:

– Talvez ele não goste da música.

Então, ela se obrigou a se afastar.

Que Grey ficasse com suas desconfianças. Ela não trairia o próprio irmão – principalmente por não saber os segredos dele.

Quando chegou a Armitage Hall no dia seguinte, foi surpreendida ao descobrir que não teriam aula de dança. Em vez disso, aprenderiam regras de etiqueta de baile, que tia Lydia e Grey ensinariam juntos.

Aquilo durou *horas*. Sheridan, que se juntara a eles por insistência da mãe, e Gwyn interrompiam de tempos em tempos para expressar opiniões... ou debochar do que Grey e tia Lydia diziam, dependendo da regra.

Beatrice não os culpava. Eram *tantas* regras, coisas do tipo como e quando uma dama deveria fazer reverência ao conhecer um cavalheiro, um gesto que envolvia manter a cabeça alinhada com o tronco e não flexionar demais os joelhos. Na verdade, ela e Gwyn foram obrigadas a treinar o movimento!

Também tiveram que aprender quem poderia dançar com quem, embora tudo parecesse depender se o baile era particular, público ou improvisado. Uma regra, porém, era sacrossanta: homens não podiam dançar com suas irmãs. O que significava que a pobre Gwyn jamais teria os irmãos como parceiros de dança em um baile.

– Mas, mãe, e se nenhum desses cavalheiros arrogantes me tirar para

dançar? – perguntou Gwyn. – Como vou mostrar minhas habilidades no salão se for obrigada a ficar sentada por causa de uma regra idiota de não poder dançar com meus irmãos?

– Você é irmã de três de duques – respondeu Sheridan com secura. – Pode acreditar quando eu digo que receberá muitos convites para dançar.

Ao ouvir a mãe pigarrear, Sheridan piscou e olhou para Beatrice com ar de arrependimento.

– Você também, prima, sem dúvida, terá convites de sobra.

Ela controlou a vontade de suspirar diante da péssima tentativa de tranquilizá-la.

– Espero que sim – disse ela com alegria forçada. – Eu terei todos *vocês* como par, já que nenhum é meu irmão e já que meu irmão de verdade nunca me levará a um salão de baile em Londres, a não ser que um de vocês aponte uma arma para a cabeça dele.

Ela rapidamente se arrependeu da referência infeliz a um crime, mas antes de ter a chance de corrigir o comentário, Grey disse:

– Isso não será necessário. Ele pode confiar em nós para tomar conta de você em qualquer salão de baile.

A voz dele fez o sangue dela derreter nas veias.

Maldito fosse por aquilo.

As táticas dele eram *tão* injustas.

Com um olhar austero para ele, Lydia se levantou.

– Também precisamos abordar alguns comportamentos ao aceitar o pedido de um cavalheiro para uma dança. Por exemplo, o cavalheiro oferece a mão direita e você aceita com a esquerda.

– E o que acontece se ele for canhoto? – perguntou Beatrice.

Aquilo acontecera com ela no baile da colheita, causando muito constrangimento.

– Então ele não poderá dançar – disse Grey com aparente seriedade.

– Grey, não brinque assim – interveio a mãe.

Ele começou a ir.

– Todos os cavalheiros em busca de casamento conhecem essas regras,

Srta. Wolfe. Não importa a mão dominante, ele sempre deverá oferecer a direita ao convidar uma dama para dançar.

– Porque seria bem confuso se você tentasse pegar a mão direita dele com a sua direita – disse Sheridan.

E foi o que bastou para que Beatrice se lembrasse da dança que Grey lhe ensinara, quando uniram a mão esquerda acima da cabeça e a direita na altura da cintura, ficando escandalosamente próximos por vários passos. Ela olhou para Grey e, por um segundo, algo sombrio, sagaz e íntimo se passou entre eles, provocando um arrepio delicioso pelo corpo ao notar o olhar dele pousado nos lábios dela.

Beatrice desviou rapidamente o olhar, antes que virasse uma completa idiota.

– E como devemos fazer se desejarmos *recusar* o pedido de um cavalheiro para dançar?

– Isso é proibido – resmungou Gwyn. – Essa regra também se aplicava à embaixada de Berlim. Diga o que acontece, mãe, se você *se recusar* a dançar com alguém.

– A moça que se recusa a dançar passa o resto do baile sentada, sem poder dançar com mais ninguém – explicou tia Lydia. – Você pode dizer que não quer mais dançar, mas esse é o único recurso.

Beatrice piscou.

– Mesmo se eu não gostar dele? Mesmo se ele, digamos, insultar meu irmão... ou... ou, não sei, tentar me beijar quando não deveria? Mesmo que ele seja um canalha?

Grey lançou um olhar duro para ela.

– *orn* é um canalha. Mas pode confiar em mim quando digo que, se uma jovem como você se recusar a dançar com ele, não seria a reputação *dele* que sairia manchada. orn é um duque. Espera-se que você aceite o convite... a não ser que ele tenha desrespeitado alguma regra do salão de dança, como tentar fazer você dançar com ele uma terceira vez.

Irritada, também bufou.

– E que porcaria de regra é *essa*?

Enquanto Grey, Sheridan e Gwyn caíam na risada, Lydia claramente

tentava controlar o riso.

– Você não pode dizer "porcaria", querida. Em lugar nenhum.

– Por mais que queira – murmurou Gwyn, baixinho.

– O que você disse, filha? – perguntou tia Lydia levantando uma das sobrancelhas.

Gwyn soltou um suspiro. Audível.

– Nada, mãe.

– Foi o que pensei – retrucou a duquesa, mas ainda assim seus olhos brilhavam quando olhou para Beatrice. – Você não pode aceitar um terceiro pedido para dançar com o mesmo cavalheiro, porque demonstrar tal preferência por um homem pode dar às pessoas a impressão de que estão comprometidos. Então, *todos* no salão vão começar a fofocar a seu respeito.

Beatrice tentou entender a loucura de tudo que ouviu.

– Então, mesmo que eu seja obrigada a aceitar o convite de qualquer homem para dançar, se um cavalheiro desejar uma *terceira* dança comigo, eu sou obrigada a recusar?

– Nenhum cavalheiro vai pedir uma terceira dança, porque eles conhecem as regras – explicou Grey. – Mas, se pedir, então, sim, você deve recusar. A não ser que queira que os fofoqueiros digam que vocês estão comprometidos.

Gwyn resolveu dar sua opinião:

– A verdade é que é melhor evitar ser colocada nessa posição. Não há nada pior do que ser obrigada a dançar com um cavalheiro com cara de bobo e mãos assanhadas.

Sheridan fez cara feia.

– E quem é o cavalheiro com cara de bobo e mãos assanhadas?

– Estou falando de uma situação hipotética – retrucou Gwyn. – Não seja um idiota.

– Gwyn, você sabe muito bem que não deve usar essa palavra – repreendeu Lydia.

Gwyn ergueu o queixo.

– Peço perdão pelo meu linguajar, Sheridan. O que eu *quis* dizer foi "não seja um *completo* idiota".

Enquanto os irmãos caíam na risada, Lydia revirava os olhos.

– Percebo agora que vamos *precisar* de três meses para que estejam prontas para o debute – disse, franzindo a testa para os filhos. – Principalmente quando vocês dois a encorajam dessa forma.

– É difícil não fazê-lo quando as damas estão certas – defendeu-se Grey. – Algumas dessas regras são antiquadas e idiotas.

– Exatamente – disse Gwyn, virando-se para Beatrice. – E é por isso que você precisa desenvolver algumas táticas para combatê-las. Confie em mim, existe uma maneira de rejeitar um cavalheiro com cara de bobo e mãos assanhadas antes que ele tenha a chance de pedir uma dança.

Grey inclinou a cabeça.

– Não fale absurdos.

– Não estou falando nenhum absurdo – retrucou Gwyn. – A única maneira de uma dama inteligente conseguir enfrentar essa bobagem de baile, em qualquer país, é se certificando de que dançará apenas com os cavalheiros que lhe interessam.

– Ah, você se refere aos ricos e bonitos – provocou Sheridan.

– Estou preocupada em evitar os arrogantes e cheios de si, como meus irmãos – retorquiu ela.

– Ei! – protestou Sheridan. – Desde quando eu sou arrogante?

– Podemos acabar logo com isso? – perguntou Grey, impaciente. – Quero ouvir a bobagem que Gwyn está prestes a falar.

– Está vendo? – disse Gwyn. – Arrogante.

– Estou mais para entediado – disse ele, pegando o relógio. – Não temos o dia todo.

Gwyn mostrou a língua para ele.

– Sinta-se à vontade para sair quando quiser. Não precisamos de você para essa parte. Por que você e Sheridan não vão... aprimorar seus modos cavalheirescos ou subjugar algum camponês ou algo assim.

– Queira me desculpar, minha irmã, mas não conheço camponeses – disse Grey, que, com uma piscadela para a mãe, acrescentou: – E eu não tenho intenção de perder esta parte.

Sheridan apoiou os braços no encosto do sofá.

– Não quando estamos prestes a ouvir os segredos mais antigos do mundo feminino.

Gwyn o fulminou com o olhar.

– Agora vocês estão sendo uns *malditos* idiotas.

– Gwyn! – exclamou Lydia, verdadeiramente chocada dessa vez.

– Desculpe, mãe – resmungou Gwyn. – Bea, por favor, ignore meus irmãos.

– Eu sempre ignoro a insolência – declarou Beatrice com sarcasmo, o que fez Gwyn sorrir. – Mas você dizia...

– O segredo para lidar com um salão de danças é fazer com que um cavalheiro nunca perceba que você usou de artimanhas para não dançar com ele. Vamos fingir que eu sou um cavalheiro me aproximando de você no salão.

Gwyn caminhou até Beatrice e, engrossando a voz, disse:

– Espero que sua noite esteja sendo agradável, milady.

Antes que Beatrice tivesse a chance de responder, Grey interrompeu:

– Meu Deus, se você acha que homens *falam* assim, tenho medo de ouvir o que você acha que diríamos.

Ele se aproximou e se colocou entre Beatrice e a irmã.

– É assim que se faz – disse ele, fazendo uma reverência educada. – Srta. Wolfe, a senhorita me concederia a honra desta dança?

– Não, não! Você não entendeu nada! – exclamou Gwyn. – Depois que você fizer o pedido, ela não pode recusar. Ela tem que agir de modo a não dar ao cavalheiro a chance de pedir.

– Ah, sim. Que exercício idiota.

Quando ele levantou uma das sobrancelhas, Gwyn disse:

– Se você acha que é idiota, Grey, pode ir embora e deixar que eu cuido disso.

Ela fez um gesto enxotando-o, antes de se voltar para Beatrice e continuar:

– Existem várias coisas que podemos dizer para fazer um cavalheiro se afastar. Assim que ele vier em sua direção, você pode simular um ataque de

tosse. Com certeza vai funcionar. Nenhum homem vai querer pegar uma gripe de você.

– Exatamente – disse Sheridan. – E isso fará com que nenhum outro cavalheiro também queira.

– Bem, se eles desistem tão fácil, talvez nós não os queiramos – rebateu Gwyn.

– Concordo – falou Beatrice, determinada a demonstrar toda sua solidariedade à amiga.

Gwyn continuou:

– Você também pode pedir que ele pegue um copo de ponche para você e torcer para que outro a convide para dançar enquanto ele se afasta.

– Isso parece cruel – afirmou Beatrice.

– Ah, acredite em mim – disse Grey. – Assim que ele se der conta de que você está dançando com outro homem, deixará o ponche e sairá em busca de uma presa melhor. Eu já vi Vanessa usar essa artimanha com alguns cavalheiros.

– Vanessa é uma herdeira, Grey – comentou Sheridan do sofá. – Ela pode se safar de muito mais coisas do que Bea.

Gwyn o ignorou.

– Você pode pedir para o cavalheiro fazer outras coisas: procurar sua acompanhante, se ela estiver longe, ou pegar um xale que você deixou do outro lado do salão mais cedo, justamente para isso. Esses pedidos fazem com que o homem em questão se sinta um herói ajudando sua dama. E aí, se acontecer de alguém pedir uma dança enquanto ele estiver ausente, isso não é culpa *sua*, certo?

– Se eu fosse o homem em questão – disse Grey, olhando para Beatrice –, não me deixaria abater tão facilmente.

Beatrice tentou controlar a emoção que as palavras dele despertaram. Ela não conseguia se imaginar usando uma das táticas de Gwyn.

– Talvez seja melhor tentar me esconder embaixo dos móveis caso um cavalheiro inconveniente se aproxime.

Uma voz vinda da porta respondeu:

– Essa tática não vai funcionar nem com os cachorros, patinha.

Beatrice se virou e viu o irmão parado ali.

– Joshua! O que você está fazendo aqui?

Com um sorriso pesaroso, ele ignorou os outros e se aproximou, mancando, apoiando-se na bengala.

– Achei melhor vir ver como a estão preparando para o debute. E se você está pensando em se esconder embaixo dos móveis para evitar os homens, acho que cheguei bem a tempo.

Sheridan se levantou do sofá.

– Boa tarde, primo. Bom ver você.

Os modos rígidos desmentiram as palavras de boas-vindas. Imediatamente, a camaradagem desapareceu, fazendo com que Beatrice lembrasse que Sheridan e Grey desconfiavam que o irmão assassinara tio Armie.

Lydia se aproximou para beijar o rosto de Joshua sem demonstrar que tinha sentido qualquer tensão entre os homens.

– Que bom que você veio, meu sobrinho. Espero que fique para o jantar.

– Temo que não seja possível – respondeu Joshua, abrindo um sorriso sincero para a tia. – Vim buscar Beatrice, pois temos que conversar sobre as necessidades do canil antes que eu vá para Leicester amanhã, procurar dois cães.

– Ah, que pena – disse tia Lydia. – Eu gostaria muito que pudessem ficar.

Gwyn pigarreou. Lydia olhou para a filha e enrubesceu.

– Ah, mas que deselegante estou sendo. Joshua, permita-me que lhe apresente ao meu outro filho e à minha filha.

– Conheci Greycourt no funeral – falou Joshua, lançando um olhar furtivo para Gwyn. – Mas ainda não tive a honra de conhecer lady Gwyn, embora eu já tenha ouvido muito a respeito dela.

– Ora, isso é muito intrigante.

Gwyn abriu um sorriso ao dar um passo para a frente e olhou Joshua rapidamente de cima a baixo, em uma rápida avaliação.

– Suponho que seja o major Wolfe?

Ele baixou a cabeça.

– Aos seus serviços, senhorita.

Diferentemente da maioria das mulheres que Beatrice e Joshua encontravam, Gwyn não demonstrou qualquer traço de nojo ou frieza em relação a ele ou ao ferimento da perna. Nem pena, o que era igualmente raro.

Para surpresa – e alegria – de Beatrice, Gwyn olhou para Joshua com curiosidade mais do que qualquer outra coisa. E um pouco de atração, talvez? Beatrice sempre considerara o irmão bonito, apesar do problema da perna e de ele manter o cabelo preto em um comprimento maior do que a moda ditava. A reação de Gwyn mostrou que ela estava certa.

E não havia dúvida no modo direto com que Joshua analisava Gwyn. O irmão nunca tinha olhado para outra mulher daquele modo... ou pelo menos não depois que voltou da guerra.

Que interessante.

– Eu contei tudo sobre você, Gwyn – disse Beatrice, sem querer que Gwyn ficasse imaginando onde Joshua teria ouvido falar dela.

– Sim, minha irmã sempre elogia nossos novos parentes. E os parentes *deles* – disse Joshua em tom irônico, embora mantivesse os olhos fixos em Gwyn.

Longe de ficar desconcertada com o tom dele – e o olhar intenso –, Gwyn abriu um sorriso que podia ser considerado sedutor.

– Bem, sua irmã maravilhosa não disse quase nada sobre *o senhor*. Eu até comecei a imaginá-lo como um eremita escondido em uma caverna em algum lugar. Fico muito feliz de saber que eu estava errada.

Como Joshua não estava acostumado a ter uma mulher flertando com ele, ficou boquiaberto como se Gwyn fosse uma criatura estranha e nova em um jardim zoológico.

Beatrice se controlou para não rir e foi até o irmão.

– Temo que meu irmão não goste muito de socializar. Ele vive mergulhado no trabalho.

– Entendo que o senhor, major Wolfe, é o guarda-caça da propriedade – disse Grey, entrando na conversa.

– Exatamente – respondeu Joshua em tom impaciente.

– Tenho certeza de que meu irmão está feliz por tê-lo nessa posição e

por realizar tão bem seu trabalho – continuou Grey. – Assim, ele pode se dedicar a resolver as questões financeiras deixadas por seu tio.

Maldito homem, mencionando deliberadamente tio Armie!, pensou Beatrice.

– Boa sorte – disse Joshua para Sheridan em tom amigável. – Creio que já deve ter notado que nosso tio era péssimo para lidar com dinheiro. Seu pai deve ter se desesperado quando se deu conta de que teria de descobrir onde o irmão gastara todo o dinheiro.

– E agora o desesperado sou *eu*, embora me pareça que ele tenha gastado uma soma enorme em um novo projeto nos jardins – disse Sheridan em tom mais caloroso do que antes.

– Ah, sim – disse Joshua. – Tio Armie mandou construir diversos valados e ficou obcecado com a criação de uma área "selvagem" que todos da cidade chamam de "Tolice de Armie". Isso sem mencionar a fortuna que ele gastou em diversas construções nos jardins.

– Ouvi dizer que existem ruínas na propriedade. É verdade? – insistiu Grey, provocando calafrios em Beatrice.

Maldito. Ele sabia que tio Armie tinha morrido perto das ruínas? Porque se sabia, ela deveria mudar de assunto.

– Existem ruínas, um gazebo chinês e um pequeno eremitério que é a coisa mais linda...

– Ruínas! – exclamou Gwyn, sem perceber que frustrava Beatrice ao escolher aquele tópico em particular. – Por que só estou ouvindo falar disso agora?

– Porque todos nós estamos muito ocupados – respondeu Sheridan, lançando um olhar velado para Grey que Beatrice não soube interpretar.

– E porque não é uma ruína de verdade – disse Joshua, soando surpreendentemente elegante. – Tio Armie mandou construí-la. Vocês ficariam chocados se soubessem quanto trabalho é necessário para criar as ruínas de uma abadia cujo relógio da torre ainda funciona.

Beatrice relaxou. Ou Joshua estava disfarçando muito bem ou não fazia ideia de que Grey estava tentando pegá-lo em uma armadilha.

– Pois eu não ficaria nem um pouco chocada – falou Gwyn. – Uma

estrutura de tal magnitude? Deve ter sido bem cara.

A expressão do irmão dela mudou e, por um momento, Beatrice viu um brilho de interesse nos olhos dele.

– Com certeza. E é por isso que a obra não foi concluída.

– Ruínas arruinadas – comentou Grey com sarcasmo. – Tenho muitas coisas assim nas minhas propriedades. Mas nós as chamamos de "cabanas dos trabalhadores". – Quando Beatrice olhou para ele, Grey acrescentou: – Meu pai era muito relaxado na manutenção da propriedade, algo que estou determinado a mudar.

– Sim, sim – disse Gwyn, acenando com as mãos em um gesto de quem faz pouco caso. – Nós todos sabemos sobre seus grandes planos de melhoria, Grey. Mas essas são ruínas deliberadas, criadas para serem exibidas. Eu já tinha ouvido falar que os ingleses estavam fazendo isso, mas nunca imaginei estar tão perto de uma. – Ela abriu um sorriso para Joshua. – Eu gostaria muito de vê-las.

– Duvido que uma dama tão fina quanto a senhorita acharia isso divertido.

Gwyn ergueu uma das sobrancelhas.

– Até mesmo uma dama fina pode ter interesses pouco usuais. Talvez o senhor soubesse disso se viesse nos visitar.

Joshua estreitou o olhar.

– E a senhorita receberia o guarda-caça do seu meio-irmão?

– O senhor é *primo* do meu meio-irmão – disse ela, e um brilho de desafio apareceu em seus olhos. – Isso faz do senhor uma pessoa da família.

– A senhorita e eu não temos nenhum laço de parentesco, lady Gwyn – retrucou Joshua com voz inflexível. – Graças a Deus.

– Pode acreditar em mim, major Wolfe – disse ela inclinando a cabeça com charme. – Estou tão encantada quanto o senhor por saber que não temos qualquer laço parental.

Joshua pareceu ficar momentaneamente sem palavras.

Beatrice quase expressou seu prazer em voz alta. Ela adoraria aprender *aquele* truque. Não se importava com as aulas para sua apresentação à

sociedade – talvez Gwyn pudesse ensiná-la como lidar com irmãos irascíveis, visto que era capaz de controlar bem os dela.

– De qualquer forma – continuou Gwyn, piscando rapidamente –, seria um prazer se o senhor me mostrasse as ruínas.

– Pois a senhorita pode ir sozinha – respondeu Joshua. – Eu explico como chegar lá.

– Aí eu perderia todos os comentários informativos que o senhor poderia oferecer – retrucou Gwyn. – E ficaria sem saber de nada.

Quando Joshua respirou fundo, como se estivesse se preparando para uma batalha, Sheridan resolveu intervir:

– Peço que perdoe a insistência da minha irmã. Ela é apaixonada por construções antigas. Já preencheu vários cadernos de anotações com descrições arrebatadas de estilos artísticos e o papel que cada uma teve na história. Quando éramos crianças, ela vivia arrastando orn, Heywood e eu até alguma rua antiga de Berlim para ver uma casa que ela achava "esplêndida".

Gwyn fungou.

– O que era muito bom para todos, já que nenhum de vocês é capaz de reconhecer as belezas da arquitetura.

Quando Grey revirou os olhos, Beatrice percebeu que talvez aquela fosse uma boa chance para demonstrar a ele e a Sheridan que ela não se incomodava com a perspectiva de visitar o lugar onde tio Armie morrera, já que o acidente acontecera bem perto das ruínas. Mas aquilo só funcionaria se ela conseguisse se certificar de que Joshua não estaria presente.

– *Eu* posso levá-los – ofereceu-se Beatrice, olhando para os três irmãos. – Fica a poucos quilômetros daqui. Podemos caminhar ou ir de carruagem.

– Só se o major Wolfe aceitar nos acompanhar. O que acha, senhor? – perguntou Gwyn para Joshua. – Podemos ir agora?

O pedido direto e urgente fez o coração de Beatrice se encolher de medo. Ela achava que seria capaz de controlar a própria reação ao ver o local onde tio Armie morrera, mas como poderia controlar a de Joshua?

Joshua contraiu o maxilar.

– A senhorita parece ter se esquecido de que eu só vim aqui buscar

minha irmã para levá-la para casa.

Beatrice observou a expressão do irmão: a máscara que ele vestia era quase inescrutável. Mas se tivesse que adivinhar, diria que Joshua não estava nem um pouco satisfeito com a perspectiva de mostrar as ruínas para alguém.

Ela olhou para Grey e percebeu que ele estava igualmente interessado na reação de Joshua. Maldito.

– Já está ficando tarde para irmos até lá – disse Beatrice. – Quando chegarmos, já estará escuro demais para vermos qualquer coisa.

– Pois vamos visitar as ruínas amanhã – sugeriu Grey.

– Que ótima ideia! – exclamou Gwyn. – Podemos fazer uma excursão, preparar um piquenique e tudo mais.

– Mas Gwyn – interveio Lydia. – E a aula de vocês?

– Preciso sair um pouco e ficar ao ar livre por um dia, senão vou enlouquecer, mãe – retrucou Gwyn. – Temos meses de aulas pela frente e, além do mais, você sabe como eu gosto de ver essas coisas.

– Então está marcado – disse Beatrice. – Venho buscá-los amanhã às dez, e vamos visitar as ruínas.

– *Nós* viremos buscá-los – afirmou Joshua com firmeza. – Posso adiar meus assuntos em Leicester por um dia.

Beatrice fitou o irmão, boquiaberta e surpresa por ele parecer gostar da ideia. Então, Joshua fez uma reverência.

– Mas Beatrice e eu vamos deixá-los agora para que possamos fazer os planos para essa "excursão".

Beatrice esperou até que estivessem bem longe do salão, antes de arriscar perguntar:

– Tem certeza de que quer passar o dia nas ruínas?

– Por que não haveria de querer? – perguntou ele, mantendo o olhar fixo no caminho. – Há semanas você insiste para que eu passe mais tempo com nossos parentes.

– Sim, mas... Bem... É que elas ficam tão perto de onde tio Armie morreu.

Ele deu de ombros.

– E por que eu me importaria com isso? Não me diga que você sente falta do velho canalha.

– Não, é claro que não.

Ela tentou interpretar a expressão de Joshua, mas ele permanecia inexpressivo. E o fato de que sequer olhava para ela talvez também não significasse nada. Ela sabia melhor que ninguém como era difícil para ele caminhar na trilha de cascalhos.

– Eu preferia muito mais tio Maurice a tio Armie. E Sheridan é ainda mais bondoso.

O irmão apenas resmungou, taciturno como sempre.

– Realmente, todos são bondosos – continuou ela. – Mas eu sei muito bem como você detesta ser forçado a passar tempo na companhia deles. Então, se preferir não ir...

– Eu sei o que você está tentando fazer – rosnou ele. – Você quer passar mais um dia com seu precioso Greycourt e não me quer por perto enquanto isso.

– O quê? Não!

Ela não esperava aquela mudança na conversa. E como diabos Joshua podia saber que ela e Grey...

– Você está sendo ridículo.

– Estou mesmo? Você nem se dá conta do quanto fala sobre as opiniões dele, sobre tudo que ele diz. Foi por isso que vim aqui hoje, para ver com meus próprios olhos vocês dois juntos – disse Joshua, olhando-a de esguelha. – Eu ouvi quando ele disse que *ele* não desistiria tão fácil de dançar com você. E eu vi como você enrubesceu ao ouvir o comentário. Vocês dois juntos... Eu fico preocupado.

– Por quê?

Beatrice sentiu o calor inundar seu rosto. Será que ela realmente ficaria vermelha toda vez que pensasse em Grey? Ela se adiantou um pouco para que Joshua não percebesse.

– Você acha que sou incapaz de atrair um homem como ele?

Joshua bufou sonoramente.

– Que droga, Beatrice, isso não tem nada a ver com atração. Homens

como ele e tio Armie usam as mulheres e as jogam fora, só pensam no próprio prazer. Depois que estão fartos, *se casam* com uma mulher mais adequada.

Cada uma daquelas palavras foi um golpe no coração de Beatrice.

– Você acha que eu não sei disso? – perguntou ela, sentindo a garganta arranhar com as lágrimas que não podia verter.

Ela se virou para olhar para ele, fazendo com que ele parasse.

– Você realmente acha que eu não tenho noção alguma?

Ele deve ter notado o sofrimento por trás das palavras dela, pois piscou.

– Eu não quis... Eu não estava dizendo...

Joshua soltou um palavrão.

– Eu só quero protegê-la. Nosso pai não deixou muita coisa a não ser um dote minguado e, como você mesma disse no outro dia, nossos parentes podem muito bem nos expulsar da casa na primeira chance que tiverem.

Beatrice fez uma careta. De certa forma, no decorrer da semana, esses temores tinham sido apaziguados, uma vez que havia ficado claro que a tia e Gwyn se importavam demais com ela para fazerem algo tão horrível assim. Até mesmo Sheridan não parecia capaz disso.

Joshua continuou:

– Isso sem mencionar tio Armie, que...

Quando ele parou de falar, ela sentiu um calafrio.

– O que tem o tio Armie?

Ele passou a mão no queixo.

– Nada. A questão é que ninguém, inclusive eu, ofereceu a você nada que chegue perto do que você merece. Ninguém fez isso por você, e eu também não tenho como fazer. Mas existe uma coisa eu *posso* fazer: posso protegê-la. E é exatamente isso que farei, custe o que custar.

Aquele era o mais próximo que ele já chegara de admitir o que tinha feito. Ela engoliu o medo.

– Você não precisa me proteger. Eu sei fazer isso sozinha.

Ele deu uma risada seca.

– Ah, sei. Até onde sei, sua habilidade com tiro deixa muito a desejar.

Aquilo a pegou de surpresa. Tio Armie não morrera com um tiro. Por

que ele estava falando sobre armas de fogo? Estaria falando no geral? Joshua permanecia inescrutável.

– De qualquer forma – continuou ele –, amanhã irei com o grupo, queira você ou não.

– E seus negócios em Leicester?

– Podem esperar – disse ele, e então olhou nos olhos dela com uma expressão mais suave. – Eu sei que às vezes você não acredita, patinha, mas nada é mais importante para mim do que seu futuro.

As palavras amorosas foram agridoces. Ela sentiu vontade de confrontá-lo com suas preocupações. Mas não conseguiu, não depois de ele ter conversado mais com ela e com a família do que fizera em semanas.

Muito bem. Talvez ela devesse confrontar Grey e Sheridan a respeito do que entreouvira e exigir que explicassem o que sabiam. Se eles tivessem provas contra o irmão, ela poderia defendê-lo ao explicar a provável motivação de Joshua. Se, depois de saberem a que nível a degradação de tio Armie chegava, ainda assim decidissem continuar a perseguir o irmão, então ela o convenceria a fugir.

Porque se ela tivesse de escolher entre os parentes – ou Grey – e o irmão, ela sempre escolheria Joshua. Sem dúvida.

CAPÍTULO QUINZE

Depois que Beatrice e seu irmão saíram, Grey sugeriu que Sheridan e ele tomassem um conhaque no escritório para que pudessem conversar em particular. A porta mal se fechara quando Sheridan perguntou:

– O que você achou do meu primo agora que teve mais tempo para avaliá-lo?

Grey colocou as mãos nos bolsos.

– Não gostei nada do jeito que ele olhou para Gwyn.

– Do que você está falando?

– Você não viu os dois? Ela estava flertando com Wolfe e ele claramente olhou para ela com desejo.

– *Desejo*? Eu não percebi nada disso – retrucou Sheridan.

Mas Grey notara o olhar cheio de cobiça que Wolfe direcionara a Gwyn todas as vezes. Era parecido com o desejo que ele mesmo sentia sempre que via Beatrice. O que significava que Gwyn estava brincando com fogo.

Assim como ele, se parasse para pensar. Os irmãos Wolfe eram uma dupla poderosa.

– Só estou dizendo que se você estiver certo e o major realmente quiser o ducado para si, talvez ele esteja em busca de uma esposa para completar o pacote. Alguém como nossa irmã.

Sheridan caiu na gargalhada.

– Então meu primo escolheu muito mal. Gwyn é inteligente demais para se casar com um guarda-caça que não tem nem onde cair morto, independentemente da patente na Marinha Real.

– Se suas suspeitas estiverem certas e ele realmente estiver tentando

conquistar o ducado, então ele não *seria* um guarda-caça que não tem onde cair morto quando decidir ficar com ela, não é?

– A única maneira de Joshua conseguir o ducado é matando a mim e Heywood sem levantar suspeita. E isso não vai acontecer, já que você e eu vamos impedi-lo. Então não importa *como* ele olha para Gwyn. Ela nunca vai se casar com ele nas atuais circunstâncias. Ele não é rico o suficiente para ela.

Grey não tinha tanta certeza. Mas também não tinha certeza se sequer poderia dizer que conhecia a irmã. Ele não estivera por perto enquanto Gwyn crescia. Na verdade, ele mal tinha estado com a própria família desde a chegada deles à Inglaterra. E as cartas dos pais não fizeram justiça a Gwyn. Como poderiam? Ela era única. E claro que Wolfe se sentiu atraído. Quem não se sentiria?

– Vamos deixar esse assunto de lado – disse Grey. – Talvez eu tenha imaginado tudo isso.

Embora soubesse muito bem que não.

– Mudando de assunto – continuou –, esse lugar que vamos visitar amanhã... Estamos falando das mesmas ruínas perto das quais seu tio morreu?

– Exatamente. Você viu a expressão de Joshua quando Gwyn mencionou que queria que ele a levasse até lá? Se eu já vi algum atestado de culpa nessa vida...

– Foi ele quem começou a falar sobre as ruínas – argumentou Grey. – Acho que ele não faria isso se fosse culpado.

Culpado de alguma coisa além do desejo que sentira por Gwyn, é claro.

– Mesmo assim – disse Sheridan. – Amanhã vamos tentar arrumar um jeito de levá-lo ao lugar onde encontraram tio Armie e avaliar as reações dele.

– *Nós* não vamos fazer nada – rebateu Grey. – *Eu* vou fazer.

Quando Sheridan deu sinais de que ia protestar, Grey acrescentou:

– Enquanto Wolfe estiver ocupado nesta excursão, você vai até a ponte tentar localizar as partes do gradio que caíram no rio junto com nosso pai. Encontrá-las pode nos ajudar a confirmar se a ponte foi danificada. Como

Wolfe estará ocupado com outras coisas, será o momento perfeito. Você não vai ter que responder nenhuma pergunta.

Sheridan relaxou.

– Bem pensado.

– Você chegou a fazer alguma busca no lugar onde seu tio morreu?

– Sim, mas não vi nada. Acho que Joshua teve tempo suficiente para se livrar de qualquer evidência de crime. Nós só chegamos à Inglaterra semanas depois do funeral do tio Armie.

– Mas se ainda houver alguma coisa a ser encontrada, tenho certeza de que encontraremos.

– E se não encontrarmos?

– Então é porque não há nada para se encontrado.

Sheridan cruzou os braços.

– Tem certeza de que os sorrisos doces e o jeito como Bea fica lindamente corada não estão influenciando você a ignorar o óbvio?

Grey se irritou.

– Você precisa que eu o lembre de que, desde o início, fui cético em relação às suas desconfianças? Mesmo quando eu mal conhecia a Srta. Wolfe?

Sheridan ficou sério.

– Desculpe, irmão. Só estou... frustrado por não termos descoberto nada de concreto.

Grey também estava. Mas não queria contar para Sheridan as reações de *Beatrice* às coisas até ter mais certeza.

Na manhã seguinte, Grey ficou surpreso ao ver Beatrice entrar sozinha no vestíbulo.

– Onde está seu irmão?

– Eu poderia perguntar o mesmo – rebateu ela. – Aliás, para um homem que deveria estar me ajudando a melhorar meus modos nesses últimos dias, você poderia melhorar os seus. Quando encontramos com uma pessoa, a

conversa deve começar com um "bom dia", e não com uma pergunta rude como "Onde está seu irmão?". Ao menos foi isso que me ensinaram.

Ela conseguiu reproduzir bem o tom inquisitivo de Grey. O que foi, no mínimo, desconcertante.

– Queira me perdoar, Srta. Wolfe – disse ele, tentando não sorrir. – Bom dia. Como vai? Mas, por favor, me diga, onde está seu irmão? – perguntou, erguendo uma das sobrancelhas. – Isso basta para você?

Mordendo o lábio para não sorrir, ela respondeu:

– Creio que sim. E a resposta para sua pergunta é: Joshua está lá fora com os *foxhounds*.

– Ah, novamente os cachorros. Se você espera que eles me mantenham sob controle, lembre-se de que não ajudaram muito da última vez.

Beatrice ruborizou.

– Que bobagem. Eu só achei que um exercício faria bem a eles.

Quando Grey riu, ela ergueu o queixo.

– E onde está o restante da *sua* família, Vossa Graça?

– Ah, vejo que voltamos ao Vossa Graça.

Quando ela não respondeu, ele se controlou para não praguejar.

– Sheridan não irá conosco, disse que tem muito trabalho a fazer antes de se encontrar com o advogado. Gwyn está acabando de se arrumar e pediu para dizer que já vai descer. Minha mãe queria se juntar a nós, mas se lembrou que já tinha marcado de experimentar um novo vestido de luto.

Beatrice estava com o mesmo chapéu prático que usara no dia do passeio deles, mas, desta vez, colocara um redingote de lã preta perfeitamente apresentável para uma mulher de luto – não fosse por um detalhe: um lenço verde em volta do pescoço.

– Você parece uma rosa em flor.

Ele não fazia ideia de onde aquelas palavras idiotas tinham saído, embora ela *realmente* estivesse parecendo uma rosa, com o rosto corado e os olhos brilhantes. Isso sem mencionar o lenço.

– É verde – disse ele fazendo um gesto para o lenço. – Parece um... um caule. Sabe?

Quando ela enrubesceu mais, ficou ainda *mais* parecida com uma rosa.

– Eu não consegui encontrar o preto. E também não tenho um branco. Além disso, está frio hoje.

As palavras saíram atropeladas, como costumava acontecer quando ela ficava nervosa. Grey não se importava tanto com isso quanto deveria. Estava tão acostumado a mulheres da sociedade que controlavam cada sílaba que saboreava a presença de alguém que nunca fazia isso.

– Pode acreditar, estou feliz de ver um pouco de cor. Estou ficando cansado de ver todos vestindo roupas pretas pontilhadas apenas por detalhes brancos – disse ele, sorrindo. – E duvido muito que os cães vão se importar se sua roupa de luto está ou não totalmente de acordo com as regras.

Esperava que o comentário fosse fazê-la rir, mas as poucas palavras que ela lhe dirigira no dia anterior haviam atestado que ainda estava muito chateada com o encontro íntimo. Grey não ficou surpreso quando ela não disse nada.

Não que ele a culpasse por agir assim. Ele tinha dito que nunca se casaria com ela, sem dar qualquer motivo. Como poderia explicar para ela sobre os anos que passara se endurecendo para resistir às manipulações e tormentos do tio? Que era insuportável a ideia de dar a uma pessoa poder sobre ele, ainda que essa pessoa fosse uma esposa? Que deixar alguém entrar no seu coração e brincar com suas emoções, mesmo que de forma inconsciente...

Não, ele não conseguia.

Ainda assim, odiava ver Beatrice demonstrar indiferença ao encontro deles na última semana: *Não lhe desejo mal, milorde. Só acho que seria sábio não dançarmos mais quando estivermos sozinhos, se é que me entende.*

Ele havia entendido muito bem. Beatrice não estava disposta a se entregar àquele tipo de comportamento com um homem que não tinha intenção de se casar com ela. E embora isso fosse mais do que esperado – e Grey gostava de pensar que jamais se aproveitaria dela dessa forma –, isso o irritava. Porque significava que ela era capaz de se livrar do desejo que sentia por ele mais facilmente do que ele conseguia se livrar do que sentia por ela.

O silêncio de Beatrice o irritava ainda mais. E foi o que o fez dizer algo que não deveria, só para provocá-la:

– Desconfio que o verdadeiro motivo para minha mãe não se juntar a nós é bancar o cupido e deixar que Gwyn tenha seu irmão só para ela. E que eu tenha *você* só para mim.

O olhar frio que ela lhe lançou poderia congelar um riacho. Por fim, uma reação.

– Pois você deveria ter dito a ela que isso jamais funcionaria. Como você mesmo deixou bem claro, não está procurando uma esposa. Ou, pelo menos, não uma esposa como eu.

Aquilo *não* era o que ele queria que ela pensasse, e Beatrice sabia disso.

– Que droga, Beatrice...

Gwyn escolheu exatamente aquele momento para descer a escada correndo.

– Já vou, já vou!

Gwyn foi até Beatrice e lhe deu um beijo em cada face.

– Me desculpe pelo atraso. Minha aia teve *muito* trabalho para arrumar meu cabelo, cada cacho parecia querer ir para o lado contrário ao que eu queria, não importava quanto ela se esforçasse. E ela costuma ser uma fada. Bem, é preciso mesmo ser uma fada para controlar meus cachos indomáveis.

Beatrice sorriu.

– Pelo menos você tem cachos. Meu cabelo é liso e escorrido, não importa o que eu faça.

Gwyn balançou a cabeça enquanto o criado a ajudava com o casaco preto de pele.

– Seu cabelo está lindo como sempre – disse, olhando em volta. – Onde está seu irmão?

– Lá fora, com os cachorros. Nós decidimos...

– Ora, veja só, Srta. Wolfe – interrompeu Grey, finalmente vencido pelo próprio temperamento. – Por que não passou um sermão em *Gwyn* por perguntar onde seu irmão está?

Beatrice ergueu uma das sobrancelhas.

– Porque ela me cumprimentou de forma adequada *antes* de perguntar.

Gwyn riu.

– Me deixe adivinhar: você chegou e Grey começou a dar ordens disfarçadas de perguntas? Foi isso?

– Você conhece seu irmão tão bem... – disse Beatrice, rindo para Grey.

– Espero que tenha chamado a atenção dele, Bea.

– É claro que sim.

– Ah, pelo amor de Deus – resmungou ele, irritado com o joguinho das duas. – Eu estou ouvindo, sabiam?

Gwyn foi até ele.

– Pobre Grey, obrigado a ficar na companhia de mulheres que não fazem reverências toda vez que ele entra no cômodo.

– Cuidado com a rebeldia – avisou ele. – Ou eu posso escandalizar a sociedade e pedir que dance comigo.

– Ora, como se eu me importasse – falou Gwyn. – Se eu quiser dançar com meu irmão, vou dançar. Um pouco de escândalo nunca fez mal a ninguém.

Beatrice ficou séria.

– Espero que esteja certa. Porque comigo, eles terão mais do que um *pouco* de escândalo para lidar.

– Claro que estou certa, Bea.

Gwyn deu o braço a Beatrice e as duas caminharam juntas em direção à porta.

– Seremos apresentadas à aristocracia como as virgens donzelas da sociedade. Podem até sussurrar aqui e ali sobre nós, mas não por muito tempo. Temos três duques do nosso lado. Ninguém se atreverá a espalhar fofocas a nosso respeito ou ser grosseiro conosco.

– Gwyn está certa, Srta. Wolfe. Vocês estarão cercadas de duques.

– Dois dos quais são bastante infames, fique sabendo, Bea – disse Gwyn. – Ninguém vai falar mal de *você*, prometo. Todos estarão ocupados demais fofocando sobre orn e Grey, mesmo enquanto estiverem atirando as filhas na frente dos meus irmãos a cada passo que derem.

– E quanto a Sheridan? Não haverá fofocas sobre ele? – perguntou Grey.

Gwyn deu risada.

– É claro que sim, mas qualquer fofoca sobre *ele* será sobre seu caráter

sério e respeitoso.

– Imagino – respondeu Grey com um pouco de sarcasmo.

Sheridan, o Santo. O caçula que odiava o apelido que lhe caía como uma luva.

– Agora – disse Gwyn, dando tapinhas nas mãos de Beatrice enquanto caminhavam até a porta de braços dados –, o que você estava dizendo sobre cachorros?

Grey seguiu as damas, mas não ouviu nada do que conversavam. Duvidava que as fofocas do debute fossem sobre Sheridan, o Santo, se esse mesmo santo tivesse descoberto um plano de seus parentes para matar o pai e o tio. Isso levantaria um tipo diferente de boato.

E Beatrice pagaria o preço.

Aquele pensamento deixou Grey agitado. Ele não tinha parado para pensar no que aconteceria com Beatrice se o irmão dela fosse acusado de assassinato. Mesmo se não tivesse qualquer envolvimento no plano, ela nunca mais teria a chance de se destacar na sociedade. As fofocas voltariam ao antigo escândalo do duelo que matara o pai dela. Também acrescentariam comentários maldosos sobre a deficiência física do major. Quando acabassem com ele, destilariam veneno na parente mais próxima de um homem tão odioso.

E se Wolfe fosse para a prisão? Ela ficaria ainda mais pobre do que já era agora. A mãe dele poderia ajudá-la o máximo que conseguisse, mas, no fim das contas, Beatrice acabaria enterrada e esquecida nos confins de Lincolnshire, forçada à solteirice porque seu irmão era um notório criminoso.

Grey gostaria de nunca ter se envolvido nessa investigação. Tinha quase certeza de que Wolfe não assassinara Maurice – o major não tinha motivação alguma para fazer tal coisa. E se ele de fato tivesse matado Armitage, aquele diabo que tirava vantagem de qualquer mulher à sua volta... Bem, aí a questão era outra. Grey não conhecera ninguém que tivesse ficado realmente triste com a morte de tio Armie.

Convencer Sheridan a desistir daquela busca tola era o mínimo que poderia fazer para compensar Beatrice por ter desequilibrado a vida dela.

Beatrice desceu os degraus com Gwyn, ignorando o fato de Grey estar logo atrás delas. Como ele se atrevia a tecer comentários sobre tia Lydia querer formar casais? Ele não tinha o menor interesse nela como esposa e ainda assim insistia em persegui-la, provavelmente querendo transformá-la em amante, o canalha.

O latido dos cachorros chamou sua atenção a tempo de ver como Joshua olhava para Gwyn enquanto elas desciam os degraus.

Beatrice escondeu a alegria que sentia. Não teria imaginado o interesse de Joshua em Gwyn, mas, se isso realmente se tornasse uma coisa mais séria, Beatrice não teria que se preocupar tanto com o irmão. Afinal de contas, Gwyn era uma moça maravilhosa. Se alguém poderia ultrapassar a barreira de tristeza de Joshua, esse alguém era uma pessoa tão alegre quanto lady Gwyn.

Gwyn deu um gritinho de prazer enquanto se ajoelhava aos pés de Joshua para fazer carinho em um dos cachorros.

– Ah, como eles são lindos! Que cachorrinhos maravilhosos.

Gwyn sorriu para Joshua.

– Eles não são "cachorrinhos" – resmungou Grey. – São *foxhounds*.

Beatrice não sabia o que estava incomodando Grey, mas ele parecia irritado com a irmã desde o momento em que ela descera.

– Eu *sei* disso – retrucou Gwyn. – Só quis elogiar os cachorros – disse, piscando para Joshua. – Eu adoro cachorros.

– Se não me falha a memória – disse Grey –, você não gostava nem um pouco deles.

Gwyn se levantou e fulminou o irmão com o olhar.

– Isso já faz muito tempo. Antes de você sair de casa. Eu realmente não gostava... mas só porque tinha muito medo. Mas o que você esperava? Eu tinha *seis* anos. Quando cresci, mamãe me deu o Fofinho e ele me fez mudar de opinião.

– E de que raça era o Fofinho? – perguntou Beatrice, determinada a tirar o foco da conversa da superproteção de Grey.

Gwyn se virou para ela com um sorriso caloroso iluminando seu rosto.

– Ele era o *pug* mais lindo do mundo, Bea. Você o teria amado. Fiquei com o coração partido por ter que deixá-lo em Berlim, mas ele estava velhinho demais para sobreviver à viagem. Felizmente, mamãe disse que podemos encontrar outro *pug* para mim da próxima vez que formos para Londres.

– Espero que não o chame de Fofinho também – murmurou Joshua.

– Também espero – concordou Grey.

Gwyn riu.

– Vocês homens, hein? Foi nossa mãe quem escolheu o nome. Eu queria chamá-lo de Puguinho.

Os dois gemeram.

– O pobre cão devia querer se esconder de tanta vergonha toda vez que ouvia o próprio nome – comentou Grey com Joshua. – Francamente, Fofinho...

Joshua riu.

– E Puguinho? Você poderia muito bem colocar um laçarote no pescoço dele. Um cachorro macho deve ter um nome másculo, como estes dois aqui: Mercúrio e Zeus.

– Ah – disse Grey. – Então é você que tem predileção pela mitologia?

– Sou eu que escolho o nome de todos os cachorros da propriedade. Se eu deixasse, Beatrice escolheria nomes como Radiante, Brilhante e Elegante!

– Eu jamais escolheria esses nomes! – protestou Beatrice.

– E qual é o problema desses nomes? – perguntou Gwyn, aquecendo o coração de Beatrice ao defendê-la. – São muito meigos.

– Os cachorros daqui são cães de caça, não *pugs* – disse Joshua. – O objetivo deles é caçar, não ter nomes meigos.

Beatrice olhou friamente para o irmão.

– Bem, e quem escolhe nomes como Mercúrio e Zeus para cachorros? São cachorros, não personagens da *Odisseia* de Homero, pelo amor do Senhor!

Joshua piscou, confuso.

– E o que você sabe sobre a *Odisseia* de Homero?

– Eu sei *ler*, sabia? – perguntou ela, bufando. – Só que escolho ler coisas diferentes das que você gosta. E só por causa disso, você pode levar os dois cachorros. Quem sabe você tenha sorte e eles façam as necessidades másculas deles em cima das suas botas! Grey, Gwyn e eu vamos encontrá-lo nas ruínas – disse Beatrice, erguendo as saias. – Venham, vocês dois, vamos deixar meu irmão com os cachorros.

– Ah, pode ir na frente com Grey – disse Gwyn, lançando um olhar furtivo para Joshua. – Vou fazer companhia para seu irmão.

– Como queira – disse Beatrice. – Espero que você não fique com vontade de esganá-lo por ser um *idiota* antes de chegarem lá.

E com o comentário nada digno de uma dama, ela saiu pisando forte em direção à trilha que cruzava os jardins e levava às ruínas.

Grey a seguiu. Assim que a alcançou e estavam longe o suficiente para não serem ouvidos, perguntou:

– O que foi aquilo?

Não adiantava esconder a verdade.

– Meu irmão me irrita. Gwyn está sendo gentil com ele e, mesmo assim, ele não hesita em implicar com o entusiasmo dela. Ele faz a mesma coisa comigo o tempo todo. Ele e os nomes *másculos*. São *cachorros*! Eles não se importam com o nome que recebem.

– Certamente você leva essa questão de nomes de cachorro bem a sério.

– Os cachorros são só um dos motivos para eu ter perdido a paciência.

Beatrice estava mais zangada pelos sacrifícios que tinha feito por Joshua, todos os segredos que guardara. E tudo isso por quê? Ele parecia não se importar se fosse condenado à forca por assassinato e a própria Beatrice começava a se perguntar por que *ela* se importava.

Mas não conseguia evitar. Desde que Joshua voltara da guerra, eram só eles dois, um tomando conta do outro. Chateava-se por ele não perceber o quanto aquilo era importante para ela.

Eu sei que às vezes você não acredita, patinha, mas nada é mais importante para mim do que seu futuro.

Ela suspirou. Ele claramente se importava também. O que aumentava sua determinação de protegê-lo, ainda que ele mesmo não o fizesse.

– Será que dá para andar mais rápido? – resmungou ela para Grey.

– Tudo bem, mas por que tanta pressa?

– Quero conversar com você e não quero que meu irmão ouça.

A expressão dele ficou sombria.

– Entendi.

A partir dali, Grey não fez mais nenhum comentário enquanto a seguia em direção ao lugar ao qual ela estava determinada a chegar para conversarem a sós.

Uma vez lá, ela puxou Grey pelo que parecia ser um conjunto de arbustos, mas que servia apenas para esconder uma trilha para uma clareira maior com um banco de pedra.

Ele olhou em volta, claramente admirado com o caramanchão construído cuidadosamente em uma das extremidades, coberto de rosas de Ayrshire.

– Que lugar é este?

– É um dos primeiros jardins criados pelo paisagista do tio Armie.

Ela estremecia só de pensar em como o tio provavelmente usava aquele jardim, mas não conhecia nenhum outro lugar isolado na trilha onde pudessem conversar em particular.

– Seu irmão conhece este lugar?

– Não. *Eu* não conheceria se não tivesse ajudado meu tio a acertar as contas com o paisagista – explicou Beatrice, e então entendeu por que ele fizera aquela pergunta. – Por que você quer saber?

– Nenhum motivo específico.

A cautela no olhar dele contradizia seu tom de voz.

– Fale a verdade, Grey. Você está perguntando porque acha que Joshua ficou escondido aqui, à espreita, esperando tio Armie na noite de sua morte.

Grey cruzou os braços.

– E por que eu pensaria uma coisa *dessas*?

– Por favor, tenha a decência de não fingir ignorância na minha cara. Eu ouvi você e Sheridan falando sobre meu irmão no dia em que eu e você dançamos sozinhos.

Grey praguejou. Beatrice respirou fundo.

– Você acha que meu irmão matou meu tio.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Mas que inferno! Ela sabia durante todo aquele tempo?

Para alívio de Grey, bem naquele instante, ouviram Joshua e Gwyn conversando enquanto seguiam lentamente pela trilha e passavam pela entrada da clareira. Então, ele e Beatrice foram obrigados a ficar em silêncio, o que lhe deu tempo para organizar os pensamentos.

Grey devia ter imaginado o que estava acontecendo. No início, temera que Beatrice pudesse ter entreouvido a conversa com Sheridan sobre o major. Mas dias se passaram sem que ela desse nenhum sinal disso, fazendo com que ele pensasse que seus temores eram infundados. Grey simplesmente presumiu que os modos frios se deviam à recusa dele de considerar o casamento. Obviamente estivera errado.

Quando o som da voz e dos passos de Joshua e Gwyn ficaram distantes, ele murmurou:

– Sinto muito, Beatrice. Eu não queria...

Ela cruzou os braços.

– Culpar meu irmão pela morte acidental de alguém? É claro que queria. Sem se importar se ele serviu ao país e a esta propriedade de forma admirável. Hoje ele é praticamente um eremita, grosseiro com todo mundo; logicamente um ótimo candidato a vilão. *Se* a pessoa estiver procurando um, o que aparentemente é o caso de vocês dois. Embora eu não consiga imaginar o motivo.

– Não mesmo? Você certamente se esforçou muito para evitar falar sobre ele, assim como sobre seu tio.

Ela desviou o olhar.

– Eu só... Eu não sei o que falar sobre ele. Joshua é obviamente infeliz, mas isso não significa que ele matou tio Armie! – disse Beatrice, envolvendo o corpo com os braços e olhando para ele. – E eu não gosto de falar sobre tio Armie, porque não quero falar mal dos mortos.

Aquela desculpa de novo.

– Você não se importou em falar mal dos mortos quando me contou que seu tio gostava de mandar em você e no seu irmão.

– Foram palavras que *você* disse, não eu. Foi um *acidente*.

Grey achou que Beatrice parecia estar tentando convencer a si mesma.

– Eu trouxe você aqui para dizer que está errado em relação a Joshua. O único pecado dele é a rabugice – disse ela, com a voz ofegante e rouca. – Então pode parar de flertar e de me elogiar e de... tentar se aproximar de mim e tudo mais. Nada disso vai fazer com que eu confirme suas suspeitas, porque elas não são verdadeiras.

– Do que você está falando? – perguntou ele, chegando perto dela. – Eu não me aproximei de você por causa das desconfianças de Sheridan. Meu Deus, que tipo de homem você acha que eu sou?

Quando Beatrice ergueu o olhar, Grey sentiu como um golpe o brilho de mágoa que viu nos olhos dela.

Ela respondeu com voz estrangulada:

– Eu acho que você é um homem acostumado a fazer tudo que for necessário para conseguir o que quer, mesmo que isso signifique dizer... coisas adoráveis para a irmã ridícula do... homem de quem você desconfia.

Ela mordeu o lábio inferior antes de continuar:

– Para "a prima esquisita e autoconsciente" do seu irmão.

Meu Deus, a situação era pior do que ele imaginava. Ela ouvira o comentário de Sheridan sobre o motivo de Grey jamais se casar com uma mulher como ela.

Ele a segurou pelos ombros.

– Foi Sheridan quem disse isso, não eu. E eu não acho que você seja esquisita nem ridícula. Você não pode acreditar que eu fingi o desejo que sinto só para descobrir coisas sobre seu irmão.

– Mas foi *você* que disse para seu irmão: "E como diabos você espera que

eu descubra alguma coisa sobre o envolvimento de Wolfe nas mortes se eu não puder falar a sós com Beatrice?"

Ela o fulminou com o olhar.

– Esse seu suposto desejo faz parte do seu plano de ajudar meu primo a descobrir a verdade. Mas sou obrigada a dizer que ele não aprovaria as suas táticas – prosseguiu ela.

– Não – retrucou Grey. – Ele realmente não aprovaria. Nem eu. Eu nunca usei uma mulher dessa forma. E foi por isso que *tentei* resistir aos meus piores impulsos com você.

Ele olhou para os lábios dela e disse:

– Mas não consegui. Mesmo agora, só o que eu quero fazer é beijar você para que veja como suas suposições estão erradas.

Libertando-se das mãos dele, ela atravessou a clareira e parou ao lado do banco de pedra.

– Isso não provaria nada. Você já demonstrou que é perfeitamente capaz de fingir o desejo quando isso é conveniente.

– Inferno, eu não estava fing...

Ele passou uma das mãos no rosto. Aproximou-se dela e a abraçou por trás. Baixou a voz e disse:

– Sei que você se sentiu da mesma forma que eu quando estávamos dançando.

Beatrice estremeceu.

– Sim, você é um mestre da sedução, tão bom que você mesmo se envolve na ilusão. Mas se tivesse escolha, um homem com... com a sua experiência não...

– Minha experiência me ensinou como é raro encontrar uma mulher como você.

Ele simplesmente não conseguia acreditar que estava falando aquelas coisas. Como os irmãos ririam dele! Ainda assim, só de pensar que ela acreditava ser incapaz de fazer um homem perder a cabeça, só de pensar que ele a magoara tanto...

Ciente de que ela não esboçou resistência quando ele a puxou para mais perto, Grey aumentou a pressão do abraço.

A voz dela não passava de um murmúrio rouco:

– Eu não sou ninguém para você.

– Claro que é.

Ele desamarrou o chapéu dela, o tirou e colocou sobre o banco para que pudesse cheirar seu cabelo.

– Você realmente acha que eu passearia por este bosque todos os dias com uma pessoa que considero ninguém? Ou passaria horas ensinando essa pessoa a dançar?

– Quando você tem algum interesse... – sussurrou ela.

– No início, Sheridan queria ser o responsável por suas aulas de debutante, depois ele me pediu para investigar seu irmão. Eu o convenci de que *eu* era a pessoa certa para ensinar você em vez dele. Quer saber o motivo?

– Não – respondeu ela, fungando.

– Porque você já tinha despertado em mim a vontade de conhecê-la melhor, com suas provocações, com suas respostas diretas e atrevidas – confessou ele, pensando que, posteriormente, também graças à empatia que demonstrara em relação aos sentimentos dele. – Como eu poderia *não* ficar intrigado com uma mulher com tantos talentos?

Ela deu uma risada autodepreciativa.

– Que talentos? A capacidade de treinar cães? Imagino que tenha vinte homens a seu serviço que fazem o mesmo. E eu já mostrei para você que, infelizmente, sou inexperiente em etiqueta social.

– Qualquer pessoa pode aprender a se comportar na sociedade.

Ele beijou a orelha dela, depois o rosto, saboreando o suspiro que escapou de sua boca. Beatrice fazia com ele ficasse tão rígido como uma pedra. Meu Deus, como ela não percebia que o desejo dele era genuíno?

– Mas os outros talentos são parte do seu caráter. Como sua lealdade com a família, sua habilidade de negociar com comerciantes e seu conhecimento de como uma propriedade funciona. Você manteve a casa funcionando desde que nossa família chegou e conseguiu isso sem se indispor com ninguém. Considerando a natureza irascível dos meus parentes, isso é um grande feito.

À medida que ela relaxava sob o toque dele, Grey cedeu ao impulso de cobrir um dos seios dela e acariciá-lo. Deslizou, então, a outra mão para acariciá-la entre as pernas.

Quando ela gemeu, Grey intensificou as carícias por cima das roupas de forma mais apaixonada. Se ao menos pudesse despi-la, apoiá-la no banco e seduzi-la como o libertino irresponsável que a sociedade acreditava que era...

– A intensidade do meu desejo por você me deixa louco.

Beatrice colocou a mão sobre a dele, como se fosse afastá-la, mas, em vez disso, ela o incitou a acariciá-la com mais força, enquanto remexia o corpo contra o dele.

– Se você me deseja... é só porque quer... que eu seja... sua amante.

– Que Deus não permita.

Ela se virou e o fulminou com o olhar.

– Nem para isso eu sirvo?

Ele segurou o rosto dela.

– Você é boa *demais* para isso. Você merece mais do que a ruína.

– Como você pode dizer isso quando nem consegue pedir a minha mão em casamento?

A mágoa na voz dela o dilacerava.

– Eu não *vou* pedi-la em casamento. Existe uma grande diferença. Essa é uma escolha que estou fazendo porque... porque...

– Por causa de Joshua – sussurrou ela com expressão sombria.

– Isso não tem nada a ver com ele. Só posso garantir que não conseguirei ser o marido que você deseja e precisa. Não importa o quanto eu queira.

– Então por que diabos você continua me tocando e me beijando, se sabe muito bem que nada poderá resultar disso? Eu só consigo ver um motivo para isso: você acha que eu trairia o meu irm...

– Eu não consigo me controlar, inferno! – exclamou ele, praguejando por ser tão franco. – Você acha que me orgulho disso? Pode ter certeza de que não. Eu sou um homem conhecido pelo meu autocontrole e é exatamente por isso que existem tantas histórias mentirosas a meu respeito. As pessoas esperam que eu saia da linha.

Aproximando o rosto do ela, ele sussurrou:

– O problema é que sempre que você e eu estamos juntos, eu quero... eu preciso... eu tenho que ter...

Ele cobriu os lábios dela para um beijo faminto e desesperado, antes de se afastar e concluir:

– ... você. Comigo.

Ao ouvir as palavras dele, Beatrice sentiu o coração acelerar e se censurou por se deixar levar tão facilmente. Como um homem poderia fazê-la se derreter assim? Ela queria os beijos dele, queria as carícias, queria... as mesmas coisas que ele, ao que tudo indicava. Se ela ousasse acreditar nele.

Grey continuou com a voz rouca e firme:

– E isso não tem nada a ver com seu irmão nem com as teorias de assassinato de Sheridan.

Ele deslizou a mão pelo corpo dela, passando pelos seios, pela cintura, até chegar ao quadril e pegar a nádega, puxando-a contra a ereção evidente.

– Isso só tem a ver comigo e com você. Com o desejo que sentimos um pelo outro. Com o quanto nós dois desejamos *isso*, por mais imprudente que esse desejo seja – murmurou, roçando os lábios nos dela.

Daquela vez, quando a beijou, Grey mergulhou nela com uma necessidade tão forte quanto uma onda arrebentando na praia. A língua invadiu cada milímetro da boca de Beatrice, enquanto as mãos passeavam, exploravam e acariciavam o corpo dela.

Beatrice segurou nos ombros dele e o abraçou, ficando na ponta dos pés para seduzi-lo com o beijo. Não se importava que ele nunca a tornasse sua duquesa. Tudo que sabia era que ele a estava beijando com o desejo de um homem sem título, sem expectava... a não ser a de que ela se entregasse. E que Deus a ajudasse, porque era isso que ela estava fazendo.

Através da névoa do prazer, sentiu quando ele tirou o lenço do pescoço dela e o colocou no banco ao lado do chapéu. Então, ele afastou os lábios dos dela, só para beijar o rosto e o pescoço, saboreando sua pele, fazendo o coração dela acelerar ainda mais e o sangue esquentar tanto que ela nem notou quando ele levantou seu redingote e anágua até a altura da coxa.

Mas definitivamente sentiu quando ele escorregou a mão por sua perna

para levantá-la e apoiá-la no banco. O movimento a fez ficar com as pernas escandalosamente abertas, e ele rapidamente tirou proveito da posição, apoiando o redingote e a anágua sobre a perna dobrada para que pudesse alcançar o lugar onde a acariciara antes. Seu "pote de mel", como alguns homens às vezes chamavam aquela parte.

E ela enfim entendeu o motivo, pois quando ele correu o dedo por sua abertura, notou que, bem no ponto que ardia por ele, ela escorria como mel.

– Grey, não tenho certeza se isso é... prudente.

– Não, não é nada prudente.

Ele passou o nariz pelo pescoço dela, enquanto mergulhava um dedo dentro dela. Ela ofegou, o que o fez rir.

– Você gosta disso?

– Gosto... Ah, gosto... Grey, por favor... *por favor*...

– Não se preocupe, querida – disse ele com a voz deliciosamente rouca. – Vou lhe dar um prazer sem igual. Se você permitir...

Ela se segurou nos ombros dele.

– Neste momento, eu permito que faça qualquer coisa que quiser – admitiu ela, sem o menor pudor.

– Não diga isso – rosnou ele, enquanto a boca buscava a dela, parando apenas para dizer: – Porque o que eu quero levaria horas e seu irmão virá nos procurar em algum momento.

A lembrança deveria ter soado como um alerta para ela, mas a carícia dos dedos dele bloqueou tudo, exceto a necessidade de tê-lo ali.

– Horas? – perguntou ela, não percebendo que se esfregava contra a mão dele.

– Dias – murmurou ele. – Semanas, se eu tivesse a chance.

Ele cobriu os lábios dela em mais um beijo selvagem, aumentando ainda mais o desejo de Beatrice. Ela o queria; ele a queria. O que havia de errado naquilo?

Ah, tanta coisa. Ainda assim, ela se deixou levar pelo calor do momento, desejando que ele a tomasse, que lhe mostrasse todos os prazeres que mencionara antes. E foi exatamente o que ele fez, com carícias habilidosas

até encontrar um ponto entumecido e ardente que pulsava e latejava sob seu toque.

Que perverso. Mesmo naquele momento, Grey sabia como deixá-la louca.

– Me toque também, querida.

Ele empurrou a mão dela até o ponto rijo na calça.

– Aqui, *por favor*.

A voz dele expressava a mesma necessidade que ela sentia. Então, enquanto ele a acariciava, ela o tocou por cima do tecido, saboreando o suspiro dele e o modo como seus dedos aumentaram a pressão do toque, acendendo um fogo dentro dela que jamais imaginara existir. As sensações gloriosas que a inflamavam eram quase insuportáveis.

Depois de um tempo, ela segurava o braço dele com a mão livre, desesperada por um toque mais forte, até que sentiu as chamas a consumindo por dentro, eliminando qualquer inibição, transformando a respiração ofegante e os gemidos em gritos abafados.

– *Grey!* – Ela sentiu uma explosão intensa que a rasgou de dentro para fora. – Ah... Minha *nossa*!

No instante seguinte, ele afastou a mão dela e a puxou para si.

– Meu Deus, querida!

Ele fechou os olhos enquanto jogava a cabeça para trás. O corpo dele estremecendo junto ao dela.

– Minha doce... Beatrice... Que Deus me ajude, mas... você me fez... ir longe demais.

Ela não sabia bem o que ele queria dizer com aquilo até que Grey procurou um lenço e o enfiou dentro da calça enquanto sua respiração saía tão ofegante quanto a dela. Beatrice olhou para o rosto tenso e sentiu uma onda de satisfação ao perceber que conseguia fazer aquele homem desejável e lindo sentir coisas assim.

Ele baixou a cabeça e olhou para ela através de pálpebras semicerradas por um momento longo e tenso.

– Será que agora você finalmente entende? *Isto* é o que você faz comigo, só por ser você mesma. Então nunca mais diga que estou fingindo sentir

desejo por você... por *qualquer* motivo. Meu desejo não é fingimento, assim como o seu também não.

Eles se encararam por um tempo, ambos presos na armadilha do desejo carnal. Então, para terror de Beatrice, ela ouviu a voz do irmão.

– Beatrice! Onde diabos você se meteu?

CAPÍTULO DEZESSETE

Não fora a intenção de Grey tornar as coisas mais difíceis para Beatrice. Ainda assim, era exatamente o que tinha feito, julgando pela velocidade com que ela tirara o pé do banco e se apressara em alisar a saia.

– Beatrice... – começou ele, enquanto enfiava o lenço no bolso e abotoava o sobretudo.

– Silêncio! Meu irmão não pode nos encontrar juntos aqui. Não desta forma.

Como se para pontuar os medos dela, Grey ouviu Wolfe chamar:

– Onde você está?

O som não vinha de muito longe do esconderijo.

– Maldito – sibilou Beatrice enquanto amarrava rapidamente o chapéu e colocava o lenço no pescoço. – Ele não nos deu tempo suficiente.

Inferno... Aquele era o resultado de não conseguir controlar o próprio desejo por uma mulher.

– Fique aqui – murmurou ela, enquanto caminhava até a entrada.

– Espere – disse Grey em voz baixa o suficiente para não ser ouvido além da cerca.

Ele já havia perdido o controle do corpo, não queria perder o da mente também. No entanto, ainda não tinha descoberto o que desejava quando seguira Beatrice até ali.

Quando ela parou e olhou para ele, Grey perguntou:

– Me diga a verdade, Beatrice. Seu irmão matou seu tio Armie?

Ela suspirou.

– Eu sinceramente não sei.

E, então, ela correu para a trilha.

Controlando-se para não praguejar, Grey ouviu quando Beatrice se encontrou com o irmão e com Gwyn e quando o major exigiu saber aonde ela tinha ido e onde Grey estava.

Mas Beatrice mentia muito mal. Só Deus sabia o que ela poderia dizer se o irmão a pressionasse. Grey fez uma expressão neutra e calma e seguiu para a trilha.

– Srta. Wolfe, que lugar incrível... – Grey fingiu surpresa ao ver o irmão dela ali. – Ah, aí está você, major. Imagino que saiba tudo sobre este maravilhoso recanto construído pelo seu tio. Sua irmã acabou de me mostrar. Um ótimo trabalho de paisagismo.

Os olhos de Wolfe se estreitaram.

– De que diabos você está falando?

Grey fez um gesto para a trilha escondida.

– O arvoredo ali atrás. Achei que conhecesse.

– Eu não conheço – disse Joshua olhando para a irmã. – Do que ele está falando?

Lançando um olhar grato para Grey, Beatrice respondeu:

– Tio Armie mandou construir uma linda área isolada e cercada aqui no bosque. Eu estava mostrando o lugar para Sua Graça, já que ele havia expressado interesse em ruínas e paisagismo.

– Ah, eu também quero ver! – exclamou Gwyn. – Onde é?

Beatrice os levou a até a clareira.

– Essa foi a primeira experiência do meu tio para criar um lugar secreto para... hum... contemplação.

Joshua olhou para a clareira com desconfiança.

– Como você sabia sobre este lugar, Beatrice?

– Como expliquei para o duque, estive ciente dos custos para a construção do lugar. E eu costumava vir aqui para ficar longe de todos. Mas só depois que tio Armie morreu.

Gwyn e Grey trocaram um olhar velado.

– Que gentileza sua mostrar este lugar para o meu irmão. Ele gosta muito de lugares isolados.

Grey fulminou a irmã com o olhar.

– Não tenho dúvidas quanto a isso – disse Joshua, com raiva, observando a área com olhos de águia.

Beatrice se apressou em dizer:

– Se entrar no arvoredo por ali e seguir até o fim, encontrará um poço com criaturas estranhas entalhadas nas laterais.

Gwyn se animou e pegou a mão de Beatrice, puxando-a naquela direção.

– Você precisa me mostrar isso!

Assim que as damas se afastaram o suficiente para não ouvirem a conversa, Joshua se virou para Grey com um olhar duro.

– Não pense que não estou vendo o que está tentando fazer.

– Hum? – perguntou Grey, fazendo-se de desentendido. – E o que exatamente estou tentando fazer?

A expressão de Wolfe ficou sombria de raiva.

– Atrair minha irmã para sua armadilha. Seduzi-la com seus elogios e seus modos agradáveis de homem da cidade.

– Eu nem sabia que eu *tinha* modos agradáveis.

Na verdade, Grey estava bem próximo de acertar um soco nada agradável na cara do major. Como aquele homem se *atrevia* a acusá-lo de alguma coisa? Aquela situação nem existiria se não fossem os possíveis atos criminosos dele e a desconfiança de Sheridan.

– Isso pode ser uma piada para você – rosnou Joshua –, mas estou avisando, Greycourt, fique longe da minha irmã ou...

Grey olhou para ele.

– Ou o quê?

O desafio pareceu pegar o major de surpresa. Com a testa franzida, ele colocou o peso na perna boa e apontou a bengala para Grey.

– Eu vou desafiá-lo. Duque ou não, você *não* vai se aproveitar de Beatrice. E não ache que o problema na minha perna afeta minha pontaria ou minha capacidade de atirar. Eu lhe garanto que não.

Grey estava prestes a dizer que a pessoa desafiada escolhia as armas, e ele certamente escolheria espadas, só para acabar de vez com a ideia tola de

Wolfe de duelar. Felizmente as damas retornaram antes que ele pudesse provocar o orgulhoso major com palavras que ele consideraria intoleráveis.

Indo para o lado de Joshua, Gwyn disse em tom de flerte:

– Você deveria ver o poço. É realmente incrível.

Mantendo o olhar treinado em Grey, ele disse:

– Uma próxima vez, talvez. Beatrice e eu vamos voltar para casa.

Beatrice endireitou os ombros.

– Mas nós ainda não fizemos o piquenique. E Grey ainda nem viu as ruínas.

– Não estou nem aí para o maldito piquenique! – exclamou.

Ele contraiu o maxilar quando Gwyn e Beatrice olharam para ele.

– Eu levo você para fazer um piquenique outro dia, patinha – disse ele em um tom mais ameno. – E lady Gwyn pode levar Sua Graça até as ruínas.

Gwyn olhou de Joshua para Beatrice, cujo semblante empalidecera.

– Acho que Grey pode encontrar as ruínas sozinho. Elas não são tão impressionantes assim – disse, e ofereceu a mão para Beatrice. – Vamos voltar para casa? Minha mãe já deve estar farta de lidar com a costureira e pronta para retomar as aulas de debutante.

Joshua se colocou entre Gwyn e Beatrice.

– Ela não precisa de aulas de vocês. Ela pode muito bem encontrar um marido sozinha, aqui em Lincolnshire mesmo.

Gwyn estava prestes a responder, mas Beatrice contornou o irmão para se juntar novamente à amiga.

– E se eu não *quiser* um marido de Lincolnshire? Essa escolha não é sua, Joshua. Não importa o que você acha, eu preciso da ajuda deles para encontrar um marido decente – disse ela, dando o braço para Gwyn. – Venha, vamos encontrar sua mãe. Estou ainda mais ansiosa para continuar a preparação para nosso debute em Londres.

À medida que as duas mulheres se afastavam, sem nem lançarem um olhar na direção de Grey, Joshua pareceu momentaneamente agitado, como se não esperasse que o dia terminasse daquele jeito. Grey também não, então sabia exatamente como o major se sentia.

Ainda assim, ele poderia se aproveitar da saída das damas.

– Talvez *o senhor* devesse me mostrar as ruínas – declarou Grey.

Joshua pareceu desconcertado e rebateu:

– Temo que Vossa Graça tenha de encontrar o caminho sozinho. Eu adiei negócios importantes para podermos fazer esse pequeno passeio – disse, e com uma ligeira reverência com a cabeça, acrescentou: – Tenha um bom dia. E lembre-se do que eu disse: deixe minha irmã em paz.

Grey desejou atirar o aviso na cara do oponente para conseguir o mesmo efeito: que Joshua deveria deixar *Gwyn* em paz. Mas Gwyn era dona da própria vida. Se ela quisesse o major, a interferência de Grey – ou mesmo a de Sheridan – só serviria para fazê-la querer o homem ainda mais.

Sendo assim, deixou que Joshua se afastasse sem fazer ameaças. Não havia motivo. Como Sheridan dissera, Gwyn sabia muito bem que não deveria escolher um homem como o major.

Um homem que poderia ser um assassino. Grey se incomodou com o fato de que Joshua se recusara a se aproximar do lugar em que tio Armie morrera. Talvez Grey devesse ir até lá sozinho para ver se conseguia encontrar qualquer coisa que Sheridan tivesse deixado passar.

Uma busca na área não revelou nada significativo, no entanto. Grey voltou para a mansão, parte dele imaginando se veria Beatrice. Ficou agitado só de pensar naquilo.

Por que ela o deixava assim? Nenhuma mulher da sociedade jamais elevara a temperatura dele daquela maneira. No entanto, uma garota do interior fazia seu sangue ferver e a boca salivar? Não fazia o menor sentido. Até mesmo nos seus tempos mais impetuosos de vinho, mulheres e música, ele sempre conseguira se divertir sem perder o controle e sem desejar ver uma mulher específica com mais frequência.

Não conseguiu negar a decepção ao descobrir que Beatrice deixara Gwyn e a mãe logo depois que voltara para a mansão. Ele perguntara sobre Sheridan, mas o meio-irmão ainda não tinha voltado para casa. Depois de trocar de roupa para o jantar, Grey esperou por ele no escritório. E foi recompensado pela diligência quando Sheridan apareceu algumas horas depois.

– Onde diabos você se meteu? – perguntou Grey imediatamente.

Sheridan o fulminou com o olhar. Estava irado.

– Você deveria ter mantido Joshua fora do meu caminho para que eu pudesse fazer uma busca. Mas ele apareceu na ponte e precisei me esconder. *Eu tive que me esconder*! Eu nunca me escondo de ninguém!

– Que sorte a sua, não é?

Grey passara metade da vida se escondendo – das maquinações dos tios, das mulheres que o queriam como marido... de si mesmo.

– O que você quer dizer com *isso*? – perguntou Sheridan.

– Nada. De qualquer forma, o passeio de hoje não saiu como esperado.

Sheridan revirou os olhos.

– Isso ficou bem óbvio, mas descobri uma coisa muito importante – disse, servindo-se de uma dose de conhaque. – Assim que eu consegui sair de lá, decidi ver o que as fofocas em Sanforth diriam sobre Joshua. E foi quando descobri que tio Armie estava planejando vender a casa de contradote. Ou seja, tirar o lar de Joshua.

Grey sentiu um calafrio.

– Não só de Joshua, mas da irmã também.

Parecendo repentinamente desconfortável, Sheridan tomou um gole da bebida.

– Todos na cidade pareciam saber que tio Armie queria vender a casa de contradote para ajudar a pagar as dívidas. E, supostamente, Joshua sabia disso. Então talvez o assassinato não tenha nada a ver com o ducado. Joshua pode ter decidido matar tio Armie para impedir que ele vendesse a casa.

– É possível – disse Grey, sombrio. – Embora essa teoria não explique a morte do seu pai.

Sheridan olhou para o copo.

– Na verdade, explica, sim. Eu tinha me esquecido completamente disso, mas, em algum momento depois que nos mudamos para cá, nosso pai mencionou que se as coisas piorassem, ele sempre teria a opção de vender a casa de contradote.

Grey sentiu dificuldade de respirar.

– Será que Joshua ouviu isso? Ou Beatrice?

Sheridan deu de ombros.

– Eu sinceramente não faço ideia. Mas se Joshua sabia, por ela ou pela fofoca na cidade...

Grey sentiu um aperto no coração. Isso dava motivos para Beatrice também. E embora ele não conseguisse vê-la saindo para matar dois homens, *ela*, não Joshua, era quem conhecia um esconderijo não muito longe de onde tio Armie morrera e onde poderia ter ficado de tocaia.

Ainda assim, Grey duvidava que ela teria a força – ou a vontade – para empurrar um homem do cavalo e fazê-lo quebrar o pescoço, mesmo que fosse um homem com mais de sessenta anos. Ela precisaria da ajuda do irmão. Apesar da perna manca, os dois conseguiriam matar alguém juntos.

Só que, para seguir essa linha de raciocínio, Grey teria de acreditar que tinha errado completamente na sua avaliação sobre o caráter dela, que tinha interpretado erroneamente cada palavra, cada ocasião em que ela enrubescia... cada uma das carícias doces e eróticas. Será que ele havia se enganado tanto assim?

Com o olhar distante, Grey analisou o comportamento dela desde que se conheceram. Até aquele dia, Beatrice tinha evitado ativamente ficar a sós com ele, principalmente quando ele mencionava o irmão dela ou o tio. Mesmo naquele dia, ela provavelmente só o tirara da trilha para que ele não visse a reação de Joshua diante do local onde o tio morrera.

Até então, ele acreditara que ela teria outro motivo para evitá-lo, mas e se não fosse o caso? Ela acusara Grey de tentar conquistá-la... mas e se, durante todo aquele tempo *ela* estivera tentando conquistá-lo de uma forma mais sutil e eficaz do que qualquer outra mulher já fizera? E se o objetivo de Beatrice fosse acabar com as desconfianças dele deixando-o louco de desejo? Para tentar descobrir o que Grey sabia, o que Sheridan sabia. Ou se Sheridan planejava vender a casa de contradote. E se?

Se Beatrice fosse esse tipo de trapaceira, era ainda mais manipuladora do que os tios dele e isso era muito difícil de acreditar.

Quanto mais pensava na possibilidade, mais irritado ficava. E se, em sua paixonite tola, ele simplesmente tivesse caído nas garras de um assassino e sua cúmplice?

– Grey, você está bem?

– Estou – disse ele, ficando de pé. – Mas preciso isso. Tenho que verificar uma coisa.

Quando Grey seguiu para a porta, Sheridan disse:

– Ah, eu quase ia esquecendo... o que houve entre você e Joshua no passeio para as ruínas? Qual foi a reação dele ao chegar ao local em que tio Armie morreu?

– Não chegamos até lá – respondeu Grey.

Não, não chegaram. Porque Beatrice se certificara daquilo.



Beatrice estava jantando quando ouviu a batida na porta. Mas que diabos? Não podia ser Joshua. Ele não bateria e, de qualquer forma, quando ela voltara de Armitage Hall, ele já tinha partido para Leicester. Ao menos foi o que dissera a única criada que tinham antes de ir embora para casa.

Sozinha. Beatrice relutou em atender à porta agora que já anoitecera. Mas poderia ser apenas um criado da mansão que viera buscá-la por algum motivo.

– Pode ir abrindo essa porta! – exigiu uma voz que ela reconheceu na hora.

Ele!

Hesitou por um instante. Grey parecia irado. E, considerando as circunstâncias em que se despediram, talvez tivesse o direito de estar. Sabia que ele tinha bons motivos para suas desconfianças, ainda que ela mesma não tivesse certeza de nada.

Ainda assim, ela o conhecia bem demais para achar que ele simplesmente iria embora.

– Wolfe, que inferno! Quero falar com você agora mesmo! – gritou ele.

Ela ignorou o frio na barriga e abriu a porta.

– O que Vossa Graça deseja? – perguntou ela, esforçando-se para não demonstrar medo.

Era difícil não sentir medo. Grey parecia um duque mais do que nunca em sua roupa de noite.

Ele pareceu surpreso por vê-la ali, de camisola e penhoar, e logo se controlou. O olhar dele pousou no cômodo vazio atrás dela.

– Onde está seu irmão?

– Acho que já tivemos essa discussão antes – respondeu ela, ácida. – O cumprimento adequado.

Ele perdeu a paciência.

– Eu não dou a mínima para as regras sociais. Eu quero falar com Wolfe.

– Ele não está – disse ela, tentando fechar a porta. – Vá embora e volte amanhã.

Grey colocou o pé na porta para evitar que ela fechasse.

– Não até eu ter algumas respostas. Onde ele está?

Zangado era pouco para descrever Grey naquele momento. O homem estava completamente irado.

Ela estremeceu.

– Joshua está em Leicester. Ele deveria ter ido hoje de manhã, mas adiou os negócios por causa do nosso passeio. Por que está perguntando? O que aconteceu?

– Seu irmão deixou você, uma mulher, sozinha à noite?

Grey encarou Beatrice, observando abertamente a delicadeza da camisola dela.

– Nossa criada costuma ficar comigo quando ele se ausenta, mas o bebê dela está doente, então eu disse para ela ir para casa. É bem seguro aqui.

Beatrice mantinha uma pistola carregada na mesa perto da porta, embora a mira dela não fosse das melhores.

– Joshua estará de volta amanhã.

– E você tem certeza de que ele vai *voltar*? – perguntou ele, muito sério.

Uma pergunta estranha, pensou ela.

– É claro que ele vai voltar. Quando ele vai para Leicester a negócios, raramente fica mais que uma noite. Agora, por favor, vá embora para que eu possa jantar.

Em vez disso, ele empurrou a porta e entrou.

– Então eu vou falar com você.

Quando Grey fechou a porta, ela engoliu em seco.

– Isso é muito inapropriado.

– Eu não me importo – rebateu ele, colocando o chapéu no aparador e avistando a pistola que ali estava. – Você sabe atirar?

– Não muito bem – admitiu ela.

Mas logo percebeu que talvez ela devesse ter mantido aquele detalhe para si, mesmo que não se visse atirando em um duque. Ainda mais *naquele* duque.

– Eu a mantenho aí por proteção.

– Proteção contra quem?

– Pessoas como você, que entram sem serem convidadas.

Um sorriso apareceu no rosto dele muito brevemente. Ele pegou a pistola e entregou para ela.

– Então, vá em frente. Fique à vontade. Embora isso não vá ajudar nos planos de vocês, do mesmo modo que empurrar alguém no rio não ajudou.

Beatrice ficou confusa, mas pegou a pistola e a recolocou no aparador.

– Nossos planos? Do que você está falando? – perguntou, mas, nesse exato instante, entendeu o que ele queria dizer. – Tio *Maurice*? Agora você está achando que meu irmão o matou também?

– Seu irmão – confirmou ele, friamente. – Ou você.

– Eu?

Ela caiu na gargalhada. A ideia de matar alguém era uma piada. Mas a expressão sombria de Grey deixava claro que ele não estava achando a menor graça e ela parou de rir na mesma hora.

Ela olhou para ele.

– Por que, em nome de Deus, eu mataria tio Maurice? Eu *gostava* dele.

– Porque ele estava planejando vender a casa e tirar o seu teto e o do seu irmão.

Grey estava com expressão triunfante, como se tivesse finalmente revelado todos os segredos dela.

– Exatamente. Assim como tio Armie – reforçou ele, mas o ar de triunfo desapareceu de repente. – Você não vai *negar* que sabia disso.

Aquela conversa estava cada vez mais estranha, pensou Beatrice.

– E por que eu negaria? Todo mundo na porcaria da cidade de Sanforth

sabia. Atrevo-me a dizer que metade de Londres sabia. Mesmo se eu não tivesse ouvido isso de várias pessoas muito tempo antes, não ficaria nem um pouco surpresa em saber. Como esta é uma parte separada da propriedade, vendê-la é uma das poucas maneiras de meus tios salvarem o ducado da falência. Na verdade, eu deduzi que minhas aulas de debutante fossem uma forma de Sheridan poder fazer isso. Sua mãe imaginou que seria melhor encontrar um marido para mim bem rápido.

Grey parecia estar com dificuldade de respirar.

– Então você não estava preocupada com isso.

– Bem, é claro que eu estava. Mas eu não podia fazer nada a respeito. Com certeza eu não tentaria assassinar ninguém para evitar que isso acontecesse – disse ela, meneando a cabeça. – Você realmente achou que eu... mataria seu padrasto por causa disso?

Grey passou os dedos pelo cabelo distraidamente, depois olhou para ela.

– Isso passou pela minha cabeça. Mas, não. Não realmente. Seu irmão, porém, é uma questão totalmente diferente.

– Ele jamais mataria tio Maurice – declarou ela com veemência.

– Mas você não tem tanta certeza em relação a tio Armie.

Então tinham voltado a esse ponto. Beatrice sentiu as mãos suadas.

– Ele não o mataria por causa *disso*, com certeza.

No momento em que as palavras saíram de sua boca, ela desejou morder a língua. Principalmente quando Grey olhou para ela com intensidade.

– Ele não mataria por causa *disso*? Então que outra motivação ele teria para matar seu tio?

Ela sentiu um aperto no peito. Depois das perguntas que ele fizera naquela tarde, principalmente depois das palavras que ele dissera na clareira, Beatrice deveria saber que as dúvidas dele persistiriam.

Sem saber o que fazer ou dizer, ela voltou para a cozinha.

– Meu jantar está esfriando.

Ele a seguiu, a presença dele agigantando-se atrás dela como uma nuvem de tempestade.

– Por favor, não permita que eu atrapalhe seu jantar. Não é como se estivéssemos discutindo uma coisa *importante*.

Ao entrar na cozinha, ela perguntou:

– Você já jantou? O ensopado dá para nós dois, eu acho.

Pegando o braço dela, Grey a virou para olhar para ele.

– Pode parar. Hoje à tarde você disse que não sabia se Joshua tinha matado seu tio Armie. Mas se ele matou, que motivo *você* acha que ele teria para fazer isso?

– Eu prefiro não falar sobre isso – murmurou ela, embora a postura ameaçadora dele deixasse bem claro que não desistiria. – Por que isso importa? Tio Armie era um canalha e está morto.

– Isso importa porque Sheridan acha que seu irmão está querendo o ducado, que ele matou seus dois tios e planeja matar Sheridan e Heywood, para se tornar duque.

Beatrice ficou boquiaberta, mas Grey parecia estar falando sério.

– Joshua não se importa com o ducado. Ele não se importa com quase nada hoje em dia, a não ser com as viagens idiotas para Leicester... e, talvez, me proteger.

– Talvez?

Grey diminuiu a pressão no braço dela e suavizou o tom de voz antes de continuar: – Pode acreditar, ele *com certeza* se importa. Ele deixou isso bem claro esta tarde.

Maldito Joshua.

– Ele disse alguma coisa para você? Ah, meu Deus, o que ele disse? Suponho que tenha mandado você ficar bem longe de mim.

– Ele ameaçou me desafiar para um duelo se eu não deixasse você em paz.

Libertando-se do toque dele, ela cerrou os punhos.

– O quê?! Eu mesma vou acabar com a raça dele. Como ele se atreve a sugerir um duelo depois da forma como nosso pai morreu?

Grey ergueu uma das sobrancelhas.

– Você não pode culpá-lo, considerando o que estávamos fazendo na clareira. Qualquer idiota veria que estávamos dando desculpas. E seu irmão não tem nada de idiota. Isso sem mencionar que ele parece determinado a protegê-la de qualquer homem que...

Grey parou de falar e seu rosto foi tomado por uma expressão de horror.

– Então foi *isso* que você quis dizer quando falou que seu irmão não mataria por causa da venda da casa? Porque você sabe que só existe uma coisa que o *faria* matar. Você. Mantê-la em segurança.

Beatrice virou de costas, incapaz de suportar a expressão horrorizada no rosto dele. Grey sabia a verdade. Ou ao menos desconfiava.

E, de uma só vez, todos aqueles anos de constrangimento e vergonha voltaram com força total.

CAPÍTULO DEZOITO

– *Maldito!* – exclamou Grey.

Beatrice olhou, cautelosa, para ele.

– Quem? Meu irmão?

– Não. Seu tio Armie.

Beatrice estava branca. Grey, por sua vez, não conseguia respirar, não conseguia se mexer. Estava petrificado. Que tipo de monstro faria... o que aquele canalha deve ter feito para que Joshua quisesse matá-lo?

Os comentários de orn voltaram à sua mente. *Suspeito que a Srta. Wolfe tenha muito mais experiência do que você imagina*.

Grey devia ter se dado conta quando a criada comentara sobre as indiscrições do homem, mas jamais lhe passara pela mente que ele seria capaz...

– Por favor, me diga que seu tio não tirou sua inocência?

Beatrice enrubesceu.

– O quê? Não! Na verdade, ele tirou, mas não do modo como você pensa. Ele foi fazendo isso aos poucos, a cada palavra imunda que dizia.

Ela foi até o fogão e começou a se servir do ensopado, como se o gesto a ancorasse de volta à normalidade.

Mas não havia nada de normal naquilo. Grey sentiu o sangue gelar nas veias ao imaginar o que ela deve ter passado nas mãos do tio – o próprio *tio,* pelo amor de Deus.

– Então, ele... nunca tocou em você.

Ela ficou tensa.

– Bem, é claro que ele me *tocava*. Mas ele sempre tentava disfarçar isso

como se fosse algo perfeitamente natural. Um abraço apertado para pressionar meus seios contra o peito dele, um tapinha "amistoso" no meu traseiro, um beijo demorado no meu rosto para que ele pudesse estar perto o suficiente para olhar o decote dos meus vestidos.

– *Vestidos*? Então essa era uma prática comum?

– Ah, se era.

O tom culpado de Beatrice o enfurecia cada vez mais. Quando ela parou de falar, colocou o prato de ensopado à mesa e ficou parada ali, cortando pão para colocar no prato dele. Grey resistiu ao impulso de fazer mais perguntas e apenas pediu: – Me conte tudo, meu bem.

Como ela se manteve calada, Grey se aproximou dela por trás. Era incômodo o fato de ela não conseguir encará-lo. Beatrice não tinha motivo para se sentir envergonhada.

Grey cerrou os punhos, desejando que tio Armie estivesse vivo para que ele o espancasse até a morte.

– Quantos anos você tinha quando isso começou?

– Não sei. Dezesseis? Minha avó ainda estava viva.

Uma garota. Pelo amor de Deus. Grey não suportava pensar naquilo.

– Depois que minha tia morreu, éramos só ele e eu na maior parte do tempo – continuou ela. – E os criados, é claro. Meu pai já tinha morrido, Joshua estava na marinha e a vovó, muito doente. Tio Armie era o senhor e se fazia ser visto assim de todas as formas que você pode imaginar. Era bem difícil escapar dele.

Então o velhaco usara seu poder sobre Beatrice para tentar obrigá-la a ceder à vontade dele. Grey sentia-se revoltado ao pensar em tudo que ela sofrera, mas permaneceu em silêncio, dando liberdade para que ela falasse sobre o assunto. Era importante verbalizar tudo que acontecera. Ele mesmo nunca tivera essa chance enquanto seus tios tentaram fazê-lo ceder aos desejos *deles*. Ele se sentira muito sozinho... até Vanessa ter idade suficiente para ouvi-lo.

Mesmo assim, Grey nunca contara tudo para ela, porque não queria envenenar os sentimentos da prima em relação aos pais, que nunca a tinham tratado mal.

Grey deixou a lembrança de lado. Naquele momento não importavam os sofrimentos *dele*, mas os de Beatrice, que ele realmente queria tentar entender. Sem dizer nada, apenas pousou a mão no ombro dela, desejando transmitir segurança.

– Tio Armie começou fazendo comentários sobre as minhas roupas. Se aumentavam o tamanho dos meus seios, se mostravam meu... traseiro de forma satisfatória.

Enquanto Grey engolia o nojo, ela se afastou dele e ficou andando pela cozinha, como um pássaro engaiolado em busca de liberdade.

– Depois ele começou a... tentar me beijar na boca, mas eu quase sempre conseguia evitar. Ele era bem mais velho do que eu, então não era difícil escapar das atenções dele.

– Mas você não deveria ter que ser obrigada a fazer isso.

– Sim, eu sei, mas ele era meu tio. Eu estava... sob seu poder, por assim dizer.

Ele queria fazer várias perguntas.

– Sua avó não tentou impedir?

Beatrice olhou para as mãos.

– Eu não contei a ela. Vovó já me achava terrível, então fiquei com medo que ela achasse que a culpa de tudo aquilo era *minha*.

– E isso também seria errado – disse ele com voz rouca.

Surpresa, ela olhou para ele.

– Você realmente acha?

A reação de Beatrice fez com que ele sentisse vontade de chorar. Justo Grey, que nunca tinha chorado na vida, nem quando tio Eustace fora especialmente perverso com ele.

– O comportamento dele foi intolerável, meu bem. E ele obrigou você a esconder o que ele fazia ao fazê-la acreditar que sua avó, a mãe dele, sofreria por isso.

– Ela sofreria mesmo – disse ela, direta como sempre.

– Talvez. Mas pelo que os criados me contaram, a esposa dele estava ciente dessas "indiscrições". Então sua avó talvez também estivesse.

Beatrice serviu uma taça de vinho e colocou-a ao lado do prato. Quando

ele ignorou, ela mesma tomou um gole.

– As criadas sofriam o mesmo tratamento que eu, então ela talvez tenha visto alguma coisa. Embora ele fosse cuidadoso para nunca deixar ninguém ver o comportamento dele em relação *a mim*.

– Não tenho tanta certeza disso – disse ele em tom suave. – Uma das criadas me disse que seu tio não disfarçava as indiscrições. E quando comentei que ele certamente as escondia de você, ela respondeu: "Esse tipo de homem não esconde sua verdadeira personalidade de ninguém." Na hora, achei que ela estava querendo dizer que ele falava sobre as amantes perto de você, não entendi que ela estava dizendo que... que ele mostrava a verdadeira personalidade para você também.

A vergonha fez o rosto dela corar.

– Ah, meu Deus, o que os criados devem pensar de mim!

Imediatamente Grey se arrependeu de ter reavivado esse medo nela.

– Eles pensavam, e ainda pensam, que você é "uma mulher muito boa, sempre preocupada com as necessidades dos outros, sem esperar nada em troca". Essas foram as palavras dela. E eu não sei ao certo se eles sabiam que isso acontecia ou não. A criada não me disse nada específico.

Beatrice engoliu em seco várias vezes.

– Eu nunca encorajei o comportamento dele.

– Presumi que não.

– Ainda assim você fez perguntas aos criados sobre mim. E sobre ele.

– Não sobre vocês dois juntos, pelo amor de Deus. Eu não fazia ideia... Eu nunca imaginei...

Grey se interrompeu e pensou em uma forma melhor de se colocar. Beatrice lançou a ele um olhar questionador.

Grey respirou fundo e prosseguiu:

– Depois que a criada disse que você era a anfitriã da casa e que Armie era mulherengo, eu imaginei que você pudesse ter visto coisas.

Maldição. Ele estava se enrolando cada vez mais nas próprias palavras. Tentou novamente: – Não me culpe por querer saber mais sobre o que faz você ser quem é – concluiu ele com delicadeza.

Ela ergueu as lindas sobrancelhas.

– Foi só por isso que fez perguntas a meu respeito? Ou você simplesmente estava determinado a descobrir se seria fácil me fazer trair Joshua?

Ora, por que ela tinha sempre que ser tão direta?

– Não acho que os criados me dariam essa informação. Eles são leais a você.

Mais do que tudo, Grey desejou ter se lembrado disso antes de ir até lá sem pensar. Porque a sedutora calculista que ele criara em sua imaginação fértil – entre a conversa com Sheridan e a confrontação com Beatrice – não tinha qualquer semelhança com a mulher que os criados de Armitage Hall haviam descrito. Nem com a mulher que ele passara a conhecer.

Claramente, aquela mulher diante dele tinha sido vítima de uma armadilha cruel.

– Mas estávamos falando sobre sua avó e o que ela sabia.

– Sim, e do motivo de eu não ter contado para ela.

– Talvez tivesse sido melhor se tivesse contado, ela ao menos teria chamado a atenção do seu tio.

Grey queria tomá-la nos braços e tranquilizá-la. Mas não sabia como Beatrice reagiria.

– Não era responsabilidade sua proteger seu tio.

Ela desviou o olhar.

– Pode acreditar que minha intenção nunca foi protegê-lo. Se você estiver certo e vovó de fato soubesse o que ele estava fazendo, então não teria feito diferença contar a ela – concluiu ela, sombria. – Acho que eu tinha medo de descobrir.

Grey compreendeu e pensou que talvez ela estivesse certa, talvez não tivesse feito muita diferença. Mas a questão não era bem essa. A questão era que Beatrice nunca deveria ter passado por aquele tipo de abuso.

– Pelo que entendi, seu irmão ainda estava fora.

– Ele só voltou seis anos depois que minha tia morreu, um pouco antes do falecimento da minha avó.

– As coisas melhoraram depois do retorno dele?

– Um pouco.

A resposta dela mostrou o que ele precisava saber: que o tio seguira agindo como um patife. Que provavelmente não considerou Joshua uma ameaça pelo fato de que estava ferido e por não passar de um simples parente pobre.

– Joshua passou o primeiro ano precisando de muitos cuidados – continuou ela. – A perna manca é apenas a manifestação mais visível dos ferimentos dele. Mas as cicatrizes...

Ela colocou a taça na mesa antes de continuar:

– Como nós sempre moramos aqui, e nunca na mansão, eu usava muito a desculpa de que precisava voltar para casa para cuidar de Joshua. Isso me ajudou a evitar os avanços de tio Armie muitas vezes.

O fato de que ela precisara recorrer a esse subterfúgio fazia Grey querer gritar de raiva.

– Você nunca contou para seu irmão sobre o que seu tio estava fazendo?

Ela olhou para ele.

– É claro que não. No início Joshua estava lutando para sobreviver, e eu não queria colocar a vida dele ainda mais em risco. Depois não contei porque sabia como ele reagiria. Veja como ele agiu com *você*. Como eu poderia correr o risco de que ele confrontasse nosso tio?

– Mas ainda assim você acha que ele pode ser culpado.

Ela deu de ombros.

– Eu sinceramente não sei. Eu nunca soube com certeza se Joshua tinha percebido o que estava acontecendo. Quero dizer, se ele matou tio Armie por ter descoberto o que o velhaco estava fazendo. Meu irmão sempre foi muito discreto e jamais abordaria o assunto comigo. E se Joshua *não* matou tio Armie... – Beatrice soltou um longo suspiro. – Ele me odiaria por eu achar que ele seria capaz de cometer um crime tão violento.

– Mesmo assim... Era direito seu pedir ajuda ao seu irmão.

– Sim, mas, àquela altura, eu já sabia lidar com a situação – justificou Beatrice, desviando o olhar. – Eu já tinha aprendido a como evitar ficar a sós com meu tio. Eu quase sempre dizia que precisava ir a algum lugar ou ameaçava contar para Joshua. Tudo isso funcionou muito bem... Até...

O olhar perdido de Beatrice fez Grey sentir um aperto no peito.

– Até?

– Bem, há um ano, comecei a ouvir que tio Armie estava planejando vender a casa de contradote. Como você disse antes, fiquei preocupada. Quando finalmente reuni coragem para questioná-lo – o tom de voz dela ficou mais sombrio –, ele me disse que não venderia *se*... eu concordasse em me tornar amante dele. Ele disse que Joshua e eu poderíamos morar na casa por quanto tempo quiséssemos, mas, em troca, eu teria que fazer tudo que ele desejasse.

A fúria no peito de Grey foi queimando tudo até chegar à alma. E talvez tenha sido esse o motivo de ele responder de forma tão imprudente: – Se seu tio Armie ainda estivesse vivo, eu mesmo o mataria por isso.

As palavras pareceram surpreendê-la.

– Você não acha que sou culpada?

– Culpada de quê?

– De chamar a atenção dele. Talvez por me vestir... não sei, de forma provocativa? Embora eu realmente acredite que eu não fazia isso.

– É claro que não. *Ele* era o culpado. Ele era quem achava que poderia usar você independentemente da sua vontade.

Aquilo o fez pensar em como a família tentara usá-lo. Ele entendia muito bem o que era ser apenas um garoto à mercê dos parentes.

– Eu tentava evitar que ele me tocasse, mesmo quando ele fingia que aquilo era apenas de um afeto inocente na frente dos criados. E eu sempre ignorava os comentários lascivos que ele falava baixinho quando passava por mim no corredor – disse Beatrice, dando de ombros. – O problema é que isso só parecia instigá-lo a dizer coisas ainda piores. Ele estava determinado a me dominar.

Grey tentou engolir a bile que lhe subia pela garganta.

– Alguns homens adoram o desafio de seduzir mulheres que não dão atenção a eles.

Grey chegou a erguer a mão para acariciar o rosto dela, mas pensou melhor e desistiu.

– Seu tio queria você, por mais vil que isso soe. E, se tivesse conseguido,

ele a teria descartado assim que encontrasse outra mulher atraente que resistisse às investidas dele.

– Atraente? – perguntou ela, franzindo a testa. – Eu sempre achei que ele tinha me escolhido porque eu era próxima e fácil de intimidar.

– Não tão fácil, graças a Deus.

Ela afastou o olhar.

– Ele tinha um monte de amantes espalhadas por Sanforth. Eu sempre fiquei imaginando quantas tinham realmente *escolhido* ocupar essa posição. Ele também tem um filho ilegítimo que nunca sustentou.

– Isso não é surpresa, considerando as tendências dele. Você foi inteligente ao mantê-lo afastado.

Ela meneou a cabeça.

– Será mesmo? Quando recusei a "oferta" vil que ele me fez, talvez ele tenha procurado Joshua para fazer exigências. Porque assim que eu me recusei a ser chantageada, tio Armie... hum...

– Deu seu último suspiro?

A careta dela respondeu a pergunta.

– Então você também acha que seu irmão pode tê-lo matado?

– Gosto de pensar que ele não faria isso. Joshua disse que estava em Leicester naquela noite, mas...

– Você não tem certeza.

Ela negou com a cabeça e, endireitando os ombros, olhou para Grey.

– Mas eu tenho certeza de que Joshua não matou tio Maurice, porque ele estava *comigo* na noite em que seu padrasto morreu. Nós tínhamos prometido para tio Maurice que as contas de guarda-caça estariam prontas para a reunião dele com o advogado da família. Não sei bem o motivo, mas ele queria que nós nos certificássemos de que estivessem atualizadas e sem nenhum erro. Joshua e eu estávamos juntos, conferindo tudo.

Grey estreitou os olhos.

– E vocês passaram a *noite* toda fazendo isso? Você ficou com seu irmão o tempo todo?

– Sim. Ainda estávamos trabalhando quando um criado veio até aqui, durante a madrugada, para buscar tio Maurice e levá-lo para casa. Foi só aí

que descobrimos que ele tinha vindo para cá horas antes e que não tinha mais sido visto. Assim que explicamos isso ao criado, as buscas começaram. Encontraram tio Maurice na margem do rio no dia seguinte – explicou Beatrice, de olhos marejados.

O que significava que se Joshua tivesse matado tio Armie, o motivo seria impedir que o homem continuasse assediando a irmã.

Como se tivesse lido a mente dele, ela murmurou:

– Eu só tenho dúvidas em relação à morte do tio Armie. Joshua talvez tenha... É possível que ele...

– Para ser bem sincero – disse Grey lentamente –, espero que ele *tenha* matado seu tio se a alternativa era ver você se tornar amante daquele velho. Eu daria parabéns ao seu irmão por isso! Seu tio *mereceu* morrer pelo que tentou fazer com você.

Ela voltou a olhar para ele.

– Mas... mesmo sendo um duque? Mesmo sendo parente do seu meio-irmão?

Grey riu.

– Ao contrário do que dizem por aí, não existe um código de honra seguido pelos duques – disse, com um tom inflexível. – E se houvesse, tenho certeza de que seu tio o teria quebrado tentando obrigar você a cometer incesto.

A palavra horrível fez Beatrice se encolher.

– Bom argumento.

– Às vezes eu tenho alguns – disse ele, tentando aliviar um pouco a tensão do momento.

Beatrice sorriu.

– É, acho que sim.

– Nos intervalos das minhas tentativas de seduzi-la. Sendo honesto, acho que, tanto quanto seu tio, eu não tenho direito de...

– *Não* se compare com tio Armie. Ele nunca me deu escolha. Você sempre me respeitou, mesmo enquanto desconfiava do meu irmão. Um homem menos honrado usaria essa situação para me chantagear – disse Beatrice, se aproximando. – Você nunca tentou fazer isso.

– Eu não compactuo com chantagens.

Tio Eustace tentara chantageá-lo para assinar documentos e, quando Grey se recusara, foi intimidado. Jamais tentaria replicar essas táticas com ninguém. Principalmente com uma mulher como Beatrice, que sempre estivera à mercê dos parentes.

Desde o primeiro momento, Grey desconfiara que tinham isso em comum. E agora que tinha certeza, ele a desejava ainda mais. O que, considerando tudo que ela acabara de contar, era inescrupuloso.

Ele pigarreou e tentou se lembrar do motivo que o levara até ali.

– Por mais que eu deseje você, prometo que jamais vou usar a força para levá-la para a cama.

O rosto dela enrubesceu novamente.

– Eu sei. Eu jamais achei que você estivesse impondo suas atenções. Com certeza não da mesma forma que meu tio fazia.

Ele olhou sério para ela.

– Ainda assim...

Ela pressionou um dedo contra os lábios dele.

– Não! Não vou permitir que você faça esse tipo de comparação. Até você aparecer, sempre achei que o casamento era apenas uma forma de uma mulher encontrar segurança financeira. Sempre achei que as relações entre homens e mulheres eram sujas, desagradáveis. Eu não conseguia me imaginar encontrando alegria nas carícias de um homem.

Quando ela se calou, ele perguntou com voz rouca:

– E agora?

Os lindos olhos castanhos brilharam quando ela olhou para ele.

– Agora eu sei que é possível sentir prazer ao tocar um homem e estar com ele. Conhecer um homem de forma tão íntima que...

Grey não conseguiu se conter e beijou Beatrice. Era um alívio descobrir que, ao contrário do que tinha imaginado, tudo que ele fizera ajudara a diminuir um pouco os temores dela. Quando Beatrice envolveu o pescoço dele para corresponder ao beijo, o sangue correu mais forte e mais rápido nas veias dele.

Eram os lábios de um anjo – um anjo sedutor e com gosto de vinho

tinto. Mas mesmo o sabor do vinho não chegava a ser tão inebriante quanto tê-la nos braços e beijá-la sabendo que ela *queria* estar ali.

O que só tornava ainda mais difícil resistir. O penhoar longo – de linho engomado e babados na gola, nos punhos e na bainha – era tão discreto quanto o vestido de musselina. Mas, quando ele cedeu ao impulso de puxá-lo para acariciá-la...

Deus, o tecido fino de algodão não escondia nada. Sem espartilho para atrapalhá-lo, ele poderia se fartar nos seios dela o quanto quisesse, saborear sua maciez. A sensação dos mamilos rijos sob os dedos dele através do tecido o fazia desejar explorar ainda mais.

Ele se afastou.

– Me desculpe. Eu não quis me aprov...

Ela o interrompeu com os lábios e foi nesse momento que Grey se deu conta de que estava em apuros. Ele sabia muito bem que não conseguiria resistir ao impulso de beijar outra vez aquela boca deliciosa.

CAPÍTULO DEZENOVE

Beatrice estava no paraíso. Deus do céu, Sua Graça sabia como beijar uma mulher. Grey a fazia perder a cabeça com os movimentos sensuais da língua, as carícias deliciosas das mãos e até mesmo o cheiro inebriante do perfume em seu cabelo. O corpo dela estremecia com ondas de prazer.

Mas o que diabos ela estava fazendo, atraindo um homem que só poderia arruiná-la? Grey achara que ela seria capaz de assassinato, por Deus!

Ainda assim, ela o queria. *Precisava* dele. Gostaria de poder explorá-lo por inteiro para descobrir como era por baixo das roupas. Gostaria de senti-lo dentro dela.

E não apenas os dedos como naquela tarde. Não, ela o queria por inteiro, preenchendo-a até que o passado não existisse mais. E mesmo que aquilo fosse momentâneo, naquela noite Beatrice queria descobrir como era ser desejada por ser quem ela era, desejada por um homem que ela desejava também.

Beatrice tirou o casaco de Grey. Ele tirou o penhoar dela e o jogou em uma cadeira próxima. Beatrice não se importou de ficar só de camisola.

– Você tem noção de que isso é loucura? Pura insanidade – disse ele enquanto abria os botões da camisola.

Talvez ele não se importasse também.

– É mesmo?

Quando Grey espalhou beijos quentes pela abertura da camisola, ela quase desmaiou de desejo, ansiando pelo que ele estava prestes a fazer.

– Parece perfeitamente lúcido – continuou ela.

Com um gemido, ele beijou um dos seios dela e a fez derreter. Grey

provocou, beijou, lambeu e sugou. Beatrice estava em chamas. O mamilo latejava com um prazer que ela nunca sentira antes e ela puxou a cabeça de Grey, querendo mais. Ele respondeu dando ao outro seio o mesmo tratamento maravilhoso.

E, então, a pegou pelo quadril e começou a acariciar cada uma de suas curvas, como se quisesse guardá-las na memória. Durante todo o tempo, os lábios dele se fartavam nos seios dela como faziam os invasores de terras.

Mas Beatrice não se sentia invadida: ela se sentia adorada.

– Você tem gosto de mel – sussurrou ele. – Como o anjo que você é.

Para irritação dela, ele levantou a cabeça para olhar nos olhos de Beatrice e dizer: – Por isso é melhor pararmos por aqui. Você merece mais do que isso.

– Pare de dizer isso! Eu não me importo com o que mereço ou *quem* eu mereço.

Ela desabotoou o colete dele e, embora Grey praguejasse, ela foi adiante.

– Toda vez que você toca alguma parte de mim que aquele velho depravado tentou macular com palavras cruéis, a lembrança se apaga. Quando você me acaricia, eu não me sinto mais suja. Quando você me beija, eu não me lembro mais da boca nojenta de tio Armie sobre os meus lábios. Você não faz ideia do presente que isso é.

Ela olhou nos olhos dele antes de continuar:

– Eu não faço ideia do que o futuro vai me trazer, se algum dia vou encontrar um marido ou estar com um homem que desperte em mim tanto desejo como você. Então quero que a minha primeira vez seja com você.

Embora uma expressão de desejo ardente brilhasse nos olhos dele, ele não voltou a acariciá-la.

– Meu bem...

– Não! – disse ela, tirando o colete dele. – Não diga o que está pensando... sobre como eu deveria manter minha virtude ou sei lá o que um verdadeiro cavalheiro diria a mulheres respeitáveis como eu. Você me deseja?

Ela prendeu a respiração, com medo da resposta, mas o rosto dele mostrou tudo.

– Você sabe que sim.

Como se quisesse provar, ele puxou mais o quadril dela.

– Então me leve para a cama.

– Você vai se arrepender.

– Eu não vou. Mas será que você vai?

– E como eu poderia? Você está me dando tudo que eu quero sem pedir nada em troca. Infelizmente, as consequências não são as mesmas para um homem – explicou ele, e segurou o rosto de Beatrice, obrigando-a a olhar para ele. – E se você engravidar?

– Achei que era possível evitar esse tipo de coisa.

Aquilo pareceu surpreendê-lo, e Grey deslizou as mãos até os ombros dela.

– Você acha isso? Diga-me como.

Ela olhou para ele, surpresa com o brilho de diversão que viu em seus olhos.

– Não faço a menor ideia.

Ela desfez o elaborado nó da gravata dele, antes de continuar: – Mas quando recusei a oferta do tio Armie, ele disse que se a minha preocupação era gerar um... um bastardo, que ele conhecia meios de evitar que isso acontecesse. Ele só não me disse quais.

A diversão dele desapareceu.

– Meu Deus, o homem era um patife!

– Ele estava mentindo?

Grey olhou para o teto e resmungou:

– Não é isso. Existem meios, mas...

– Você também não sabe quais são – completou ela, segurando as pontas da gravata e suspirando. – Eu realmente achei que *você* saberia, considerando sua reputação, mas se não sabe, talvez possamos descobrir juntos. Afinal, estou bem familiarizada com a reprodução de cães e cavalos.

– Sim, estou ciente do seu vasto conhecimento *nessa* área – disse ele, parecendo se engasgar com as palavras.

– Mas a única forma que conheço de evitar que animais se reproduzam é impedir que cruzem.

– *Cruzar*? – repetiu ele, erguendo uma das sobrancelhas. – É isso que acha que vamos fazer? *Se é* que vamos fazer alguma coisa?

– Não, é claro que não. Eu e você vamos compartilhar uma cama.

Ele lançou um olhar sombrio para ela.

– Compartilhar uma cama – repetiu ele.

Ela sentiu o rosto queimar. Inferno, ela odiava essa tendência de ficar vermelha de vergonha.

– O que eu *quero* é fazer amor com você. Quero mostrar como é precisar tão desesperadamente de alguém que nada mais faz sentido, quando só de pensar em ver aquela pessoa o coração dispara – disse ele, pegando-a pela cintura e puxando-a para si. – O que eu quero é apagar da sua mente a lembrança do seu tio.

– É exatamente isso que eu quero! – exclamou ela, encantada por ele ter falado sobre desespero, embora soubesse bem que aquele momento era efêmero.

– Só que depois...

– Eu não me importo com depois. Se você *sabe* como evitar uma gravidez, então não há problemas, não é? Nós podemos simplesmente... – Ela roçou os lábios nos dele e sussurrou: – ... ir para minha cama.

Grey olhou para ela com uma expressão turbulenta.

– Beatrice, meu bem, assim fica muito difícil resistir.

As palavras dele foram um bálsamo em sua vaidade ferida. Nenhum homem jamais a chamara de irresistível antes.

– Que bom – disse ela, com o coração disparado. – Porque também não consigo resistir a você.

Grey voltou a beijá-la, e dessa vez não parou. Com os lábios colados aos dela, colocou-a sobre a mesa da cozinha, os olhos brilhantes fixos nela.

– Eu preciso de um pouco de sustança, meu bem.

– Ah! Eu me esqueci da comida... Espero que seja o suficiente.

Quando ela tentou se mover, ele a segurou e riu.

– Não *desse* tipo de sustança.

Ele levantou a camisola dela até os joelhos e parou.

– Tem certeza de que seu irmão não vai voltar hoje?

– Tenho. Ele chega amanhã *bem cedinho*.

– Então temos a noite inteira juntos.

– Se este for o seu desejo...

– Eu posso garantir que este é o meu desejo.

Ao olhar nos olhos dele, Beatrice viu o tipo de desejo que Grey tinha em mente. Ficou mais excitada ainda só de imaginar o que fariam.

Grey a puxou para a frente até que ficasse bem na beirada da mesa.

– Vou levar a noite toda e um pouco mais para fazer amor com você de um jeito decente.

Ela começou a desabotoar a camisa dele, enquanto dizia:

– Bem, como não temos "um pouco mais", é melhor fazermos amor de forma *indecente* mesmo.

Rindo, ele se ajoelhou.

– Bem colocado. O que é a minha deixa para obter exatamente isso...

Pegando-a de surpresa, ele abriu as pernas dela.

– Vou provar você agora, está bem?

Então era isso que ele estava querendo dizer com sustança! Grey estava olhando bem para as partes íntimas dela, fazendo seu corpo inteiro ferver.

Principalmente *lá embaixo*.

– Você confia em mim, meu bem? – perguntou ele.

Beatrice certamente confiava nele quando se tratava daquele tipo de assunto, não importava o quanto ele alegasse ter uma reputação imaculada.

Ela simplesmente assentiu e isso foi o suficiente para Grey, cuja expressão mostrava o quão faminto estava por ela.

– Então feche os olhos e apenas se concentre nas sensações.

No instante em que ela obedeceu, ele começou a beijá-la na parte interna das coxas, beijos leves que a faziam se contorcer e desejar um alívio como o que ele lhe dera na clareira mais cedo. Quanto mais os lábios dele subiam, mais o sangue dela fervia, o corpo todo parecendo prestes a se desfazer.

Beatrice começou a gemer. E então, com os dedos, ele afastou os pelos para lamber – *lamber* – a pele sensível.

– Grey!

Ela abriu os olhos e segurou a cabeça dele.

– Minha nossa, *Grey...*

Ele estava de olhos fechados e com os lábios ocupados, de modo que não pôde responder. Grey beijava, lambia e sugava de forma *muito* provocativa.

Então a língua dele deslizou para dentro dela e Beatrice arqueou o corpo.

– Acho que não é assim... que se faz amor – disse ela, ofegante. – Não pelo que sei...

Com certeza ele precisava usar uma parte diferente do corpo para...

Mas, nesse instante, todo pensamento coerente fugiu da mente dela, porque ele estava... Meu Deus, o que ele estava fazendo com a boca e a língua era... *maravilhoso.* Ela queria *mais*. Pressionou o corpo contra ele e as carícias ficaram mais intensas. Ela gemeu e se remexeu contra a boca dele até ser tomada por um prazer enlouquecedor, soltando um grito.

Grey lhe deu alguns instantes antes de secar os lábios na camisola e se afastar dela com expressão tensa.

– Onde fica seu quarto? – perguntou ele.

Ainda confusa pelo prazer, ela apenas olhou para ele.

– Por quê?

– Eu vou passar por uma situação constrangedora outra vez se não formos para lá imediatamente. E não quero que sua primeira vez seja em cima da mesa da cozinha. Onde fica?

– Lá em cima.

– Claro.

Grey ficou de pé, afastou a louça que ela colocara mais cedo, pegou-a no colo e a carregou escada acima. Beatrice agarrava-se ao pescoço dele para não cair. Não que parecesse que ele permitiria isso.

– Eu sou perfeitamente capaz de andar sozinha – disse ela, embora ser carregada por ele a deixasse nas nuvens.

Quando chegaram lá em cima, ele viu três portas e perguntou: – Qual delas?

Tudo que Beatrice conseguiu fazer foi apontar, ainda envolta nas sensações que as carícias dele haviam provocado. Grey entrou rapidamente no quarto e a colocou na cama para conseguir tirar a gravata e abrir a calça.

Ao ajoelhar na cama, Beatrice notou o membro inchado contra a

braguilha. Pensou que deveria sentir medo daquela situação, mas, depois daquela tarde, não era mais possível. Nunca imaginara ser capaz de despertar o desejo de um homem como Grey, que poderia ter a mulher que quisesse.

Tio Armie ficava excitado por qualquer rabo de saia, mas ela observara Grey perto das criadas e nem as mais bonitas atraíram o olhar dele. Começou a achar que ele talvez a *preferisse* de verdade. Bem, ao menos em relação às criadas.

Grey estava tirando os sapatos. O desejo em seu olhar queimava a pele dela.

– Tire a camisola, meu bem. Quero ver você nua.

Uma coisa era permitir que ele visse seu corpo por partes. Mas seu traseiro arredondado, as costas sardentas, os seios pequenos, tudo ao mesmo tempo...

– Meu Deus, como você é mandão – disse ela, cruzando os braços. – Eu ainda não vi *nenhuma* parte do seu corpo.

Ele levantou uma das sobrancelhas.

– Você quer me ver primeiro? Como desejar.

Grey tirou a calça, ficando só de camisa, meias e com o calção cobrindo o membro. Logo tirou também a camisa e a jogou de lado.

Beatrice ficou sem ar. Para um duque com muito tempo ocioso, ele certamente tinha um peitoral magnífico, com músculos firmes e definidos e cobertos por uma camada fina de pelos negros e enrolados que se estreitavam pelo abdômen forte e tão perfeito que Beatrice sentiu vontade de morder.

Morder? Ela realmente pensara aquilo?

– Gosta do que está vendo? – perguntou ele em voz baixa, lembrando-a do primeiro beijo.

Ela assentiu, incapaz de pronunciar qualquer palavra no momento. Grey abriu um sorriso convencido.

– Quer ver mais?

– Por favor... – conseguiu responder.

– Então, tire a camisola, meu bem.

– Mas...

– Hum, me deixe adivinhar. Você não quer tirar porque tem verrugas na barriga.

Ela lançou um olhar descrente para ele.

– Não seja bobo. Ninguém tem verrugas na barriga.

Os olhos dele brilharam enquanto tirava as meias.

– Você tem sífilis, então?

– *É claro* que não! Eu só... É só que... bem... Eu não sou bonita. Nem vestida nem nua.

E, em um instante, todo o ar de diversão desapareceu do rosto dele.

– Quem diabos disse que você não é bonita?

Quando ela mordeu o lábio inferior, a expressão dele ficou sombria.

– Ah, sim. O patife do seu tio, imagino.

Ele caminhou até Beatrice e levantou o rosto dela para que o encarasse.

– Vamos esclarecer as coisas de uma vez por todas. Você não é apenas bonita, você é a *rainha* da beleza.

Ela o fulminou com o olhar e sentiu a garganta arder diante da mentira.

– Não precisa mentir para mim, Grey. Você já está no meu quarto. Não é como se eu fosse expulsá-lo.

– Eu não estou mentindo. Nós não combinamos de sempre falar a verdade?

– Sim.

– E eu não cumpri a minha palavra?

– Você não me contou que estava investigando o meu irmão – disse ela, desconfiada.

– Porque você não perguntou. Eu nunca menti para você. Eu provoquei, eu incitei e eu insisti. Mas nunca menti. Estou dizendo a verdade agora, como sempre faço.

Ele acariciou o rosto dela com a ponta dos dedos e continuou: – Com roupas elegantes, um pouco de maquiagem e uma criada para fazer penteados chiques, qualquer mulher pode ficar bonita. Mas pouquíssimas são naturalmente belas. E você, minha belíssima dama, até com roupas de luto e penteados simples, é uma dessas mulheres. Eu me atrevo a dizer que

no dia do seu debute, com um lindo vestido e um penteado elegante, você com certeza ficará *majestosa*. Eu, na verdade, estremeço só de pensar quantos homens terei de socar só por olharem para você.

– Grey... – disse ela, sem conseguir entender os elogios dele.

Os olhos dele estavam verdes sob a luz das velas.

– Tire a camisola. Me deixe ver o que esses camaradas jamais poderão. Não se eu puder impedir.

O tom dele era quase de promessa. E Beatrice queria acreditar nele, mesmo que só fossem verdade durante aquela noite. Ela tirou a camisola, afinal, o que mais poderia fazer? Ela o queria em sua cama e ele a queria nua.

Mas se notasse sequer uma sombra de decepção nos olhos dele, Beatrice sairia correndo dali, com ou sem roupa. Mas a única coisa que viu foi volúpia, vontade e desejo. Muito desejo. Grey passeou o olhar pelo corpo dela, do rosto para o pescoço, descendo dos ombros até os seios, onde se demorou um pouco, e depois seguiu para observar todo o resto, incluindo a parte entre as pernas que ainda latejava por causa das carícias. Então Grey olhou Beatrice nos olhos e, segurando seu rosto, disse: – Majestosa, como eu disse.

Ele se abaixou para beijá-la, mas ela se desvencilhou.

– Minha vez – disse ela, tentando desabotoar o calção.

Com expressão solene, ele segurou a mão dela.

– Me responda uma coisa... Você está fazendo isso só para espantar as lembranças do seu tio?

Beatrice refletiu, mas não soube bem o que dizer. Aquilo era parte do motivo, mas, com certeza, não totalmente. Ainda assim, temeu responder a verdade: que ela estava começando a se apaixonar por ele.

Então, escolheu outro motivo muito sincero para querê-lo em sua cama.

– Não. Eu estou fazendo isso por mim.

Ele pareceu aceitar que aquilo era verdade, porque, com uma respiração trêmula que ressoou dentro dela, Grey desabotoou e tirou o calção.

– Que Deus nos ajude se isso for mentira.

Ela teve apenas um vislumbre rápido dos testículos entre as pernas dele e

o membro rijo e grande, projetado em um atrevimento tipicamente masculino, antes que Grey a fizesse se deitar na cama.

Em questão de segundos, Grey a fez ofegar por ele novamente. Com apenas algumas carícias nos seios e entre as pernas, ele a fez desejá-lo tanto quanto ele obviamente a desejava. O que só serviu para mostrar o quão desavergonhada Beatrice era, pelo menos em relação a ele.

E agora finalmente ele estava... ele estava... *avançando* para dentro dela... "Avançando" foi a única palavra em que conseguiu pensar para explicar a sensação daquela... daquela "vara" que ele empurrava contra ela em um fluxo constante.

Ela ficou um pouco decepcionada. Tinha esperado algo diferente, algo mais... mais... glorioso. E não conseguia nem olhar para ele para se tranquilizar, porque a posição era...

– Isso é bem estranho, não?

Grey emitiu um som estrangulado que ela podia *jurar* ter sido uma risada. Ele roçou os lábios na testa dela e sussurrou: – Isso significa que eu estou fazendo errado.

– Mas como isso é possível? Você deve ter muita experiência.

De repente, todos os comentários dele sobre não merecer a reputação que tinha inundaram a mente dela e ela olhou para ele, chocada.

– Você já fez isso *antes*, não é?

Quando ele encostou a cabeça na dela e ela viu que os ombros dele sacudiam, *teve certeza* de que ele estava rindo.

Ele parou de rir e o tom ficou gentil.

– Algumas, mas nunca com uma moça virgem. E com certeza nunca com uma mulher que eu desejasse tanto quanto desejo você.

As palavras carinhosas a comoveram, o que, por mais estranho que parecesse, fez com que o membro dele dentro dela não parecesse tão invasivo.

– Você se importa se eu... hum... me mexer um pouco?

Ele gemeu e murmurou algo que soou como "Que Deus me ajude", antes de dizer: – Pode se mexer o quanto quiser se isso ajudar. Na verdade... – Grey puxou um dos joelhos dela e perguntou: – Melhor?

– Acho... Acho que sim.

Ela levantou o outro joelho e tentou mudar de posição embaixo dele. Com um gemido, Grey mergulhou um pouco mais dentro dela, despertando uma sensação incrível em seu interior. Muito... prazerosa.

– Aaaah, *sim*! Muito melhor.

Ele olhou para ela com expressão satisfeita.

– Você quer mais? – perguntou ele, movimentando-se de forma *muito* provocante enquanto seu membro entrava e saía dela.

Ela estava ofegante e segurava os braços dele.

– Muito, *muito* mais.

Porque quanto mais ele arremetia, melhor era a sensação. O calor a surpreendeu, fazendo-a arquear o corpo. E aquela sensação maravilhosa que a tomara por inteiro mais cedo acontecia de novo e de novo e, mesmo parecendo atenuada no início, ainda estava ali, como um eco de prazer em seu corpo.

– Estar com você é como estar no paraíso – declarou ele. – Você é um anjo que veio para a Terra.

– Um anjo não... faria isso – disse ela, sem conseguir resistir.

– Um anjo caído então – disse ele com a voz rouca, afundando o rosto no cabelo dela. – Caído diretamente nos meus braços.

Beatrice se remexeu e a sensação maravilhosa a atravessou como um raio.

Talvez ele estivesse certo. Aquilo *era* como estar no paraíso. E ela estava caindo... caindo de muito alto e com uma velocidade que dificultava sua respiração. Ela não conseguia pensar, não conseguia fazer nada a não ser se agarrar a ele e deixar que o vento poderoso a carregasse para mais e mais longe até que...

– Eu estou... aqui – sussurrou ele enquanto aumentava a velocidade e a pressão, afundando cada vez mais dentro dela. – Confie em mim, querida. Sinta... tudo.

E foi o que ela fez. Beatrice se soltou para sentir toda a glória que era ter Grey dentro dela e se deixou levar à loucura. Que coisa *maravilhosa*. E

enquanto chegava mais uma vez perto do clímax, o corpo dela estremeceu por inteiro, como um terremoto em sua alma.

Só Grey era capaz de provocar isso nela. E a julgar pelo urro que ele deu quando afundou dentro dela e seu corpo inteiro retesou, Beatrice achou que ela também era a única capaz de provocar isso nele.

– Meu anjo caído – disse ele, ofegante, enquanto se esvaziava dentro dela e relaxava. – Agora eu tenho você.

Certamente ele tinha.

E foi nesse momento que Beatrice entendeu e, para seu horror, começou a chorar.

CAPÍTULO VINTE

Grey foi tomado de preocupação. Teria machucado Beatrice?

Ainda estava trêmulo com a potência do próprio gozo – muito mais intenso do que jamais experimentara – e precisou se esforça para sair da letargia de prazer e cuidar dela.

– Beatrice... – murmurou ele. – O que houve?

Ela parecia se esforçar para respirar.

– Eu não esperava que fosse tão... tão...

– Desconfortável? – sugeriu ele.

– Tão maravilhoso! – exclamou ela, chorando.

Ele demorou um pouco para entender o que ela estava dizendo. Aliviado, ele saiu de cima dela, apoiou a cabeça na mão e olhou para ela, segurando uma risada.

– Desculpe, meu bem, eu estava com medo de ter estragado tudo.

Ele se levantou da cama para pegar um lenço no bolso da calça e voltou para a cama, entregando-o a ela. Grata, Beatrice enxugou os olhos e o nariz.

– Eu *nunca* choro – revelou ela, fungando. – Não desde a morte do meu pai. Estou com *tanta* vergonha.

– Não fique – disse ele franzindo a testa. – Embora seja bem frustrante fazer uma mulher chorar na cama. Talvez *eu* devesse estar com vergonha. Ou... algo assim.

– Você está achando graça – acusou ela.

– Não.

Ele sabia que era melhor não admitir isso. Grey pegou o lenço da mão dela e enxugou uma lágrima que ela deixara passar.

– Mas estou emocionado de ver que a experiência a afetou tão profundamente. Essa não é a reação usual.

Ela se virou de lado para olhar para ele.

– Qual *é* a reação usual?

Droga! Ele provavelmente não devia ter falado aquilo.

Quando Beatrice percebeu que ele estava tentando descobrir a melhor forma de responder, acrescentou: – Você teve mais do que algumas poucas mulheres na sua cama, não é?

– Você realmente quer saber? – perguntou ele, sussurrando.

A voz dela estremeceu.

– Acho que não.

Ela se deitou de costas e ficou olhando para o teto, com expressão inescrutável.

Grey se perguntou se ela estaria se comparando a outras mulheres. Porque isso seria absurdo. Comparada a qualquer outra, Beatrice era uma deusa. Por mais incrível que fosse, ele sequer estava totalmente saciado. A pele dourada, o tom castanho-claro do cabelo e dos pelos íntimos, uma barriga que pedia para ser acariciada, lambida e tocada. O corpo de Beatrice era perfeito, mesmo que ela achasse que não.

Ele nunca gostara de seios fartos, preferia nádegas mais voluptuosas, que ela tinha. Isso sem mencionar a inteligência, o caráter e o coração enorme. Esses eram os atributos dela de que mais gostava.

As qualidades de Beatrice iam muito além daquelas que via nas damas da sociedade. Ele gostava do fato de Beatrice ser natural, ter sardas, a pele bronzeada e um cabelo que não se adequava às regras.

O *caráter* dela não se adequava às regras. Ele mesmo nunca se adequara às regras a não ser que fizessem sentido, era ele quem escolhia. E era isso que ele amava nela. Ela se recusava a ser intimidada a agir de acordo com as regras.

Assim como se recusou a aceitar que o tio a fizesse de amante.

Grey fechou a cara. Maldito homem. Ele ficava louco da vida só de pensar em como tio Armie a atormentara. E odiava vê-la se afastar dele,

mais uma vez, e tudo por causa de alguma percepção equivocada sobre como ele vivia a vida.

Ou, talvez, porque Grey ainda não a tivesse pedido em casamento, o que ele sabia que tinha de fazer. Era a única saída depois que um cavalheiro arruinava uma mulher. E, apesar do comportamento dele naquela noite, ele *era* um cavalheiro.

Mas primeiro era melhor tirar da cabeça de Beatrice a ideia que ele, tolamente, passara ao aludir outras experiências íntimas.

– Você não precisa se preocupar com as mulheres que já tive.

– Ah, não? Por quê?

– Porque elas não fazem parte da minha vida há anos. Assim que eu descobri que fazer besteiras não me levava a lugar nenhum, esse tipo de comportamento perdeu a graça.

Ela olhou para ele, com expressão de dúvida.

– *Há anos?*

– Mais ou menos. Para ser sincero, eu prefiro me aliviar sozinho a ir a prostíbulos e correr o risco de ser roubado ou pegar alguma doença. Tive alguns encontros com algumas viúvas e uma amante, mas... – Ele a encarou e suavizou o tom: – Mas nada se compara à satisfação que senti com você.

Quando o rosto dela se iluminou, Grey ficou feliz por ter admitido a verdade.

– Verdade?

– Eu já disse. Eu nunca minto para você.

Ela digeriu as palavras.

– Tudo bem, mas, até esta noite, você não havia dito que pensava que eu poderia ser cúmplice das mortes dos meus dois tios.

Seus pecados estavam voltando para assombrá-lo. Que Deus o ajudasse.

– Isso não passou de uma loucura temporária, resultado de Sheridan ter descoberto nesta tarde que seus tios planejavam vender esta casa. Assim que ouvi isso, vim correndo até aqui, nem parei para pensar. Mas, sinceramente, meu bem, assim que recobrei minha lucidez, eu soube que era um absurdo.

Ela acariciou o peito dele.

– Então você não achou que eu *realmente* poderia ter matado os dois?

Ele ficou dividido entre convencê-la ou implicar com ela. A segunda opção foi a escolhida.

– Mas é claro que achei – disse, e quando ela o encarou com surpresa, acrescentou em tom alegre: – Seus cachorros obedecem todos os seus comandos. Você provavelmente passou meses ensinando a eles como arrancar seu tio Armie do cavalo e como quebrar o pescoço dele. E aí, quando meu padrasto apareceu, você ensinou os safados a empurrarem uma pessoa da ponte. Tudo está claro como o dia agora.

– Grey! – exclamou ela, embora estivesse claramente segurando o riso.

– Você mesma se gabou de como eles são bem treinados.

Ela deu um tapinha no ombro dele.

– Eu não treinei os cachorros para *matar*.

– Ah, lá se vai *essa* teoria.

Quando ele riu, Beatrice revirou os olhos.

– Você é incorrigível.

– Acho que você está me confundido com orn.

– Não mesmo – disse ela, e então ficou séria e se aconchegou mais a ele antes de continuar: – Talvez você seja melhor em esconder suas tendências, mas vocês dois se parecem mais do que estão dispostos a admitir.

Isso o fez parar.

– Você acha?

– Acho – respondeu Beatrice, olhando direito nos olhos dele. – O que fez você se afastar da sua família por tanto tempo?

Ele ficou tenso. Aquilo era justamente o que temia. Deixar alguém com quem se importava conhecer sua intimidade. Suas fraquezas.

– Eles moravam na Prússia. Eu morava aqui. Isso é bem óbvio.

– Há algo mais – devolveu ela, analisando a expressão dele.

Inferno, por que ela tinha de ser tão perspicaz? Por que o resto da família não tinha percebido a verdade, somente ela?

Grey não podia permitir que ela visse seus medos mais profundos.

– Você está imaginando coisas.

– Acho que não.

Inclinando-se para ela, ele murmurou:

– Eu não quero falar sobre a minha família, nem sobre a sua, para falar a verdade. Temos a noite toda e eu gostaria de aproveitar em atividades mais prazerosas. Como esta.

Ele cobriu o sexo dela com a mão e declarou:

– Quero você de novo...

Santo Deus, aquilo era a mais pura verdade.

– Você também me quer? – perguntou Grey.

– Você sabe que sim – respondeu ela, derretendo-se.

Bastava esse movimento para evitar que Beatrice descobrisse os segredos vergonhosos que guardava. Bastava mantê-la na cama.



Grey despertou com um barulho. Ficou desorientado por um momento. Onde estava?

Então, sentiu o corpo quente ao seu lado e se deu conta. Estava com Beatrice. Na casa *dela*. O que significava que tinha caído no sono. Assim como ela. Julgando pela luz que vinha pela janela, o dia estava nascendo. Maldição! Maldição! Ele já devia ter ido embora.

Grey teria pulado da cama se não fosse pelo som invadindo seu cérebro ainda anuviado de sono: uma arma sendo engatilhada.

– Levante-se! Agora!

Grey conhecia aquela voz. E sabia que aquilo não ia acabar nada bem.

– O que está acontecendo? – perguntou Beatrice, despertando.

– Seu amante está prestes a morrer, querida irmã – disse Joshua em uma voz tão calma que provocou um calafrio em Grey. – Talvez seja melhor você se despedir.

– Joshua?

Beatrice se sentou na cama, puxando a coberta para cobrir os seios. Felizmente, em algum momento durante a noite, os dois haviam usado as cobertas.

– Joshua, guarde essa pistola agora mesmo.

Grey controlou a vontade de praguejar. A intenção dele era estar bem

longe dali àquela altura, para resguardar a reputação de Beatrice até que pudesse pedir a mão dela em casamento. Mas a expressão assassina no rosto de Joshua Wolfe dizia que Grey pagaria por esse erro com a própria vida.

Antes que conseguisse pensar em algo a dizer para se defender do indefensável, Beatrice falou: – Eu *escolhi* ficar com ele. E que diferença faz, Joshua? Você nem está aqui na maior parte do tempo.

Grey gemeu. A última coisa que ela devia fazer era provocar o irmão com lembretes de como ele fracassara com ela.

Joshua claramente foi afetado por aquelas palavras, pois baixou a pistola para a cabeça de Grey.

– Pare já com isso! – ordenou ela. – Eu o quis na minha cama.

– Mas Beatrice... – disse Joshua, hesitante.

– Vá embora – falou ela para Grey em voz baixa. – Eu resolvo tudo com ele.

Grey não estava disposto a permitir isso. Ele se levantou para encarar Joshua, sem o menor pudor da própria nudez.

– Beatrice e eu vamos nos casar – disse ele, percebendo o quanto aquilo era certo assim que pronunciou as palavras.

Aquilo desconcertou Joshua, mas muito brevemente.

– Você não pode se casar com ela.

– Como assim? Não pode? – perguntou Beatrice.

– Ele está comprometido com outra mulher, patinha – disse o irmão dela.

A suavidade na voz de Joshua acalmou Grey, até que, enfim, entendeu o significado das palavras.

Grey pegou o calção e o vestiu.

– Eu não sou comprometido com ninguém.

Joshua jogou um jornal sobre a cama.

– Não? Bem, o *Diário* diz outra coisa.

Pegando o jornal, Grey leu rapidamente o que era um anúncio do seu noivado. Ele praguejou.

– Isto é mentira – disse Beatrice.

– É mesmo? – perguntou Joshua, olhando para ela. – Porque aqui está

dizendo que seu amante é noivo de uma mulher chamada Vanessa Pryde.

Grey fulminou o major com o olhar.

– Não sou noivo de Vanessa nem de ninguém. Vanessa é minha prima e eu não tenho a menor intenção de me casar com ela.

Beatrice pegou o jornal e sua expressão foi ficando séria à medida que lia.

– Não é o que está dizendo aqui.

Ela levantou o olhar magoado para ele, enquanto se enrolava na coberta e saía da cama.

Maldição! Claramente a maldita mãe de sua prima decidira resolver as coisas, já que Grey resistia a todas as tentativas dela de uni-lo à Vanessa.

– Juro pelo meu falecido pai que isso é mentira – disse ele para Beatrice enquanto se vestia. – Nem Vanessa nem eu temos o menor desejo de nos casarmos, mas minha tia está tentando nos obrigar, porque ela acha que eu nunca desmentiria uma notícia dessas para não destruir a reputação da minha prima. A única mulher com quem quero me casar é *você*.

– Por quê? – perguntou ela. – Você não queria se casar comigo antes.

– Eu tirei sua inocência – declarou ele como se fosse óbvio. – Isso significa que eu devo me casar com você.

Ele percebeu que tinha metido os pés pelas mãos quando ela contraiu o rosto.

– Estou lisonjeada.

– Droga, Beatrice. Não foi isso que eu quis dizer.

Beatrice pegou sua camisola e, de alguma forma, conseguiu vesti-la enquanto protegia o corpo com o lençol.

– Não? Então o que você *quis* dizer?

– Ela não quer você – declarou o irmão dela. – E ela merece alguém melhor do que você.

– E você acha que eu não sei disso? – perguntou Grey, com raiva, enquanto continuava se vestindo.

Joshua pareceu surpreso, mas respondeu:

– E foi por isso que você se comprometeu com outra mulher?

– Eu não estou comprometido com ninguém!

Ele se virou para Beatrice enquanto dava o nó da gravata.

– Preciso falar a sós com você, meu bem.

– De jeito nenhum! – exclamou Joshua.

– Me deixe falar com Sua Graça.

Quando Joshua se retesou, ela se dirigiu a Grey em voz baixa.

– Vamos, ande logo. Antes que ele atire em você.

Grey deixou que ela o puxasse pelo corredor. Mas assim que estavam afastados o suficiente para não serem ouvidos, ele a segurou pelos ombros.

– Você *sabe* que devemos nos casar. Eu sei que passei metade da noite agindo como seu tio, mas eu sou diferente dele em uma coisa: eu sou um cavalheiro.

Claramente se lembrando do que ela dissera sobre o tio *não* ser um cavalheiro, ela continuou olhando para ele. Grey continuou: – No instante em que decidi dormir com você eu sabia que ia pedir sua mão em casamento. Eu não vou me comportar como um sedutor qualquer que leva uma moça responsável, do interior, para a cama e a abandona à própria ruína. Nós devemos nos casar e é exatamente *isso* que vamos fazer.

– Você não precisa *me* convencer disso.

Ele a soltou e passou a mão pelo cabelo dela. Beatrice revirou os olhos.

– O que eu quis dizer é que você não precisa *me* convencer. Você tem que convencer *outra pessoa*.

– Quem?

– Sua prima Vanessa.

Ele soltou um suspiro exasperado.

– Vanessa, que prefere ter a língua arrancada a se casar comigo? *Essa* Vanessa? Pode acreditar quando digo que a única pessoa que quer me ver casado com a minha prima é a mãe dela.

– Não é de se estranhar. A filha dela é claramente uma tola e precisa ser orientada sobre como escolher um marido se não consegue enxergar a sorte que seria ter você.

O elogio comoveu Grey e lhe deu esperança.

– Vanessa não é tola. Nem você – disse ele, e, diante da expressão incerta

dela, acrescentou: – E *esse* é o verdadeiro motivo de eu querer me casar com você.

– Não é por ter me arruinado? – perguntou ela, atirando as palavras na cara dele.

Ele contraiu o rosto.

– Eu me expressei mal. A verdade é que eu me consideraria um homem de muita sorte por tê-la como esposa.

Desde que ela não esperasse muito dele. Mas aquela era uma conversa para depois que ele acertasse as coisas com a tia.

– E eu realmente espero que você acredite em mim.

– Eu não sei no que acreditar, Grey – sussurrou ela.

Ele olhou para aquela mulher que ele mal havia começado a compreender.

– Então acredite nisto: não é com Vanessa que eu quero me casar. É com *você*. Agora eu preciso ir a Londres resolver esse imbróglio que minha tia arrumou, mas logo estarei de volta para fazer tudo o que for necessário para convencê-la disso – disse ele, puxando Beatrice para si. – Eu quero me casar com você, meu bem, não importa o que minha tia diga, nem o que seu irmão diga. Você é única para mim.

Ela o encarou com os olhos brilhando.

– Eu vou esperar por você.

As palavras simples tocaram um lugar dentro do peito que Grey pensava estar vazio, já que acreditava não ter mais coração. Ela o queria. Estava disposta a esperar por ele, a confiar que ele agiria corretamente com ela. Ninguém jamais confiara assim nele.

– Isso é bom – disse ele, percebendo que as palavras não seriam o suficiente para mostrar como ele se sentia. – *Muito bom*.

Beatrice sorriu.

– Agora, vá. Rápido. Eu cuido do Joshua.

Grey olhou para o quarto onde Joshua ainda o fulminava com o olhar pela porta aberta.

– Não gosto da ideia de deixar você sozinha com ele, principalmente depois que...

– “Cão que ladra não morde”, pode acreditar.

Grey lançou um olhar cético, pensando no que ambos desconfiavam que o irmão tinha feito. Parecendo adivinhar os pensamentos dele, ela acrescentou: – Ele *jamais* me machucaria, juro. Mesmo com esse jeito bruto, ele me ama.

Aquilo era tudo que Grey precisava ouvir. Ele deu um beijo rápido na testa dela e disse: – Volto o mais rápido que puder.

Ele se virou e desceu a escada rapidamente.

CAPÍTULO VINTE E UM

Quando Grey saiu da casa sem seu colete ou casaco, que ainda estavam na cozinha, Joshua gritou: – Espere! Aonde você pensa que vai, seu maldito filho da mãe?

Joshua veio pelo corredor, segurando a pistola em uma das mãos e a bengala na outra.

Embora Beatrice ainda estivesse hesitante em relação ao que Grey tinha acabado de falar, ela bloqueou a passagem do irmão.

– Deixe ele ir. Você não quer assassinar outro duque.

Não tinha sido intenção dela dizer "*outro* duque", mas ainda era muito cedo, ela não estava pensando direito.

– Saia da minha frente, Beatrice. Eu quero me certificar de que esse canalha não...

E então ele parou e olhou para ela.

– Espere um pouco, você disse *outro* duque?

Porcaria.

– Hum... eu... hã... Acho que você obviamente entendeu errado.

– Entendi porcaria nenhuma! Que duque eu supostamente matei?

Ela fez uma careta. Agora que tinha começado, era melhorar terminar com aquilo de uma vez.

– Tio Armie.

– O quê?

Como se tivesse percebido que ainda estava com a pistola na mão, praticamente dando motivos para ela acusá-lo, ele desengatilhou a arma com cuidado e a colocou em cima da mesa antes de perguntar: – E por que

eu mataria tio Armie? Eu não gostava dele, mas não tinha motivo para matá-lo.

Ela suspirou. Joshua *parecia* estar sendo sincero, mas não significava que estivesse falando a verdade. Talvez fosse o momento de fazê-lo confessar.

– Não tinha? Ele disse que venderia a casa se eu não concordasse em ser amante dele.

Quando o irmão empalideceu, ela soube a verdade. Ele não fazia ideia do que ela estava falando.

– Meu Deus! *Beatrice*... – começou ele.

– Deixe para lá – disse ela, e desejou não ter compartilhado sua desconfiança com Grey. – Agora não importa mais.

Joshua continuou olhando para ela, boquiaberto.

– É claro que importa.

Apoiando-se mais na bengala, Joshua ainda parecia estar tentando entender o que ela acabara de dizer.

– Então você está dizendo que tio Armie... que ele... Quando foi que o canalha do nosso tio lhe fez essa ameaça nojenta?

Naquele instante, ela soube que jamais poderia contar para Joshua tudo que contara para Grey. Joshua se culparia por não tê-la protegido durante todos aqueles anos e, de qualquer forma, ele não tinha como mudar o passado. Ele já tinha sofrido o suficiente na vida, ela não precisava acrescentar seus próprios problemas ao fardo dele.

– Foi um pouco antes de morrer – disse ela. – Achei que você soubesse.

Joshua estava com os olhos arregalados e a expressão horrorizada.

– Eu não fazia ideia! Por que você não me contou?

– Porque eu tinha medo do que você poderia fazer se descobrisse. E como eu me neguei a ser amante dele, não fazia muito sentido mencionar o assunto.

– *Não fazia muito sentido*? – perguntou ele, com a expressão raivosa. – Com toda certeza não era uma coisa sem sentido, porque você está certa, eu *teria* matado o patife se eu soubesse. E pode acreditar que ninguém saberia que teria sido eu.

Ela ergueu uma das sobrancelhas para ele.

Ao perceber o que tinha acabado de dizer, ele praguejou baixinho.

– Ah, foi por isso que você achou que eu o tinha matado.

– Isso e o fato de a morte dele acontecer logo depois que ele me ameaçou.

Joshua ficou sério.

– Agora eu gostaria de *ter* matado aquele canalha. Como ele se atreveu a sequer pensar... – Ele parou de falar e apertou a bengala com mais força. – Meu Deus, patinha. Por favor, diga que ele não... Que ele nunca tocou você *dessa* forma.

– Não – respondeu ela, com firmeza.

Aquela foi a mentira mais fácil que Beatrice já dissera na vida. Ela não gostava de mentir, especialmente para o irmão, mas era o que precisava fazer.

Ele passou a mão no rosto.

– Graças a Deus. Está difícil de acreditar, mas sei que você não sabe mentir.

Nem sempre.

Ela sorriu para o irmão.

– Seja como for, são águas passadas.

Ele olhou sério para ela.

– Não totalmente. Greycourt a ameaçou também? Ele convenceu Sheridan a não vender a casa se você virasse amante dele? É por isso que ele estava na sua cama?

– Você ficou louco? Se eu não me entreguei para tio Armie para salvar a casa, por que eu me entregaria a Grey?

O irmão deu uma risada.

– Porque ele é bonito e sabe como conquistar uma mulher. Melhor do que tio Armie, pelo menos.

– Bem, nesse ponto você tem razão, mas, não. Grey não pediu para eu ser amante dele. Você ouviu... ele quer que eu seja esposa dele.

Joshua sorriu, com ar de pena.

– Ah, patinha, duques ricos não casam com mulheres sem origens.

– Pois saiba que ele não é assim – negou ela com veemência, não

querendo ouvir o irmão verbalizando temores que eram dela. – Você não o conhece como eu.

Ele estreitou o olhar.

– Não me lembre *o quão bem* você o conhece. Eu ainda posso desafiá-lo para um duelo.

Ela colocou as mãos na cintura.

– Se você sequer tentar fazer uma coisa dessas, Joshua Wolfe, juro que nunca mais falo com você. Então eu serei obrigada a viver nas ruas, já que você vai ser enforcado e nossa tia não vai querer saber de mim depois que você matar o filho dela.

Joshua foi até uma cadeira e se sentou pesadamente.

– Então você achou que eu tivesse matado o tio Armie.

Quando ela permaneceu em silêncio, sem querer magoá-lo ainda mais, ele olhou para ela.

– Greycourt também acha isso?

Beatrice não sabia o quanto deveria revelar, mas Joshua precisava saber exatamente com o que estava lidando.

– Ele fez algumas especulações, achava que era por tio Armie ter planos de vender a casa.

Joshua fez uma careta.

– Espero que você tenha dito que eu jamais mataria alguém por causa de uma propriedade. Ou ele simplesmente usou essa desconfiança como chantagem para levá-la para cama?

Ela bufou, frustrada.

– Você precisa parar de inventar formas que Grey teria usado para tirar vantagem de mim. Eu já disse. Foi uma escolha minha estar com ele. Se você quer saber, quem o seduziu fui *eu*.

Ao ver a expressão de descrença no rosto do irmão, ela acrescentou: – Ele *não* é o homem que você pensa.

Joshua contraiu o maxilar.

– Ao passo que você acha que seu irmão é um assassino.

Ela se ajoelhou aos pés dele e entrelaçou os dedos com os dele.

– Foi justamente por isso que eu nunca revelei minhas suspeitas, Joshua.

Eu sabia que se elas fossem infundadas, magoariam você profundamente. Mas a verdade é que só desconfiei disso porque eu sabia que você seria capaz de matar para me proteger. E isso só demonstra que sei o quanto você se importa.

– Mesmo que eu não demonstre? Mesmo que eu não saiba como garantir que você seja bem cuidada se algo acontecer comigo? – perguntou ele, e respirou fundo. – Quando eu sequer sou capaz de dar um teto para você e a obriguei a se vender para um homem com Greycourt?

– Eu não me vendi Joshua, eu *amo* Grey!

Joshua piscou ao ouvir aquilo e Beatrice percebeu o que acabara de dizer. Mas era verdade: apesar da relutância dele em falar do passado e de suas suspeitas, ela amava Grey. Amava a inteligência, a bondade e o fato de ele não tê-la culpado pelo que tio Armie fizera com ela.

Até conhecê-lo, nunca se sentira à vontade para dizer o que queria quando queria, nem mesmo para o irmão. Que maravilha era finalmente conseguir fazer isso!

E desejava muito que Grey sentisse a mesma liberdade com ela. O que era bem óbvio não ser o caso, do contrário ele teria respondido à pergunta sobre a família dele. Mas, por ora, saber que ele queria se casar com ela era o suficiente.

– Ele ama *você*? – perguntou Joshua.

– Eu não sei. Você não nos deu muito tempo para resolver as coisas.

A expressão dele ficou dura.

– Ele estava ocupado demais tentando convencê-la de que não está noivo dessa tal Vanessa.

Ficando de pé, Beatrice o fulminou com o olhar.

– Está bem. Você não vai acreditar no que eu digo até ver a verdade com os próprios olhos. Então vamos concordar em discordar, está bem? Ele vai voltar para mim, você vai ver. E quando isso acontecer, me prometa que vai consentir com o casamento.

– Está bem.

Ela se empertigou e olhou desconfiada para o irmão.

– Você está falando sério?

– É claro que estou. Porque ele não vai voltar. Pelo menos não sem trazer a noiva.

– Ah, Joshua... Você me deixa louca da vida!

Ela se virou e voltou para o quarto.

– Se você ainda tem dúvidas sobre a noite que tio Armie morreu, posso provar que eu estava em Leicester na ocasião.

Ela se virou para olhar para ele.

– Isso não prova nada. Você provavelmente estava em alguma taverna e teve muito tempo para voltar, empurrar tio Armie do cavalo, quebrar o pescoço dele e voltar para Leicester antes que alguém tivesse notado sua ausência.

– Na verdade, eu *não* estava em uma taverna. Eu estava com uma mulher.

– Uma mulher!

Quando Beatrice percebeu com que tipo de mulher ele devia estar, ficou boquiaberta. A pobre Gwyn ficaria *tão* decepcionada!

– Mas não é o que você está pensando – disse ele.

E, com isso, Joshua começou a revelar por que viajava tanto para Leicester.



Beatrice acordou pouco antes das dez, levantou-se e vestiu-se para ir até Armitage Hall. Ela costumava chegar justamente às dez para as aulas de debutante. Depois de passar a noite se revirando, pensando em tudo que Joshua e Grey tinham dito e recordando os deliciosos momentos que passara com Grey, não se sentia muito disposta para as aulas do dia. A cabeça cheia dificultara muito seu sono; com certeza seria ainda mais difícil estar perto de pessoas.

Mas se não fosse à Armitage Hall, logo começariam a especular o motivo e ela não queria que ninguém desconfiasse do que ela e Grey podiam ter feito... bem... na verdade... do que eles *realmente* tinham feito.

Além disso, queria ver como tia Lydia recebera a notícia do noivado de

Grey. A família devia saber de *alguma coisa*. Certamente ele não teria partido para Londres sem dizer nada a ninguém.

Encontrou a casa em polvorosa. Porque parece que Grey fizera justamente isso: entrara em sua carruagem e seguira para Londres antes de todos despertarem pela manhã. Beatrice não sabia o que pensar. Os lacaios estavam fazendo suas tarefas, criados estavam sendo questionados e alguém pediu para uma criada trazer mais chá para as damas na sala de desjejum.

Beatrice ouviu Sheridan em um canto repreendendo o mordomo.

– Como assim você só o viu chegar em casa pela manhã? Onde diabos ele estava?

Esperando que Sheridan não a notasse, Beatrice passou rapidamente pelos criados ocupados, seguindo direto para a sala de desjejum. No instante que entrou, foi interpelada pela tia.

– Ah, Bea, que horror. Não acredito que Grey não disse nada! E eu queria que ele... que vocês dois...

Quando Beatrice olhou para ela com expressão neutra, Lydia murmurou um xingamento nada apropriado para uma dama, antes de continuar: – Ah, você não sabe! Meu Deus, sinto muito. Eu simplesmente presumi que você tivesse visto no *Diário.* Mas é claro que não viu. Como teria visto? Eu duvido que você e Joshua...

– Grey está noivo de Vanessa – declarou Gwyn de forma direta. – Aquele filho da mãe dissimulado.

Daquela vez, a mãe não corrigiu a linguagem da filha.

– Eu sei a respeito de Vanessa – declarou Beatrice. – Joshua viu um exemplar do *Diário* na cidade e trouxe para mim.

Os olhos de Gwyn brilharam.

– Ah, com certeza ele trouxe, deve ter sido um prazer falar mal do caráter do meu irmão – disse, suspirando. – Mas confesso que agora eu ficaria bem satisfeita de me juntar a ele. Como Grey *se atreve* a nos fazer pensar que ele gostava de você enquanto planejava se casar com aquelazinha?

Beatrice estava tentando encontrar uma forma de responder quando Sheridan entrou.

– Guarde suas garras, Gwyn. Tenho certeza de que as coisas não são o que parecem.

– Ah, tem mesmo? – perguntou ela, cruzando os braços. – Os quatro irmãos *homens* sempre se defendem. Mas saiba que dessa vez ele foi longe demais, Sheridan, tentando conquistar uma jovem como a nossa Bea.

– Ele não tentou me conquistar – disse Beatrice, embora a preocupação de Gwyn a tenha tocado. – Nós somos apenas amigos.

Quando todos riram, ela mordeu a língua. Meu Deus, será que ela era mesmo incapaz de contar uma mentira direito?

– Grey jurou que não tem qualquer interesse em Vanessa – continuou Sheridan. – E acho que ele não estava mentindo.

Lydia interveio com expressão ansiosa.

– Além disso, se ele *tivesse* pedido a mão dela, tenho certeza de que contaria para a própria mãe. Não é mesmo?

Aquilo estava matando Beatrice. Ela queria contar tudo, mas não podia. Teria sido melhor ter ficado em casa.

– Talvez seja melhor eu voltar para casa, acho que hoje não vamos ter aulas.

Todos a ignoraram. Sheridan serviu uma xícara de chá para si e lançou um olhar sombrio para ela.

– Você viu Grey ontem à noite? Ele saiu daqui dizendo que tinha assuntos a resolver e demorou horas para voltar. Eu tive a nítida impressão de que ele estava indo conversar com você.

Todos os olhares se voltaram para ela. Maldição! Beatrice pensou em mentir, mas aquilo não vinha funcionando muito bem.

– Hum. Sim. Eu o vi. Ele foi até a minha casa procurando por Joshua. Eu disse que meu irmão estava em Leicester. Imagino que ele tenha ido até lá.

Aquilo era verdade. Parcialmente, ao menos.

Sheridan relaxou.

– Isso faz sentido. Explica por que ele não voltou para casa ontem à noite.

– Ele não voltou? – perguntou a mãe. – Mas por quê? Por que ele não podia esperar Joshua voltar para falar com ele?

Foi a vez de Sheridan ficar constrangido. Ele colocou açúcar no chá, mas pousou a xícara sobre o pires.

– Imagino que ele... Talvez Grey tivesse alguma coisa... Bem, sendo sincero, eu não faço ideia. Vou tentar descobrir se alguém sabe de alguma coisa.

E saiu do aposento antes que pudessem impedi-lo. Gwyn ficou olhando na direção por onde ele se fora.

– Estranho. Acho que Sheridan não está contando tudo, mas vou descobrir o que é.

E, com isso, Gwyn também saiu, deixando Beatrice ali, constrangida, pensando em como poderia escapar também. Lydia fez um gesto para a mesa.

– Venha tomar o desjejum comigo, minha querida. Não vá embora ainda, me faça um pouco de companhia, se não se importar.

Controlando-se para não suspirar, Beatrice respondeu:

– Mas é claro, tia. Fico feliz.

A tia se sentou em uma cadeira e Beatrice foi até o aparador para fazer o prato. Conseguia sentir o olhar da tia em suas costas. *Ai, meu Deus*.

– Bea, por favor, me responda uma coisa e peço que seja muito sincera. Grey não fez nada para... magoá-la, não é?

Ainda não.

Ainda segurando o prato, Beatrice parou e olhou para a tia, abrindo um sorriso.

– Mas que bobagem. Todos aqui são muito bondosos comigo, incluindo seu filho.

A tia pareceu acreditar.

– Bem, ele não tem sido muito bom com a *mãe* dele, saiba você. E, para ser bem sincera, não consigo acreditar que, de todas as mulheres do mundo, ele se casaria com Vanessa. Vejo a moça muito mais como uma irmã do que uma prima para ele, e ninguém se casa com a irmã, certo?

Irmã? A palavra deixou o coração de Beatrice mais leve.

– Mas temo que ele magoe Vanessa – continuou a tia. – Ele é tão... fechado para o amor, tem tanto medo de confiar nas pessoas.

Beatrice já tinha notado *aquilo*.

– Isso poderia explicar o noivado – retrucou Beatrice. – Uma prima que ele considera uma irmã seria uma escolha segura e sensata. Ele não teria que envolver o coração – disse Beatrice, notando o quanto isso faria sentido. – Ele deve ter se afeiçoado muito a todos da família Pryde durante os anos em que morou com eles.

Lydia olhou para o gramado lá fora.

– Duvido muito. Tenho quase certeza de que a vida dele com eles não foi feliz.

Beatrice imaginava o mesmo, mas ouvir aquilo da boca da própria mãe de Grey foi como uma facada em seu coração.

– Como a senhora sabe?

Beatrice se sentou ao lado da tia e colocou o prato na mesa, mas não estava nem um pouco interessada em comer.

– Ele lhe contou alguma coisa? – insistiu Beatrice.

– Não foi preciso. Desde nosso retorno, Grey tem agido de forma muito estranha comigo. Ele é gentil em um momento, depois evita minha companhia. E pelas coisas que orn me contou, temo que Eustace... o tenha tratado mal.

– Que tipo de coisas?

– Grey deixou a casa dos Pryde assim que completou 21 anos e nunca mais voltou. Ele não podia evitar ver os tios nos eventos sociais, é claro, mas orn diz que mal conversavam.

– Achei que ele tivesse ajudado no debute de Vanessa.

– E ajudou. Ele fez um baile na casa dele na cidade para apresentá-la à sociedade, sabendo que ter um duque por perto a ajudaria a ter acesso aos círculos mais fechados. orn foi ao baile, disse que Grey mal dirigiu a palavra aos tios e, assim que o evento acabou, Grey disse que estava livre deles. É claro que agora que o tio morreu, sobrou apenas a tia com quem lidar.

Beatrice ficou olhando para o prato.

– orn sabe que *tipos* de maus-tratos ele sofreu?

– orn não disse que Grey sofreu maus-tratos, só que desconfiava

disso. E Grey nunca me disse nada. Acho que quer me proteger dos detalhes.

Beatrice segurou a mão da tia.

– O que é muito sábio, não? A senhora provavelmente não ia querer saber.

– Acho que não, mas temo que...

Depois de apertar a mão de Beatrice, a tia a soltou.

– Eu realmente odiei ter de abrir mão dele, mas aquele testamento idiota disse que eu era obrigada. Nós até consideramos não respeitá-lo, mas Eustace pareceu tão compreensivo quando veio buscar Grey, e Maurice disse que seria bom para o menino aprender a ser duque. Além disso, o próprio Grey parecia querer ir. Eu realmente achei que seria o melhor para ele.

Com o sofrimento estampado no rosto, Lydia tomou um pouco mais de chá.

– Eu quase morri quando o vi indo embora, não sabia quando veria meu filho de novo. Nunca imaginei que, entre as guerras e a carreira do meu marido e dos meus outros filhos, levaria tantos anos. orn me disse que assim que Grey atingiu a maioridade, ele se recusou a deixar suas propriedades, temendo que o tio pudesse intervir e administrá-las. orn disse que Grey não se sentia seguro até a morte de Eustace há alguns anos.

Beatrice suspirou. Tia Lydia a deixara com mais perguntas do que respostas.

– Então Grey nunca contou nada íntimo nem mesmo para a senhora.

A tia deu de ombros.

– Ele nunca me conta nada de importante.

Nem para Beatrice. Grey sempre evitava o assunto e isso a deixava frustrada.

Seria possível ter uma vida feliz ao lado de um homem que não revelava seus sentimentos mais íntimos? Um homem que jamais diria que a amava, que mantinha o passado em segredo?

Infelizmente, Beatrice não sabia. E se não fosse? O que seria dela?

Talvez fosse melhor tentar descobrir o quanto antes.

– Tia Lydia, ouvi boatos de que a família talvez venda a casa de contradote. Isso é verdade?

Lydia franziu a testa.

– Sheridan pensou nisso, uma vez que a casa não faz parte da propriedade do ducado. A venda nos daria os recursos de que precisamos muito – explicou a duquesa, pegando a mão da sobrinha. – Mas, se isso acontecer, você e Joshua sempre terão um lugar nesta casa.

O alívio de Beatrice ao ouvir as palavras foi abafado pela preocupação de que Joshua jamais aceitaria esse tipo de caridade. Se o pedido de casamento de Grey não fosse sério...

A vida dela e a do irmão estavam prestes a se tornar bem mais complicadas.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Como Grey dissera para o cocheiro ir a toda a velocidade e o homem obedecera, chegaram à cidade antes que o escritório do *Diário* fechasse naquela noite. Graças a Deus. Enquanto seguiam pelas ruas esburacadas de Londres, Grey arquitetara um plano para salvar a reputação da prima e achava que talvez funcionasse, desde que a edição do jornal concordasse.

Felizmente, no instante em que Grey chegou, o secretário logo o levou até o editor-chefe. Havia *algumas* vantagens em ser duque, no fim das contas, mesmo que Beatrice e o irmão fossem tolos demais para admitir. Grey precisou fazer algumas ameaças e, em seguida, oferecer uma boa quantia em dinheiro, mas conseguiu a cooperação do homem.

Então seguiu para a casa da tia, para enfrentar a leoa em seu território. Assim que o cocheiro parou na frente da casa, Grey sentiu o estômago queimar. Não colocava os pés ali desde que fora embora ao atingir a maioridade, mas a casa ainda guardava lembranças dolorosas.

Ele estava fazendo aquilo por Beatrice e por Vanessa, lembrou-se, e o pensamento foi o suficiente para fazê-lo descer da carruagem e subir a escada. Pelo menos não teria de voltar ali novamente até que tia Cora estivesse morta e enterrada ao lado do maldito tio.

Quando entrou, o mordomo tentou convencê-lo de que ela não estava recebendo visitas.

– Eu sou o sobrinho dela, duque de Greycourt – declarou Grey com voz ditatorial. – E quando sua patroa morrer, esta casa será minha. Então, a não ser que você queira despertar a minha ira...

O homem correu para obedecê-lo, mas, antes que tia Cora aparecesse,

Vanessa saiu da sala de música e abordou o primo.

– Você *tem* que fazer alguma coisa. Me desculpe, Grey, mas você e eu simplesmente não podemos nos casar!

– Eu concordo. Mas já cuidei de tudo. Não se preocupe. Vai dar tudo certo.

– Como? Minha mãe já colocou nos jornais sem que eu soubesse e isso significa...

Uma voz que ele esperava nunca mais ter de ouvir as interrompeu:

– Vejo que veio visitar sua noiva.

A tia desceu a escada usando um vestido de noite elegante e com um sorriso falso no rosto.

– Mãe! – exclamou Vanessa. – Como você teve a coragem de fazer isso? Se Grey não se casar comigo, eu serei humilhada diante da sociedade e nunca mais vou conseguir um marido!

– Me desculpe, prima, mas esse foi justamente o motivo pelo qual ela fez isso – respondeu Grey de forma bem direta.

Tia Cora, como a cobra que era, sempre atacava quando sentia qualquer hesitação ou medo no oponente. Ele continuou:

– Sua mãe decidiu que estávamos demorando e resolveu fazer algo para nos *obrigar* a casar.

A tia se aproximou dele.

– Não sei do que você está falando, Greycourt. Tenho certeza de que o *Diário* só mencionou a fofoca do momento.

– A fofoca que você mesma espalhou, você quer dizer.

Ele olhou com desdém para a mulher que nunca lhe mostrara um pingo de afeto. Que o ignorara enquanto o marido o intimidava e que, depois da morte dele, assumiu a tarefa de fazer o possível para que Vanessa e Grey se casassem, querendo a filha ou não.

Pela primeira vez, Grey notou um brilho de medo em seus olhos. Ela não estava tão segura de si quanto parecia. Tinha feito a jogada, mas não sabia se seria o suficiente para lhe garantir a vitória. E o fato de tia Cora ter sido capaz de arriscar a reputação da própria filha no processo o deixava louco de raiva. Não era nem um pouco justo com Vanessa.

Como se lesse a mente dele, tia Cora disse:

– Vanessa, por que você não vai para o seu quarto enquanto meu sobrinho e eu resolvemos tudo?

– Fique, Vanessa – ordenou ele, fazendo a tia franzir a testa. – Esse assunto lhe diz respeito, você precisa ouvir tudo.

Vanessa lançou um olhar ansioso para ele e outro para mãe, enquanto tia Cora andava ao redor de Grey, procurando um lugar para atacar.

– E o que há para ouvir, Greycourt? Minha filha está certa. A não ser que você queira destruir a reputação dela, precisam se casar. O noivado foi anunciado no *Diário*. Não há nada que você possa fazer a respeito.

– Você acha que não?

Ele riu, sentindo um momento de triunfo quando a tia parou. A mulher apostara tudo no que ela enxergava ser uma fraqueza dele: sua tendência a proteger Vanessa.

Felizmente, se esquecera de que, quando Grey deixara aquela casa para assumir seu título, ela perdera todo o poder de intimidá-lo, mesmo usando a filha.

– É uma pena que você não tenha me consultado antes de fazer os proclamas no *Diário*. Se tivesse feito isso, saberia que estou noivo da Srta. Beatrice Wolfe.

– A prima de Sheridan? – perguntou Vanessa.

Ele assentiu e baixou a cabeça para olhar bem nos olhos da tia.

– Já informei ao *Diário* que eles deveriam ter me consultado primeiro, e que se não quisessem lidar com um processo, será melhor que publiquem logo uma errata revelando que trocaram o nome da noiva pelo da minha prima. Foram gentis o suficiente para concordar e esta será a notícia que aparecerá no jornal *amanhã* de manhã.

Ele sabia que tinha acertado o alvo quando o rosto dela ficou sério.

– Você vai se arrepender, Greycourt. Vou negar isso para todas as minhas amigas. Vou dizer que você seduziu minha Vanessa e que agora quer se casar com sua amante. Eu vou chantag...

– Você não vai fazer nada disso, mãe! – exclamou Vanessa. – Eu já disse

que eu e Grey não queremos nos casar! E se você espalhar essas mentiras sobre nós, vou estar bem ao seu lado para desmentir cada uma delas!

A mãe fulminou a filha com o olhar.

– Fique quieta, sua tola! O homem é um duque!

– Deixe Vanessa em paz, Cora! – irritou-se Grey. – Se eu ouvir você espalhando mentiras novamente, como, por exemplo, a que você iniciou sobre meu "clube de solteiros devassos"...

Mas que ameaça ele poderia fazer sem atingir Vanessa nem ninguém mais que ele amasse? Tia Cora não tinha escrúpulos.

Talvez fosse o momento de aplacar a ganância da tia. Embora odiasse ter de recompensá-la pelas intrigas, Grey tinha dinheiro para isso e precisava colocar um fim àquela loucura.

– E se eu dobrar o dote de Vanessa? – perguntou ele. – Dessa forma, ela poderá escolher o marido que desejar.

Até um poeta, embora Grey ainda achasse que não seria uma escolha muito sensata.

– Dobrar? – gritou tia Cora.

Ele praticamente conseguia ouvir os cálculos que ela fazia.

– Dobrar – confirmou ele.

– Mas, Grey, não é sua obriga...

– Calada, garota – ordenou a mãe. – Deixe que ele gaste o dinheiro dele como quiser. Deus sabe que nós merecemos depois da ingratidão de todos esses anos, apesar de tudo que fizemos por ele quando ele era criança.

– Fizeram por mim? – perguntou ele, com desdém.

Todos os horrores do passado voltaram à tona e Grey viu tudo em vermelho.

– *Fizeram por mim*? Nós dois sabemos muito bem o que você e meu tio fizeram e deixaram de fazer por mim, Cora. Você nunca ficou do meu lado, nunca demonstrou afeto ou ofereceu consolo – vociferou ele, cerrando os punhos. – Você nunca colocou as necessidades de um garotinho na frente da sua própria ganância.

Claramente assustada com a veemência dele, a tia deu um passo para trás.

– Só estou dizendo que...

– Sugiro que você pare de falar agora, mãe – disse Vanessa. – Antes que Grey se esqueça de que somos parentes.

A voz baixa de Vanessa chegou a ele em meio ao torpor da fúria e o trouxe de volta ao presente. Grey se esforçou para respirar e se acalmar... para não esganar a mulher que não fizera absolutamente nada – *nada* – para proteger um garoto de dez anos de idade do tio.

– Mãe, vá lá para cima – ordenou Vanessa enquanto o observava tentar controlar o temperamento. – Eu termino esta... negociação.

Quando a mulher hesitou, Grey conseguiu dizer:

– Melhor ouvir sua filha, tia Cora.

Com o medo marcando o rosto envelhecido, ela se virou para sair, mas, no meio da escada, olhou para ele e disse:

– Você disse dobrar o dote! Não se esqueça!

Vanessa colocou a mão no braço dele.

– Eu sei que minha mãe e meu pai foram... odiosos com você. Mas talvez seja hora de deixar o passado para trás.

– Talvez – respondeu ele, evasivo.

Como ele poderia esquecer uma infância cheia de maus-tratos e sofrimento? Mesmo adulto, Grey mal conseguia pensar nisso sem que o ódio fervesse dentro dele, um sentimento exacerbado por estar de volta àquela maldita casa.

– Tenho certeza de que sua futura esposa vai ajudar com isso – disse Vanessa, observando o rosto do primo. – Você estava dizendo a verdade para minha mãe? Vai mesmo se casar com a Srta. Wolfe?

A imagem de Beatrice surgiu em sua mente e o acalmou um pouco mais. Não conseguiu evitar um sorriso.

– Vou, assim que tudo estiver organizado.

– Você parece completamente apaixonado por ela.

– Completamente – mentiu ele, para evitar as perguntas que viriam se ele não mentisse.

Mas será que era mentira mesmo? Grey não tinha mais certeza.

– Ela é diferente de qualquer outra mulher que já conheci. Tem opiniões

próprias e nenhum medo de dizê-las.

– Nem para você?

– Principalmente para mim – respondeu ele secamente. – Ela se parece muito com você em relação a isso.

– Ah, então eu desejo a ela toda a sorte do mundo. Ela há de precisar.

Quando ele franziu a testa, Vanessa riu e perguntou:

– Mas eu vou gostar dela?

Ele levantou uma das sobrancelhas.

– Tenho quase certeza de que vocês vão virar unha e carne. Estremeço só de pensar nos problemas que vão criar juntas.

Radiante, Vanessa relaxou.

– Ah, que maravilha! Eu realmente preciso de outra amiga – disse, e se aproximou para sussurrar uma confidência: – Principalmente com o mau humor que minha mãe vai ficar por eu ter perdido você.

– Lembre sua mãe de que você nunca me teve e tudo ficará bem.

Vanessa ergueu o queixo.

– Eu vou lembrá-la que você dobrou o meu dote, *aí sim* vai ficar tudo bem.

Ele deu um beijo na testa da prima.

– Veja se não começa a gastar esse dote muito rápido, está bem? E *não* o dê para um maldito poeta.

– Isso é uma condição? – perguntou ela, estreitando os olhos.

Grey suspirou.

– Faria alguma diferença se eu dissesse que sim?

– Não.

– Foi o que imaginei – disse ele, e, olhando para a escada, perguntou: – Você acha que sua mãe disse pessoalmente para alguém da sociedade sobre nosso suposto noivado? Porque se ela fez isso, meu plano não vai funcionar. Preciso saber se será necessário comprar o silêncio de mais alguém enquanto eu estiver na cidade.

– Acredito que ela não tenha contado para ninguém. Eu me recusei a sair com ela até você chegar e resolver tudo. E como você foi bem rápido...

– Não é como se ela tivesse me dado escolha. Você nem imagina como

minha futura esposa recebeu a notícia de que eu estava noivo de outra mulher.

– Ah, não! Pobre Srta. Wolfe – falou Vanessa, dando uma piscadinha para o primo. – Mas sendo um cavalheiro tão sedutor, acredito que tenha conseguido fazê-la se derreter.

Ele esperava que sim.

– Bem, preciso voltar para Sanforth imediatamente, para acalmar os receios dela.

E colocar um fim em toda aquela questão de quem matou quem – se é que realmente tinha havido um assassinato – e poder, finalmente, começar a vida ao lado de Beatrice.

– É claro! – agradeceu Vanessa, abraçando o primo. – E *muito obrigada*. Eu jamais terei como compensá-lo por não... bem...

– Por não permitir que você fosse obrigada a se casar comigo?

Quando ela franziu o nariz, ele riu.

– Não sei se isso é um elogio ou um insulto, mas, se algum dia precisar de mim, tente fazer algo menos dramático do que colocar um anúncio de noivado nos jornais.

Vanessa abriu um sorriso matreiro.

– Pode deixar. Mas não estou prometendo nada.

Com isso, ele decidiu partir. Vanessa daria muito trabalho para o futuro marido, que, felizmente, não seria ele.

Ainda assim, enquanto o cocheiro seguia pela noite, Grey não conseguia parar de pensar nas palavras da prima: *mas talvez seja hora de deixar o passado para trás*.

Pela primeira vez, percebeu que era isso que queria: parar de sentir raiva e ressentimento, parar de sofrer sempre que pensava naquele tempo. A sensação era de que, se falhasse, perderia Beatrice. Talvez não imediatamente, mas em algum momento.

Afinal de contas, um homem com o peito vazio, sem coração, não conseguiria fazer uma mulher como ela feliz por muito tempo.

Quando Grey finalmente chegou a Armitage Hall na manhã seguinte, ficou surpreso por encontrar Sheridan esperando por ele.

– Já era hora! – exclamou o meio-irmão, irritado. – Que bobagem é essa de você estar noivo de Vanessa? Você disse que...

– Foi um erro do jornal. Já mandei corrigir.

Aquilo aplacou a irritação de Sheridan.

– Como assim "um erro"?

– Quando a edição de hoje do *Diário* chegar, você vai entender – disse Grey, olhando para a entrada da casa. – Beatrice está aqui?

– Não. Ela mandou uma mensagem dizendo que ficaria em casa hoje.

Grey se encaminhou para porta. Tudo que queria era encontrá-la e tranquilizá-la em relação ao casamento. Não queria que ela visse o jornal antes que ele tivesse a chance de pedir a mão dela de forma adequada.

– Grey, espere! – exclamou Sheridan. – Descobri algumas coisas sobre a morte do nosso pai.

Aquilo o fez parar.

– Que tipo de coisas?

– Enquanto você estava em Londres, eu encontrei as grades da ponte que foram levadas pelo rio. Também descobri que o homem que a construiu mora bem aqui em Sanforth, e pedi a ele que examinasse a ponte e as grades – falou Sheridan, passando a mão pelo cabelo. – Ele disse que a estrutura tinha sido danificada deliberadamente para torná-la frágil, caso alguém se apoiasse.

Ignorando a própria inquietação, Grey lançou um olhar cético para o irmão.

– O que mais ele disse? Se a ponte for considerada defeituosa, talvez o sujeito esteja com medo de ser responsabilizado pela morte de Maurice.

– Não acho que seja o caso. Ele demonstrou para mim o que estava falando e foi suficientemente convincente para que eu leve a informação ao condestável, para que Joshua possa ser interrogado.

Mas Wolfe tinha um álibi, embora Grey não pudesse dizer isso sem revelar como obtivera essa informação. Ainda assim, Sheridan talvez não

acreditasse na palavra de Beatrice. Ele parecia determinado a seguir com as investigações até o fim.

Sheridan continuou:

– Você se lembra que foi Joshua que mandou uma mensagem pedindo que ele fosse à casa de contradote?

Grey tinha se esquecido desse detalhe, e Beatrice não dissera nada sobre o assunto.

– Ele também tinha motivo para matar nosso pai, considerando que sabia sobre os planos de vender a casa. O que também poderia explicar o motivo pelo qual Joshua talvez tenha matado tio Armie, embora eu não possa provar. Ainda.

Grey sentiu um aperto no coração ao pensar no motivo muito mais plausível que Joshua teria para querer o canalha morto.

– Antes que você procure o condestável, eu gostaria de conversar com Joshua – disse Grey. – Quero ouvir o que ele tem a dizer sobre o paradeiro dele naquela noite.

– Tudo bem, mas faça isso logo. Não quero correr o risco de que ele fuja depois que você falar com ele.

– Pelo amor de Deus, eu não preciso falar sobre suas acusações para conversar com ele.

Embora isso pudesse ser difícil, uma vez que Beatrice sabia de tudo.

– Mas, se ele for culpado, qualquer pergunta sobre o assunto pode assustá-lo – retrucou Sheridan. – Sei que você gosta de Beatrice, mas não posso permitir que as ações de Joshua fiquem impunes.

– Entendo, Sheridan. Mas me deixe falar com ele antes de ir ao condestável. Estou indo lá agora mesmo – disse Grey, que, olhando diretamente nos olhos do irmão, acrescentou: – Acho melhor que você fique sabendo logo que eu não apenas gosto de Beatrice. Eu vou me casar com ela.

Sheridan ficou boquiaberto.

– Você sabe que ela não tem dote e nenhuma perspectiva além de receber uma pequena ajuda minha por ser minha parente, certo? Ela vai trazer muito pouco para esse casamento. Considerando o quanto você se

esforçou para aumentar sua fortuna, eu imaginava que você, dentre todas as pessoas...

– Beatrice é o suficiente para mim – afirmou Grey, irritado ao notar que o irmão o via como um mercenário. – Eu trabalho para aumentar minha fortuna, para que meus filhos e meus netos não herdem dívidas como aconteceu com você. Só estou contando sobre o casamento para que saiba que se essa sua obsessão irracional de culpar Joshua prejudicar Beatrice de qualquer forma...

– Minha intenção jamais foi prejudicar Bea.

– Que bom, porque se fizer isso, eu vou ficar ao lado dela. Mesmo que isso signifique ir contra você.

Sheridan passou a mão no queixo.

– Entendi. Então é melhor chegarmos ao cerne dessa questão bem rápido.

– Com certeza. Porque Beatrice vai ser minha esposa *de verdade*. E espero não ter que me tornar inimigo do meu irmão no processo.

– Isso nunca vai acontecer, Grey – respondeu Sheridan com voz suave.

Mas, quando Sheridan passou por ele para sair, Grey não teve tanta certeza. Fato é que Grey ficara muito tempo longe dos irmãos e, se necessário, poderia viver novamente sem eles. Porque se tivesse que escolher entre Beatrice e a família, ele escolheria Beatrice, não importava o que Joshua tivesse feito ou deixado de fazer.

Grey não tinha dúvidas quanto a isso.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Beatrice estava em casa, tentando não se preocupar com Grey, quando Joshua olhou pela janela, praguejou, pegou a pistola, carregou e foi mancando até a porta. Beatrice o seguiu.

– Grey! – exclamou ela ao vê-lo se aproximar. – Você voltou!

– Eu disse que voltaria para você.

Ele sorriu com alegria, mas o sorriso desapareceu assim que avistou Joshua com a pistola.

– Eu fui cego demais para ver o que tio Armie estava tentando obrigar minha irmã a fazer. Mas sei tudo sobre *você* e não vou permitir uma coisa dessas.

– Joshua, guarde essa arma agora mesmo! – exclamou ela. – Grey voltou para se casar comigo.

– Exatamente – disse Grey sem afastar os olhos da pistola.

– Que inferno, Beatrice – resmungou Joshua. – Ele está noivo de outra mulher.

– Não mais – disse Grey, olhando nos olhos do irmão dela. – E eu não o culpo por ter matado Armie. Se o homem estivesse vivo, eu mesmo o mataria.

Aquilo pareceu surpreender Joshua. Beatrice passou pelo irmão para se colocar entre os dois.

– Ele não matou tio Armie. Ele estava em Leicester.

– Ou isso é o que ele diz.

Beatrice cruzou os braços, olhou para o irmão e disse:

– Ele pode provar, na verdade. Conte para ele, Joshua. Conte para ele

onde você estava e o motivo.

– Eu não preciso falar nada! – exclamou Joshua. – Isso não é da conta dele.

Grey fulminou o futuro cunhado com o olhar.

– É da minha conta se você espera que eu o ajude a se safar da forca. Sheridan está decidido a levar você à justiça e eu não quero ter que contar para ele sobre o comportamento do seu tio em relação a Beatrice, a não ser que eu não tenha escolha. Você apontar uma arma para mim em todas as oportunidades também não ajuda muito a me convencer da sua inocência.

Com o coração ainda disparado, Beatrice se virou para o irmão.

– Guarde a porcaria da arma e conte a verdade para ele, Joshua.

Felizmente, Joshua desengatilhou a arma e a abaixou.

– Eu não entendo por que Sheridan está tão agitado. A morte do tio Armie foi um acidente.

– Talvez – disse Grey. – Mas ele acha que você tinha motivos. Acha que você matou o homem para evitar que ele vendesse esta casa.

– Joshua? – insistiu Beatrice.

Ele suspirou.

– Eu estava na casa da curandeira quando tio Armie morreu. Sempre vou até lá quando tenho negócios em Leicester.

– Uma mulher? – perguntou Grey, levantando as sobrancelhas.

Joshua o fulminou com o olhar.

– Ela tem setenta anos, então pode tirar esse pensamento maldoso da cabeça. Ela não estaria mais disposta a dividir a cama comigo do que... bem... qualquer outra mulher – disse ele, ficando vermelho. – E por que tenho me consultado com ela? Bem, porque quero encontrar uma posição melhor e mais segura para que uma mulher se case comigo sem ter que lidar com isto – disse Joshua, batendo com a bengala na batata da perna.

Beatrice viu quando os olhos de Grey brilharam com pena e rezou para que o irmão não notasse também.

Felizmente, Grey conseguiu esconder o sentimento.

– E os esforços dela estão valendo a pena?

– Não que eu perceba, apesar de todo o dinheiro que tenho gastado com

ela. Eu deveria ter imaginado que nada vai ajudar nesse caso.

Sentindo vontade de chorar diante do tom desesperançoso do irmão, Beatrice disse: – A questão é que ele estava com a curandeira. O preço de uma noite de tratamento inclui hospedagem, já que o método que ela usa é enfaixar a perna com uma poção de ervas que só pode ser removida pela manhã. Joshua tem certeza de que ela testemunharia que ele esteva lá, a mulher não tem motivos para não fazer isso.

– E por que ele nunca contou nada para você sobre isso? – perguntou Grey.

Beatrice suspirou.

– Porque esse é Joshua, o sujeito mais orgulhoso da região. Deus me livre que alguém saiba que ele está disposto a fazer qualquer coisa para conquistar uma mulher... ou que recorreu a uma curandeira de reputação questionável em busca de uma solução para a perna, mesmo que os cirurgiões tenham dito que fizeram todo o possível.

– Inferno, Beatrice! Por que você não conta logo para Sua maldita Graça todos os meus segredos? – praguejou Joshua.

– É melhor do que ver você na forca – retrucou Beatrice.

– Isso é totalmente compreensível para um homem orgulhoso como você – comentou Grey. – E quanto a Maurice?

Ao ouvir a pergunta, Beatrice sentiu vontade de estrangular Grey.

– Sheridan também acha que você pode ter matado o pai dele – disse ela para o irmão.

– Você sabia que eles desconfiavam disso também? – perguntou Joshua, balançando a cabeça. – Por isso você foi para a cama com Greycourt? Porque achou que eu tinha matado duas pessoas?

– Eu já repeti mil vezes que fui eu quem o seduziu, Joshua! Você simplesmente não quer acreditar em mim!

Joshua colocou o revólver no bolso do casaco.

– Porque eu conheço homens como ele e sei como são. E você não é o tipo de mulher que faria uma tolice dessas sozinha.

– Pare de se referir a mim como se eu fosse um canalha – irritou-se Grey. – Sei que eu e Beatrice nos deixamos levar e fomos longe demais, mas

vou fazer o que é certo, tenha você matado meu padrasto ou não. Beatrice ficará segura. Prometo para você.

– Pelo amor de Deus, quem diabos vocês acham que eu sou, algum tipo de mestre do crime? Eu não matei ninguém, muito menos tio Maurice. Por que eu faria isso? Ele era um homem bom.

– Mas ele planejava vender a casa – argumentou Grey. – Você poderia muito bem ter decidido se livrar dele quando descobriu isso.

– Isso é um absurdo, Grey. Eu já disse que Joshua e eu estávamos juntos a noite toda.

Grey pareceu constrangido.

– E o que mais você poderia dizer, meu bem? Ele é seu irmão.

– E você está duvidando da minha palavra? – perguntou ela, pasma.

– Só estou dizendo que eu não culparia você por tentar protegê-lo. É uma atitude admirável, mas você está se esquecendo de alguns pontos sem explicação. Por exemplo, por que Joshua pediu que Maurice viesse até aqui naquela noite.

– Eu não pedi para ele vir aqui – protestou Joshua. – Beatrice e eu estávamos fazendo a contabilidade. Eu não tinha motivos para pedir que ele viesse aqui.

– Não foi isso que minha mãe disse – retrucou Grey.

Joshua se apoiou melhor na bengala.

– Já passou pela sua cabeça que *ela* pode tê-lo matado? A mulher que já enviuvou de três homens e conseguiu tirar proveito disso em todas as vezes. Você não acha isso um pouco estranho?

O olhar de Grey ficou frio como o Ártico.

– Agora, veja bem, seu patife, a minha mãe jamais...

– Já chega, vocês dois. – Beatrice entrou no meio deles.

Era melhor colocar um ponto final em tudo aquilo. Se o irmão continuasse provocando Grey, ela não conseguira fazê-lo ouvir a voz da razão.

– Joshua, você poderia entrar? Eu preciso falar com Sua Graça a sós.

– Claro que não.

– Pode ficar olhando da janela. Ele não vai me arrebatar no gramado em

plena luz do dia.

Joshua estreitou os olhos para Grey, que estava morrendo de raiva.

– Seja rápida – disse ele, antes de voltar para casa.

Ela puxou Grey para longe para se certificar de que o irmão não os ouvisse pela porta aberta.

– Por que você está fazendo isso? Você sabe que ele é inocente. Ele poderia ter matado para me defender, mas jamais mataria seu padrasto por causa desta casa. E mesmo se você estiver certo e ele estivesse preocupado com isso, sua mãe me disse que Sheridan também está considerando vendê-la. Joshua teria que matá-lo também, e aí Heywood seria o herdeiro, e iria querer vender a casa... Toda essa situação é absurda.

– Beatrice – começou ele com aquela voz calma que podia ser muito condescendente.

– Pode parecer que estou tentando proteger meu irmão, mas eu jamais o acobertaria se soubesse que ele matou alguém por dinheiro. Fui eu quem disse para você que tinha medo de que Joshua pudesse ter matado tio Armie. Por que eu faria isso para depois mentir sobre o álibi dele para a segunda morte? Isso não faz o menor sentido.

– Talvez você estivesse com medo de que eu não me casasse com você se soubesse que ele tinha matado meu padrasto.

Quando viu a irritação dela, acrescentou depressa:

– E eu também tirei sua virgindade, então eu *vou* me casar com você, como prometi.

Aquilo a deixou ainda mais zangada.

– Então casar comigo é como tomar um remédio para você? Nossa, estou lisonjeada.

– Não foi o que eu quis dizer.

– Você realmente deve ter uma péssima opinião sobre meu caráter se realmente acha que eu mentiria em relação ao álibi do meu irmão só para garantir nosso casamento. O que não deveria me surpreender. Sua tia recorreu a uma armadilha para você se casar, sua mãe deu você ao seu tio, que parece tê-lo tratado muito mal. Seu cinismo em relação aos parentes é generalizado, você acha que todo mundo está sempre querendo algo de

você. E talvez algumas pessoas queiram mesmo, só que outras só estão tentando lidar com a situação. Como sua mãe. Ela fez o melhor que podia, e mesmo assim, você ainda a culpa.

– E o que você sabe sobre isso? – rugiu ele.

– Eu tive uma longa conversa com ela ontem. Ela gostaria de ter agido de forma diferente, mas estava presa ao testamento do seu pai. Seu ressentimento em relação a ela a magoa profundamente.

Ele ficou sério.

– Não quero falar sobre a minha mãe.

– Você não quer falar sobre nada. Sobre seus sentimentos, sobre ter sido mandado para longe... o que aconteceu entre você e seu tio. Como você pode pensar em se casar comigo escondendo todas essas coisas importantes?

Ciente de que Joshua os observava pela janela, ela baixou o tom de voz.

– Na verdade, como você pode se casar comigo se acredita que eu mentiria em relação ao meu irmão só para prendê-lo a mim? Como você se sentiria se eu o acusasse de acobertar um crime de Sheridan? Você certamente não gostou nem um pouco quando meu irmão acusou sua mãe de assassinato. Mas só os duques são honrados e justos, não é? Todas as outras pessoas só estão tentando tirar vantagem dos outros.

– Eu só estava dizendo...

– Que você não confia no meu julgamento de caráter – disse ela com uma voz estrangulada. – E eu não posso me casar com um homem que não confia em mim e que claramente não me conhece nem um pouco.

– Espere, me deixe ver se entendi. Você está *recusando* meu pedido de casamento? – perguntou ele, claramente confuso.

– Sei que você acha que isso é inimaginável, mas, sim, é exatamente o que estou fazendo – disse Beatrice, erguendo o queixo. – Tenha um bom dia, Vossa Graça.

Ela, então, deu meia-volta e se dirigiu à casa, com o coração se partindo a cada passo.

– Maldito duque – resmungou ela baixinho ao entrar. – Acha que é o presente de Deus para as mulheres. Pois vou mostrar para ele e para o irmão

dele que eles não podem mexer com a gente. Eu vou mostrar para aquele canalha...

– Esses não são os modos da neta de um duque – reclamou Joshua. – Vejo que ele certamente a *irritou*.

Ela fulminou o irmão com o olhar.

– Cale a boca você também, Joshua. Acabei de recusar o pedido de casamento do homem que eu amo. Definitivamente não estou com cabeça para ouvir bobagens.

Beatrice subiu a escada, deixando o irmão boquiaberto. Não derramaria nenhuma lágrima por Grey. *Não mesmo*.

Mas, quando entrou no quarto, sentiu a garganta queimar e soube que Grey, uma vez mais, ia fazê-la chorar.

Que ele fosse para o quinto dos infernos!



Grey ficou olhando Beatrice se afastar. Sentia como se tivesse levado uma surra. Que diabos tinha acontecido? Ela *recusara* seu pedido de casamento? Era a primeira vez que ele se dispunha a isso, e a mulher recusava.

Ele arruinara Beatrice, pelo amor de Deus! Ela não podia recusar o pedido dele. Era loucura.

Joshua apareceu por tempo suficiente para bater a porta. E aquilo foi tudo.

Ah, mas não mesmo. Grey franziu a testa. Cada palavra que Beatrice dissera partira seu coração, principalmente a parte sobre confiança. Aquela mulher sabia acabar com um homem, mesmo que injustamente. Grey havia se comportado de forma honrada, como um cavalheiro.

Ah, então casar comigo é como tomar um remédio para você?

Talvez não tão cavalheiro. Ainda assim, Grey era um duque! Ela seria doida de não aceitar se casar com ele.

Mas Beatrice era um pouco doida. Ela preferia longas caminhadas pelo bosque a dançar um minueto. Assim como ele, se pensasse bem. Ela não gostava de fingimento e mentiras. Assim como ele. Maldição. Beatrice era

perfeita para ele de todas as formas e só pedira que Grey a deixasse ver sua alma.

Ele deveria ter permitido. Não significava nada, certo?

Errado. Significava tudo. Significava compartilhar seus segredos com ela, aceitar os dela de boa-fé, confiar que ela teria o coração dele nas mãos sem machucá-lo. Porque, a julgar pela dor cortante que sentia no peito, ele tinha um coração no fim das contas.

Ele olhou para a casa de contradote, mas não viu sinal de Beatrice. Ela certamente não sairia correndo de lá para implorar que ele ignorasse tudo que dissera. Grey suspirou. Talvez ela nunca fizesse isso. Talvez ele a tivesse perdido para sempre.

A dor lancinante no peito se espalhou até todo o corpo parecer latejar. Não era de se estranhar que sempre tivesse tentado se proteger de qualquer emoção que pudesse lhe causar sofrimento. Sofrer daquela forma era insuportável.

O problema é que não adiantaria ficar parado ali, desejando que ela voltasse, então Grey voltou para a mansão. Precisava agir se quisesse remediar aquilo e a única coisa que lhe passou pela cabeça foi tentar salvar Joshua. Para isso, teria de convencer Sheridan a pelo menos adiar a prisão dele até que as autoridades pudessem investigar o chamado que Maurice recebera e pudessem conversar com a curandeira em Leicester.

Quando entrou em Armitage Hall, porém, não foi Sheridan que encontrou no vestíbulo, mas a mãe.

– Grey! Você voltou! Depois que li o *Diário,* tive certeza de que você não voltaria tão cedo de Londres. Preciso falar com você.

Maldição, ele não estava pronto para isso.

– Onde está Sheridan?

– Por aí, tenho certeza – disse, e então pegou o braço do filho. – Mas isso não pode esperar.

Ele hesitou. Mas como os irmãos Wolfe praticamente o expulsaram de casa, ele não estivera fora por tanto tempo. Se Sheridan não o visse, talvez presumisse que ele ainda não tinha voltado. Além disso, a mãe talvez

pudesse esclarecer a questão do chamado que Maurice recebera no dia que morreu. Assim, Grey a seguiu até a sala de estar.

– Aceita um chá? – perguntou ela.

– Não tenho tempo para isso.

Lydia fungou.

– Você nunca tem tempo para o chá. Nem para sua mãe.

O olhar magoado dizia tudo.

– Estou aqui agora – disse Grey, e se acomodou ao lado dela assim que a mãe se sentou. – Sobre o que quer falar?

– Sobre seu noivado com Vanessa.

Grey se retesou: a mãe não tinha visto a errata no jornal. Não que isso tivesse importância, agora que Beatrice recusara o pedido.

Mas não seria por muito tempo. Ele a convenceria a se casar com ele, nem que precisasse implorar. Faria o que fosse preciso, até fazer as pazes com a mãe. Porque ele precisava ter Beatrice em sua vida.

Com essa decisão tomada, Grey foi inundado por uma estranha calma. As palavras de Vanessa voltaram à sua mente: *talvez seja hora de deixar o passado para trás*.

Talvez ela estivesse certa.

– Eu não estou noivo de Vanessa. O *Diário* cometeu um erro.

A expressão dela se iluminou.

– Ah, isso explica muita coisa. Eu achei muito estranho você se casar com ela, uma vez que nunca expressou qualquer interesse – falou Lydia, olhando para as mãos. – Mas, mesmo que você tivesse interesse, eu não saberia, não é? Você mal fala comigo.

– Mãe...

– Será que fiz muito mal em mandar você para cá? – perguntou ela com o olhar marejado.

A mãe sabia ir direto ao ponto. Mas Lydia ainda não tinha terminado.

– Eu realmente achei que seu tio o prepararia para cumprir o papel de duque e que isso era o certo a se fazer.

E, com aquilo, toda a amargura dele transbordou.

– Sim, e certamente ter um filho a menos para cuidar tornou as coisas

mais convenientes, não é?

– É isso que você acha? Que eu queria empurrar você para outra pessoa? – perguntou ela, chocada.

Grey não queria ter dito aquilo. Estava parecendo uma criança petulante.

– Não, é claro que não. Mas você poderia ter desrespeitado o testamento, mandado meu tio embora, aceitado as consequências.

– As consequências afetariam apenas você, meu filho.

– Voltar para a Inglaterra com ele só afetou a mim. Qual era a diferença?

Aquilo provocou a fúria da mãe.

– Preste atenção, Fletcher Pryde. Sua vinda para a Inglaterra afetou profundamente a família inteira. Gwyn chorou todas as noites por uma semana. O pequeno Heywood não parava de chamar por seu "Gwey", ao passo que Sheridan ficava batendo nas coisas com uma vara. orn queria saber quando você voltaria. Maurice parecia vagar em uma névoa, como se tivesse perdido a vontade de viver. Quanto a mim... – Lydia se interrompeu e enxugou as lágrimas com um lenço. – Durante meses, eu não conseguia falar sobre você sem começar a chorar.

A imagem vívida da família arrasada com a ausência dele foi um bálsamo para o seu coração ferido.

– Então, por que você ainda assim me mandou embora? – perguntou ele com voz rouca. – Eu não queria aprender a ser um duque. Tudo que eu queria era estar com vocês.

– Você diz isso agora, mas, na época, você pareceu bem feliz com o plano.

Ele tentou se lembrar de como ele era *antes* de toda a desilusão provocada pelo tio. Logo se lembrou de sua empolgação para vir para a Inglaterra. Ele tinha imaginado um mundo no qual seria importante, onde não seria tratado como criança. Diferentemente dos pais, tio Eustace o tratara como homem.

Ele não tinha como saber na época que era tudo fachada.

– Talvez eu estivesse mesmo ansioso para vir. Mas o que eu sabia da vida? Eu era só uma criança.

– Exatamente. E justamente por isso você não sabia que teria perdido uma fortuna em propriedades e ações para Eustace. Maurice e eu não suportamos a ideia de arrancar seu futuro financeiro das suas mãos.

O mundo inteiro de Grey pareceu virar de cabeça para baixo enquanto olhava para a mãe. Durante todo aquele tempo, ele se concentrara em onde e para quem o haviam mandado em vez de no *porquê*. Acreditara piamente na justificativa de que era necessário que ele aprendesse a ser duque, sem parar para pensar mais profundamente a respeito. Tinha alimentado toda a sua raiva e ressentimento sem nunca de fato tentar entender o que tinha acontecido.

Ele deveria ter se esforçado mais.

– Por que você nunca me contou nada disso? – perguntou ele com delicadeza.

Ela deu de ombros.

– Você só tinha dez anos, jamais entenderia os detalhes financeiros.

– Talvez eu tivesse entendido. Eu certamente entendi quando tio Eustace começou a tentar...

Ele parou de falar tarde demais.

– Tentar o quê?

– Não importa.

Ele pegou a mão da mãe.

– É claro que importa. Caso contrário, você não estaria com tanta raiva de mim mesmo depois de tantos anos.

– Eu não estou com raiva de você. Estou com raiva de mim.

Por não ouvir, por não fazer mais perguntas. Por endurecer o coração em relação aos pais. Por deixar Maurice – *seu pai* – morrer sem ter feito as pazes.

Tio Eustace, que fingiu gostar dele durante a viagem, se provara um canalha.

Mas seus pais não tinham como saber disso.

– Seja como for, tudo isso é passado – disse Grey. – Acho melhor nos concentrarmos em fazer o presente e o futuro felizes. A senhora não acha?

Quando ele a abraçou, ela começou a chorar copiosamente.

– Eu sei que o s-seu... tio foi c-cruel... com você – gaguejou ela. – orn me d-disse que desconfiava disso.

Maldito orn.

– Eu consegui passar por tudo.

O que mais ele poderia dizer? Não podia negar, porque Lydia saberia que era mentira. Ela sempre sabia quando ele estava mentindo.

– V-você... deveria... t-ter escrito... c-contado tudo...

– Eu tentei, mas como era ele quem enviava as cartas, sempre lia tudo antes de fazê-lo. Quando eu fui para a escola, ele já tinha desistido de tentar me obrigar a fazer as coisas.

Na maior parte do tempo, pelo menos. Àquela altura, Grey já era orgulhoso demais para pedir ajuda aos pais. Estava dedicado à batalha contra o tio e estava determinado a vencer.

– Tudo isso foi... foi horrível *demais* para você? – perguntou ela, com um olhar esperançoso.

– Não – mentiu ele.

Provavelmente a mãe sabia que ele estava mentindo, mas ele arrancaria a língua antes de contar tudo que o tio realmente fizera.

– Como eu disse, tudo isso é passado agora.

As lágrimas foram diminuindo, então Grey entregou para ela o próprio lenço, já que o dela estava encharcado.

– Parece que eu causo esse efeito, vivo fazendo as mulheres chorarem – provocou ele. – Não sei onde estou errando.

A mãe olhou para ele com descrença enquanto assoava o nariz e enxugava os olhos.

– Você está partindo o coração delas. Bea, por exemplo. Você sabe que ela está apaixonada por você... e ainda assim a encorajou, diga-se de passagem. Por que magoar uma jovem tão sensível como ela saindo no meio da noite, deixando-a acreditar que você ia se casar com Vanessa?

Maldição! Ele não podia contar para a mãe que tinha dormido com Beatrice e pedido a mão dela antes de ir para Londres.

– A senhora realmente sabe como derrubar um homem, não é, mãe?

– Me responda.

Ele suspirou.

– Não fui eu que coloquei o anúncio no jornal. Foi Cora, tentando me obrigar a casar com Vanessa. Mas já resolvi tudo. Paguei ao *Diário* para publicarem uma errata informando o nome correto da minha noiva.

O rosto dela se iluminou e ela o abraçou.

– Ah, Grey, que notícia maravilhosa! Estou tão feliz por vocês!

– Mas não diga nada a ela – pediu ele. – Ela me aceitou no início, mas voltou atrás depois que eu agi como um idiota em relação a algo que o irmão dela talvez tenha feito. Preciso consertar tudo antes que Beatrice me aceite como marido. Então espero que ela não leia o jornal até eu ter essa oportunidade.

– Meu Deus, isso parece sério. O que exatamente Joshua fez?

Ele ficou na dúvida se deveria contar ou não, mas, considerando que o marido dela talvez tivesse sido assassinado e Sheridan talvez ignorasse os protestos de Grey e procurasse a polícia, talvez fosse melhor deixar a mãe de sobreaviso em relação ao que estava por vir.

Grey fez um resumo das desconfianças do meio-irmão, suas tentativas de confirmá-las, os álibis que Joshua alegava ter e a reação de Beatrice quando Grey não aceitara a palavra dela em relação ao irmão.

– Agora entendo bem por que ela rejeitou seu pedido – disse a mãe, nervosa. – Eu faria o mesmo, se você tivesse ficado ao lado do *seu* irmão e contra o *meu*.

– Você não tem irmão.

– A questão não é essa! Aquela mulher é uma joia rara e você obviamente já sabe disso, já que quer se casar com ela. Beatrice tem caráter, jamais protegeria um assassino.

Ela tentou, Grey teve vontade de dizer, mas a situação era completamente diferente e ele não tinha o direito de contar os segredos de Beatrice. Ela não merecia isso.

De qualquer forma, ele concordava com a mãe: realmente não achava que Beatrice mentiria pelo irmão. Por que não dissera isso a ela? Ah, sim.

– Joshua mandou uma mensagem chamando nosso pai até a casa de contradote naquela noite. Mas ele nega isso.

A mãe franziu a testa.

– Ele deve ter se esquecido. Ou talvez esteja constrangido demais por inconscientemente ter desempenhado um papel na morte de Maurice. Afinal, tudo não passou de um acidente.

– Eu duvido disso, mãe. E Sheridan também.

Ela riu.

– Sheridan está de luto. Está frustrado com a bagunça que o tio e Maurice deixaram nas mãos dele e quer alguém para culpar – disse Lydia, que se virou de costas para o filho e alisou as saias. – E você tem seus próprios motivos para querer que a teoria dele seja verdade, admita.

Algo no olhar solene dela o fez parar para pensar.

– Não estou entendendo o que você está querendo dizer.

– Não? Se Joshua for culpado, você não vai precisar competir com ele pela afeição de Bea. Nem se preocupar que ela fique do lado dele.

Quando Grey se retesou, ela pegou as mãos dele.

– Você não precisa ter medo de que ela o deixe por causa do irmão só por causa do que nós fizemos.

– Que bobagem.

Mas ela estava certa. A mãe, com seu jeito sábio, acertara em cheio no que o incomodava. Mesmo depois de todos aqueles anos, ela ainda o conhecia muito bem.

De repente, Gwyn entrou na sala.

– Mãe, procurei você por toda parte! Sheridan saiu a cavalo para ir até a polícia, falando alguma bobagem sobre Joshua ter matado nosso pai.

Inferno! Grey se levantou.

– Há quanto tempo foi isso?

– Há uma hora pelo menos.

Antes que Grey tivesse a chance de falar com Beatrice. Maldito Sheridan e sua determinação de vingar o pai.

– Eu o acompanhei durante um trecho – continuou Gwyn. – Tentei fazê-lo pensar racionalmente, mas ele não me ouviu. Então vim procurar você, mãe – disse ela, colocando a mão na cintura. – E agora eu vejo que *você* voltou. Acho que concorda com Sheridan.

A mãe olhou para Grey, questionadora.

Era a hora da verdade. Ele queria continuar sem amar e ser amado por medo do abandono? Ou queria se arriscar a confiar em Beatrice, a mulher que realmente o fazia feliz?

Ele sabia a resposta certa.

– Não, eu não concordo com Sheridan, mas ele está determinado a provar sua teoria.

Ele deu um beijo na mãe.

– Eu tenho que avisar Joshua.

– Eu vou com você – disse Gwyn.

– Não vai, não – rebateu a mãe. – Preciso de você aqui comigo. E Grey precisa conversar com Bea sem você atrapalhando as coisas.

Gwyn demonstrou entender.

– Aaaaaah, então é *isso*? Mas e o noivado com Vanessa?

– Você pode explicar tudo para ela, mãe? – disse ele, saindo pela porta. – Eu tenho que ir agora.

Grey esperava não ser tarde demais para salvar Joshua. Se fosse, talvez perdesse Beatrice para sempre.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Beatrice, com olhos inchados e o coração partido, estava de volta na cozinha, ajudando a criada a preparar o jantar quando ouviu uma batida na porta da frente. O coração dela disparou. Meu Deus, será que Sheridan já tinha trazido alguém para prender Joshua?

Se esse fosse o caso, o que ela deveria fazer? Mais importante, o que *Joshua* deveria fazer?

Ela não queria descobrir. Enxugando as mãos no avental, Beatrice correu até a porta da frente, mas era tarde demais. O irmão já tinha aberto a porta.

Era Grey. O coração dela disparou ainda mais.

– O que você quer? – rosnou Joshua, grosseiro como sempre.

– Você precisa ir embora agora – declarou Grey.

Joshua franziu a testa.

– Eu não vou a lugar nenhum.

Ignorando-o, Beatrice se aproximou da porta.

– Por que ele precisa ir embora?

A visão de Beatrice suavizou a expressão de Grey.

– Porque Sheridan está vindo para cá com a polícia, para interrogar Joshua. Ele tem informações de que a ponte foi danificada propositalmente e está convencido de que foi Joshua quem fez isso. E de que Joshua mandou uma mensagem convocando meu padrasto naquela noite só para poder empurrá-lo no rio.

– Tudo isso é mentira! – disse Joshua. – E eu prefiro ficar e me defender. Se eu for embora, vou parecer culpado.

– Não se você sair sem que saibam que você está ciente da situação.

Beatrice pode dizer que você foi para Leicester a negócios. Então eles vão ter de esperar que você volte ou terão de ir procurá-lo lá, onde sua curandeira poderá dar o seu álibi pessoalmente. Seja como for, isso nos daria mais tempo para provar que você não mandou chamar Maurice.

Joshua esfregou o maxilar.

– Eu não tenho como provar isso. É a palavra da sua mãe contra a minha.

– E contra a de Beatrice. Espero que eles levem a dela mais a sério, considerando a reputação de ser uma mulher de caráter.

Beatrice olhou para ele, desconfiada.

– Por que eles acreditariam em mim se você mesmo não acredita?

Ele foi tomado de remorso.

– Mas eu acredito, meu bem. Eu simplesmente precisei que minha mãe me lembrasse disso.

Tia Lydia? Ele tinha contado tudo para a mãe? Ela esperava que aquilo significasse alguma coisa, mas tinha medo de acreditar muito nisso. Grey já a tinha magoado mais de uma vez.

Grey olhou para Joshua.

– De qualquer forma, suas chances são bem melhores se você for embora antes de eles chegarem. Desde que não achem que você está fugindo para evitar falar com eles, simplesmente vão presumir um desencontro. Vou dizer que vim falar com você mais cedo, mas que você já tinha partido. E Beatrice pode dizer para eles...

– Você só pode estar louco se acha que vou deixar minha irmã aqui sozinha com você – disse Joshua. – Um homem que não demonstrou nenhum remorso por tê-la levado para a cama. Não vejo por que você não faria isso de novo.

– Por um motivo. Eu tenho algo a dizer sobre isso – falou Beatrice.

Joshua riu.

– Você deveria ter dito alguma coisa da primeira vez, mas não disse, não é mesmo?

Com o rosto sério, Grey deu um passo para a frente.

– Eu teria muito cuidado, se fosse você, major. Não vou permitir que fale

mal da minha noiva, mesmo sendo irmão dela.

Joshua estufou o peito.

– Ela não é sua noiva. Ela recusou o pedido.

Cerrando os dentes, Grey deu um passo para trás.

– E o que você me diz disso? Eu levo Beatrice para ficar com a minha mãe. Você certamente confia na sua tia. Tranque todas as portas e janelas, e quando Sheridan chegar aqui, vai achar que não tem ninguém em casa. Se ele voltar para Armitage Hall e me questionar, direi que você não estava quando vim aqui mais cedo, mas Beatrice, sim, e que a trouxe comigo para Armitage Hall – disse Grey, com uma expressão aflita, agora. – Por que assim que a polícia o pegar, será um escândalo para vocês dois, mesmo se você for considerado inocente.

Beatrice já estava tirando o avental e colocando o manto de lã.

– Por favor, ouça o que Grey está dizendo. Nós já tivemos nossa cota de escândalos na vida. Não quero ter de lidar com você sendo preso.

Joshua se encostou na porta e fulminou Grey com o olhar.

– Não gosto da ideia de você estar noivo de outra pessoa e dizendo para minha irmã que você...

Grey se aproximou de Joshua e cochichou algo no ouvido dele. Joshua pareceu desconfiado.

– Isso é verdade?

– Juro em nome da minha honra como cavalheiro – assegurou Grey. – Uma honra impecável. Ou pelo menos era até eu conhecer sua irmã, quando comecei a me comportar de forma nem um pouco adequada para um cavalheiro. Minha única desculpa é que ela me fez perder a cabeça.

Enquanto ela se enchia de esperanças com a promessa por trás daquelas palavras, Joshua olhou para ela e para Grey.

Grey estendeu a mão para Joshua.

– Só me dê uma chance para defendê-lo. *E* me dê sua permissão para tornar Beatrice minha duquesa.

O irmão pareceu absorver o significado da palavra "duquesa". Ele soltou o ar e, então, apertou a mão de Grey.

– Se você estiver mentindo, juro que nos enfrentaremos em um duelo de

armas ao amanhecer.

Grey assentiu.

– Eu não esperaria outra coisa de você – disse, olhando para a ponte. – Mas, por favor, seja rápido e pegue um caminho que não o leve até Sheridan e a polícia.

Joshua pegou o casaco e o chapéu. Esperou enquanto Beatrice dispensava a criada pela porta de serviço e pegava o chapéu e as luvas. Assim que estava do lado de fora com Grey, Joshua trancou a porta. Mas insistiu em observar enquanto Grey e ela cruzavam a ponte.

Quando se virou para acenar para ele, Beatrice o viu se encaminhar para o lugar onde mantinham o cavalo e a charrete.

Só então permitiu que Grey a conduzisse pela trilha que levava a Armitage Hall.

Ela e Grey caminharam em silêncio por um tempo. Beatrice foi a primeira a falar.

– Você acha que esse plano vai funcionar?

– Por enquanto. E falando nisso, não precisamos correr para chegar a Armitage Hall. Vamos dar ao seu irmão uma chance de alcançar Leicester antes que a polícia chegue. É claro que em algum momento ele terá de falar com a polícia. Só espero que eu consiga convencê-los a aceitar o álibi de Joshua antes disso.

Fazia sentido. Caminharam em silêncio por mais algum tempo.

– O que você cochichou no ouvido do meu irmão? – perguntou ela por fim.

– Vamos falar sobre isso depois – respondeu ele, misterioso.

– Bem, o que quer que tenha sido, foi o que o convenceu a partir. Eu agradeço por isso. E obrigada por estar fazendo isso por ele.

– Não precisa me agradecer. Estou fazendo o que é certo.

Ela levantou umas das sobrancelhas para ele.

– Não era como você se sentia mais cedo.

– Na verdade, era exatamente como eu me sentia. Eu só não queria admitir para mim mesmo.

– Por que não?

Ele abriu um sorriso triste.

– Porque, como minha mãe me disse, no fundo, eu queria você só para mim. Acho que eu queria que você me escolhesse.

– Mas não se trata de uma competição, Grey – disse ela, irritada. – Ele estava lutando pela vida dele. Eu queria que você o ajudasse e não o atrapalhasse, é só isso.

– Eu compreendo agora.

Ela olhou para o chão.

– Eu também queria que você confiasse em mim.

– Eu sei. E eu confio. Foi por isso que voltei para tentar salvar seu irmão.

Ele pegou a mão dela enquanto caminhavam. O gesto pareceu mais uma declaração das intenções dele, como a que ele fizera para Joshua, porque qualquer um poderia vê-los juntos. Aparentemente, Grey não se importava com isso.

Mas o gesto não resolvia as coisas. Nem metade das coisas.

– Suponho que você queria que eu o escolhesse em vez do meu irmão, por achar que sua mãe escolheu o resto da família e o seu padrasto em vez de você.

– Algo do tipo – retrucou ele, mas quando Beatrice franziu a testa diante da resposta evasiva, ele continuou: – Você disse que minha mãe fez o melhor que podia e, mesmo assim, eu a culpava. E você tinha razão, eu fazia isso, mesmo que não devesse ter feito.

Ela levou a mão enluvada dele aos lábios.

– E pelo que você a culpava? O que aconteceu na casa dos seus tios?

Grey finalmente responderia essa pergunta? Ele franziu a testa, como se estivesse tentando se decidir por onde começar. Então, respirando fundo, disse: –Primeiro preciso esclarecer algumas coisas sobre minha volta para a Inglaterra. Quando tio Eustace foi me buscar na Prússia, fiquei bem animado com a ideia. Eu sabia que era herdeiro de uma grande propriedade e que meu pai de verdade tinha sido um homem importante. Mas minha mãe e meu padrasto me tratavam como bons pais devem tratar os filhos. Como mais um do grupo, nem melhor nem pior que os demais. Nós cinco

brigávamos pela atenção deles, como crianças fazem. Ainda assim, quando alguém de fora tentava nos magoar, nós nos protegíamos.

– Como uma família.

– E uma família muito feliz, embora eu ainda fosse muito novo para saber a sorte que tinha. Até que, do dia para a noite, eu perdi todo mundo – disse ele, soltando um suspiro trêmulo. – De toda forma, no início meus tios foram bondosos. Faziam tudo que eu queria, embora eu sempre sentisse certa falsidade. Descobri o motivo disso no dia que tio Eustace trouxe alguns documentos e pediu que eu assinasse e lacrasse o envelope com meu selo.

Ela prendeu a respiração. Ela conseguia imaginar as consequências drásticas que aquilo poderia ter.

– Ele simplesmente esperava que eu seguisse as orientações dele, mas quando eu disse que precisava de alguns dias para ler tudo, meu tio provavelmente achou que eu estava fingindo que sabia o que estava fazendo. A questão é que meu padrasto não tinha criado um tolo. Embora eu não conhecesse muitos termos financeiros, meu tio tinha uma biblioteca bem completa, então pesquisei até decifrar o que aqueles documentos diziam.

– Graças a Deus – sussurrou ela.

– Graças a Deus mesmo. Porque ele estava tentando me fazer passar várias propriedades significativas, que não faziam parte do ducado, para o nome dele.

Beatrice ficou sem ar.

– Ele teria conseguido se safar de uma coisa dessas?

– Se eu não tivesse percebido? Provavelmente. Ele era meu guardião. Se eu fosse um pouco menos inteligente, quando chegasse à maioridade já teria me esquecido que tinha assinado os documentos. Ele já teria administrado as propriedades por anos, talvez as tivesse até vendido, e eu simplesmente teria presumido que tudo sempre tinha sido dele.

– Então você não assinou os documentos?

Grey olhou para a frente e recomeçou a falar em um tom de voz monótono.

– Não, e foi assim que começou nossa queda de braço. Ele tentou me

convencer. Eu não cedi. Ele tentou usar a força física, que só me fez ficar ainda mais irredutível. Tentou me privar de comida, e ainda assim me recusei a ceder, mesmo que fosse durante dias.

A raiva contida estava na voz dele agora.

– O maldito filho da mãe sabia que um garoto daquela idade estava sempre com fome, então me fazer passar fome se tornou o método favorito dele. Ele tinha *certeza* de que eu cederia – disse ele, cerrando os dentes. – Mas eu estava muito determinado.

– Ah, Grey – falou ela, com o coração partido por causa da criança que tivera que enfrentar uma batalha daquelas. – Quanto tempo durou isso?

– Uns três anos de altos e baixos, até eu ir para a escola. Felizmente meu pai verdadeiro teve o bom senso de estipular qual escola eu deveria frequentar quando completasse treze anos.

Ela praguejou baixinho e ele acrescentou:

– Meu tio foi gentil comigo por um tempo, para fazer com que eu baixasse a guarda, eu acho. Mas logo depois, ele instaurava um novo método para tentar fazer com que eu me submetesse.

– Que horror! – exclamou ela.

Beatrice mal podia aguentar imaginar o jovem Grey saindo de uma infância feliz para tamanha crueldade.

– Por que você não contou para ninguém? Por que não pediu ajuda?

Ele abriu um sorriso triste.

– Como? Para quem? Ele controlava completamente a casa. Ele examinava cada carta que eu escrevia antes de enviá-la. Meu pai verdadeiro e bobo nunca pensou em designar uma equipe de tutores como deveria ter feito, porque imaginou que minha mãe estaria sempre na Inglaterra para tomar conta de mim. Mas acho que meu pai não esperava morrer por causa de uma febre com pouco mais de quarenta anos, quando eu ainda era bebê.

Ele apoiou a mão dela na dobra de seu cotovelo.

– Sabe o que é mais irônico? Faz poucas horas que descobri que as propriedades que ele queria obter eram provavelmente as mesmas que eu teria perdido se minha mãe tivesse desrespeitado o testamento e me mantido com ela. Ao enfrentá-lo, eu fiz o sacrifício dela valer a pena.

– Mas não valeu para você, imagino.

Ela sentiu quando ele retesou o braço. Era claramente difícil para Grey falar sobre sentimentos com ela. Provavelmente com qualquer pessoa. Ele parecia ser um homem muito reservado.

– Eu sinceramente já não sei. Enfrentar meu tio me fez mais forte, mas a saudade da minha família era quase insuportável. Então eu me afastei de todo mundo, porque doía demais pensar em tudo que eu havia perdido.

Beatrice sentiu vontade de chorar. Queria demonstrar toda a fúria dela contra aquele homem horrível. Não era justo.

– Eu não consigo imaginar ter de passar por uma coisa dessas e se manter firme. Você deve ter uma vontade de ferro.

– Você também, para enfrentar os maus tratos do seu tio sem contar para ninguém o que estava acontecendo. Nós dois tínhamos nossos segredos e motivos para escondê-los.

– Talvez, mas *meu* tormento só começou aos dezesseis anos. Você era tão novo. Como você conseguiu?

– Acredite você ou não, Vanessa me ajudou. Ela era só um bebê, mas eu entendia bem os pequenos. Minha mãe teve quatro filhos, um atrás do outro, não é? Então, na casa do meu tio, eu ia até o quarto dela e falava com Vanessa e a ouvia balbuciar. Eu sentia que aquilo era... familiar. Eu quase conseguia fingir que estava em casa. Imagino que a babá sentisse pena de mim, porque ela nunca contou para ninguém e aturava minhas visitas.

Beatrice ignorou a pontada de ciúmes que sentiu no coração.

– Foi por isso que você quis evitar que Vanessa fosse prejudicada pelo anúncio do noivado.

Ele assentiu.

– E é por isso que ela e eu jamais poderíamos nos casar. Em muitos aspectos, ela é tão minha irmã quanto Gwyn. Mais até, na verdade, uma vez que eu só morei com Gwyn até ela ter seis anos. Vanessa esteve ao meu lado a vida toda.

– Mas sua tia não se importou com o fato de que nenhum dos dois queria se casar.

– Não. Como meu tio nunca conseguiu todas as propriedades que queria

de mim, a melhor coisa para ela seria que eu me casasse com Vanessa e, dessa forma, a tornasse uma duquesa com acesso a toda a riqueza do ducado.

Beatrice olhou para ele.

– E como você resolveu a situação sem parecer publicamente que você mudou de ideia em relação a se casar com Vanessa?

– Antes de responder, preciso perguntar uma coisa – disse Grey, parando no meio da trilha e olhando em volta. – E este parece um ótimo lugar para fazer isso.

Ela acompanhou o olhar dele e viu o grande tronco onde eles haviam se beijado pela primeira vez e sentiu o coração disparar. Grey segurou as mãos dela.

– Os meus pedidos anteriores de casamento deixaram muito a desejar, então vou fazer uma nova tentativa.

O tom dele ficou ainda mais solene.

– Beatrice, meu bem, eu não vou conseguir viver sem você. Estou apaixonado por você e peço que me conceda a honra de ser minha noiva.

Ela podia jurar que o coração dela tinha parado.

– Você... Você me ama?

Os olhos dele brilharam.

– Mais do que amo a própria vida, meu bem. Durante muito tempo senti muito medo de amar, então demorei bastante para reconhecer o sentimento. Eu entrei em pânico. Quando amamos alguém, corremos o risco de sofrer. E eu sempre tive muito medo do sofrer por amor.

– Com razão, imagino, considerando a forma como seus odiosos tios o trataram.

Ela cobriu as mãos dele com as dela, antes de continuar:

– Mas sem risco, não há recompensa. Com certeza um homem famoso por sua capacidade de negociar consegue ver isso.

– Demorei um pouco, mas sim, agora eu entendo. Eu vejo *você* agora, mais perfeitamente do que nunca.

Ela parou de respirar por um instante, temendo que aquele momento acabasse.

– E o que você vê?

– A única mulher que é páreo para mim, palavra por palavra, negociação por negociação. A única mulher que entende o que é perder a família tão jovem e, ainda assim, não se deixar arruinar por isso. E certamente a única mulher com quem quero compartilhar a minha cama – disse ele, beijando brevemente os lábios dela. – Por toda nossa vida.

Aquela declaração foi o suficiente para fazê-la puxá-lo para ela para um beijo mais profundo e longo. Quando ele se afastou, foi para perguntar em seu usual tom decisivo: – Bem? Qual é sua resposta, minha insolente?

Grey estava tão inseguro. Levando um dedo ao queixo, ela disse:

– Não sei. Ainda não debutei. É possível que talvez eu encontre um marido melhor em Londres?

– Não – respondeu ele com firmeza. – Eu não vou permitir.

– O debute? Ou que eu encontre um marido melhor?

Os olhos dele brilharam.

– Você pode ter todos os debutes que quiser, mas você aceitou meu pedido de casamento uma vez e vou cobrar isso.

– Esse argumento não é muito persuasivo – provocou ela.

– Talvez não. Mas esse aqui é.

Ele a beijou novamente, mas, dessa vez, ele a pegou no colo e a carregou até o tronco da árvore onde se beijaram pela primeira vez.

– Vossa Graça! – exclamou ela, fingindo desaprovar. – O senhor quer me desonrar?

– Isso se você não me desonrar primeiro – disse ele com voz rouca. – E não me importo se você preferir assim.

– Mulheres não podem fazer isso.

Ou podiam?

– É claro que podem.

Ele a colocou no chão perto do tronco caído, sentou-se nele e a puxou para si.

– Grey! – exclamou ela, totalmente escandalizada ao perceber que ele estava falando sério. – Uma coisa é beijar em público, mas fazer *isso*... E se alguém passar por aqui?

– Quando você viu alguém passar por esta trilha?

Ele empurrou o manto dela para trás dos ombros até restar apenas o laço na frente.

– Sheridan e o policial vão passar de carruagem pela estrada.

– Podemos dar o azar de eles decidirem... *Grey!*

Ele levantou a saia dela, escorregando as mãos por baixo, para segurar as nádegas nuas.

Ela se contorceu um pouco.

– Sim?

– Você é muito safado por fazer isso ao ar livre.

– Bobagem. É *você* quem vai agir... Eu só vou permitir.

Sorrindo para ela, ele desabotoou o sobretudo com uma das mãos, enquanto a outra a acariciava bem no meio das pernas, com suavidade e muito rapidamente.

– Segure isto – pediu ele, entregando as saias emboladas.

Como uma tola, ela obedeceu. Esperou que fosse se sentir constrangida e dolorosamente exposta com as nádegas completamente desnudas diante do olhar dele. No entanto, aquilo a excitou.

Enquanto ele olhava para as coxas e partes íntimas de Beatrice, forrou o tronco com o casaco. Ela estremecia de antecipação quando ele abriu a braguilha da calça e a escorregou até o quadril, mantendo a parte de trás para poder sentar, mas liberando a ereção protuberante.

Daquela vez, ela conseguiu olhar bem para o membro, apontando para ela como se a convidasse para envolvê-lo. Para *montar* nele. Então era *àquilo* que ele se referia quando disse que *ela* ia agir.

Quando o olhar dela encontrou o dele, viu que Grey a observava com um brilho maldoso nos olhos e isso fez o sangue dela ferver. Ele usou o joelho para abrir as pernas dela e, quando Beatrice percebeu o que ele queria, ela mesma as abriu de boa vontade.

Quando Grey segurou o traseiro dela novamente, foi para guiá-la até que estivesse montada de forma que os joelhos ficassem apoiados no casaco e ela pairasse sobre o membro entumecido. Quando Beatrice soltou as saias para se segurar nos ombros dele, ele escorregou as mãos pelas coxas dela.

– Faça amor comigo, meu bem.

Encantada por estar no comando, Beatrice permitiu que ele a guiasse até que se encaixasse nele.

– Como desejar, Vossa Graça.

– Ah... minha doce Beatrice... isso é *exatamente*... o que eu desejo.

Ele a encaixou de forma mais confortável até que ela estivesse completamente preenchida por ele, de corpo e alma. Foi a sensação mais maravilhosa, tê-lo embaixo dela, esperando que ela assumisse o controle. Nunca ninguém tinha dado a ela o controle de nada, e aquele duque completamente dominador estava oferecendo isso a ela. A sensação era maravilhosa!

– Sou louca por você – sussurrou ela, enquanto se ondulava em cima dele. – Você me faz perder a cabeça.

– Então você me ama pelo menos um pouquinho? – perguntou ele baixinho.

Ela detectou a discreta insegurança na voz dele e se afastou para encará-lo. Naquele instante, percebeu o quanto o suposto abandono da mãe e o tratamento cruel dos tios o feriram profundamente. Grey temera jamais ser amado e, se alguém investigasse a fundo o suficiente, descobriria ser essa a raiz do medo dele.

Aquilo fez o coração dela sangrar.

– Muito mais do que um pouquinho – disse ela com ardor. – Eu amo você até que a morte nos separe e muito além.

– E você vai se casar comigo.

Ele falou em tom de ordem, mas ela permitiria daquela vez.

– Sim – confirmou ela. – Eu vou me casar com você.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Naquele momento, Grey sentiu o ar entre eles mudar. Ela o amava. Beatrice agora realmente era *dele*, porque ela o amava. Uma alegria cresceu dentro dele como uma nuvem de perfume, envolvendo-o em um sentimento tão rico que ele quase não conseguiu aguentar tamanha felicidade.

Beatrice sorria para ele, enquanto cavalgava seu membro como uma deusa gloriosa. Grey achou que fosse morrer de contentamento bem ali, nos braços dela.

– Agora eu tenho... o que *eu* quero – murmurou ele. – O que *você* deseja, meu amor? Como posso aumentar seu prazer?

Um lindo rubor tingiu o rosto dela, quase fazendo com que ele gozasse, mas ele se esforçou para se controlar.

– Você poderia... me tocar... lá embaixo... como você fez antes.

Depois de dizer as palavras, ela se apressou a acrescentar:

– Mas só se você quiser.

Ele teria rido se não estivesse se controlando tanto para não atingir o clímax.

– Assim? – perguntou ele, enquanto tocava o doce ponto sensível dela.

– Ah, *sim*. Você... é... muito bom... nisso.

Com uma onda de satisfação, ele beijou toda a pele exposta que conseguia alcançar – o queixo, o pescoço, a adorável curva da clavícula. Mergulhou no perfume de água de rosas, tão delicado, tão feminino para uma mulher que Sheridan outrora descrevera como moça levada. Grey desejava ter coragem de tirar a roupa dela e tocar os seios arrebitados, mas achou melhor não desafiar o destino de forma tão direta.

Depois de um instante, vê-la completamente nua não importava mais. Ela estava ofegante sobre ele, com a cabeça para trás e os olhos fechados. Grey estava louco, lutando para resistir ao impulso da natureza. Quando achou que não conseguiria mais se conter, ela estremeceu e exclamou: – Ai, meu Deus!

Grey gozou. Como não poderia? Senti-la envolvê-lo por inteiro era puro êxtase. Enquanto se derramava dentro dela como o homem imprudente que era, ela murmurou: – Você é meu agora, Grey. *Meu*.

O tom possessivo na voz dela o alegrou.

– E você é minha – disse ele, ainda dentro dela, ciente de cada contração e movimento. – Para sempre.

Quando ela relaxou no colo dele, claramente saciada, ele acariciou o pescoço dela com o nariz.

– Melhor nunca se esquecer disso.

Seminua e aconchegada nos braços dele, ela era a mulher mais linda que ele já tinha visto.

E era toda dele. Todinha.

Os dois demoraram um pouco para voltar a si. Grey notou que estava começando a escurecer e o bosque estava silencioso com o cair da noite. Eles tinham que ir, mesmo que ele odiasse a ideia.

– Hum – sussurrou ela. – Isso foi maravilhoso.

– É tão fácil agradá-la – disse ele, rindo.

Beatrice se afastou para olhar para ele com ar de dúvida.

– Está querendo dizer que seu desempenho é inferior ao de outros homens?

– E se for? Mesmo assim você se casaria comigo?

Ela o abraçou.

– Eu me casaria com você mesmo que fosse completamente incompetente. Mas posso dizer que você não tem nada de incompetente nesse quesito – disse ela, beijando a ponta do nariz dele. – Você me faz feliz. Você me entende. Eu não preciso de mais nada, Grey.

Aquilo fez o coração de Grey se encher de amor, uma sensação muito estranha para ele.

– Então talvez você devesse me chamar pelo meu nome de batismo.

– Fletcher? Eu prefiro Grey. Combina mais com você.

Ele piscou.

– Você sabe meu nome de batismo?

– É claro que sei, seu bobo. Sua mãe às vezes se refere a você assim. Além disso, seu nome completo aparece junto com todos os seus títulos nas páginas de fofoca do jornal.

Beatrice impostou a voz antes de continuar:

– "Fletcher Pryde, o duque de Greycourt, foi visto na companhia da dançarina Fulana de Tal. Claramente são íntimos."

Ele revirou os olhos.

– Não fale absurdos. Meu nome *nunca* foi associado com uma dançarina.

– Tem certeza? Eu poderia jurar que sim.

Ele a beijou rapidamente.

– Basta. Você só está implicando comigo de novo. E devo dizer que ninguém, além da minha família, se atreve a fazer isso.

– Só porque todo mundo tem medo de você.

– Menos você, meu amor.

– E é por isso que você gosta de mim.

– Isso também é verdade – disse ele, e, ficando sério, acrescentou: – Por mais que goste do que estamos fazendo aqui...

Ela suspirou.

– Eu sei. Precisamos voltar para Armitage Hall para o caso de Sheridan estar lá.

– Exatamente.

Ela levantou do colo dele e tentou arrumar as roupas.

– Você vai me contar como resolveu a questão da Vanessa?

– Ah, sim. Claro. Eu me esqueci.

Ele se levantou e fechou os botões das próprias roupas, enquanto explicava que obrigara o *Diário* a publicar uma errata.

– Isso basta?

Ela abriu um lindo sorriso.

– Você foi *perfeito*. Você é ótimo para encontrar soluções brilhantes.

Beatrice desfiou elogios.

– Que bom que gostou. Eu não sabia qual seria sua reação.

– *Foi* muito arrogante da sua parte presumir que eu aceitaria seu pedido antes de eu realmente aceitar – disse ela, embora o tom brincalhão aliviasse o clima.

– Eu sei. Por que você acha que eu só contei para você depois de ter sua resposta?

Beatrice estava claramente se controlando para não sorrir.

– Acho que vou deixar passar desta vez. Desde que não faça isso de novo.

– Tem a minha palavra. E ainda devo dizer que minha tia ficou muito feliz com a solução, principalmente depois que eu prometi dobrar o dote de Vanessa.

Beatrice franziu a testa.

– Você vai recompensar sua tia por agir de forma desprezível?

– Não, vou assegurar que o comportamento horrível da mãe não prejudique Vanessa.

– Ah, isso é bem inteligente.

Apenas Beatrice conseguia ver isso como um jeito prático de solucionar a questão, sem ficar com ciúmes. Aparentemente, ela o amava pela inteligência e pela sagacidade. Pela profundidade de seus sentimentos, pelo caráter.

Considerando que ela recusara o pedido dele ao achar que o caráter *dela* estava em jogo, ele sabia que ela o amava por ele ser quem era, não pelo ducado. E isso significava mais para Grey do que ele era capaz de explicar.

– Eu amo você, sabia?

Ela inclinou a cabeça.

– Estou começando a acreditar.

Ele tentou abraçá-la de novo, mas ela não permitiu.

– Melhor irmos agora. Precisamos convencer Sheridan da inocência do meu irmão.

– Certo. Mas estou aqui pensando, será que seu irmão sempre vai ser um

problema para nós?

Ela abriu um sorriso enquanto seguia para a trilha.

– Espero que não. Estou torcendo muito para sua irmã resolver os problemas dele.

– Continue rezando – resmungou ele, enquanto a seguia. – Porque isso exigiria um milagre.

Ele podia não conhecer bem a irmã, mas desconfiava que ela não se apaixonaria por um homem como Joshua Wolfe tão facilmente, não importava o quanto flertasse com ele.

Decididos a resolver tudo o quanto antes, chegaram rápido à casa. Mas, para preocupação de Grey, Sheridan e o condestável já estavam lá.

– Onde está Joshua? – perguntou Sheridan sem preâmbulos. – Fui até a casa de contradote, mas ele não estava lá.

Ignorando o condestável, que observava tudo com ar solene, Grey deu de ombros.

– Ele também não estava lá quando cheguei. Beatrice me disse que Joshua foi para Leicester a negócios, então eu a trouxe para cá. Imagino que ele ainda esteja por lá.

– Se você estiver mentindo para protegê-lo... – começou Sheridan.

A mãe entrou na sala naquele momento.

– Cuidado, filho. Você está errado sobre seu primo. E acusar seu irmão não vai ajudar em nada.

Sheridan olhou friamente para a mãe.

– Fique fora disso, mãe. Você pode ter se esquecido, mas Joshua mandou uma mensagem para nosso pai pedindo que ele fosse até a casa de contradote na noite em que morreu.

– Sinto muito, filho, mas reafirmo que você está errado – disse ela. – Joshua não mandou mensagem alguma. Pelo menos, acho que não.

Aquilo fez todos se calarem.

– Como assim? – perguntou Grey.

Ela tirou um pedaço de papel de um livro de contabilidade.

– *Esta* foi a mensagem que Joshua supostamente mandou para Maurice. Quando você me falou sobre isso mais cedo, achei que talvez eu ainda

tivesse o bilhete, Grey, então fui procurar na minha cômoda e o encontrei no lugar onde eu o guardara naquela noite. Comparei com a lista de despesas que Joshua faz como parte do trabalho de guarda-caça. A caligrafia me parece bem diferente.

– Me deixe ver isso.

Sheridan olhou para a assinatura do bilhete e, depois, para a assinatura conhecida de Joshua.

– Inferno – praguejou ele, entregando o bilhete para o condestável.

Depois de analisar por um instante, o condestável levantou a cabeça e olhou para Sheridan.

– Queira me desculpar, Vossa Graça, mas concordo com sua mãe. A letra não é da mesma pessoa.

– Talvez Joshua tenha pedido para outra pessoa escrever para ele – sugeriu Sheridan.

– Quem? – perguntou Grey. – A criada, que provavelmente não sabe ler nem escrever? Beatrice, cuja letra poderia ser facilmente comparada à do bilhete? E essa pessoa não o teria denunciado assim que o corpo do nosso pai foi descoberto no rio?

Sheridan passou a mão no rosto.

– Você tem razão, mesmo que eu não consiga aceitar.

Quando Beatrice relaxou de alívio, Grey a abraçou pela cintura. Finalmente, Sheridan percebeu que estivera errado sobre Joshua. O irmão de Beatrice podia ser um filho da mãe rabugento, mas não tinha matado ninguém. Grey tinha certeza disso.

Então, Grey estava certo por confiar em Beatrice e no irmão dela. Finalmente se sentia aliviado por sua escolha.

– Eu lhe disse – sussurrou ela no ouvido dele.

– Sim – retrucou ele, abraçando-a. – E você estava certa.

Ela se deixou abraçar por um tempo, depois se afastou para encarar o condestável.

– Gostaria de dizer que meu irmão estava comigo na noite da morte do tio Maurice. Ele não teria como assassiná-lo, nem se quisesse.

O condestável assentiu.

– Vou levar isso em consideração – disse ele, se virando para Sheridan. – Vossa Graça está satisfeito em aceitar que seu primo não teve qualquer envolvimento na morte do seu pai?

Sheridan bufou.

– Creio que sim.

Naquele momento, Joshua Wolfe em pessoa entrou na sala e cruzou os braços.

– Vim aqui para declarar minha inocência. Eu não assassinei nem tio Maurice nem ninguém.

Grey inclinou a cabeça. Obviamente, Joshua decidira não seguir o conselho de Grey. Não que isso tivesse importância agora.

Embora parecesse ter para Sheridan, que estreitou o olhar para Grey.

– Você disse que não tinha encontrado Joshua, Grey. Como ele sabe das nossas suspeitas?

Antes que Grey pudesse responder, Wolfe se adiantou:

– Eu sabia que você estava fazendo perguntas sobre mim na cidade, que conversou com o homem que construiu a ponte e que trouxe o condestável aqui para prender alguém por assassinato. Não foi muito difícil imaginar quem você queria acusar.

Quando Sheridan olhou para Joshua com ar de dúvida, Grey resolveu intervir.

– Não dê ouvidos a isso, fui eu quem pediu para ele ir embora – disse, apontando para o futuro cunhado. – Obrigado por tentar me ajudar, Joshua, mas não quero que paire sobre sua cabeça a menor sombra de dúvida. Isso não é justo.

Então, Grey sorriu para Sheridan.

– Eu sabia que ele era inocente, então eu o ajudei. Eu não sabia se você ouviria a voz da razão quanto ao álibi dele.

Sheridan cruzou os braços.

– Eu ainda acho que *alguém* matou nosso pai. Talvez não tenha sido Joshua, mas outra pessoa.

– Entendo – disse o condestável. – Se puder me dar alguma prova, eu ficarei feliz em investigar.

– O bilhete é um bom ponto de partida – sugeriu Grey.

– Verdade – disse o condestável, olhando para as pessoas reunidas ali. – Vocês têm alguma ideia de quem poderia ter falsificado a mensagem chamando o antigo duque de Armitage à casa de contradote?

Ninguém disse nada.

– Bem, se qualquer um de vocês descobrir qualquer coisa, é só avisar. Nesse meio-tempo, seguirei investigando.

Sheridan franziu a testa.

– Somos gratos por seus esforços.

Enquanto o condestável saía, Gwyn entrou.

– O *Diário* acabou de chegar. Tem um anúncio curioso – disse ela, abrindo um sorriso para Beatrice. – Parece que o jornal cometeu um erro em relação ao nome de Vanessa Pryde como noiva de Grey. Parece que *você* é a noiva.

Beatrice se animou.

– Me deixe ver!

– Nada disso, nada disso! – disse Gwyn, afastando o jornal das mãos da amiga. – Primeiro me diga que você sabia disso enquanto nós estávamos reclamando sem parar do comportamento horrível de Grey em relação a você.

– Deixe Beatrice em paz, irmãzinha.

Grey pegou o jornal da mão de Gwyn e o entregou para Beatrice.

– Ela ainda não tinha certeza em relação a mim, então estava agindo com cautela. Algo pelo qual não a culpo.

Sobretudo por ele ter sido parcialmente responsável por aquele comportamento.

Beatrice leu o anúncio com avidez e, depois, entregou para o irmão.

– Viu? Eu disse que ele realmente queria se casar comigo.

Joshua olhou para o jornal e, depois, para Grey.

– Então você não estava mentindo.

– Você achou que eu estivesse? Acho que essa não é uma boa forma de começarmos nosso futuro como cunhados.

– Ah, Grey – disse Gwyn, dando um tapinha no braço dele com o leque.

– Você tem uma reputação. O que esperava?

– Uma reputação *não merecida* – defendeu Beatrice. – Não acreditem no contrário.

Gwyn lançou um olhar divertido para a amiga, enquanto Sheridan dava risada.

– Vejo que ela certamente está aos seus pés, mano.

– Pode acreditar, Beatrice não fica aos pés de ninguém – declarou Grey. – E é por isso que eu a amo.

Ao ouvir a palavra "amor", Gwyn pareceu chocada, e Sheridan, constrangido. Mas Lydia ficou radiante.

– E isso com certeza é motivo para celebrar. Vamos para a sala de estar. Vou pedir para trazerem champanhe e vamos comemorar o enlace dos pombinhos.

Quando Beatrice enrubesceu e sorriu, parecendo já ser a futura noiva, Grey sentiu o coração disparar.

– Vamos logo em seguida – afirmou ele. – Só nos deem um momento.

Felizmente, a família dele teve o bom senso de acatar o pedido, ao que Grey puxou Beatrice para o quarto de casacos, onde teriam um pouco mais de privacidade.

– Obrigado por me ver do jeito que sou – murmurou ele. – Você nunca vai convencer ninguém disso, mas para mim basta que você acredite.

Ela negou com a cabeça.

– Dê um pouco de crédito para eles por reconhecerem a verdade. Eles provavelmente conhecem todas as fofocas a seu respeito, mas, com o tempo, vão acabar percebendo que são falsas. Depois disso, estarão prontos para defendê-lo quando ouvirem coisas injustas. Porque eles amam você. Eles podem não entendê-lo nem saber exatamente a melhor forma de tratar você, mas todos o amam profundamente. Você é parte dessa família.

Com o coração na boca, ele olhou para ela.

– Você é maravilhosa, sabia?

– Claro que sim – retrucou ela em tom leve, e ficou séria: – Mas Vossa Graça é mais do que maravilhoso, porque viu a bondade em mim e ignorou todo o resto. Por isso sempre vou amá-lo.

Sentindo o coração disparado no peito, Grey a beijou. Finalmente encontrara uma mulher que não só poderia conhecê-lo profundamente, como também aceitá-lo do jeito que era: um homem com defeitos e medos, mas um homem que ainda era capaz de amar.

Depois de saborear a suavidade de seus lábios e a bondade em seu coração, ele se afastou e sorriu para Beatrice.

– Isso significa que você não vai debutar nem sair caçando um marido?

– Não seja bobo – provocou ela. – Meus dias como projeto da sua mãe podem ter acabado, mas isso só significa que agora preciso mostrar como aprendi bem todas as lições. Ainda preciso de um debute, o que significa que não podemos nos casar por pelo menos sete meses, quando a temporada começa.

– Claro que podemos. Eu não vou esperar sete meses para me casar com você, meu bem.

– Seis, então? – perguntou ela, controlando-se para não rir.

– Três, assim que o período de luto acabar.

Ela olhou para ele fingindo estar zangada.

– Então você vai negar meu debute, não é?

– Não mesmo. Só que você terá de ser apresentada à sociedade como a minha duquesa – disse ele, inclinando-se para cochichar no ouvido dela: – E o melhor de ser uma duquesa, meu amor, é que você pode dizer tudo que quiser, exatamente como eu. Seremos os escandalosos Greycourts.

Ela sorriu.

– Ah, eu gosto da ideia. Isso significa que não preciso seguir todas aquelas regras?

Ele ficou sério.

– Basta seguir apenas uma: você deve sempre me amar.

Ela acenou a mão de forma relaxada.

– Isso é fácil. Porque eu sempre vou te amar.

EPÍLOGO

É claro que Grey conseguiu as coisas do jeito dele em relação ao casamento. Três meses depois da morte de Maurice, ele e Beatrice se casaram.

Não que Beatrice se importasse. Com tantos parentes ali, ela e Grey não tiveram a chance de ficar a sós, então três meses pareceram três *anos*. Principalmente porque ele fora obrigado a passar um tempo sem ela, organizando as coisas para que pudessem partir em uma viagem de lua de mel para Lake Country. Agora, tudo que Beatrice precisava fazer era aguentar o interminável desjejum do casamento. Então, poderia ter Grey todinho para ela.

Ele e a família honraram o desejo dela de se casar em Armitage Hall. Aquela era a única forma de ter a tia, e Gwyn, e os primos na cerimônia, já que todos estavam de luto. Felizmente, ninguém estranhava se um homem como Grey se casasse no período de luto, principalmente porque o falecido era seu padrasto, não seu pai.

Grey se aproximou por trás dela.

– Quando é considerado respeitável que possamos ir? – cochichou ele.

Ela riu.

– Você está perguntando para *mim*? Eu não faço ideia de que regra é essa. Sua mãe estava ocupada demais planejando tudo para me dar aulas sobre comportamento durante o casamento.

Sheridan se aproximou, acompanhado por um estranho.

– Heywood não chegou a tempo da cerimônia, mas, pelo menos, chegou a tempo do desjejum.

– Heywood? Eu nunca o teria reconhecido! – disse Grey. – Meu Deus, eu não fazia ideia de que você viria!

Ele envolveu o homem em um abraço apertado, enquanto Beatrice assistia, feliz, o companheirismo entre irmãos.

Heywood se parecia vagamente com Sheridan, e um pouco mais com o pai, com os olhos castanhos de Maurice e sobrancelhas altas. E, julgando pelo retrato que tinham de Maurice jovem, Heywood também tinha o cabelo castanho-claro do pai, só que com algumas mechas louras por causa do tempo que passara na Península. Mas ela percebeu que ele era tão alto quanto Grey.

Aquele era um legado importante, que demonstrava que Grey tinha colocado um fim ao ressentimento que sentia pelos pais. Seu relacionamento com a família se tornou mais fácil. Sheridan chegou a dizer certa noite que Grey estava cada vez mais parecido com a versão adulta do garoto de dez anos que ele fora do que com o homem assustador que viera visitá-los em Armitage.

A resposta de Beatrice foi que, até então, ninguém tinha se preocupado em ver além das aparências. Se tivessem, teriam encontrado o mesmo garotinho que ela encontrou, embora tivesse demorado um pouco para desenterrá-lo.

Grey se afastou e bateu nas costas do irmão.

– Beatrice, deixe-me apresentá-la ao lorde coronel Heywood Wolfe, da Décima Cavalaria, que também é seu primo e meu meio-irmão.

– E meu irmão caçula – interveio Sheridan.

Heywood balançou a cabeça.

– Sheridan sempre insiste em falar isso, porque acha que me irrita. O que ele não percebe é que isso apenas quer dizer que sou mais novo que ele – disse ele, sorrindo para Sheridan. – Não é, meu velho?

– Só um ano – resmungou Sheridan. – Isso nem conta muito.

– Se é o que diz – retrucou Heywood, fazendo uma reverência para Beatrice. – E é um prazer conhecer a mulher corajosa o suficiente para se casar com Grey.

– Não sei de onde você tirou essa ideia de que eu sou um grande terror

para as mulheres – reclamou Grey.

– Foi Sheridan quem me disse – retrucou Heywood, dando uma piscadinha para a prima.

– Eu não disse nada disso, seu mentiroso – devolveu Sheridan. – Acabei de me lembrar como é bom quando você não está aqui.

Heywood levou a mão ao coração.

– Ora, que golpe baixo, considerando que eu tirei uma licença para ajudá-lo a reerguer este lugar.

– *Não* foi por isso que você voltou para casa, e você sabe disso. Só está aqui porque...

– Rapazes, rapazes – disse Beatrice, tentando não sorrir. – Vocês poderiam esperar pelo menos até o fim do desjejum antes de saírem no tapa? Gwyn e a mãe de vocês vão puxar suas orelhas se destruírem a decoração que elas escolheram com tanto cuidado.

– Acho que Gwyn não puxaria a orelha de ninguém, mas nos acertaria mais embaixo – comentou Grey.

Beatrice olhou para ele.

– Exatamente o que eu ia dizer, mas eu não sabia se você estava falando sério quando disse que uma duquesa pode falar o que vier à cabeça.

– Perto desses dois? – perguntou Grey, pegando uma taça de ponche de um garçom. – Você *deve* falar o que vier à cabeça se quiser competir com um homem como Heywood.

– Não dê ouvidos a ele – disse Heywood. – Eu sou um oficial e um cavalheiro.

Ela deu um tapinha na mão dele.

– Tenho certeza que sim. Grey também é um cavalheiro duas vezes por semana.

– O quê? – perguntou Grey fingindo estar ofendido. – Acho que são pelo menos três. Estou certo disso.

Sheridan estava observando a brincadeira com ar impaciente e aproveitou a chance para intervir: – Grey, eu sei que não vê a hora de sair daqui, mas preciso conversar com você em particular sobre um assunto urgente.

Grey ergueu uma das sobrancelhas.

– Não há a menor chance. A última vez que você pediu para falar comigo em particular no meio de um evento social foi para acusar o irmão de Beatrice de assassinato. Então acho que vou deixar para uma próxima. Afinal de contas, este é o meu casamento.

– Mesmo assim, preciso falar com você.

– Qualquer coisa que você queira falar comigo pode ser dita na frente da Beatrice. E, por certo, você confia em Heywood também.

Sheridan olhou para Beatrice e suspirou.

– Pois bem. É sobre o bilhete que dizia para nosso pai ir à casa de contradote. Não tenho certeza, mas acho que a mensagem foi entregue por um lacaio que costumava trabalhar aqui. Ele foi embora depois da morte do nosso pai. A princípio, pensei que o motivo para ele se demitir era por saber que iríamos reduzir a criadagem.

– Mas simplesmente ir embora sem pedir referências não seria nada inteligente da parte dele – comentou Beatrice.

Sheridan se virou para ela e falou:

– Exato. Muito inteligente você reconhecer isso.

– Minha esposa é muito inteligente – declarou Grey.

Ah, ela gostava de ouvir aquilo... "esposa". E a parte de ser "inteligente" não era nada ruim.

– Mas agora vejo que há algo suspeito na demissão do lacaio – comentou Sheridan.

– Eu também – concordou Heywood.

Quando Grey olhou para ele, demonstrando estranhar a resposta, o caçula deu de ombros.

– Sheridan fez um resumo das suas desconfianças e do desdobramento delas assim que eu cheguei.

– Eu não queria falar sobre isso hoje – comentou Grey secamente –, mas Joshua disse uma coisa no dia em que o condestável esteve aqui que me fez pensar. Ele comentou que se alguém tivesse motivo, esse alguém era nossa mãe, já que ela enterrara três maridos, cada um deixando-lhe uma herança, *etc.*

Quando os irmãos se eriçaram, ele se apressou em dizer:

– Calma, não se preocupem, eu respondi à altura, mas ele não está completamente errado. Três maridos mortos, dois deles tão próximos um do outro que mal houve três anos entre as mortes? Dois relativamente jovens e gozando de boa saúde? Talvez o criminoso seja alguém tentando matar os maridos da nossa mãe. É estranho, não acham?

Ele já tinha conversado muito sobre aquilo com ela, mas sempre que isso acontecia, Lydia sentia um calafrio.

Heywood riu.

– Isso é um absurdo. Nosso pai não morreu até estar mais velho, e ele e nossa mãe ficaram casados por mais de trinta anos.

– Na Prússia – disse Grey. – Mas bastaram poucos meses aqui.

– E o que isso tem a ver? – perguntou Sheridan.

– As duas primeiras mortes aconteceram aqui na Inglaterra – afirmou Grey. – Mas, depois que nossa mãe casou com nosso pai, eles foram para a Prússia. Os poucos ingleses que viviam lá se sobressaíam, então seria mais difícil se esconder depois de matar nosso pai. E talvez o assassino não pudesse pagar para segui-los até lá. Talvez tivesse uma família que não poderia deixar para trás ou algo assim. Mas Maurice voltou depois que tio Armie sofreu o acidente. Alguns meses depois, se afogou em um episódio que, já sabemos, não foi acidente.

– Sim, mas *seu* pai morreu de febre – argumentou Sheridan.

Grey tomou um gole de ponche.

– Que ele supostamente pegou do filho pequeno. Eu. Ainda assim, eu não morri por causa disso. Você não acha estranho?

– O que você está dizendo? – perguntou Heywood. – Que seu pai foi envenenado?

– Eu não sei. Só acho que vale a pena investigarmos – disse ele, lançando um olhar velado para Beatrice. – A certa altura também desconfiamos que tio Armie tinha sido assassinado, mas não temos nenhuma prova que apoie essa teoria.

– Meu Deus! – exclamou Sheridan. – Isso é... Meu Deus, estou abismado. Em um período de trinta anos alguém assassina sistematicamente todos os

maridos da nossa mãe e o tio Armie. Parece inacreditável. Mas vejo que você realmente pensou no assunto. Embora talvez esteja fazendo correspondências que não existam.

– Talvez – disse Grey, terminando sua bebida. – De qualquer forma, já que você mencionou o assassinato de Maurice, decidi compartilhar essa teoria. Mas não vamos resolver a questão esta tarde e estou ansioso para levar minha mulher para um lugar mais reservado, como devem imaginar.

– Então é melhor se apressar – disse Sheridan. – Joshua está vindo para cá e, considerando que ele ainda guarda mágoas de mim, acho que vou ali falar com Vanessa.

– A garota bonita de cachos negros? – perguntou Heywood. – Acho que vou com você.

– Inferno – resmungou Grey. – Começou. Agora que Vanessa é livre para se casar com quem quiser, os pretendentes estão fazendo fila, principalmente porque ela é herdeira de uma fortuna enorme, graças a mim.

– Herdeira? – perguntou Heywood. – Melhor ainda.

Ele e Sheridan se afastaram, discutindo em voz baixa. Beatrice pegou a taça de Grey e a colocou em uma bandeja próxima, desejando que pudesse sair sem chamar atenção.

Mas Joshua não lhes deu a chance, chegando até eles bem naquele momento.

– Eu... hum... quero dar os parabéns a vocês. E, Greycourt, quero agradecer novamente por não permitir que me mandassem para a forca.

– Joshua! – exclamou ela. – Com certeza você poderia ser menos direto.

O irmão dela trocou um olhar com Grey.

– Viu só o que você fez? Agora ela está toda cheia de frescuras por causa dessas aulas de debute e tudo mais.

Grey levantou as mãos.

– Não me culpe por isso. A culpa é toda da minha mãe.

– E de lady Gwyn – disse Joshua com expressão amarga.

Beatrice mordeu a língua para não comentar que o olhar dele era o de um homem faminto enquanto observava Gwyn dançar. Ele simplesmente negaria.

Joshua arrumou a gravata, demonstrando que estava constrangido.

– Também quero dizer que agradeço o que você fez ao comprar a casa de contradote de Sheridan. Pelo menos não preciso me preocupar em ser expulso de lá tão cedo.

– Ele nunca vai expulsá-lo – interveio Beatrice. – A não ser que queira arrumar um problema comigo.

– Eu não quero, pode acreditar – afirmou Grey.

– Bem, pode levar um tempo – disse Joshua –, mas vou pagar a dívida. De alguma forma.

– Você não precisa me pagar nada – retrucou Grey. – Você é meu irmão agora. Na verdade, se quiser uma posição melhor em uma das minhas propriedades, tenho certeza que posso encontrar alguma coisa que combine com um homem talentoso como você.

Beatrice sentiu vontade de beijar o marido por isso, mas Joshua se empertigou, orgulhoso.

– Não preciso de caridade, Vossa Graça. Estou feliz com minha posição aqui.

– Mas Joshua... – começou Beatrice.

Grey apertou a mão de Beatrice para silenciá-la.

– Eu entendo, mas se mudar de ideia, fale comigo.

Quando o irmão assentiu e se afastou mancando, em direção à porta, Grey sussurrou: – Deixe-o com o orgulho dele. Joshua acha que é tudo que ele tem.

– Mas eu ainda acho que ele deveria aceitar a proposta.

Grey sorriu para ela.

– Ah, mas isso significaria morar longe de Gwyn.

Aquilo pareceu tranquilizá-la.

– Verdade. Eu não tinha pensado nisso.

– Ah, e olhe lá – disse ele, indicando o outro lado do salão. – Sheridan parece irritado. orn acabou de pedir uma dança para Vanessa e ela aceitou.

Beatrice olhou para ele com ar de dúvida.

– Não é como se ela pudesse recusar. Lembra? Essa foi uma das minhas

lições: nada de recusar duques que queiram dançar com você em um baile. Se eu me lembro, você ensinou essa lição muito bem.

– E de que outra forma eu poderia garantir que você nunca recusasse quando eu a convidasse para dançar?

Ela bateu com o leque no queixo de leve.

– Isso foi muito desonesto. Eu deveria punir você por causa disso.

Ele lançou um olhar lascivo para ela.

– Pois eu acho que sou *eu* quem deveria punir você.

Ele lançou um olhar significativo a uma parte específica do corpo dela, que reagiu instantaneamente ao comentário. Então, com a voz rouca, perguntou: – O que me diz *disso,* duquesa?

Ela beijou o rosto dele e cochichou:

– Acho que finalmente descobrimos o momento certo para o noivo e a noiva deixarem a festa de casamento.

Os olhos dele brilharam com uma doce mistura de amor e desejo.

– E esse momento seria...

– Seria agora, meu amor. *Imediatamente*.

E, assim, os dois saíram às escondidas como duas crianças fugindo de casa para ir à quermesse.

SOBRE A AUTORA

Nascida na Carolina do Norte, a premiada escritora Sabrina Jeffries tem mais de 50 romances e contos publicados, e vários de seus títulos chegaram à lista de mais vendidos do *e New York Times*.

Com mais de 9 milhões de livros vendidos em mais de 20 idiomas e um ph.D. em Literatura Inglesa, Sabrina nunca se arrependeu de ter trocado uma carreira promissora na área acadêmica pelo prazer de escrever suas divertidas histórias e espera que um dia um romance seu salve o mundo. Ela sempre sonha grande.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

